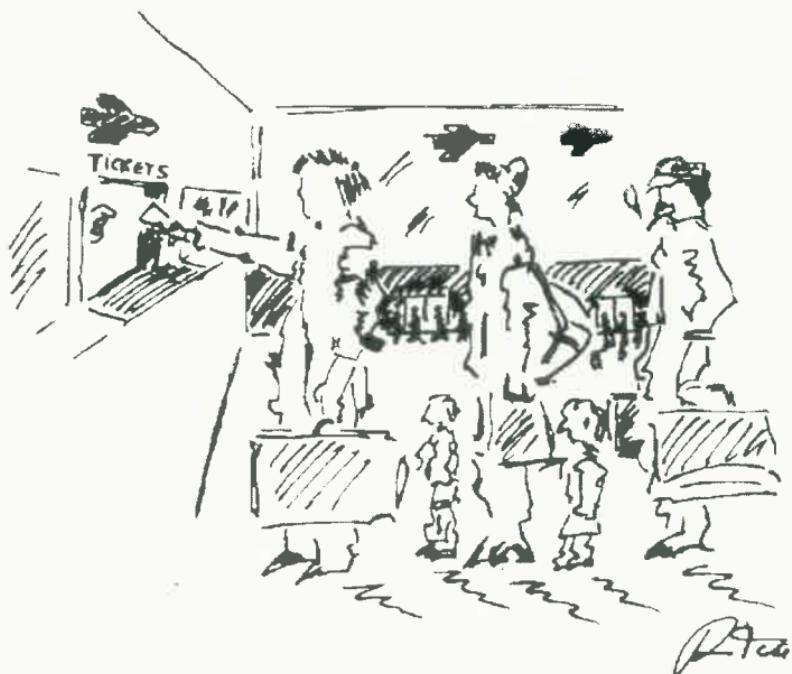


ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE



A VIDA DIFÍCIL DO EMIGRANTE



To: Antônio Dos Santos

In the occasion of your retirement after 21 years of municipal service, the Council of The Municipality of Metropolitan Toronto desires to record its appreciation for your devoted and loyal service to the Municipal Corporations by whom you have been employed.

Successful municipal administration depends upon the legal and efficient service and cooperation of a staff which will carry out faithfully and effectively the policies and decisions of Council.

It is an honour and pleasure for the undersigned, on behalf of the Council of The Municipality of Metropolitan Toronto, to present this Testimonial to you in grateful appreciation of your long and honourable record of municipal service.

Signed and sealed on behalf of the Council of The Municipality of Metropolitan Toronto, in the year of Our Lord One Thousand Nine hundred and thirty-four.

Laura Eason
FRESH MEMBER OF FINANCE AND
MEMBER OF THE CORPORATE SEAL



Glen Jordan
CHAIRMAN

D.W. May
METROPOLITAN CLERK

Este diploma descrito em inglês, e o reconhecimento e apreço dos governantes da Municipality Metropolitan of Toronto, pelos meus 21 anos de bom serviço prestado naquela corporação, onde no departamento da Marinha servi como Piloto nos Barcos daquela Divisão, que me foi entregue quando da minha retirada.

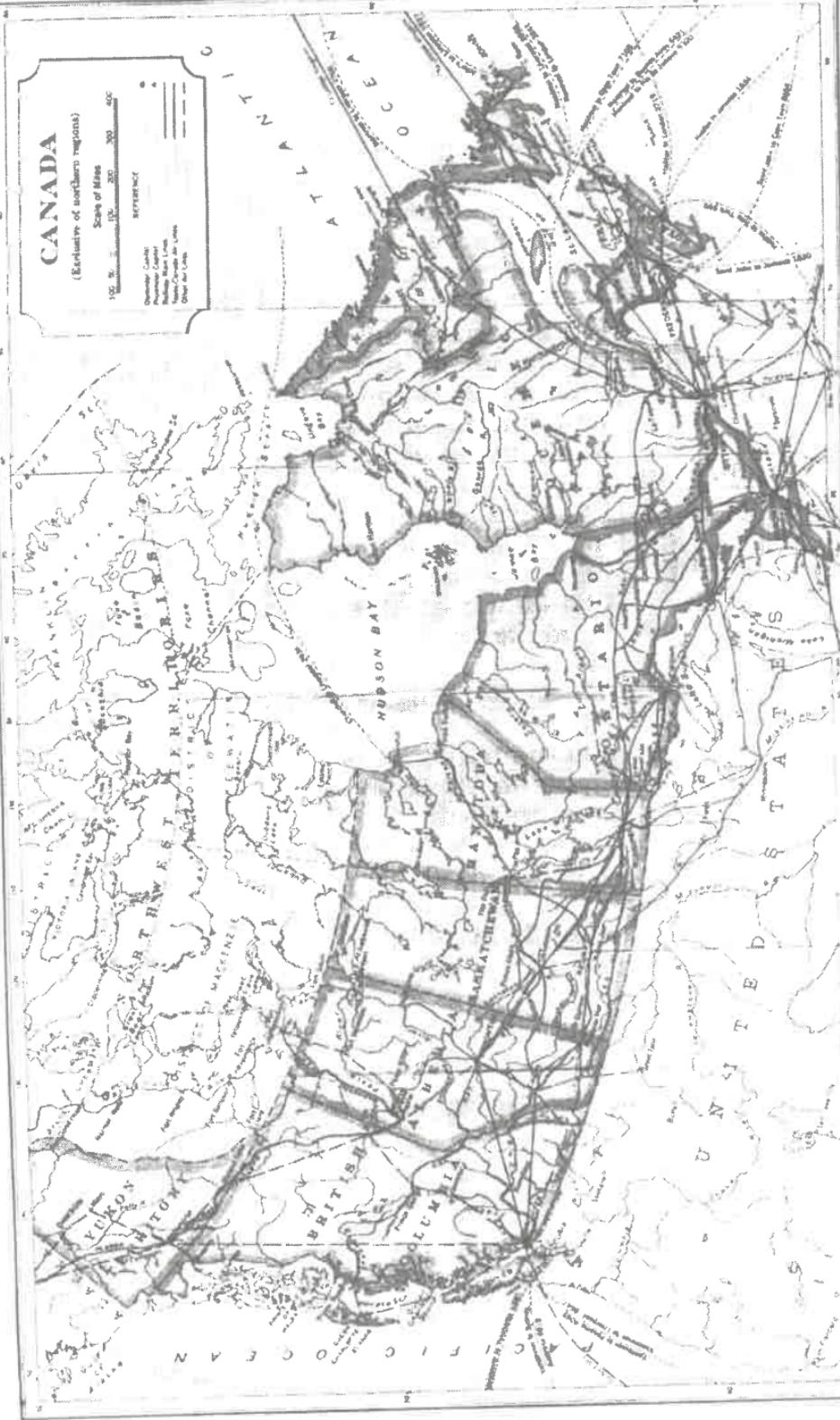
CANADA

(Relative to northern regions)

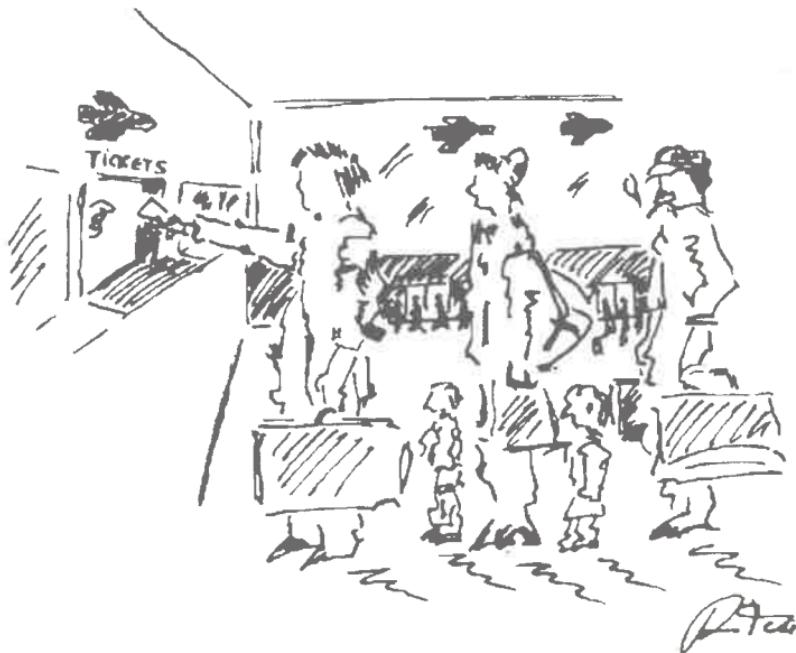
Scale of Miles
100 200 300 400
100 200 300 400

REFERENCE

Geographic
Political
Physical
Rail Lines
Waterways
Boundaries
Scale



ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE



A VIDA DIFÍCIL DO EMIGRANTE

1997



Ontario



Québec



Alberta



Nova Scotia



New Brunswick



Newfoundland



Manitoba



British Columbia



Northwest Territories



Prince Edward Island



Saskatchewan



Yukon Territory

Estes são os distintivos das doze Províncias, que fazem este grande país, Canadá, o segundo maior do Mundo, e o primeiro em democracia, como também um dos mais ricos e com melhor nível de vida até á data.

António dos Santos Vicente nasceu em 1930, na aldeia de Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra, no seio de uma família pobre e numerosa, sendo o quarto de 13 irmãos. Ficou órfão de pai muito cedo, o que veio aumentar as dificuldades de sobrevivência da Família, pelo que, ainda menino e moço, teve de começar a carregar molhos de lenha e mato, a guardar as cabras e a trabalhar nos chães, descalço, mal agasalhado e quase sempre «com a barriga a dar horas», ao mesmo tempo que freqüentava a escola, para aprender as primeiras letras.

O «Tonito Expediente» (assim era apelidado pelos adultos) era esperto, ladino e muito loquaz, mas por dificuldades de ordem material e ainda porque, naquele tempo, faltavam os professores por longos períodos, devido à falta de conforto e de acessos, apenas conseguiu chegar à 3.^a classe, habilitações com que emigrou para Lisboa, apenas com 15 anos de idade, em busca de um lugar ao sol.

Aqui também a vida não lhe sorriu e «passou as passas do Algarve» para sobreviver, pois naquele tempo era muito difícil arranjar emprego. Desempenhou as funções de marçano, durante três anos, em algumas marcearias, a última das quais no Laranjeiro, acabando por ser despedido e ficar desempregado. Conseguiu sobreviver até ser chamado para a tropa, juntando-se a um «gang» de desprotegidos da sorte, que rebuscava desperdícios, limalha e tudo que pudesse ser trocado por uns tostões, na área do Alfeite.

Assentou praça no Regimento de Cavalaria de Castelo Branco, conseguiu tirar a carta de condução de veículos ligeiros e pesados, e transitou depois para a Escola do Exército, onde desempenhou a função de condutor-auto, até completar os dois anos de obrigações cívicas para com a Pátria e passar à disponibilidade.

Outra fase difícil o aguardava, pois quem não tivesse pelo menos a 4.^a classe, não conseguia emprego de jeito. Passou a

trabalhar, como moço, numa Casa de Móveis, e matriculou-se numa Escola nocturna, para aumentar os seus conhecimentos literários, mas o «malandro» do Encarregado, em vez de lhe facilitar a vida, procurava dificultar-lha, por inveja ou mau íntimo, arranjando sempre a entrega de um colchão ou de um móvel para depois das 19H00, para o impedir de assistir às aulas, com a ameaça de que se se recusasse a cumprir seria despedido (necessidade a quanto obrigas!...).

Conseguiu finalmente ingressar na Companhia Carris, primeiro como agulheiro e depois como guarda-freio e condutor, passando para os autocarros, logo que obteve o averbamento de «serviço público», na carta de condução.

Entretanto contraiu matrimónio com uma Prima e enfrentou as dificuldades comuns a todos os jovens casais da época, relativamente à habitação — uma parte de casa, em Campo de Ourique; uma casa a meias, em Santa Marta, que culminou com desavenças e separação; umas águas furtadas na Estrela, sem espaço para a mobília de quarto; e finalmente (decorridos dois penosos anos) uma casa com algum conforto, na Pontinha, que serviu de residência e «Salão de Cabeleireira» para a Esposa.

Talvez por ter tido uma infância e adolescência de privações, quando a sua situação económica melhorou, logo começou a interessar-se pelo seu semelhante e a desenvolver acções de solidariedade social. Primeiro como associado e depois como secretário dinâmico de duas Associações regionais e do «Grupo Excursionista da Carris» que, à falta de Sindicato livre, defendia os interesses de classe, de forma camouflada, para escapar às malhas da Polícia Política, que tudo controlava.

E foi precisamente essa acção de bem-fazer, mendigando contributos pecuniários dos Colegas, no dia de recebimento da férias, para entregar às Famílias de outros colegas presos por «motivos políticos» (leia-se sindicais, de estrita defesa dos motoristas, guarda-freios e condutores, contra a prepotência da Entidade Patronal), que o forçaram a emigrar, para fugir ao encarceramento. É que os funcionários externos daquela Empresa monopolista de transportes só tinham deveres e nenhum direito. Como exemplo, citam-se dois casos: terem de pagar bilhete, se utilizassem o transporte na hora de folga; e pagarem do seu bolso, mediante desconto no vencimento, o valor dos danos, resultantes de acidentes de viação.

Santos Vicente lutou contra esse estado de coisas e conseguiu algumas melhorias, mas tornou-se elemento incómodo para a Administração, passando a ser vigiado de perto pelos PIDE's e «bufos» internos. Depois da prisão de vários colegas, alguém o avisou que estava a chegar a sua vez de «ir para a gaiola», e a solução foi embarcar em segredo para o Canadá, abandonando abruptamente a vida de relativo conforto e desafogo económico que tinha, graças ao esforço dele e da Esposa.

Já com dois filhos de tenra idade (um menino e uma menina), enfrentou enormes dificuldades, para conseguir um tecto e uma ocupação que lhes proporcionasse o sustento. Nas mais variadas tarefas, «correu seca e meca»: desde servente de limpeza, em diferentes cidades, a soldador, a madeireiro, servente de hospital, operário de manutenção e operador de máquinas de tratamento de água. Foi humilhado (pelo desconhecimento da língua) e atraído por concidadãos, mas também ajudado por almas boas de outros países (igualmente imigrantes) e Encarregados humanos.

Frequentou uma escola nocturna para aprender a ler, escrever e falar inglês; tirou o curso de contabilidade e depois um «curso de navegação nas águas interiores» — Lagos, ascendendo a piloto de barco misto (passageiros e carga), função que desempenhou durante 21 anos, no Lago Ontário, até se reformar em 1994.

Depois de conhecer a língua e a legislação locais, transformou-se em «advogado de defesa» dos injustiçados, ajudando todos quantos se lhe dirigiam (Açoreanos, Continentais e de outras latitudes) e albergando e alimentando muitos deles gratuitamente, por períodos mais ou menos longos, consoante as necessidades de cada um. Deslocava-se pessoalmente às Repartições, escrevia a Ministros e recorria aos jornais, para fazer ouvir a voz da razão e combater vícios e incompetências. São muitos os que lhe devem a solução dos seus problemas e a reparação de injustiças, tornando-se credor da estima e gratidão de quantos privaram com ele, sobretudo porque nunca cobrou taxas nem despesas e agiu sempre pelo prazer de ser útil ao seu semelhante.

Nas páginas deste livro o autor descreve muitos desses casos, dando-nos uma imagem real e muito viva das dificuldades por que passa o emigrante, e também do enxame de parasitas que o exploram das mais variadas formas. E demonstra ser um

observador atento dos males da sociedade e um interventor activo, no sentido de os minorar. Mesmo aposentado, ainda não cruzou os braços, e de vez em quando lá segue mais uma carta para este ou aquele governante, ou uma notícia para o jornais editados em língua portuguesa.

António dos Santos Vicente, pelo que passou, pelo que sofreu e lutou, pelo que fez em prol do seu semelhante, bem merece o que está colhendo, no último quartel da sua vida, que é afinal fruto de quanto semeou ao longo de 40 anos. Reparte o seu tempo entre Portugal, onde nasceu e tem casa, e o Canadá, a sua segunda Pátria, onde os três filhos vivem, trabalham e lançaram raízes.

Linda-a-Vela, Outubro de 1996

a) António Lourenço

INTRODUÇÃO

Neste Planeta Terra em que vivemos, o chamado Mundo da humanidade, é sem sombra de dúvida algo de grande perfeição, que podia e devia ser o paraíso de todos nós.

Segundo diz a cronologia Bíblica, foi com esse fim que Deus o criou há milhares de anos atrás, e só o não é... não porque a terra não produza o suficiente, ou não ofereça as condições necessárias para esse fim, mas sim por culpa do Homem terreno.

A luta pelo poder, as ambições pelas riquezas fáceis, com a ganância do mais e mais, os prazeres sem consciência, as religiões sem sacrifícios e sem devoção, servindo-se de Deus e dos Santos para a isca das suas vítimas, a ciência sem o respeito pela humanidade, o comércio desonesto, etc., etc., levam as pessoas a viverem em regime de fome, miséria, ignorância, e o medo de uma instabilidade social, que pode causar os impulsos do crime e da violência.

Estas são as grandes razões que levam as pessoas a trocar as suas terras, tantas vezes para outras, onde as dificuldades de sobrevivência são ainda maiores, mas guiados por essa esperança de ter mais pão, mais liberdade e melhor segurança social, vão-se fazendo aventuras, umas coroadas de êxito, outras de sacrifícios e grandes desilusões.

Mas para todos esses, que deixam as suas terras em busca dessa aventura, com poucas exceções, não importa qual seja o lugar... os princípios têm sempre o sabor amargo. Quer na adaptação, como pela exploração dos oportunistas — estes, sempre existentes em todos os lugares do Mundo, espreitando uma maior produção, pelo menor custo do mercado, não importa se a mão barata são naturais ou estrangeiros, e se chega ou não o salário do seu trabalho, pois o que conta para tantos destes são os sucessos dos seus negócios, os seus dinheiros, que são o seu Deus, a sua consciência e a sua Pátria.

O Mundo que Deus criou
Há milhares de anos atrás
foi para ser um paraíso de paz
mas em selva humana se tornou.

Há certos políticos baratos
sempre famintos p'lo poder
fazem as suas vítimas sofrer
sempre inocentes e fracos.

Essas poderosas ambições
E os prazeres sem consciência
levam o Mundo à violência
e à fome matam milhões...

A ciência sem humanidade
pode levar ao fim o planeta
E amar a Deus só de palheta
é enganar a sociedade.

O pobre vai tentando coitado
Da sua miséria fugir,
mas caia onde cair
Tem seu destino marcado.

A sina ou o destino do pobre é trabalhar para sobreviver, não importa onde, e a exploração faz mesmo parte da sua vida, em maioria dos casos feita por si própria, nessas competições de rivalidades laborais, fazendo com que o trabalho fique mais escasso, e um maior risco de despedimento, quer temporário ou permanente.

Nesses tempos dos pré-chegados ao Canadá, era muito comum ver-se essa luta laboral, em lugares onde trabalhassem imigrantes, não com o intuito intencional, mas antes para compensar a falta dos conhecimentos linguísticos, para quando em escassez de trabalho, não serem os primeiros a serem despedidos, e o seu trabalho era a arma da sua defesa.

Quando aqui cheguei, já havia alguns anos que aqui tinham chegado os primeiros portugueses, mas a sua maioria ainda andavam por outros lugares, sendo a nossa comunidade muito

pequena, concentrada na zona da Augusta, que começava por crescer em força, mas dividida, entre continentais e açoreanos.

A Auguta era o Rossio desta pequena comunidade em crescência, como também o lugar onde já havia algum comércio português: uma mercearia, um talho, uma padaria, peixaria e pouco mais. Havia também uma agência de viagens e a casa de mobílias do bem conhecido judeu, onde o saudoso Manuel Talhu, seu empregado, era o nosso tradutor a fim de negociarmos com o judeu, pelo mais barato possível. Foi um grande maná, esta imigração portuguesa para esse judeu, que até nem era mau sujeito.

Não era por maldade
porque se trabalhava a correr,
até contra a própria vontade,
era a lei de sobreviver.

A Augusta era sempre o lugar
e nesse restaurante Ramalho
aqui se vinha conferenciar
sempre em busca de trabalho.

Foi a partir dos anos sessenta
que a comunidade teve progresso,
para uns foi uma tormenta,
para outros um sucesso.

Quando uma comunidade cresce
logo vem a malandrice,
é aquele que enriquece
por esperteza ou vigarice.

P'ras agências e comerciantes
foi um verdadeiro maná!...
Mas houve tantos imigrantes
Desejosos de voltar para lá.

Dificuldades, frio e nevadas
e a língua sem nos poder defender,
se fomos vítimas de coisas erradas,
outros o foram em nos sofrer.

As dificuldades do começo

Fui recebido por um amigo, ex-colega da Carris, que viera um ano antes, mas só alguém, de tão grande espírito humano e amor pelo seu semelhante, pode fazer o que este fez.

No seu Flat de renda na Grange Ave, em menos de dois meses, recebeu e orientou quatro famílias, das cinco que lhe passaram pela casa nesse ano, e só uma lhe era familiar, recebendo todos o mesmo apoio e carinho, tal como a mesma orientação. Neste então jovem casal, não há que tirar de um, para pôr no outro, pois só assim foi possível fazer-se tanto bem a pessoas, em que as mulheres lhes eram totalmente desconhecidas.

Este, o casal Jesus, Beta e Aristides, que mais tarde veio a ser bem conhecido por muitos portugueses no mercado imobiliário desta cidade, homem de grande dinamismo, em quem nunca lhe conheci dificuldades, tudo o que fez, fê-lo desinteressadamente, pelo que Eu e tantos que ele lançou na vida, muito lhe devemos, assim como à sua esposa Beta.

Quando já orientado e lhe perguntei quanto lhe devia, a sua resposta foi: faz aos outros o que eu te fiz! Prometi e baseado no sentido dessa frase, tenho a paz na minha consciência e a tranquilidade, em ter cumprido o pedido que me foi feito.

Aristides, eu muito te devo!
E como eu, há tantos mais...
sejão grande é o teu enlevo
como os teus dons pessoais!

Deste o que tinhas para dar
Que foi o mais alto valor,
E o dinheiro não pode pagar
Quando é dívida por amor.

Imperfeitos como somos
Às vezes não reconhecemos,
O que não devia de ser.

Com relações boas e más
Esse bem que alguém me faz
Jamais me pode esquecer.

Não é coisa p'ra chorar
Mas emigrar é coisa triste!
Na Grange nesse lugar,
Tal casa já não existe.

A Beta!... Essa jovem mulher
Que vimos pela primeira vez,
Não era outra qualquer
Que fazia o que esta fez!...

No bem servir a humanidade
Aqui houve hospitalidade,
Com portas sempre abertas,

O que fizeste não tem preço,
E neste Mundo que eu conheço
Já há poucos Aristides e Betas,

A Mudança de país, de clima, de língua e trabalho, não são coisas fáceis para uma rápida adaptação, e ai de nós... se nos falta a esperança e a força.

Não foi fácil para nós esta nova vida, e muitas vezes tive saudades desse Portugal distante, mas mais ainda a minha esposa, pela vida que tinha, e a que teve de enfrentar, como também saudade, não só da família, como do salão que tivera de deixar, e das empregadas e clientes, etc., etc., mas voltar não se podia, não por razões económicas, mas políticas, pelo que tínhamos de lutar, até vencer ou morrer.

Felizmente venceu-se... não com a aquisição de riquezas, coisa que nunca me seduziu, mas sim a abundância do pão de cada dia, aquilo pelo qual sempre lutei, e julgo ser um direito de quem trabalha. Poder adquirir mais conhecimentos, e a liberdade de os poder usar, em favor daqueles que dela necessitam, tal como sempre fiz em Portugal, que me custou a liberdade de ali poder viver mais livremente, pelo crime de estar ao lado dos necessitados e indefesos.

Não pretendo mostrar aos leitores que fui um bom samaritano, herói, ou algum português com coração de ouro, onde só havia bondade. Nada disso... Pois sou um humano imperfeito, com falhas e algumas virtudes, possuidor de bom e mau, mas não é do mau que vou falar, porque se fosse, não me chegaria um livro com o dobro das páginas, mas quero antes incentivar todos os leitores, que é um dever de todos nós, cada um dentro das suas capacidades, defender-se a razão e o direito dos indefesos. Foi isso que sempre fiz e farei, enquanto tiver um pouco de força e capacidade e amor ao próximo.

As histórias narradas neste livro, ainda que algumas possam parecer fantasia, mas não o são, são passagens reais de um imigrante, desde o primeiro dia que emigrou, até ao presente, sendo apenas estas algumas, de tantas mais que não é possível descrever.

Se alguma coisa fiz em favor do meu semelhante, fi-lo por amor, tal como mo fizeram a mim, com a rejeição de qualquer paga ou recompensa, sem badalar o sino da publicidade, e se algo aqui é relatado, é porque a natureza do livro assim o exige.

Nesta delicada mudança
tudo era desconhecido
se a saudade vence a esperança
de certo tudo está perdido

Tem mais força o nosso querer
quando não há outra saída
trabalhando consegue vencer
e dá mais brilho à sua vida

Riqueza não é a minha paixão
em tal firmeza não há falha
a abundância em ter mais pão
é um direito de quem trabalha

Se algum bem poderes prestar
Nunca hesites em o fazer
tu terás mais felicidade em dar
que o outro terá em receber.

Pensa sempre em ser humano
que é bom p'ra ti e p'ra humanidade,
rejeita sempre qualquer plano
e o perigo da falsa amizade

Nunca me faltou a coragem de contestar aquilo que não me parece justo, e se necessário, fazer chegar essa contestação às mais altas esferas políticas, ou de instituições nacionais, sempre dentro da ordem, do respeito e razão.

Sempre defendi, e continuarei até morrer, a unidade nacional deste país, que eu ajudei a construir, e nele deixei os melhores anos da minha vida, a terra dos nossos filhos, a minha, a sua e a de todos nós. A que nos recebeu de braços abertos, oferecendo-nos tudo, e sem nada nos pedir. Sempre que criamos algo, temos-lhe amor, e não gostamos de ver destruir, e mais nos revoltar, quando esses destruidores nada fizeram ou contribuíram para o bem da Nação, e são os mais privilegiados do sistema, com a maior fatia, como ainda os que mais direitos reclamam,

sem nunca terem conhecido o mínimo de deveres, mas a culpa não é de quem o recebe, mas daqueles que o dão!...

É pena que esses que vêm chegando a cada dia, não tragam no coração o sentido e a mesma imagem desses Europeus, vindos nas décadas de cinquenta, sessenta, e vá lá... até mesmo setenta! Sim, a maioria destes, vinham em busca de melhorarem as suas vidas, e como é óbvio, só se consegue com dinheiro, mas esse dinheiro que todos desejavam, era em troca do seu trabalho, seu sacrifício e sua luta, e foi assim que este país cresceu em prosperidade, chegando ao mais alto ponto da sua glória.

Se é certo que ainda aqui vem chegando gente bem intencionada, mas não é menos verdade, que uma grande parte, para não dizer a maioria, escolhem este país, para se aproveitarem do sistema, não para o construir, mas sim destruir, e ainda com o direito, de nada lhe poderem apontar, porque fazê-lo, pode custar caro, alegando ser discriminação.

Este país Canadá, que nas duas últimas décadas, se tem alagado em dívidas, sendo em média de \$30 mil dólares por cada habitante, os seus governos, ainda que impossível pareça, vão dando loucuras de dinheiro aos que nada fizeram e que vêm chegando, na maior das facilidades e atenções, o mesmo não acontece aos que aqui trabalharam e contribuíram para o bem-estar de todos.

Um exemplo real: neste ano de 1995 ao fazer a declaração dos rendimentos de 1994, a muitas dezenas de conhecidos, amigos e familiares, deparei com uma dessas situações, bem comuns, que me chamou a atenção, entre o rendimento de duas senhoras: uma, a viver no Canadá por trinta anos, criou três filhos, e por isso trabalhava quando podia, aos sessenta e dois anos, pedia a reforma, deram-lhe 96 dólares por mês, comparado com outra, que nada fez, vindo apenas pela reforma, recebendo a bonita soma de 996 dólares MENSAIS!!! Esta é a razão porque o Canadá é o país preferido do Mundo, para aqueles que gostam de viver sem precisar trabalhar, como também a causa das dívidas nacionais, que estão a levar este país ao abismo.

Meu querido Canadá! Implora aos teus líderes, para te protegerem dessas hienas humanas, que te querem dissipar, para depois te abandonarem, sem mais quererem saber de ti, porque eles não te amam, porque não te ajudaram a construir.

Escrevi cartas, meias e cheias
no meu inglês bem modesto
contestando e dando ideias
do que não me parecia certo.

Canadá, amo-te de verdade,
daria a vida, p'ra te defender,
se vieres a perder a unidade
que seja depois de eu morrer.

Nós que viemos p'ra trabalhar
e te demos prosperidade
estamos velhos... vamos-te deixar
p'ra emigrar p'ra eternidade...

A esses que tudo te deram
vais-lhe dando uma ninharia,
mas dás aos que nada fizeram
a mais importante fatia.

Conheceste-nos jovens e valentes
A glória te viemos dar,
hoje alguns, já velhos e doentes,
têm que o cinto apertar.

Se o teu símbolo Maple-Leaf
impõe a lei que nos ordena,
limpa do país todo o thief
que se aproveita do sistema.

Os criminosos andam aos bandos,
matando e roubando o que calha,
vão-se protegendo os malandros
e sacrificando quem trabalha.

Canadá, não dês mais entrada
A mais outros criminais,
de malandros que não fazem nada
já estás cheio, até demais.

A nossa primeira morada no Canadá, depois de sair da casa do Aristides, da Grange Ave. junto da Dundas & Spadine, foi na Robert St., junto da Harbord & Spadine.

O flat onde fomos recebidos, alugado à família Aristides, era de um casal de portugueses dos Açores, muito boa gente por sinal!..

Este flat era pequeno, como o de qualquer casa vulgar... sala, quarto de dormir, cozinha e casa de banho. Mas na causa de bem servir, estes flats pareciam aumentar o seu tamanho, para acomodar toda a gente. Tive essa própria experiência, logo no próximo ano, quando recebi também as primeiras famílias, que aqui vinham chegando.

Sem qualquer índice de pressão, de nos quererem ver pelas costas, mas eu próprio apressei a saída, pois não era preciso ser-se inteligente para compreender que se tinha de dar lugar a outros que estavam para vir, pelo que comecei a procurar a minha própria morada.

Nestas ruas adjacentes à Augusta, onde já estava fundada a nossa comunidade, ainda bastante pequena, era o local desejado de todos nós portugueses.

Esta área, era então em maioria, dos polacos e ucranianos, que começavam a dar o lugar aos portugueses. Esta gente de bom e mau, como qualquer outra raça, mas havia nestes uma grande diferença dos povos latinos. Mais desconfiados e menos liberais, como até mais esquisitos e exigentes, especialmente os polacos, não sendo pera doce, morar-se em casa desta gente, como era o meu caso.

Mas como era aqui que estava a nossa pequena comunidade, era também onde nos sentíamos mais seguros e protegidos, pelo que quanto mais perto da Augusta melhor.

Cheguei ao Canadá a uma sexta-feira, começando na segunda seguinte a procurar casa, ainda que me fosse dito pelo meu protector de haver muito tempo de o fazer.

Dois dos três flats que vi para arrendar, eram de polacos, e ambos me deixaram indignado, pela maneira como actuaram:

Na primeira, sou atendido por uma senhora, e a sua primeira pergunta foi: tem filhos? — Tenho sim... tenho dois... — não alugo com crianças, diz a mulher... e sem mais conversa, fecha-me a porta na cara.

Na segunda, era agora a vez de ser atendido por um sujeito, talvez já na reforma ou perto dela, que depois de saber o que eu queria, fez-me algumas perguntas, às quais o meu inglês não soube dar resposta, o homem foi lá dentro e trouxe uma folha de papel de trinta linhas, onde tinha escrito num inglês de imigrante, os regulamentos exigidos, no arrendamento do seu flat. Dizia o papel: o flat, tem a sala e um quarto, cozinha e casa de banho, sendo a renda \$70 mensais, sem falhas no pagamento e no dia exacto. Só alugo a casal sem... ou um só filho, com idade superior a sete anos; a lavagem de roupa é no Laundry público, não sendo autorizado lavar na banheira, nem mesmo um lenço que seja; não fazer uso do telefone existente; não assar ou fritar sardinhas, assim como qualquer outro peixe; não mudar as lâmpadas existentes por outras de maior watt-age; se tem TV ou rádio, são mais \$5 dólares por mês; por qualquer artigo eléctrico que venha a comprar, terá que pagar algo mais a combinar; visitas só no fim de semana e nunca além das dez da noite.

Se pode, e quer preencher estes requisitos, pode vir ver o flat até às oito PM, e em caso de gostar terá de deixar \$40 em depósito. Claro..., tais condições não interessavam a ninguém.

Finalmente, a última, a mais agradável e amistosa de todas, uma ucraniana, alugou-me o flat, para duas horas depois, me vir devolver as \$20 que depositei nas suas mãos, alegando a inconveniência dos filhos.

No dia seguinte, como tinha ido experimentar um trabalho, a esposa e o Aristides foram ao judeu comprar as coisas necessárias, e como cheguei aqui com algum dinheiro, aconselharam a esposa a comprar do melhor, e foi um bom conselho, pois mais de trinta anos depois, ainda tudo existe, menos os colchões, e como foi tudo a pronto pagamento, e el-contado, o preço até nem foi nada mau... o caso de habitação estava arrumado.

Quando a causa é servir e amar
Dá a impressão que tudo muda,
há sempre comida e lugar
p'ra mais um que nos procura.

Quando crianças havia
As casas não eram um achado,
alugá-las ninguém queria
para não ser incomodado

A falta de humanismo
tal antes eu nunca vi,
gente sem respeito e civismo
que apenas pensam em si.

Gente mesquinha e exigente
desses que à porta fui bater,
tão diferentes dessa gente
para onde eu fui viver.

Agora já com casa alugada
muito feliz estava eu,
Era nova vida começada
neste país que me acolheu.

Trabalhar eram os nossos planos
e o trabalho nos fazia feliz,
foram estes novos canadianos
que deram a glória ao país.



ERRATA

No dia seguinte fui para o Norte da College onde moravam muitos italianos, e quando passava na Roberto, vi ali um flat para arrendar, de uma família italiana, que tinha sete filhos, não me pôs qualquer obstáculos pelos meus filhos pelo que peguei nos setenta dólares que me pediu, e quanto à casa, o assunto ficou arrumado.

Este texto deve ler-se a seguir ao 6.º parágrafo da página 22.

Mãe, Esposa e Benfeitora

A mulher arranjou trabalho no Laundry de um Senhor Judeu, um dos homens mais compreensivos e humanos, com quem já contactei. O Mr. Raffi comprehendia o que era ser imigrante, pois ele próprio me disse um dia, ter emigrado também, vindo da Polónia. Os seus empregados eram por ele tratados de maneira humana, contactei com ele muita vez, sempre que para ali levava mais uma empregada, e nunca encontrei nele algo que me fizesse mudar de ideias do que pensava a seu respeito.

Nesses princípios, valeu à Ana, a Maria, italiana, uma bondosa Senhora da Cícilla, que ali trabalhava, por quem ainda hoje temos muita amizade, e na sua língua latina, tal língua, meia irmã da portuguesa, foi o que ajudou à minha mulher, a mim, e a muitos portugueses nesta terra Canadense.

Neste local de trabalho, nunca antes ali tinha trabalhado alguém português, ou que falasse esta língua, mas três anos depois, eram já só portugueses que ali trabalhavam, e até os patrões aprenderam também algum português.

As mudanças na vida nem sempre são fáceis, em especial quando perdemos o bem-estar, e a nossa posição desce, para um escalão inferior. Em Portugal, era a Dona Ana Cabeleireira, querida e estimada pelas empregadas, clientes e por toda a gente com quem contactava, e no mais alto ponto da sua carreira, e quando menos esperava, teve de abandonar tudo, para fazer companhia ao marido, devido ao risco que corria a sua liberdade.

No Canadá, e no que diz respeito a trabalho, não foi muito feliz! Quase sempre teve serviços difíceis e mal remunerados, ainda que andasse na escola, e tenha tirado o diploma de cabeleireira com licença Canadiana, coisa bastante difícil para quem o inglês não é a primeira língua, mas nunca usou profissionalmente tal arte neste País.

Esta mulher, que poucas vezes lhe ouvi a palavra NÃO, no sentido de ajudar, nem sempre foi compensada com amizade por parte dos ajudados, o que nunca a desencorajou, para que não continuasse a praticar o bem, em prol do seu semelhante. E todos esses que eu ajudei e orientei, passando por baixo dos meus tectos, seria impossível fazê-lo... pelo menos a tantos, se não fosse uma mulher com o mesmo Dom, e partilhar os mesmos sentimentos e ideias.

Às vezes apareciam-me desamparados, em busca de abrigo e orientação, mas nesse tempo, não havia a malandragem dos nossos dias, ainda que arriscado, mas não se pensava no mal, apenas em ajudar quem necessitava, e então sempre em tais situações, tanto homens, como mulheres, levava-os para casa, a fim de os orientar, e não foi um nem dois... e quando ela chegava, e lhe contava o sucedido, nunca se mostrava chateada ou encarava a coisa pelo lado negativo, mostrando sempre boa vontade, a cada novo hóspede que já era tão comum, e estes sentiam-se assim mais à vontade e mais confortáveis.

Tenho a certeza que em todos os que pela nossa casa passaram, nunca nenhum viu dela um mau agrado, ou uma má vontade, mesmo naqueles que ali estiveram por meses seguidos, por não terem dinheiro nem trabalho. Estou crente, que esta mulher, foi mais que uma boa esposa e mãe, como foi de certo, uma colaboradora, em favor da paz, da felicidade, como do bem-estar do seu semelhante.

Tenho que reconhecer que fomos felizes, por em tanta gente que por ali passou, mesmo de outras nacionalidades, todos serem honestos e respeitadores, esta a grande razão, porque nunca nos faltou, a força, a coragem e a boa vontade, em ajudar os necessitados.

Há sempre fortes razões
Para quem tem que emigrar,
sacrifícios e tantas ilusões
que nem é fácil contar.

O imprevisto é tão comum
ninguém diga que está bem,
o mal nunca vem só para um,
chega sempre a mais alguém.

E por mal dos seus pecados
neste Mundo tão pervertido,
deixou o Salão e penteados
p'ra acompanhar o marido.

Nesses seis dias por semana,
um trabalho mais difícil e duro,
valeu-lhe a Maria Italiana,
ensinando-lhe quase tudo.

Neste Laundry por sinal
havia sempre mais uma vaga,
quando vinham de Portugal
era ali que começava.

A Ana nunca ajudou por interesse,
Tudo o que fez foi por AMOR,
E estou certo que se dela dependesse
todo o Mundo estaria melhor.

Uma Família dos Açores

Era o meu segundo Domingo no Canadá, e o primeiro que passava no meu flat da Robert. Era um lindo dia de Julho, que convidava as pessoas a saírem das suas casas e irem para as praias ou Parques. Pelo que, logo pela manhã, vi os vizinhos a prepararem-se para esse passeio, a fim de usufruirem esse ar puro e fresco dos campos, e outros, as praias, onde nesses dias não conheciam a poluição.

Foi nessa manhã, que um vizinho português me falou da ilha de Toronto, ser muito linda, com uma boa praia e outros divertimentos, o lugar mais apropriado para quem não tinha automóvel, pois era apenas apanhar o Eléctrico da Dundas, o que dissesse Dundas Doca, que nos levava mesmo ao Barco, e dali saíam três Barcos, cada um para seu lugar, sendo o mais importante o de Centre-Island. Tomei o seu conselho, a esposa arranjou o lanche, e lá fomos nós, segundo as instruções recebidas.

No St-Car o Eléctrico da Dundas Doca, descobrimos que no assento da frente ia também uma família portuguesa, que logo reconhecemos pela fala ser dos Açores, com quem tentámos meter conversa. Era ainda no tempo, que quando se encontrava um português, era como que encontrar um familiar vindo de longe, que logo se perguntava: de onde é o senhor? — Eu sou... tal como onde mora, onde trabalha, etc., etc., e era assim que se arranjava conhecimento para mais um trabalho, e às vezes... até uma forte amizade. Mas não foi com este casal de açoreanos naquele lugar.

O homem, muito bem falante, como até me parecia ser uma excelente pessoa, que mais tarde vim a ter a certeza dessa realidade, o mesmo não acontecia com a mulher.

O casal que levava também uma filha pequena, talvez para a idade do meu, e como as crianças não têm no coração o instinto da superioridade, começam por se olhar desconfiadas, para de-

pois, nas sua simplicidade brincarem aos noivos, ou outras brincadeira da própria idade, e ao chegar à Ilha, era mesmo isso que estas duas crianças queriam, mas só que a mãe não a deixou, ainda que a minha esposa tentasse o tal convívio, mas não o conseguiu. A senhora pegou na filha e mudou de direcção.

Enquanto a senhora açoreana, cada vez mais se afastava de nós, eu ia conversando com o marido, não só porque via nele um bom sujeito, como também o desejo de uma amizade sempre necessária, mas mais em tais ocasiões, e como não tinha trabalho e ele tinha possibilidades em me arranjar um, não queria perder a oportunidade, em juntar o útil ao agradável.

O Barco que tomámos, foi aquele que mais vazio ia, pois o seu rumo, era o de Mugg Island, o lugar menos atraente da Ilha, éramos nós ali, e pouco mais, além de umas famílias de patos, que nos queriam fazer companhia.

Este homem, já aqui estava há uns cinco anos, contou-me dos seus tempos dificeis, quando trabalhou numa farme, e das suas dificuldades quando chegou a Toronto, ainda com poucos portugueses. Falou-me também da sua Ilha de S. Miguel, e dos sacrifícios que ali passara, da sua criação cheia de necessidades, começando a trabalhar aos sete anos, na idade em que devia ir para a escola, sendo essa a grande razão, porque mal sabia ler, mas não havia outro remédio, porque era um dos mais velhos da irmandade, e o pai tinha morrido quando tinha doze anos de idade. O pouco ler que sabia, foi aprendido em adulto, num programa que foi criado em toda a Ilha para ensinar os analfabetos.

A esposa deste, que já o tinha chamado por várias vezes, enquanto ele, ia fazendo ouvidos moucos, mas desta vez, mostrando a sua indignação, explodiu as seguintes palavras: tu vieste para passeares com a mulher e a filha, ou foi para passares o tempo com estranhos? Sendo assim, eu volto para casa... O homem fez mais uma vez que não ouviu, e fui eu agora, que lhe disse, o Sr. vá, que a sua esposa já o chamou, e a gente há-de falar em outra ocasião... talvez já amanhã? Despedi-me do senhor, e como já tínhamos combinado em me levar no dia seguinte, para me apresentar ao encarregado, uma vez que lhe disse se conhecesse alguém ainda novo, e quisesse trabalhar que o levasse. Este Sr. trabalhava nas estradas e com salário de \$2.10 por hora, o mais alto pago na construção nessa época.

Com o fim de lhe avivar a memória pela última vez, já depois de nos termos despedido e afastado uns metros de distância, eu repeti: até amanhã às 6.30, na College & Spadine, e juntei-me à mulher e os filhos, que se encontravam a uma pequena distância.

O homem chegava agora junto da mulher, devido a distância, nada pude ouvir da troca de palavras que houve entre ambos, mas quanto aos gestos, mostraram bem claro, o azedume daquela mulher. E assim, nós e eles nos afastámos até mais ver...

Em conjunto era a esposa que falava comigo, mas ainda que muito perto de si, não a houvía, porque o meu pensamento, estava nesse trabalho e nas \$2.10 por hora, e agora era eu, que estava pior que a açoreana com o marido, pois as conversas da esposa eram-me indesejáveis, porque me faziam errar os cálculos da minha matemática, nas contas do dinheiro que ia ganhar.

O meu computador cerebral ia fazendo as contas da seguinte maneira: 10 horas por dia, a \$2, são \$20 vezes vinte e oito escudos, eram 560\$00, não era mau... agora em trinta dias, quanto daria?... Deixa-me ver!... $30 \times 560\$00$, será igual: 16.800\$00. E lá ia dizendo para comigo: compensa... em Portugal ganhava um conto e quinhentos, a mulher uns oito, era um total de nove e meio, mas só a minha parte aqui, eram dezasseis, e com o da mulher, ia para os vinte, afinal até há males que nem são tão maus assim... quando me apercebi, as contas já eram feitas em voz alta. Também havia um erro, porque eram \$2.10, e só tinha feito a conta a \$2, mas o que ia a mais era para os descontos.

Foi já em casa e com a ajuda da esposa, que as contas finalmente tiveram o acerto final, porque havia uns pequenos erros de matemática, a soma era um pouco mais alta, à que eu tinha feito anteriormente.

É certo que a nossa vinda para o Canadá, não tinha sido pelos problemas de dinheiro mas... uma vez que aqui estávamos, tinha que se fazer pela vida, na ordem do possível.

A noite chegou, depois do jantar, a mulher fez o lanche para eu levar pela manhã, enquanto eu preparava a roupa do trabalho, assim como o relógio a despertar para as cinco e meia, bastane cedo, mas... era melhor chegar com antecedência, pois tal trabalho, ainda que duro como disse o homem, era bem pago, pelo que não era para qualquer um, e ao mais recém-chegado como eu, por isso nada de faltar!...

O combinado foi para as seis e meia, mas às seis já estava no local, e quando as seis e um quarto chegaram, cada carro que ali passava e abrandava a sua marcha, eu logo corria para ele. No meio deste cenário, as seis e meia passaram e o homem não apareceu!... Mas será possível brincar-se com um homem assim?... Pensava eu... e assim fui esperando por mais uma hora, até às sete e meia, mas sem êxito, porque o homem não apareceu!... Foi esta a primeira desilusão neste país, mas tantas outras mais me esperavam.

Nesse domingo de madrugada
vi a vizinhança ao redor,
preparando a retirada
para fugirem ao calor.

Um vizinho mesmo ao lado
esteve comigo a falar,
disse para quem não tinha carro
ser a Ilha o melhor lugar.

Tomei o conselho dado
pego no rapaz, a mulher e a filha,
e lá vai todo o agregado
a caminho dessa Ilha.

Ilha tão lindo lugar
Aonde depois fui tantas vezes,
no carro fui encontrar
um casal de portugueses.

A gente agitada com pressa
Como ainda se vê muita vez,
havia logo conversa
ao encontrar um português.

O senhor como vai, e com está?
Onde trabalha e onde mora?
E há quanto tempo vive por cá?
Mas eu por mim cheguei agora!

Foi assim com o açoreano
que me pareceu tão bom sujeito,
fazendo-me falhar o plano
e as contas que tinha feito.

Numa consciência sem pesos
Julgava tais castigos pesados,
pois sempre defendi os indefesos
e ajudei os necessitados.

O Meu Primeiro Trabalho

Foi numa Companhia de limpezas, no tempo a maior e mais importante no Canadá, que conhecíamos por MaCKECA, onde conheci o primeiro trabalho neste País. Entrei ali, por intermédio de um ex-colega da Carris, que já ali trabalhava há bastante tempo, e como era um bom operário e da total confiança dos seus chefes, tinha facilidades de arranjar para quem dele necessitasse, na dita Companhia, e nesse lugar do Race-Track, além deste, penso... trabalharem já mais dois portugueses.

Esta companhia, com a sede na McCull, junto da Queen e University, tinha muitas filiais dentro e fora da Província. Em Toronto, tinha os Race-Tracks, o general Envents, e as limpezas comerciais, etc.

Na Track, havia trabalhadores de várias raças, sendo os portugueses a minoria, o que não tardou a serem a maioria, mesmo mais que os italianos.

Neste local de trabalho, onde se trabalhava em regime «part-time e full-time», havia hora de entrada, mas não de saída, esta, era quando se terminasse todo o serviço, pelo que se podiam fazer seis horas, como vinte ou mesmo mais, tudo dependia da maneira como estivesse a Track, e do número de pessoas que se apresentasse ao trabalho.

Os trabalhadores em regime de «part-time», começavam por um dólar e vinte e cinto, e os de tempo inteiro, um e trinta, sendo mais alto de um trabalhador raso, um e sessenta e cinco.

As Tracks em Toronto, eram no Woodbine junto ao Aeroporto, e no Greenwood e Queen. Havia alturas em que as duas Tracks operavam ao mesmo tempo, sendo nestas ocasiões, que se trabalhava quase dia e noite, sem quase nenhum descanso, pouco mais que o tirado no percurso das duas Tracks, e uma ou duas horas por ali encostados, quando não dava para vir a casa. Havia

semanas, que não dava mesmo para ver a família, especialmente a mulher, quando esta estava a trabalhar.

No meu caso, por exemplo, a mulher saía de casa às sete, para levar a filha à Baby-Sitter «Ama», seguindo depois para o trabalho, cuja entrada era às oito, até às cinco e meia, enquanto eu saía de casa por volta das três e quarenta e cinco, para começar no Woodbine às cinco e meia, à hora que a esposa saía. Havia muitas semanas, que quando voltava do serviço e chegava a casa, já a esposa tinha saído para o serviço de novo, pelo que a nossa comunicação era por meio de escrita, ou pelo telefone quando se podia. Não havia tempo nem oportunidade de fazer amor... só nos fins-de-semana quando não havia Track, e se é que ela não...

Neste meu primeiro dia de trabalho no Race-Track do Woodbine, recebi mais uma decepção, por não estarmos familiarizados com a língua, e com os nomes das coisas. O Supervisor, um rapaz italiano, diz ao senhor que falava por mim, que eu devia ser bom para trabalhar com o Mop, com a pronúncia de «Mapa». Na minha ideia, era de ser qualquer coisa relacionado com papéis, mas nada daquilo que me apresentaram!

O Mapa, é um dos instrumentos mais usados nas limpezas comerciais, nestas terras do Norte América. É uma espécie de vassoura de fitas ou cordão, fixo na extremidade de um longo pau delgado, bem apropriado nas lavagens das «floors» — soalhos, mesmo nos dias actuais, só quando me levaram ao Stock-Home «Armazém», e me deram esse instrumento e um Pail «Balde», e algum detergente e me disseram para o que era, e como se usava, mas como era o primeiro dia, alguém iria trabalhar comigo para me ensinar. Foi aqui que eu disse mal da minha vida.

Este trabalho de lavar floors, era bastante pesado e cansativo, devido ao seu peso quando molhado, eram seis metros de rotação em cada movimento, ora para a esquerda, ora para a direita, e para quem não tinha prática deste serviço, não era só cansativo, com os movimentos constantes da cabeça, a acompanhar a rotação do Mop, fazia perder o controlo do corpo, tendo por vezes de parar para não cair.

Estava a trabalhar com outro colega, já com bastante prática e possuidor de dois predicados: de ter tanto de bom trabalhador, como de cínico e mau colega, sempre a correr à minha frente, num sprint que me era impossível acompanhá-lo, mas como não

queria perder de vista o corredor, lá ia ateimando, mas já sem forças para o fazer. O serviço terminou às três da manhã, com dez horas de trabalho, mas mais morto do que vivo. Meti-me no carro que nos transportava a casa, e momentos depois, nem as dores produzidas pelo cansaço, nem as borregas das mãos, impediram que caísse num sono, que só acordei com os apalancões, de um colega que me disse para descer, que era ali a Robert.

No primeiro serviço e depois,
Como não se falava inglês,
Tínhamos que trabalhar por dois,
para satisfazer o freguês.

Os trabalhos eram os piores,
muito se trabalhou e sofreu,
com o Mop lavando floores
Até a barriga desapareceu.

A suor corria da testa
sem tempo p'ra descansar,
sem pagarem tempo extra
trabalhava-se até acabar.

Se ambas as Tracks operavam
p'ra se comunicar com a mulher,
eram os escritos que ficavam
E até dormir era a correr.

Com os Mops se lavavam floors,
Trabalho duro e mal pago,
Trabalhei noutros piores
que até se era humilhado.

A Confusão da Casa

Era um quarto para as quatro da manhã, desci do carro da companhia, meio a dormir, meio acordado, vi na esquina da rua a placa que dizia Harbour, e a outra que dizia Robert. No meio de uma enorme confusão, e como as casas são todas iguais, ser de noite e ainda meio ensonado, em vez de tomar o Sul tomei o Norte, e quanto mais procurava a casa, mais dela me afastava. E foi tal a confusão, que acabei por perder mesmo a Robert de vista.

Perguntei a dois indivíduos que passaram por mim, e mostrando-lhe o papel com a morada, se me sabiam dizer onde era aquela rua, estes, depois de me dizerem algumas palavras que não compreendi, mas nos seus acenos, apontaram ainda mais o Norte, mas que até me parecia o Sul.

O romper da Aurora começava já a despontar no nascente, anunciando mais um novo dia, e eu a perder o resto da noite sem encontrar a casa, para obter o descanso tão merecido e desejado, mas cada vez mais exausto e desanimado depois dessa informação errada, pois já estava perto da casa Loma, que fica a mais de dois quilómetros de distância, da casa que procurava.

Como já não podia mais, sentei-me no muro rasteiro de uma casa, quando vi à distância um polícia de mota de assento ao lado, que se dirigia na minha direcção, mandei-o parar, mostrei-lhe o pequeno papel com a morada, que logo começou a falar para mim, como não o percebia, limitei-me a encolher os ombros, que logo o polícia compreendeu o meu problema, e aponta-me o dedo para o assento lateral da mota, onde me sentei, vindo-me a trazer a casa. Era um quarto para as oito, quatro horas depois de ali me terem deixado.

Tenho pensado muita vez: como tal coisa pode ter acontecido? Mas acontece, e até de dia, a pessoas mais inteligentes que eu.

A mulher já tinha saído com a pequerrucha que ia deixar na Ama, antes de ir para o trabalho, apenas estava o maior, que já andava na escola, estava sobre a minha mesa de cabeceira um papel escrito que a esposa deixara, que dizia o seguinte: ANTÓNIO, ESTOU PREOCUPADA EM NÃO TERES APARECIDO, POR FAVOR, QUANDO CHEGARES, TELEFONA PARA O LAUNDRY. Fui telefonar, mas ainda não estava, deixei a mensagem de que tudo estava bem, e então sim, fui-me deitar, para momentos depois me entregar ao esquecimento.

Era cerca da uma e meia da tarde, quando acordei, sem mesmo ter dado conta do mocito, quando veio almoçar, e acordei, devido a um sonho pesadelo, tratar-se de andar de novo, a lavar as floors do Race-Track e com o mesmo colega do dia anterior, continuando a puxar por mim, e agora ia dizendo em voz baixa: hei-de rebentar contigo!... Depois de me sentar na cama por alguns segundos, enquanto esfregava os olhos, pensava no que se passara no dia anterior, e disse para mim mesmo: se calhar o sonho é mesmo verdade? E com esta coisa em mente, decidi não ir trabalhar esse dia, até porque quase era impossível fazê-lo, da maneira como tinha as mãos.

Acordei quando apalancado,
porque era ali que vivia,
meio a dormir, meio acordado,
tomei o caminho errado,
porque tudo me confundia.

P'la noite se confunde mais,
não me parecia ser o lote,
estas confusões são normais
quando as casas são iguais,
em vez do Sul, tomei o Norte.

Como um parvo ali andava
a linda Aurora já rompia,
quanto mais eu procurava
mais longe eu me afastava
da casa onde vivia.

Já tudo começava nos urbanos
lá por volta das seis e tal,
passaram por mim dois fulanos
perguntei-lhes mais por acenos,
mas não tive informação real.

Quando na cidade tudo girava,
há um polícia que passa,
p'ras oito já pouco faltava,
no assento da motorizada
o polícia me trouxe a casa.

Tais confusões são gerais,
e o que a mim me aconteceu
com as casas todas iguais
tem acontecido a tantos mais
e bem mais espertos que eu.

A Ida à Emigração

Como decidi não ir trabalhar, resolvi ir à emigração, sendo a mais próxima do meu lugar, nesse tempo, ali na Bedford, junto da Davemport.

Como não tinha dormido o suficiente, os meus olhos encontravam-se além de inchados, encarnados também, coisa muito usual em mim, sempre que não tenha o descanso suficiente, pelo que não foi difícil justificar a razão da recusa à oferta que me fora feita.

Quando cheguei ali, dirigi-me à recepcionista, a quem apresentei os meus problemas linguísticos, dizendo-lhe que pouco falava de inglês, sendo a minha língua a portuguesa. Foi-me oferecida uma cadeira, e alguns minutos depois veio uma linda jovem, com os seus vinte e poucos anos, e me perguntou num português claro, mas com sotaque de brasileiro: qual é o seu problema? — Era trabalho disse eu... — isto aqui não é o local próprio para arranjar trabalhos disse a jovem, que me perguntou qual era a minha profissão? Mediante esta pergunta, hesitei um pouco até que a jovem perguntou de novo: — sou padeiro... sim, era esta a minha profissão oficial que me deu a luz verde para fugir dali, conseguida por intermédio de um encarregado de uma padaria, a quem eu usava corrigir os artigos que ia mandando para o jornal da sua região, que finalmente também era a minha.

Este homem, conhecia bem a minha situação, e foi ele mesmo que me alertou, a eu estar preparado para qualquer eventualidade, antes que fosse tarde, sendo ele mesmo a arranjar-me esta falsa profissão, mas quanto à arte, nada mais conhecia, além de comer o pão.

A bela moça Hungariana que tinha crescido no Brasil, tal como me contou, pegou no telefone e contactou com alguém, que logo em seguida pôs o auscultador no seu lugar e me diz muito satisfeita: já aqui tenho um trabalho, que julgo agradar-lhe... é numa padaria, começando à meia noite, até às sete da manhã, são

oitenta dólares por semana e um pão para levar para casa diariamente. Não é de rejeitar, disse a moça!...

— Isso era muito bom, mas só que infelizmente para já, não posso traballhar como padeiro, devido ao problema que tenho nos olhos, e até nem sei se poderei voltar a fazê-lo, segundo me disse o médico. A jovem encarou-me de novo e disse: na realidade os seus olhos estão doentes. Mostrou-se triste por eu não o poder aceitar, mas muito mais triste eu fiquei, por não ter qualificação para o fazer.

A jovem empregada da Imigração, passando o lápis pelo seu vasto cabelo, disse: é pena... mas não fique triste, porque alguma coisa se há-de arranjar. Deu-me em seguida a direcção do Unemployment, e em caso de lá não haver quem falasse português, para contactarem com ela, e se nada fosse possível, para ali voltar de novo, a fim de fazer uma aplicação para o Welfare.

Foi esta a primeira vez que ouvi falar em tal nome, e sem mesmo saber o seu significado, mas pensando tratar-se de algum trabalho, mostrei-me logo interessado em fazer tal aplicação, pois longe de pensar que o Welfare de que me falara, se tratava de assistência social, pelo que disse à jovem funcionária: era isso que eu queria!...

A jovem pareceu mudar de cor, olhou para mim e disse-me num tom frio e pouco amistoso... não! O senhor primeiro vai procurar trabalho, porque isto é só em último recurso e o senhor é um homem jovem, e veio para o Canadá para trabalhar, e não para colectar o sistema social.

Tais palavras ouvidas na minha própria língua, foi como que caísse numa cisterna de água gelada, e me confundiram mais, que naquela madrugada à procura da porta, pelo que perguntei de imediato: mas isso do Alferes ou como se chama não é um trabalho?... — Não!... É uma assistência social... respondeu a jovem, para quem não tem trabalho ou dinheiro para a sua sobrevivência, com direitos não adquiridos. — Desculpe-me... julgava tratar-se de trabalho, mas tais Alferes... ainda que tenha que arrancar pedras com os dentes, mas enquanto eu tiver saúde, nunca!... Agradeci á funcionária e deixei o local da Imigração.

No caminho para casa, já tinha esquecido tudo o que se passara nessa manhã, para dar lugar ao que a moça me dissera. Mas eu tinha ido ali, não à procura de qualquer assistência, mas

sim de trabalho. Welfare?... Dinheiro sem trabalhar... não seria para mim!...

Com isto no pensamento, caminhando em direcção a casa, passei em certo lugar, onde tinha andado perdido essa manhã, fixando agora alguns pontos chave, para se não voltar a repetir o mesmo problema. Pensava também nessas noites perdidas em Portugal, para colectar o dinheiro dos colegas, para que as famílias dos colegas presos políticos, pudessem continuar a ter o pão de cada dia. Se tinha sido sempre um indivíduo corajoso, fazendo o que a maioria recusava, como é que eu agora tinha medo de enfrentar um Mop? Não!... Hei-de mostrar a estes tipos que sou o mesmo poeta que era em Portugal.

Quando já perto de casa, calhei a olhar para as mãos, e vi que num só dia de trabalho, já não eram aquelas mãos mimosas de há tantos anos, agora todas esfoladas e cheias de borregas causadas pelo Mop, que desejava ver transformadas em calos, pois afinal que era eu? Boa saúde... bom corpo... e os trabalhos do Race-Track não comiam ninguém, nem os que ali trabalhavam eram superiores a mim. Foi aqui que o meu subconsciente me levou aos tempos de criança na minha aldeia, quando nos trabalhos do campo e com o ancinho, as mãos também se enchiham de borregas, e o grande remédio, era água quente e sal, para a pele calejar. Como estava perto de um comércio, entrei dentro e comprei um pacote de sal, fui para casa, e fiz essa mezincha de duas em duas horas e pelo período de quinze minutos. No dia seguinte, as mãos já não pareciam as mesmas, estavam calejadas e prontas para a luta.

Outro trabalho preferia
sem dizer nada ao patrão
como das mãos não podia
decidi não ir nesse dia
e antes ir á imigração.

Aquela que me atendeu primeiro!
disse-lhe não falar inglês
mas uma jovem ali veio
com um sotaque de brasileiro
me falou em português.

Que deseja? — Trabalho... respondi.
Em tom doce, me diz baixinho
e ao mesmo tempo se sorri...
para trabalho não é aqui!?
Mas espere um bocadinho.

De padeiro, nada podia fazer
tal arte, só tinha o cartão
muito respeito... é bem de ver!
esses que choram por não ter
o tão almejado pão.

Contei-lhe então o sucedido
e diz-me a jovem mulher
não fique assim condoído
se não conseguir, fale comigo
faz a aplicação para o Welfare.

Ao saber do que se tratava
recusei... isso não queria
tal coisa me repugnava
só em trabalho pensava
bem diferente de hoje em dia.

O Segundo Dia de Trabalho

No dia seguinte, expliquei ao encarregado a razão da minha falta do dia anterior, a que este não deu grande atenção, pois uma falta no Race-Track, ou mesmo quatro ou cinco, pouco contava, e até era bom para os restantes, visto que mais horas faziam, sendo esse o desejo geral. Era um lugar que dava sempre para mais um, ou menos um, enquanto não tivessem trabalhos distribuídos.

Desta vez e ao contrário do primeiro dia, talvez para verem do que eu era capaz, mandaram-me só, para uma floor, dizendo-me que mais tarde alguém me iria ajudar, pois lavar uma floor completa, era serviço para dois homens, sem muito tempo para se coçarem.

Comecei por lavar as casas de banho, cervejarias, restaurantes e outros lugares considerados de primeira classe, e só depois comecei na floor. Não tinha ninguém que me puxasse, nem quem me desse ordens, era o encarregado de mim mesmo, mas nem por isso deixei de trabalhar a toda a velocidade, a fim de provar que se os outros faziam, eu também era capaz... e tal maneira de trabalhar meteu-se no meu sistema, que nunca mais fui capaz de trabalhar devagar, nem neste, nem noutro serviço, sempre que se tratasse de produção.

As mãos começaram por ganhar calos em vez de borregas, que era isso que eu queria, o corpo deixou de fazer cambaleios, movendo o Mop com rapidez e firmeza, até mesmo a cabeça não mais perdeu o seu equilíbrio como aconteceu no primeiro dia. Sim, eu vim para trabalhar tal como disse a menina da imigração, e ainda que tivesse de arrancar pedras com os dentes, para trás não podia ir e eu tinha que vencer.

Às onze, ou seja seis horas de trabalho, quando o meu colega considerado o segundo melhor da Track, descia terminando a sua floor, perante a sua surpresa, viu a minha já pronta também.

Nesta altura, chega o encarregado junto de mim, e já depois de ter passado revista a todo o meu trabalho, perguntou-me: quem foi que andou contigo? — Ninguém... fez a segunda pergunta, se já antes tinha trabalhado na limpeza, sendo a resposta não... e sem dizer mais palavra afastou-se de mim, dirigindo-se ao escritório. Tive conhecimento, depois, de ele ter dito ao general manager, nunca ter visto um trabalhador na Track, logo ao segundo dia, ter feito o trabalho de dois, e a partir daqui fui considerado um dos três melhores trabalhadores da Track, sendo os outros dois também portugueses.

Era triste e até contra os meus princípios trabalhar-se assim, dar o seu ao seu dono... mas não desta maneira!... Mas quando uns faziam, os outros não tinham a menor hipótese, o encarregado era italiano, e para calões já tinha os dele, mas a partir deste dia, passei a ser olhado com respeito pelos encarregados, mas talvez não o mesmo, por alguns colegas.

Neste lugar, nunca davam aumento se o não pedíssemos, pelo que perguntei a esse considerado dos três melhores, se já o tinha feito, ainda que sim, mas disse-me que não, pelo que o convidei a irmos juntos, mas este recusou o meu convite, indo eu só. Foi quando soube que já estava com um dólar e sessenta e cinco, e a partir daqui, conclui tudo o que pensava a seu respeito, o mais falso e cínico, com quem já mais lidei, pois mais, e maiores falsidades se haviam de repetir, enquanto com ele tive contactos.

Quando terminava a última Track no Woodbine por volta dos fins de Outubro, eram despedidos os part-times, e os de tempo inteiro, transferidos uns para Greenwood, outros para o General Eventos, com partidas e saídas do Shop em Toronto. Quando o Track terminava no Greenwood sempre depois do Natal, os que não queriam ir para o serviço do Shop, recebiam o papel de Lay-off, e iam para o desemprego, até à nova temporada, que era nos princípios de Maio em diante.

Os operários que trabalhavam durante todo o ano no Shop, sendo a maioria portuguesa, não gostavam de ver ali os seus colegas vindos do Race Track, porque viam as suas horas de trabalho reduzidas, como também a maneira como trabalhavam era diferente, com calma e sem pressa.

Como tinha sido transferido para a Track do Greenwood, onde estive até fechar, por volta dos meados de Janeiro, tal como al-

guns colegas regressámos ao Shop, tendo ido para uma ganga de portugueses, liderada por um tal Marino, oriundo dos Açores e casado com uma rapariga de Mafra. Ainda que alguns da sua Ilha dissessem que ele dava muita atenção aos tipos do Continente, até talvez fosse verdade, porque para ele não havia diferenças, dando atenção a qualquer um que o merecesse. Trabalhei quase sempre debaixo das suas ordens, encontrando nele a tolerância, o respeito e amizade.

Como no Shop trabalhava de dia, fui matricular-me na escola de inglês e também no curso de soldadura, ao Instituto National Of Trade, na Nassau junto a Espadine.

No Serviço do Shop

No Shop, tudo estava a correr bem, mas de repente e sem saber porquê, tiraram-me da ganga do Marino, e puseram-me a trabalhar de noite numa ganga de gregos, onde trabalhava um português dos Açores, que já tinha trabalhado nas gangas dos seus conterrâneos. Ainda que falasse bem o inglês, mas poucos gostavam da sua maneira de ser, porque falava muito e mentia mais, e fazia algumas coisas pouco certas, sem que nele pudesse fazer confiança, mas como falava bem o inglês, que tinha aprendido com os Americanos na Terceira, lá lhe iam dando uma atenção, para às vezes falar por alguém.

Havia já uma semana que trabalhava com os gregos, e por isso uma semana de escola perdida, tanto de inglês como de profissão, com o fim de saber, por quanto tempo ia continuar nesse trabalho, que me estava a privar da escola, pedi a esse português, se ia comigo ao escritório da Companhia perguntar, por mais quanto tempo iria ficar nesse serviço, e se não haveria a possibilidade de voltar a trabalhar de dia, para não perder a escola.

O belo deste indivíduo, disse sim senhor, e lá vamos falar com um dos chefes, mas só que ele não disse o que lhe tinha dito para dizer, mas sim o que muito bem entendeu, que na altura nem soube o que foi, apenas compreendi pelos gestos do chefe, que a coisa estava em desaprovação, foi quando o português se virou para mim e disse: a partir de hoje, ele não te dá mais trabalho, que procures outro lugar onde possas ir à escola, mas não nesta Companhia. É pá!... isso não!... Diz-lhe que não me mande embora, que desisto da escola... vale mais perder a escola que o trabalho. — Eu não vou dizer nada, porque daqui a pouco, também me manda a mim.

Mediante tal situação, estava no Shope a contar o meu azar,

quando entra o Marino já de regresso do seu serviço, e ao ver-me triste diz-me na sua voz costumeira: o que tens tu, patrício do... ao que se deve tal cara de enjoado?... e então contei-lhe toda a história!... O bom do rapaz, ralhou comigo, por não lhe dizer a ele, para fazer este trabalho. — Há aqui qualquer coisa mal contada, diz ele... e sem dizer mais palavra, subiu as escadas e foi ao escritório falar com o chefe saber o que se passava.

Cerca de três minutos depois, foi o chefe que veio cá fora chamar por mim e pelo outro, para voltarmos de novo ao escritório, afim de um melhor esclarecimento. Na presença dos quatro, o Marino disse-me para dizer exactamente o que tinha dito antes, o outro ainda tentou fazer mistura, mas não o consenti, e a tradução desta vez, foi feita na íntegra. Ah!... assim está bem, disse o chefe! Que me mandou voltar para a ganga do Marino, e ao outro, deu-lhe três dias de suspensão.

Foi nesta ganga que agora conheci um jovem, filho de um dos primeiros imigrantes, com vinte e poucos anos, que ainda aqui mandou na escola, pelo que não só falava bem o inglês como também lia, e o escrevia. Era bastante esperto e desenrascado, mas pouco amigo de ajudar os outros, ou mesmo fazer algum favor àqueles que lhe pediam, ainda que sempre dissesse que sim, tirei dele essa prova real. Costumava dizer quando alguém o ocupava: «é tempo de Chica... e cada qual olhe por si!...» Mais adiante irei contar, algo que entre nós se passou, cerca de oito anos mais tarde.

Este rapaz continuou a trabalhar na ganga do Marino, quando deixei o Shop e fui de novo para a Track Woodbine, e como nunca mais trabalhámos juntos no Shop, não mais o vi, nem ao Marino, e foi com grande choque e dor, ao ter conhecimento da sua morte, num acidente de trabalho, numa explosão, quando puxava o lustro numa floor, onde tinham posto verniz. Quando mais tarde falei com esse rapaz, o tal da Chica, que continuou a trabalhar com ele, e assistiu a toda esta tragédia, que só por sorte, não ficou morto também. Esta história, contada por esta testemunha ocular, deixou-me ainda com mais pena e dor do infeliz Marino. E como não conhecia a esposa, nem sabia onde morava, nem tive mesmo a oportunidade de lhe poder dar os meus pésames, e manifestar a grande dor, pelo triste acontecimento.

Quando a saúde nos acompanha
e existe a força de vontade,
não há nada que nos páre
pois o trabalhar é uma arte,
foi assim no Race-Track,
porque havia necessidade
e o orgulho e dignidade
essa que temos que ter
para em nós poderem crer
que temos os nossos valores
para pedirmos aos senhores
a paga que nos é devida
sem ir como a lesma encolhida,
pois quem trabalha tem direito
de nos olharem com respeito.
Pedir-se o justo não é esmolar
mas antes um compensar
pelo sacrifício que se tem.
Não se dá nada a ninguém
sem a justificação merecida,
era sempre o que acontecia
e foi o que o boss fez
no final do terceiro mês
não havia mais altas pagas
e viriam a ser aumentadas
nesse trabalho do mais e mais
era contra os meus ideais
tais lutas desenfreadas.

No Shop não era assim
Trabalhava-se de maneira diferente,
trabalhando de braços e mente,
sem existir tal correria,
só de manhã se sabia
o que é que se ia fazer,
por vezes sem conhecer
onde tal local ficava,
trabalhavam uns de madrugada,
outros pela tarde e noitinha,
turnos que a gente tinha
mas com horas de largar
a longe se ia trabalhar,
onde o trabalho existia,
assim me aconteceu um dia,
quando fui trabalhar com o grego,
como estes não trabalhavam cedo,
à escola não podia ir,
mas tinha que ir pedir
para voltar à madrugada,
a minha língua não falava,
por isso falei ao português
que disse sim, de bom agrado,
mas ia ficando bem lixado
por maldade ou estupidez.

Valeu-me o bom Marino
p'ra ficar tudo claro,
pois este diabo ajoujado
nada fazia bem feito,
mas em conversa, tal sujeito
não era qualquer que o vencia,
às vezes se oferecia,
nisso lhe fiquei agradecido,
mas ia sendo despedido,
se o tal amigo não vai atrás,
aqui conheci o tal rapaz
que falava e escrevia inglês,
se algum dia um favor fez
eu não me lembro de tal,
dizia muito normal
na sua conversa esquisita
que o tempo era de Chica
cada um olhasse por si,
por isso nada lhe pedi
para não ser humilhado
me contou ter testemunhado
esse acidente que acorreu
onde esse amigo morreu,
mas como não tinha a morada
não dei à esposa enlutada
os pêsames por quem perdeu.

A Segunda Morada

Alguns meses depois de viver na Robert, mudei-me para o 304 da Grace Av., a uns seiscentos metros de distância da primeira, para casa de um jovem casal de italianos, o Ângelo e a Caramela. Esta cresceu na Argentina, e ainda que falasse bem o italiano, a sua educação era toda em espanhol, e isso nos ajudava muito, pois sempre nos falava nessa língua, sendo mais fácil para nós. Tinha dois filhos pequenos, um com dois anos e meio, e a mais novita com cerca de ano e meio, uns meses mais nova que a minha filha.

A Caramela não trabalhava, para tomar conta dos filhos, nem mesmo depois da sogra vir da Itália, para vir viver consigo.

Esta mudança foi um alívio e um descanso para a esposa, como até para a criança, já não era preciso acordá-la pela manhã, para a levar à Ama, algumas vezes debaixo de fortes tempestades e frio, agora ficava com a Caramela e os seus filhos.

Esta criança com cerca de dois anos, sentia-se também feliz... arranjou mais uma mãe, a mãe Caramela, além da mãe Ana que já tinha, mais um fartelo, e uma soarela e uma nona. Todos a estimavam como que lhes pertencesse e a tratavam por igual.

Agora a mãe Ana só tinha como preocupação, de trazer pela manhã a comida da sua filha e deixá-la na cozinha da Caramela, e ia descansada, porque quando a filhota acordava, logo ia ter com os seus novos familiares, por quem na maioria das manhãs já era esperada.

O português que aprendeu com os pais logo o esqueceu, para dar lugar ao italiano, língua que nos passou a falar. Quando alguém lhe falava em mãe, perguntava se era a Ana ou a Caramela, e o mesmo se passava com os irmãos, o mesmo não se passava com a Nona, porque era a única que conhecia.

Esta família italiana, que eu tive o prazer de conhecer os familiares de ambos os cônjuges, eram do mais puro e da maior

compreensão e sem o mínimo de mesquinhice, como nunca vi melhor em qualquer raça. Por isso, muito me fizeram e ajudaram, pelo que muito lhes devo.

Neste país, quando há crianças pequenas que têm que ficar nas amas, é muito difícil para as mães, especialmente de Inverno, onde têm que as deixar logo pela manhãzinha, em dias de frio e neve, pelo que ficar dentro da mesma casa, era um alívio e um descanso, e mais, quando se tinha a certeza que a criança era tratada, com carinho e humanidade.

Tinha ouvido a certos fulanos
dizeram mal dos italianos
com o timbre de ódio na voz.
Em todos as nações e sociedades
se faz humanismo e maldades
mas muito depende de nós.

Nos italianos onde vivi
melhor jamais conheci
a quem não posso esquecer!
Não só ajudaram a mim
como aqueles que ali recebi
para tudo mais fácil ser.

A minha filha guardaram
como sua eles a trataram
estes bons italianos,
sem diferenças raciais
provando os bons sensos morais
que os latinos são muito humanos.

O português que a filha aprendeu
bem depressa o esqueceu,
agora era frattelo e sorella
o bom passou a ser bona
a avó passou a ser nonna
era a Mãe Ana e mãe Caramela.

Um dia a gente se apartou
tudo ao antigo voltou
esquecido pela própria idade,
no meio de beijos e abraços
e lágrimas que rolaram nas faces
era o óleo puro da amizade.

Grace, que em português é graça
e sempre que a gente ali passa
olhamos sempre para cima,
são recordações já distantes
a amizade dos seus ocupantes
ainda hoje predomina.

Quando a Track começava de novo no Woodbine em princípios de Maio, todos os anos apareciam caras novas, para ocuparem os lugares deixados por aqueles que iam tentando aqui e além a sua sorte. Outros eram já certos por mais de quinze anos, sendo para mim o meu segundo ano, mas tudo aquilo já me era bem conhecido.

Como me acostumei a trabalhar depressa, já não sabia trabalhar de outra maneira e tinha mesmo dificuldade, sempre que tinha de trabalhar devagar. Acontecia algumas vezes, quando trabalhava com outros companheiros mais lentos e com pouca prática, deixava-os à vontade e ia trabalhar para outro lado, a fim de dar o meu rendimento, e ao mesmo tempo igualar as suas produções na escala positiva, e o serviço estar feito dentro do tempo exigido.

Apesar deste trabalho não ser bom, e nem pagar horas extraordinárias e mesmo sem quaisquer benefícios, mas até gostava de ali trabalhar, pela conveniência em ali empregar aqueles que me estavam chegando a casa.

O Race Track era uma porta aberta, para aqueles que ali me vinham chegando a cada dia, sem inglês, nem profissão, e neste lugar, estando eu ali, não havia dificuldade em lhes arranjar o primeiro trabalho, o sempre mais difícil e custoso de encontrar, e foi ali que empreguei as quatro famílias que recebi nesse primeiro ano, e muitas outras depois.

Vi alguns rapazes que eu ali meti, depois de pouco tempo, seguirem as suas profissões, ganhando mais e com menos sacrifício, tendo horários com acesso a escola, o que neste serviço não tinha o mínimo das hipóteses, onde para mim, só podia ir no Inverno, se nos Shop me dessem serviço no turno de dia. Ainda que andasse de olhos abertos em busca de outro trabalho, para a estação do Inverno, mas foi sempre sem êxito, pelo que mais um ano, ali tive de ingressar, para um nova temporada.

No Shop, nem todos os serviços eram recolhidos, muitos eram também ao ar livre, na limpeza exterior dos edifícios, com temperaturas nada convidativas, por vezes com vinte e mais na escala negativa, por semanas e até meses, como foi no caso de o meu segundo ano no Shop, onde andei por seis semanas, na limpeza exterior, mesmo com uma fogueira que acendíamos logo pela manhã, e mantínhamos acesa por todo o dia, com os restos

de madeira das obras, mesmo assim, quase que gelávamos, nesses piores meses de Janeiro e Fevereiro. Foi neste serviço que eu fiz uma jura, de não voltar ao Shop, e não voltei mesmo.

Quando voltei à Track pela terceira vez, assim que chegou o tempo de férias, a melhor época de arranjar trabalho, comecei por fazer aplicações em vários lugares, tendo-me saído para trabalhar no St. Michel Hospital, nos meados de Outubro, para a escolha de roupa, no departamento do Laundry.

O salário era apenas de um dólar e vinte e cinco, menos cinqüenta céntimos que no Mackeca, que para o tempo era muito dinheiro e até porque só se faziam oito horas, e não se trabalhava aos sábados, como ainda tinha mais descontos que no anterior serviço, não chegando a receber limpos, os cem dólares quinzenais, mais ou menos o que recebia, numa só semana no Rac Track, mas como precisava da escola para o inglês, e de completar o curso de soldadura, este serviço era acessível para isso, pelo que esqueci o dinheiro, e segui aquele provérbio «a perder se ganha, e a ganhar se perde».

No hospital, na hora do lanche e até às vezes depois da hora de largar, e sempre que tivesse alguns minutos livres, ia para junto dos operadores dessas grandes máquinas de lavar, afim de aprender a lidar com elas, pois qualquer dos três operadores, estavam perto de entrar na pensão, e como eram estes os que tinham o salário mais alto do Laundry, dois dólares e dez à hora, vi ali um furo que muito me interessava, pelo que tinha que lutar por ele, e foi o que fiz.

No Greenwood e Woodbine
as Tracks tinham aqui lugar
quem um extra queria ganhar
sempre difícil nessa era.
Todos os anos na Primavera
ali chegavam novas caras,
mas não faziam noitadas
os temporários nas Tracks
eram os homens dos Mapas
que faziam as seroadas.

Aprendi a trabalhar depressa,
Devagar já não sabia!...
mas se andava de companhia
p'ra nomes não me chamar
tentava um outro lugar
puxar não fazia sentido
humilhar um indivíduo
nunca foi o meu princípio,
nem esqueci o sacrifício
que me deixou todo partido.

Este meu primeiro trabalho!
Que em princípio odiei
mais adiante até gostei
já ganhando menos mal
dinheiro o tão desejado metal
falha a muitos e ao português,
à escola voltei outra vez
no horário da sete às nove
é-se sempre mais digno e nobre
quando falamos o inglês.

Em busca desse trabalho
apliquei em muito lado
mas logo era procurado
antes de receber a aplicação
qual a sua profissão?
Mas se não era esta o desejado
nunca mais era chamado
por isso não tinha patrão
sem inglês, era andar de bordão
e por alguém ser amparado.

Nesse mês de Outubro
com a Track já no final
p'ro St. Michel Hospital
para o Laundry eu fui chamado,
serviço porco e mal remunerado
mas era um trabalho de dia
mas como um bom furo ali via
para uma máquina operar
alguém que se ia reformar
ele deixava, o que eu queria.

Numa máquina, um ucraniano
era agora reformado
como trabalhava mesmo ao lado
vinha às vezes dar-lhe a mão
como ia deixar a profissão
este começou-me a ensinar
esses segredos de lavar
em tudo me preparou
e quando ele se retirou
eu fiquei no seu lugar.

Os três operadores destas máquinas estavam à volta dos sessentas, sendo o M. ucraniano o mais acabado dos três, ficando já muitas vezes em casa por doença, e foi com este que mais aprendi neste trabalho, no seu lugar fiquei temporariamente, depois da sua retirada, preenchendo o seu posto, já sem necessidade de qualquer ajuda, por parte dos outros operadores.

Como se tratava de um hospital religioso, todas ou quase todas as secções eram chefiadas por freiras, e o laundry era uma delas. Essa freira, não direi que todos a respeitavam, mas antes que todos a temiam, e quanto a mim, de santidade nada lhe conheci. Pelo sotaque do seu inglês e também pelo que diziam os trabalhadores, era de origem polaca, nunca a vi alegre e de bom humor, sem um único ar de riso para ninguém, ou mesmo falar de maneira amistosa. Quando entrava no laundry, era o mesmo que entrar um comandante no regimento, e os operários não se punham em sentido, mas ficavam alerta.

Já se tinham passado três meses, que estava a fazer o serviço deixado pelo M. como operador, fazendo o mesmo serviço que os restantes e a freira nem água vai... continuava com o triste dólar e vinte e cinco, quando o serviço era de dois dólares e dez.

Num certo dia, enchi-me de coragem e fui ter com ela, e no meu inglês bastante pobre, disse-lhe já estar a trabalhar como operador por cerca de três meses, e o meu salário continuava o mesmo! Ainda que não me pagasse em totalidade, mas pelo menos pagar algo mais.

Esta mulher, que não gostava que ninguém lhe pedisse aumento, e me comprehendeu muito bem, disse-me: estou muito contente com o seu trabalho e a sua capacidade, e até acredito que não eram todos que se agarravam com tal coragem, mas mais dinheiro não lhe posso dar. Esse lugar ainda continua do M. que ainda pode retornar, em caso não, esse trabalho que está fazendo, pode até nem ser para si, porque o seu lugar oficial é na escolha da roupa, e nessa secção, o salário é de um dólar e vinte e cinco.

Sem mais palavra, voltei as costas, e fui de novo para o meu lugar, mas as palavras da freira martelavam-me constantemente na cabeça... mesmo depois, esse trabalho pode nem ser para si!...

A minha ilusão por esse trabalho, que tanto gostava e tanto fiz para o conseguir, com as palavras tão frias, desfez-se como uma bola de sabão, quando levada pelo vento contra um pico que a desfaz, pois isso queria dizer, que tal trabalho seria para todos, menos para mim.

Estava-se nos finais de Abril, os trabalhos do general-clean-up no Woodbine, estavam prestes a começar para mais uma temporada, e o boss já me tinha telefonado que me queria ali ver de novo, pelo que no dia seguinte quando a freira chegou, fui ter com ela e disse-lhe, se quisesse arranjar alguém para o meu lugar que o fizesse, porque no fim da semana ia deixar o Laundry. — Vá quando quiser! Foi a sua resposta em voz de azedume. Uma vez assim, trabalhei os dois dias que restavam para fazer a semana, e segunda já não fui para o hospital, mas com pena do serviço que dei xe, pois tais palavras me desiludiram, mas era preferível a uma humilhação.

Quando se luta p'ra alcançar
por algo que muito gostamos
nada nos pode parar
enquanto não a agarramos.

quando se julga ter na mão
e tal coisa nos é negada
dói mais tal desilusão
que se nos partissem a cara.

Quando julgava ter vencido
de repente fiquei desiludido
até num desalento total.

Quem luta, devia ser compensado,
mas tal direito me foi negado
p'la freira desse hospital.

De Novo na Track do Woodbine

Não pensava em voltar mais à Track para trabalhar em tempo inteiro, mas como os meus planos falharam, não tive outra hipótese. A nova temporada começava em duas semanas, pelo que os trabalhadores do general clean-up, já tinham iniciado a sua marcha, mas só a partir daqui entravam em força.

Nessa segunda-feira, o primeiro dia que ali comecei, para mais uma temporada, encontrei caras novas, além dos companheiros antigos, tanto portugueses, como italianos, que logo me perguntaram se tinha deixado o hospital, ou se vinha trabalhar em regime de par-time. — Ainda não sei — disse-lhes tudo depende das condições. Para já estou de licença... nada dizendo do que se passava, e depois se verá!... Aproveitei aqui para perguntar, se tinha havido algum aumento? — É o mesmo do ano passado — respondeu pouco claro o C. — um dólar e setenta e cinco... então se eu resolver ficar, vamos-lhe pedir mais dinheiro. O mais antigo dos dois, a quem sempre tive como amigo, a sua posição era outra, tal como o seu salário o era também, sabendo que a sugestão não era para ele, nada disse, e o outro murmurou qualquer coisa que não apanhei, muito usual no seu cinismo, quando não queria responder às perguntas que lhe faziam.

Algo me surpreendeu a que não estava acostumado, por parte desse que sempre tive como amigo, não lhe vi aquela fraternidade que sempre lhe conheci, e a minha imaginação, mais uma vez me falou verdade, só que eu desta vez não a quis aceitar.

Já tinha feito negócio com uma casa na Brock Ave., onde ainda não morava por andar em reparações, que causou inveja a alguma gente, pois ainda sem grandes posses e condições, tive que tomar esta decisão, para satisfazer os muitos pedidos daqueles que procuravam uma vida melhor, como os tais sem esperar, me iam aparecendo de vez em quando, e as quatro famílias que vieram nesse ano, já ali as recebi, e ao contrário dos anos anteriores, já os não levei para a Track, preferi tê-los mais algum tem-

po em casa, mas irem para onde pudessem ter um horário, que desse para irem à escola, a Track era só em última instância, e muitos foram beneficiados, especialmente os que tinham profissões, podendo frequentar as escolas e seguirem as suas carreiras, e tantos foram, os que tiveram êxito, sendo para mim, sempre uma alegria de felicidade.

As relações entre mim e o C. na Track, desde o primeiro dia, nunca foram boas, eu porque não gostava de engraixadores e cínicos, e ele talvez, por não gostar dos revoltosos, contra a falsidade e injustiça, e ainda que tenhamos ido juntos por algumas vezes pedir aumento, o que nunca mais se fez, a partir da data em que mentiu, só para não ganhar o mesmo que ele. Assim de costas voltadas, ambos continuámos na Track por algum tempo.

Tal como no ano anterior, quando chegou a altura própria, comecei por procurar trabalho para quando o Woodbine fechasse ou mesmo antes, sair, sem estar pendente, do Shop ou do desemprego.

Entre várias companhias onde fiz aplicações, uma foi os Simpsons, onde trabalhavam alguns portugueses meus amigos, e me diziam ser uma boa casa, bom serviço, bons benefícios e até a paga era das melhores. Com todas estas informações, já depois de ali ter feito uma aplicação, passava pelo personal department perguntar se havia algum trabalho, a cada duas semanas.

Faltava pouco mais de uma semana para terminar a Track no Woodbine, em caminho para o serviço, passei uma vez mais por esse personal office dos Simpsons, e como de costume, perguntei se não havia nada?... — Talvez, disse uma rapariga que já era usual atender-me, e mandou-me esperar, para pouco depois, ela própria me fazer uma entrevista.

Mandou-me ler algumas coisas em inglês já depois de me ter feito várias perguntas, e em seguida disse-me: o seu inglês ainda é um pouco fraco... «Foi muito gentil, em não ter dito fraquinho!» Mas como lê melhor que fala, e este serviço é mais lido que falado, vou-lhe dar o trabalho. É para o Werehouse dos Simpsons & Seares, junto a Queensway e Kipling, abre uma gaveta, e dá-me a morada, dizendo-me o quanto ia ganhar: \$1.95 por hora, o mais alto salário obtido até ao momento. A entrar à meia noite, podendo já começar nesse dia. Apertou-me a mão, desejando-me boa sorte.

Um incentivo à Paz

Os homens que fazem as guerras, são loucos, bárbaros e monstros, mas os que procuram a paz, são prudentes e humanos.

A guerra é a produtora de viúvas e órfãos, de vidas perdidas e mutilados, da miséria e desespero, da fome e a calamidade. A guerra é o símbolo da fraqueza humana, mas a paz é a força do AMOR. Por isso é o júbilo e fraternidade, o prazer e a vida.

Condeno as guerras e os seus donos, que põem inocentes a matar inocentes, enquanto eles, raramente morrem no campos de batalha, mas sim nas confortáveis camas, com os melhores médicos à cabeceira. Admiro e apoio os Homens da paz que lutam e se sacrificam, para que o som das armas possa dar lugar aos cantares alegres da felicidade, tantas vezes odiados, acabando por serem vítimas do seu próprio povo, os mais directos beneficiários dessa sempre desejada paz, mas nem sempre dão valor, a quem por ela arrisca a vida.

Neste livro das minhas memórias, encontram-se algumas cartas, dando resposta àquelas que eu enviei, quer de congratulação, como de pedidos ou sugestões, quase todas assinadas pelo próprio a quem me dirigi. Não é que isto me envaideça ou me dê alguma impotância, mas sim felicidade, em ter recebido alguma atenção, por parte dessas altas individualidades, mesmo nas minhas reclamações.

Como esta página é dedicada à paz, acho propício transcrever a cópia de uma carta de condolências e encorajamento escrita em inglês, que enviei ao Primeiro-Ministro do Israel, Yitzahak Rabin, quando da bomba suicida, que matou vinte e tantos inocentes na cidade de Beit Lid. A sua resposta não se fez tardar, assinada pelo seu punho, mostrando o reconhecido agradecimento, como também a forte vontade em continuar o processo de paz, entre o Israel e Palestinos, assim como com o Mundo Árabe,

tal como o diz, no último parágrafo da sua carta, que eu traduzo em português, talvez uma das últimas cartas da sua vida:

«A nossa esperança é construir um futuro para o nosso país, no qual o ódio e a violência não tenham lugar, e todos aqueles que dão valor à vida humana, prevalecerão acima daqueles que, endurecidos e cruéis, a desprezam».

O Mr.Y. Rabin, nove meses depois de me enviar esta carta, era assassinado na sua própria terra e pelo seu próprio povo, por esses endurecidos e cruéis, com que fecha o final da sua carta.

Quero dedicar estas páginas referentes ao incentivo da PAZ, ao Senhor Y. Rabin e a todos quantos através da História, tombaram barbaramente na luta pela paz, na esperança de construírem um Mundo mais humano e melhor, não para si, mas para as vindouras gerações.

A guerra, maldita seja ela,
Assim como os seus condutores,
São estes responsáveis senhores,
Fazem-na mas não morrem nela!...

A guerra mata e destrói,
Deixando cicatrizes nas mentes.
Com a morte dos inocentes
O General fica um herói.

A guerra tudo tira e consome!...
Com as armas e canhões,
Baleados morrem aos milhares
E pela doença e a fome.

A guerra faz viúvas e mutilados,
Traz o choro, a dor e o pranto,
Sem lar, sem pão e sem manto,
Ficam órfãos abandonados.

A guerra é fugir p'ra não morrer,
Sem olhar aos bens perdidos,
Não respeitam mortos nem vivos
Na cegueira pelo poder.

A guerra consigo tudo traz:
O medo, o desespero e calamidade,
Mas os maiores heróis da humanidade
São todos os que tombam pela paz.

Esta poesia, tirada do coração de um pacífico, é pela memória de todos quantos já tombaram e continuam a tomar em favor da paz.

Antonio dos Santos
80-Punnett Ave.
Toronto M6H 3E3
Ont. Canada

Jan/24/95

To: Mr. Yitzhak Rabin
Prime Minister of the Israel
Tel Aviv Israel

Subject: Message of Sympathy

Dear Mr.Y. Rabin

I want to express my sympathy for all of the families victim's of those Suicid bombs.

I feel very sad because you don't deserve such a thing : Nobody else before has gone so far to bring peace to the region and the World.

It is very hard to make peace in such conditions. But don't give up...! Go ahead with the peace process and God will bless and help you.

I am not a Jew, but I don't have to be to recognize how much you and your government have done to get peace.

I am a peace lover,I admire you,your Minister Mr. S. Peridez and all who have contributed for PEACE.

I really appreciate and THANK YOU,for all you have done.

Sincerely

" "


Antonio dos Santos

ראש הממשלה
Prime Minister

February 8, 1995
ח' באדר א התשנ"ה

Dear Mr. dos Santos,

Thank you for your message of condolence on the recent terror attack at Beit Lid. I deeply appreciate your words of solace and support.

Every death is a tragedy. Every murder, every terrorist attack, robs us of a precious human life and scars the whole nation. All of Israel mourns with the families of the victims and we will always feel their pain and loss.

We will continue our quest for peace despite the terror and day-to-day difficulties, for it is the only way to bring an end to the suffering between the Israeli and Palestinian peoples. At the same time, we will fight those who fight the peace.

Our hope is to build a future for this country in which hate and violence have no place, and in which those who value human life prevail over those who callously and cruelly disregard it.

Thank you again for your expressions of concern.

Sincerely yours,


Yitzhak Rabin

Mr. Antonio dos Santos
80 Russett Ave.
Toronto, Ont. M6H 3M3
Canada

Visto Canadiano para os Portugueses

Portugal era um dos países que não necessitava de visto canadiano para entrar no Canadá. Mas quando foi da invasão das falsas Testemunhas de Jeová, o Governo Canadiano pôs a restrição de Visa aos portugueses, a fim de impedir mais abusos deste género, que só o fez, quando já não era preciso, visto que as avalanches já tinham terminado, e muitos vencidos e desiludido, também já estavam de volta, pelo que, quanto a mim, tal medida, não foi mais que um «Show-Up», feito pelo governo do Mr. Brian Mulroney, a fim de poderem fugir às responsabilidades e críticas, pelas facilidades que lhes deram, tanto nas entradas, como na legalidade de poderem trabalhar, tal como já antes me referi. Mais de dez anos passaram, e ainda estamos sofrendo essa restrição que nos foi imposta, por uma falta que o governo canadiano cometeu.

Só entram por vias legais em qualquer país quem o governo daquele autorizar, de contrário, nem chegaram a sair do aeroporto, não sendo a primeira vez que o Canadá já fez isso, mesmo a Portugeses, alguns dos meus conhecidos, que mais tarde vieram por vias legais. Por esta razão, tal lei do visto, é um remendo mal alinhavado, que não faz o mínimo sentido. Não é que isto presentemente nos faça grande transtorno, mas é por uma questão de dignidade, tal como o afirmo ao Ministro, quando sobre este assunto lhe escrevi, em que digo:

Nós Portugueses, somos uma comunidade das que mais tem trabalhado para o progresso deste país, e por isso merecíamos e deveríamos ter de vós um pouco de atenção e consideração, e não sermos discriminados, quando já levantaram tal sanção à Korea, Hungria e ao Chile, comunidades cujo contributo dado ao Canadá, em nada se pode comparar ao dos Portugueses, e o Governo sabe desta verdade, então por que razão continua a punir-nos? Como um Canadiano Português, sinto-me discriminado e envergonhado por aquilo que estão a fazer nesta restrição.

A prova desta minha reclamação, está na carta que enviei ao Ministro e na sua resposta, que escreve muito e diz pouco, não dizendo quando irá levantar a sanção, mas dando a entender que não estará longe.

Alega também o Ministro que nós Portugueses, mesmo com esta restrição, somos privilegiados com direitos, que outras Nações no mesmo caso não têm. Segundo ele diz, o visto para os Portugueses dá para a permanência de um ano, enquanto para os outros, é apenas para entrada e saída. Não sei se é isto verdade, mas é ele que o diz.

Canadá tem o meu suporte
Na Unidade do seu plano,
És o país mais ao Norte
No Continente Americano.

És grande de solo produtivo
Com tantas riquezas minerais,
Muita agricultura, muito trigo,
Muita criação de animais.

Tens muitos e grandes recursos,
Mas pouca gente p'ra trabalhar,
Dás oportunidades aos intrusos
Que nada dão, só vêm buscar.

Canadá, tu vais entrar na desgraça,
Se não abrires o baralho,
Correres com quem come de graça,
E aceitares que te venda trabalho.

Com protestos de refugiados
Vieram Portugueses p'ra trabalhar,
Estes deveriam ser estimados,
Porque quem trabalha, quer dar.

Mas em troca o que deram a este,
Por tão grande e boa produção!
Tu os humilhaste e lhe impuseste
O visto como restrição!

Dás a quem nada aqui fez
Mais do que aos que trabalham cá...
Pode parecer história do chinês,
Mas é a lei do Canadá.

Antonio dos Santos
80 Russett-Ave
Toronto, Ont. M6B 3M3

Jan/29/95

Mr. Sergio Marchi
Minister of the Immigration
Office of the Immigration
Ottawa Ont.

Subject: Portuguese VISA

A few weeks ago I read an article in a portuguese newspaper regarding issuing Canadian visas for Portuguese people who would like to visit Canada. The Portuguese community is well aware that this restriction was placed to stop those trying to enter the country under false pretences. During the 80's many Portuguese people came to Canada pretending they were Jehovah's Witnesses and claiming refugee status.

But in my opinion, the decision taken by the government made no sense, because the government was aware that during this time there was no persecution of Jehovah's Witnesses occurring in Portugal. Everyone had the freedom of religion, and the freedom of expression. However, the Canadian authorities did not send these people who entered the country under false pretences back to Portugal, rather they allowed them to stay and work in Canada. Although I don't agree with what these false refugees did, we have to recognize that their intention was to work and not to drain the system like many others have. And those that have stayed have proved that

About ten years have passed and that restriction is still on. Recently, the Canadian government abolished similar restriction for the Hungarians, why not for the Portuguese too? Not all communities have done so much for Canada like the Portuguese have, the government knows this...so why are they continuing to be punished? As a Portuguese Canadian I feel shame and discriminated against in this matter. It would be greatly appreciated if you could take some time and look into this, and do the same thing that's been done to the Hungarian community.

Sincerely,

Antonio dos Santos

Mr. Antonio dos Santos
80 Russelt Avenue
Toronto, Ontario
M6H 3M3

MAR 15 1995



Government
of Canada

Gouvernement
du Canada

Dear Mr. dos Santos:-

The Honourable Sergio Marchi, Minister of Citizenship and Immigration, has asked that I respond to your letter of January 29, 1995, concerning visitor visas for Portuguese nationals.

Canada's immigration legislation requires all prospective visitors to obtain a visitor visa, except citizens of certain countries. Exemptions to the visa requirement have been conferred over the years on the basis of historical, economic and cultural ties, the volume of traffic, bilateral agreements, reciprocity and lack of immigration control problems. Approximately 32 million residents of the United States and 3.3 million residents of other countries visit Canada each year, of whom only about 600,000 required visitor's visas.

Over the years, the visitor visa exemption has been withdrawn from many countries, including Portugal. It became necessary to take such action because some residents from those countries tried to bypass regular immigration channels to gain entry to Canada and claim refugee status. This situation was adding to the huge backlog of refugee claimants we already had and was undermining our ability to extend protection to those who had a genuine fear of persecution.

A future decision to retain or repeal a visa requirement for a country depends on the results of our assessment and the nature of controls required to manage immigration from the countries concerned. Visitor visa exemptions were granted in 1994 to Hungary and South Korea and, in January 1995, to Chile. The possible granting of exemptions to about a dozen other countries is under review. No exemptions were withdrawn in 1994 or so far this year.

You may not be aware that Portuguese nationals actually enjoy two benefits that other nationals do not. Because of a Canada-Portugal agreement which predated the withdrawal of the visa exemption, all visitor visas for Portuguese nationals are valid for one year and for multiple entries, while those for nationals of other countries are normally valid for the individual's proposed trip and for a single entry only.

Thank you for taking the time to write and share your concerns. I trust that this information is satisfactory.

Yours sincerely,

Ministerial and Executive Services
Citizenship and Immigration Canada

Em Defesa do Jovem Castro

Quem era o jovem Castro? Era um jovem português que tal, como tantos milhares, tentou a sua sorte, vindo para este país, em busca de uma vida melhor, mas só que para uns a sorte é mãe, para outros é madrasta ou desgraça. Foi isso o que aconteceu a este jovem aventureiro.

Este rapaz, em 22 de Novembro de 1993, quando guiava um carro numa rua desta cidade de Toronto, foi supreendido por uma criança que lhe surgiu na frente do carro, não podendo de maneira alguma evitar o desastre, acontecendo o pior; a pequenita veio a morrer dias depois. Mas para este jovem português, o seu crime não foi atropelar a criança mas sim fugir. A causa da sua fuga, segundo mais tarde se veio a saber, foi devida à sua situação de ilegalidade neste país, assim como por não ter seguro, pois o mesmo lhe tinha expirado no dia anterior.

E quem atropelou a pequenita Parman? Esta foi a pergunta que andou no ar por muitos meses, ainda que a polícia já tivese algumas pistas e suspeitas, mas só veio a público, 15 meses depois, quando o jornalista português ao serviço do Toronto Star, deu por concluída a investigação, trazendo a público neste jornal, quem foi, e onde estava o procurado autor do atropelamento da pequena que sucumbiu desse acidente.

Este jornalista investigador de grande dedicação profissional, tal como o mostra neste trabalho, e outros já anteriores feitos, como se tratava de um português e sendo-o ele também, qualquer outro do seu lugar, certamente pensaria duas vezes antes de tomar tal decisão, não só pelo risco pessoal, como pela fúria da comunidade, quando se é acusado pelos da sua própria raça.

Este jornalista investigador, um dos seus sucessos tem sido os fracos e os azares da gente da nossa comunidade, rebaixando-a sem o mínimo respeito e omiti o brilho, que também dela faz parte, e com tantas coisas boas que a nossa comunidade tem

feito no progresso deste país e no bem-estar da sua gente, nunca se constou que algo tivese feito para bem do seu enaltecimento. Mas há pessoas assim!...

Tal como foi publicado na comunicação social deste país, mais propriamente no Ontário, este jornalista contactou o Castro e sua família em Portugal, e talvez pensando em mais alguma medalha para juntar às que já possui, ouvia-se na comunidade que deverá ter convencido o rapaz, debaixo de algumas garantias e promessas que o público desconhece, a vir-se entregar à justiça Canadâna, sendo isso que este jovem fez, segundo disseram, acompanhado pelo dito jornalista investigador, só que este, ao chegar ao aeroporto de Toronto, foi à sua vida, talvez feliz, cantando mais uma vitória, e o rapaz entregue às autoridades que já o esperavam, e como nada se constou ter feito em sua defesa, indignou a comunidade em geral.

Este foi o primeiro caso na história deste país, que alguém viesse por sua própria vontade e à sua própria custa entregar-se à justiça, vindo de um lugar onde estava salvo e seguro sem direito a extradição. Só isto dava para fazer um reporte a seu favor, de tal maneira que não só lhe aliviaria a sua pena, como também lhe dava uma dignidade pessoal, que abalaria a má impressão que ficou na mente das pessoas, quando do acidente, ter renunciado ao seu dever cívico e moral, mas como isto era algo significante para o rapaz e para a comunidade, não lhe serviu!

Isto revoltou a comunidade, e mais ainda quando o Castro apareceu nas câmaras da televisão com uma face negra, certamente agredido, não sendo do nosso conhecimento, se foi a polícia, se os presos. Foi por este motivo e com receio do pior que lhe pudesse acontecer, a razão por que escrevi de imediato ao Ministro da Justiça, do Ontário, de que o Mr. Castro, reconhecendo o seu erro, apresentou-se com dignidade para enfrentar a justiça, contudo não era um criminoso, mas antes uma vítima do imprevisto, com coragem e humildade, pronto a pagar pelo seu erro, não estando a tratá-lo de maneira correcta e humana, pedindo desde já pela sua protecção. Segue-se a carta que escrevi e a que recebi da Ministra, garantindo ter tomado providências, contactando com os serviços prisionais.

Antonio dos Santos
80 Pumpernickel Ave.
Toronto, Ont. M6G 3W2

March 10/95

Hon. Marion Poid
Minister of the Attorney
General,
10 Bay St., 11th Floor,
Toronto, Ont. M5J 2M2

Subject: Protection to Mr.J. Castro.

Dear Mrs Minister

According to recent news, regarding Mr.J.Castro, accused came from Portugal voluntary to face justice of dangerous driving, causing death to the youngster Harry Fermin.

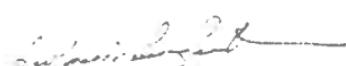
I agree he deserves to be punished for his actions, but he does not deserve to be treated the way he has.

As far as I know, never before has any suspect come voluntary at his own expense to face justice. Just for that, he deserves to be treated with more humanity, because he is not a criminal.

The police or others prisoners have already beat him, and I would not be surprised if they do it again, or even worse. Because the prisoners like to see in jail only who those who are criminals.

For this reason I would like to ask your attention to provide better protection for Mr.J. Castro.

Thank you for your attention, Sincerely I am:


Antonio dos Santos.



Ontario

Office of the
Minister
of
Justice
et de la
Ministère
de la Justice

Ministry of
the Attorney
General
Ministère
du Procureur
général

720 Bay Street
11th Floor
Toronto, Ontario
M5G 2K1

720 rue Bay
11^e étage
Toronto (Ontario)
M5G 2K1

416 326-4000
FAX 416 326-4016

Ref #M95-07252

Mr. Antionio Dos Santos
80 Russett Avenue
Toronto, Ontario
M6H 3M3

APR 27 1995

Dear Mr. Dos Santos,

Thank you for your letter regarding Mr. Jose Castro, and your request for better protection for him in jail.

The issue you raise falls within the responsibility of the Ministry of the Solicitor General. I have taken the liberty of forwarding a copy of your letter to the Honourable David Christopherson, Solicitor General, for his consideration.

I trust that this will be of assistance to you. Thank you again for your letter.

Yours sincerely,

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Marion Boyd".

Marion Boyd
Attorney General
Minister Responsible for
Women's Issues

cc The Honourable David Christopherson
Ministry of the Solicitor General

A sorte para muitos é mãe,
Madrasta para outros, é de ver.
Há os que tudo lhe corre bem,
E aquele que, sem lutar, tudo tem,
Outros que lutam p'ra nada ter

Deixando terras e montes
E os familiares lá na Aldeia,
Atravessando vales e pontes,
Procurando novos horizontes,
A tal luz, que nem sempre alumia.

Não te rias de ninguém.
Quando as coisas más acontecem...
A felicidade é de quem a tem,
E quando julgas estares bem,
As coisas más aparecem!

Para tantos a vida é um revés...
Não te glorifiques ao ver sofrer,
Nem ao ar dês pontapés,
Porque tu não sabes quem és,
Nem o que poderás fazer.

Tem cuidado nas tuas decisões.
Quando o imprevisto te aparecer...
Porque nessas ocasiões,
Sem conhecermos as razões.
Não somos o que queríamos ser.

Tudo é muito original!...
Mesmo sem o direito de perdão,
Sem seguro e ilegal,
Fugir foi o seu pior mal
E a mais desastrosa decisão.

Certamente se arrependeu...
E se pudesse voltar atrás,
Pensado no que sucedeu,
Esse erro que cometeu
Repará-lo não foi capaz.

Tal arrependimento foi provado!
Ao vir cumprir a sua pena,
Talvez algo prometido falhado,
Mas teve a colónia a seu lado,
Acarinhando-o nesta cena.

Chocou-me o meu coração
E me deixou revoltado,
Quando o vi na televisão,
na cara com um negrão,
Por ter sido mal tratado.

De imediato escrevi
Ao Ministro daquela unidade,
Pedindo mais protecção p'ra si.
Aquilo que lhe fizeram e não vi.
É contra o respeito à humanidade.

Cartas à Comunicação Social

Onde estiverem dois humanos, estão duas maneiras de ver encarar as coisas, mesmo que as suas ideias se respeitem entre si, uns mais reservados, cautelosos e prudentes, outros menos conscientes, por vezes demasiadamente optimistas, mas quando numa mútua colaboração, quase sempre tudo termina num amplo sucesso. Mas se as diferenças de ideias não forem respeitadas, tudo pode acabar num pleno fracasso, como até num desastre, se a força das lentes da nossa teimosia não nos deixar ver o prisma da realidade, sem que ambas as partes possam enxergar a luz da compreensão.

É aqui que começa o mal e as divergências humanas, quando as nossas diferenças não são aceites e respeitadas, devido às tendências facciosas, que sempre nos garantem a lei do eu é que sou... eu é que sei...! Este é o grande fraco da sociedade em que vivemos, fazendo com que o calor humano seja cada vez menor, à medida que a inimizade vai aumentando e semeando o ódio entre todos nós. E de olhares opostos, ainda que sigamos pelos mesmos difíceis caminhos da vida, cuja facilidade depende da nossa compreensão e respeito mútuo, mas a cegueira do orgulho e da maldade não nos permite ver essa luz, e assim desunidos, desamparados e sem amor, nos vamos mal tratando, ofendendo e complicando uma vida, que quase todos nós contribuímos, para que continue cada vez mais difícil e espinhosa.

As cartas que se seguem, escritas aos órgãos de informação da nossa comunidade, mostram: a discordância; um alerta à comunidade; uma resposta merecida; e um apelo às Centrais Sindicais.

- 1.º A discordância de quem escreveu um artigo, em defesa do Jornalismo português ao serviço do Toronto Star;
- 2.º Um aviso de alerta à comunidade, afim de não se deixarem iludir, por essa tabém Jornalista do Toronto SUN,

tentando com a sua esperteza, pôr a nossa comunidade em guerra e dividida, em benefício do concorrente político canadiano, na área dos portugueses, para que o nosso não saísse vencedor, nas eleições parlamentares Provinciais de 1995;

- 3.º Uma resposta merecida, a um certo provocador, que por maneira nojenta, insultava esse político português concorrente a essa eleição, com o fim de desviar as pessoas do seu apoio;
- 4.º Foi com o fim de proteger um centro de ajuda aos portugueses com problemas de inglês, patrocinado pelas Centrais Sindicais da construção deste país, Tal apelo foi aceite, ficando assim este centro de novo ao serviço de quem dele necessita, por isso uma vitória feliz.

1.ª Carta

SERÁ O DALE BRAZÃO, UM INOCENTE?... NÃO É CRITICAR... MAS SIM DISCORDAR

(JORNAL NOVE ILHAS, Edição 26, Quinta-Feira 16/3/95)

Li há dias um artigo, nas páginas deste jovem, mas conceituado semanário da nossa comunidade, referente ao caso do nosso conterrâneo José Castro, em que com certa altura, defende a inocência de maneira acérrima do jornalista Dale Brazão. Com as iniciais I.DaS.

Quero aqui deixar bem claro.. não é minha intenção criticar quem escreve, como até lhe dou os parabéns, por tentar acalmar os nervos duma comunidade excitada, e quem faz assim não quer guerra. Mas só que a água, em determinados incêndios, não só não apaga, como ainda incendeia mais.

Em todo este artigo, em que o principal do seu conteúdo, é defender a inocência do Sr. Dale Brazão, apenas só uma coisa eu estou de em total acordo, com quem escreve, quando diz: «por sua culpa,e de alguém, que se querendo aproveitar de umas férias, hotel de borla, etc.». Sim, infelizmente há quem se saiba aproveitar destas situações, para causa dos seus próprios interesses, e é muito provável, se tenha servido neste caso, porque os oportunistas, sempre existiram e continuam, e estão em toda a parte, onde houver humanos. Agora, a partir deste ponto, peço desculpa, e com todo o respeito de quem escreve, mas não posso concordar...

Em certa altura diz: «na excelente reportagem, que o Dale Brazão, ao fim de 15 meses de investigação apresentou ao público». Excelente?... Não para a nossa Comunidade... Calculem só, um reporter ao serviço da investigação... para apanhar o seu conterrâneo, que nem sequer é um criminoso, e com tantos de primeiro grau junto da porta, que não lhe dão qualquer abalo.

Não concordo, quando diz: «Infelizmente fez o seu trabalho!» Eu diria: Infelizmente fez o que não devia!...

Quanto à tal SENHORA, que cuspiu o Dale Brazão, reconheço não ser uma acção bonita mas talvez bem merecida que no meu ver, não chamaria de cúmulo, mas antes de heroísmo, pela sua coragem e dignidade, e não é a vergonha... mas sim o orgulho da

nossa comunidade, pelo sentimento e respeito, que essa SENHORA merece de todos nós, gostaria de a conhecer, para lhe dar um abraço. O Sr. Dale, certamente até estará feliz, de receber uma cuspidela, de uma SENHORA digna, e não ter sido de uma cobra cuspidreira.

Não concordo quando diz: «Não foi o Dale que foi a Portugal para convencer o José a voltar ao Canadá, como bom samaritano!... Isto só o José o pode dizer um dia, mas como a comunidade não é assim tão ingénua, certamente ninguém acredita, que Dale, pode lavar as mãos na água de Pilatos.

Então se este repórter Dale, não tem qualquer influência, em convencer o José, a voltar ao Canadá, porque o acompanhou até ser entregue às autoridades? Defender, sim... mas não desta maneira, é exagero!...

Quanto às suas medalhas, por ser o melhor... ou quem sabe... talvez o pior?... Pelo menos é o que tem feito para a nossa comunidade, por isso, tais medalhas, não nos dão qualquer orgulho, quando se trata de alguém, que só nos tenta rebaixar. E temos neste caso mais uma prova, ao fotografar um palheiro, em vez de casa; com o fim?... Não me chamem a isto um bom reporter, e se é este, o detentor de duas medalhas, por ser o melhor do Canadá, é caso para pensarmos, como isto vai!...

Mais uma vez estou em desacordo, quando diz: «Que havia o Dale de fazer?... ser profissionalmente irresponsável, só porque a pessoa em causa era português?...

Sim... se este Dale, fosse alguém com um pouquinho de respeito pela comunidade, nem aceitava tal trabalho, pois ele foi de livre vontade, por interesse e conveniência, e não tentem convencer o contrário, com a certeza, que não foi para ajudar o Castro.

Quanto à nossa comunidade, já ser quarentona, e que devíamos saber melhor que abrir a boca e etc., etc., estou de acordo com quase tudo, pois não nos devemos deixar arrastar, pelas emoções, pois deve ser agravante, para a pessoa em causa, e não é isso que nós queremos, e nem para isso que discordams, nas nossas teses.

Com todo o respeito, sou:

A. Santos

2.ª Carta:

O MARTINHO E A HISTÓRIA DO DISCO VOADOR...

Jornal a Voz, 2.º Feira, 27-3-95, Edição 308

*Fez o Martinho um pecado...
ou foi mal interpretado?!...*

Escreveu António dos Santos

Há trinta e tantos anos, pouco antes de vir para o Canadá, era eu motorista da Carris, em Lisboa. Ainda que a nossa missão fosse servir o público, tal como nos era ordenado, a maioria ignorava esse dever e, se possível, deixava os passageiros nas paragens, para o caro que viesse a seguir. E... quando o motorista era vagaroso... eram poucos os condutores que queriam trabalhar com ele.

Numa certa altura, andava eu na carreira de Chelas, Praça da Figueira. Ao chegar ao local, por voltadas 5.15 da tarde, tinha de me preparar para seguir de novo às 5.20. Como havia já ali uma grande fila, os passageiros encheram o carro por completo... de que o condutor não gostou, tentando, desde logo, engendrar uma partida...

Este rapaz lisboeta, filho de Alfama, era bom colega, mas alérgico a ver os carros cheios. Assim, tentou enganá-los. E que fez então o bom do Alfama? Vem cá para fora e começa a olhar para o ar. E ao passar por si um transunte, chama-o à atenção, pondo-o, também, acto contínuo, a olhar para o ar, ao mesmo tempo que o Alfama apontava com o dedo, o que chamou, também, a atenção dos passageiros já dentro do carro. É disco, é disco voador! Olá se é!...

Os passageiros começaram a sair do autocarro, um por um, vindo-se juntar a este autêntico actor, cuja finalidade, era, pura e simplesmente, enganá-los. Nem dois «cartolas» de chapéu à diplomata conseguiram escapar a fazer parte dessa peça. Que me lembre... ficou apenas lá dentro um casal de velhotes, a quem os discos voadores jão não incomodavam...

Quando o entusiasmo já era grande, com muitos a dizerem que até via marcianos à janela do disco... chegou a hora da par-

tida e o Alfama escapou-se ao barulho, entrou no carro vazio e dá-me sinal para andar... Era mais uma do Alfama, que se ria que nem um perdidol.

* * *

Certamente, é também o que está a acontecer com a Christie Blatshford a rir-se de nós. Pela nossa ingenuidade, ao aceitarmos a sua peça em que o Martinho é a vítima da fita... E qual a razão, ou melhor, a intenção desta repórter do «Sun»? É muito simples, mesmo para uma pessoa de pouco alcance.

Ela é um repórter e sabe o que se está a passar na nossa comunidade contra o Dale Brazão. Como que em seu auxílio, quer desviar as nossas atenções, para que este seja esquecido por nós... e ela ganhe louros no seu «Sun».

Por outro lado, vêm aí as eleições provinciais e, como há grande interesse no seu voto e no meu... por esses políticos que querem alcançar, à nossa custa, os seus ambiciosos voos! Ora, Silva não é um nome deles. Assim, há que usar a pólvora invisível para que esta seja queimada pela sua própria comunidade. Parece tática política. Quase que apetece fazer apelo para que se abram os olhos... para não haver enganos!

Durante vários anos, em que me dediquei a ajudar a nossa gente — o que ainda continuo a fazer — bati algumas vezes à porta desses políticos, que eu próprio ajudei a pôr nos seus poleiros, em busca de ajuda dos necessitados. Nada obti, além do tal sorriso...

Deixem-me, dizer, nesta altura, que já não estou a tentar defender o Martinho, porque nem sequer o conheço pessoalmente. Sei, no entanto, por amigos que vivem na área que ele representa, que gosta de ajudar nos problemas, o que nunca aconteceu com os anteriores vereadores. Pelo que se deve dar a César o que é de César... e não olharmos apenas para as falhas, se é que elas existem!

Se há alguém que se revolta contra o mal... eu estou também na vanguarda desses *revoltosos*, mas sempre ao lado da justiça, da verdade e da razão. E se condeno a repórter... não condeno menos aqueles que, na base desta falsidade (ou meia verdade), quer por maldade ou por ignorância, lhe têm chamado nomes, que, no meu ver, mostram bem o que são os seus autores...

O Martinho é um humano com defeitos e virtudes, tal como qualquer um de nós. Mas... é um português que (também) representa os portugueses!

3.^a Carta:

**UMA ANÁLISE A UMA CARTA
DO SR. P...
Nove Ilhas, 11-5-95**

Ao Sr. P..., é na realidade pena... que haja na nossa comunidade, pessoas tal mal intencionadas e peçonhentas... sempre à espera de uma oportunidade, para lançarem o eu veneno, sobre certas pessoas da nossa comunidade, deixando esta mais fraca, e cada vez mais desunida. Mas além disso ser um mal, talvez até seja um bem..., pois tais pessoas, vão servindo de válvulas, nas descargas do seus venenos, pois de contrário, não sei o que seria!...

É pena... que haja por aí tanta pena, abrindo a boca, sem o mínimo de respeito por ninguém, ofendendo e provocando, só porque há pessoas contrárias aos seus ideais, esquecendo-se, que em tais circunstâncias, estão-se a desrespeitar a eles próprios.

Nunca fui comunista, não sou, e nem espero vir a ser, pelo que não estou a tentar defender, e nem quero, esses que são acusados como tais, mas quero defender a realidade, essa que me permite ver as coisas, sem as lentes do fanatismo, a mais perigosa doença da humanidade.

Se os comunistas não prestam, os reaccionários ainda são piores, e como sempre amei e adoro a liberdade, condeno os exageros de qualquer das partes, pelo que não estou de acordo com tal carta, porque exagera e provoca, como tantas mais, que se vão lendo a cada dia, neste e noutras jornais da nossa comunidade. Respeitar-se qualquer fracção política, é um direito e um dever, de qualquer cidadão.

O que seria a sociedade humana, se um dia, viesse a existir, apenas um partido político? Está provado que nada pode trabalhar eficazmente, sem a força de duas correntes, até mesmo a luz que nos alumia, deixaria de existir!... Pelo que tem, e deve ser respeitado, qualquer das fracções, mas nunca exageros como este quando diz...

«UM DOS ESGOTOS DA NOSSA COMUNIDADE REBENTOU, LOGO, E COMO AS FEZES CHEIRAVAM MUITO MAL,

OS ESGOTOS VIZINHOS CAIRAM-LHE EM CIMA. ESPERO QUE ME FAÇA ENTENDER».

Pois Sr. P... é quase impossível, haver tanto veneno numa pessoa só, e é mesmo pena, se as pessoas não conseguirem compreender, de que tais palavras, só podem ter saído, de uma boca, mesmo mais nojenta e mal cheirosa, que as fezes desse esgoto a que se refere!... E... ainda mais repugnante se torna, pela contrariedade daquilo que diz.

Numa carta em que todo o seu conteúdo, é só dizer mal... para confundir e dividir a comunidade, e como ainda tem o descaramento, de escrever as seguintes palavras:

«DIVISÕES, INVEJA, OPORTUNISMO E ÀS TURRAS COM OS OUTROS, NUNCA SE CHEGA A LADO NENHUM». É mesmo pena... não ter consciência no que diz. Como são possíveis tais palavras, no final de uma carta, que não faz outra coisa que pulverizar o líquido do seu veneno... que tristeza meu Deus!...

Esta minha carta, é apenas um pouco de desodorizante desinfectioso, para combater o mau cheiro das fezes, ao esgoto a que se refere, e como é óbvio, é provável que até nem goste de tal desodorizante, e eu também comprehendo, que para coisa tão mal cheirosa, deveria ser mais forte, mas posso servi-lo, quando voltar de Portugal, onde já estarei, quando esta for publicada. Sou com o maior apreço.

A. Santos.

4.^a Carta.**CARTA DE UM LEITOR SOBRE OS SERVIÇOS
LUSO-CANADIANOS DE PENSÕES**
Jornal «A Voz» – 11-12-95

Com as maiores saudações, venho muito respeitosamente junto dos Senhores com a seguinte finalidade:

Como é do conhecimento geral, muitos portugueses, membros das Locais 183 e 506 (talvez pela natureza do próprio trabalho, ainda que a maioria tenha inglês para compreender e se fazer compreender nos serviços) estão muito aquém de se poderem exprimir eficazmente, em muitas coisas necessárias do dia-a-dia, tendo para isso que recorrer a terceiros. Tal coisa em nada os desvaloriza, e nem por isso deixam de ser homens dignos e respeitosos, porque o trabalho é a sua nobreza, enfrentando os rigores do frio e do calor e muitas vezes com risco da própria vida, sendo o pão da sua mesa o mais amargo de todos. São também uns dos que mais têm contribuído para o progresso deste país, em benefício de muitos que nada fazem, vivendo à conta do orçamento.

Foi na base das dificuldades desse inglês e para não terem de esmolar favores nesses communities «— centros da comunidade», subsidiados pelos governos com o dinheiro de todos nós, para nos servir por igual e dignamente, o que infelizmente nem sempre acontece — estes membros lutaram, a fim de criar o, «PORTUGUESE CANADIAN PENSION».

Este Centro não trata apenas de pensões, mas de tudo em geral, visto a pessoa responsável, ser altamente qualificada e dotada com o espírito e dom, de servir com zelo e de mãos limpas. Mas infelizmente caiu sobre nós a bomba da desilusão, a notícia de que este abrigo e refúgio de tantos, vai fechar... isto para juntar a tantas coisas más, que nos anunciam a cada instante.

Com tudo o que está acontecendo, é caso para perguntarmos: Que mal fizemos, para que a praga da maldição esteja a cair sobre nós?

São os três níveis de governo a exigir de quem trabalha, mais e mais em cada dia, com impostos e encargos que já não pode-

mos mais suportar, enquanto os benefícios daqueles que já trabalharam estão a ser cada vez mais reduzidos, e, como se tudo isto não bastasse, até as Uniões cujos líderes que elegemos, e a quem apoiamos parecem não quererem saber mais de nós.

Se fecharem este serviço, numa altura em que mais dele necessitamos, visto que as dificuldades trazem necessidades, e este Centro continua a ser o bordão de apoio de tantos cujas únicas possibilidades, estão nos músculos dos seus braços, e não nos conhecimentos linguísticos do país onde residem.

Por esta razão, apelamos a todos vós, para que se decidam pela continuação deste Centro de ajuda.

Sabemos que as dificuldades financeiras em tempos de crise, chegam a todo o lado, e as Uniões não são uma excepção, mas seria preferível, chamar a atenção dos membros, para ver se estavam de acordo em pagar alguns céntimos mais, a fim de se fazer face às despesas que este centro acarreta, caso este encerramento, se fique a dever às dificuldades económicas, por parte destes organismos.

Senhores, em quem continuamos a confiar os nossos destinos, apelamos à boa compreensão de todos vós, para que este assunto seja uma vez mais revisto e analisado, para bem de todos que deste serviço necessitam.

Em representação de um núcleo de membros, sou respeitosamente

António dos Santos

Uma viagem à cidade de Vitória

Canadá é um país cheio de Montes e Rochados e enormes extensões de Planícies, de grandes e pequenos Lagos e Ilhas, de verdura e flores, de grandes centros urbanos e de Castelos de gelo no Ártico, habitado apenas por Ursos Polares e Esquimós, possuidor de dois Mares, Pacífico e Atlântico, onde vivem os maiores mamíferos marinhos. Tem pequenos e grandes Rios, que vão banhando vilas e cidades por onde passam, pois muito poucas são as terras Canadianas que não tenham ou não sejam banhadas por um rio ou um lago, a dar mais ênfase às suas belezas. As suas imensas florestas são o abrigo de toda a espécie de animais selvagens, assim como o lugar apropriado para as varidíssimas aves existentes, se poderem reproduzir. É todo este conjunto de coisas que fazem o Canadá colorido, que sem qualquer exagero é, aos meus olhos, o país mais lindo e belo do Mundo. E quem para aqui vier e nunca saia do lugar onde vive, não pode nem sequer imaginar o quanto é de grande, de rico e belo, este país que nos acolheu.

De Newfoundland Atlântico, a British Columbia Pacífico, a sua diferença de tempo é de 4 horas e meia, com uma distância de Costa à Costa por cerca de 8000 km.. Esta travessia leva seis dias e seis noites de Comboio e seis horas se for de avião.

Toronto, capital do Ontário, é a maior cidade do Canadá, está quase no centro, um tanto ou quanto mais ao East. Até há bem pouco tempo, saíam desta cidade dois comboios diários para Vancouver, mas tal coisa foi alterada!

Foi com o fim de conhecer mais acerca deste país, eu e a família resolvemos fazer uma viagem até Victória, de Comboio, que nos levou três dias e quatro noites até chegarmos ao fim da linha, mesmo com pouco tempo de espera nas paragens. Estas viagens por linha férrea, ainda que um pouco maçadoras, são a melhor maneira de se poder apreciar e admirar estas belezas

inexplicáveis, que a Natureza nos oferece, sem que hajam palavras para exprimir, tudo o que os nossos olhos vêm e admiram.

Estes comboios de longo curso, têm de tantas em tantas carruagens um segundo piso todo em vidro, chamado de «observation», para melhor se poder avaliar essas paisagens que o comboio vai deixando para trás.

Só dentro da Província de Ontário o comboio roda por cerca de 35 horas, por entre milhares de Lagos e Ilhas, algumas bastante habitadas, outras apenas com uma ou duas casas, outras mesmo sem casas nenhuma, devido à sua pequenez. Em muitas destas Ilhotas, cheias de árvores jardineiras e ladeadas das mais variantes plantas, multicolores, com milhares de patos de diferentes espécies divididos em famílias, uns saltando outros saindo da água acompanhados dos filhotes, nos seus sempre cuá... cuá... enquanto outras aves saltitam e voam entre as árvores e o solo, a fim de proverem o alimento dos novatos ainda no ninho. Todo este conjunto de coisas reais, que a natureza não deixa mentir, dá mesmo a ideia de se tratar de um paraíso terrestre, onde também gostaria de viver.

Ainda dentro do Ontário, passa-se também por entre altos Montes, revestidos de grandes matas, para logo em seguida virem as planícies cobertas de verdura, onde os animais domésticos pastam com toda a pacifidade, para logo em seguida se encontrar uma vasta floresta, onde se escondem todas as espécies do reino animal, desde as inofensivas cabritas selvagens, aos mais temíveis e perigosos Ursos pretos do Ontário. Mas as grandes planícies do Canadá, só começam pouco antes da fronteira com a Manitoba, seguindo-se por toda esta Província e da de Saskatchewan, terminando alguns quilómetros já dentro de Alberta, uma distância com mais de 1500 km.

São estas duas Províncias o celeito do Canadá, como também uma grande parte do trigo consumido no Mundo, tendo estas capacidade em produzirem um terço, do que é necessário para abastecer a gente deste Planeta. Não é só o trigo o grande forte destas Províncias, pois têm outras agriculturas e diferentes riquezas, além de minérios, têm também Petróleo, ainda que seja a Alberta a rainha deste ouro negro.

Neste percurso de planícies, encontra-se muito poucas florestas além dos Parques Nacionais, sempre banhados por Rios

em maioria pelo Saskatchewan River, um dos grandes do Norte América, a beleza das cidades por onde passa. Estes Parques são o esconderijo de todo o animal selvagem. A grande floresta, só se volta a ver, no interior da Província de Alberta.

É já bem perto da fronteira com a Bristish Columbia, onde se encontram as primeiras Rocky-Mountains, uma das coisas belas e deslumbrantes da Natureza, que os olhos humanos podem descrever, aquilo que a nossa língua não é capaz de explicar.

Estas Rocky-Mountains, são altas Serras fragosas onde só há vida vegetal na suas bases, e nos píncaros a brancura da neve que nunca finda, dividem-se entre si por essas Ribeiras, com a água derretida do gelo existente nos seus cumes, pela força do Sol, nos meses quentes do Verão, aumentando a corrente do Fraser River, um dos grandes Rios do Canadá, e do Norte América.

Este rio é bem conhecido pelo Deep Canyon, o seu caudal é apertado entre duas Serras quase encostadas, aumentando com facilidade o seu nível, que mais acontece de Verão, quando o calor é intenso. Também é pouco ou nada navegado, devido à agitação das suas águas, com constantes e fortes remoinhos, tornando-se o Rio mais perigoso do Mundo, o que não deixa de ser deslumbrante essas águas movimentando-se enfurniladas, sem se saber para onde vão e a razão por que tal acontece!

Na margem esquerda a caminho de Vancouver, a pouca distância do Rio, passa a Trans-Canada High Way, enquanto à direita, talvez mais próximo ainda, é o comboio, com o barulho do seu rolar, parece fazer uma melodia ao acompanhar o Som da águas movediças, sempre que batem nas paredes fragosas das suas margens, e assim seguem neste conjunto sonoro, até perto da terceira maior cidade do Canadá, e uma das mais atraentes e belas do Mundo «Vancouver». Os seus jardins, os monumentos, a sua Harbour-Front, Arquitectura dos seus modernos edifícios, reflectindo nas águas vizinhas, com as suas altitudes a desafiar as Serras logo em frente, cobertas de intensa floresta, mas como sempre, os pontos mais altos a mostrarem o manto branco, a veste de todos os dias, fazem-na uma cidade de beleza ímpar.

Mas como não era aqui o final da nossa viagem, tivemos que apanhar o autocarro, que nos iria levar ao Ferry Boat, para mais uma viagem de hora e meia sobre as águas do Pacífico, a distân-

cia que separa a Ilha da Mainland. O Navio que nos levou, tal como os restantes naquele serviço, com três pisos para carros e dois para pessoas, uma lotação de mais duzentos carros e três mil passageiros, com um intervalo de vinte minutos, é o suficiente para o tráfico nunca descolar nas estradas da Ilha. Ao chegarmos ao cais, pensamos estar na Victoria, sendo apenas a cidade de Sidney, uma antes do nosso destino. Nesta Ilha, em que muitos como eu, julgam haver apenas uma cidade, mas nesse tempo eram três, estas duas e uma mais ao Norte chamada de Duncan.

Nesta Ilha que todos conhecem por «Victoria», é nela onde se encontra o Parlamento do Governo Provincial. Este lugar é privilegiado com o melhor clima do Canadá, é para aqui que uma parte da gente reformada se mudam, não só Canadianos, como também Americanos, mais do vizinho Estado de Washington. E também devido ao clima, o motivo por que esta Ilha em qualquer estação do ano é um verdadeiro canteiro de flores, talvez por isso, que lhe chamam o jardim do Canadá.

Este lugar, tão cheio de coisas naturais, não dá sossego à nossa mente para gravar as belezas que vemos. Entre outras coisas, tem algumas praias, onde as pessoas vão veranear, ainda que poucas usem estas águas nos seus banhos, devido à sua frigidez, é sempre mais fria e mais doce na estação do Verão, por motivo das descongelações da neve, sendo este o sinal vivo dessas águas que vão correndo para o Mar.

E aqui no Museu Provincial, vi algo de mais importante, jamais visto em qualqr outro Museu Canadiano. Entre muitas outras belezas há uma talvez a única no Mundo... «O BUTCHRT GARDENS». Milhares de pessoas semanalmente, vindas de várias partes do Canadá, dos Estados Unidos e do Mundo, vêm visitar este Parque, cuja arte e beleza é impossível explicá-lo, mesmo vista, não é possível descrever o que vemos.

Depois de três semanas, com novos e importantes conhecimentos acerca do que é este país, voltámos as costas à cidade de Victoria, com rumo a Toronto, usando a mesma maneira de transporte, mas só que agora viemos pelo Norte, a fim de visitar e vermos outros lugares e cidades importantes, tais como: Edmonton e Saskatoon, estas divididas pelo Rio Saskatchewan, que logo me fez lembrar a grande Paris. Muitas outras belezas que vímos

e apreciamos, ficaram guardadas nas nossas memórias, que manteremos como recordação deste país, que amo tanto, como aquele que me viu nascer e crescer, e o deixar com as lágrimas nos olhos.

Valeu a pena conhecer-se algo desconhecido tão importante, para o enriquecimento da nossa cultura geral, ao mesmo tempo com o que vimos e aprendemos, sentimo-nos mais fortes e responsáveis, na luta pela preservação e defesa do meio ambiente, tal como todas as coisas ligadas à Natureza, sem as quais o Mundo, não pode ser Mundo, porque lhe falta a vida!

Aqui termina uma viagem
Que valeu a pena fazer,
Com tanta beleza e paisagem
Que é impossível descrever.

Aqui dou por findo um livro
Que descrevi para todos vós,
Se não houver amor contigo
Também não o podes ter por nós.

Adoro ouvir as melodias,
Nas noites serenas não frias,
Nos campos longe da cidade...

Quem não respeitar a Natureza.
Não ama a Deus e de certeza
Também não ama a humanidade...

Toronto, Canadá. Fevereiro/97
António dos Santos Vicente

FIM

Considerações Finais

Quero agradecer ao meu compadre Dr. António Lourenço, não só pela sua revisão, como também pelo encorajamento e incentivo posto nesta obra.

Ao meu sobrinho Dr. Rui do Vale Vicente autor do desenho da capa, que teve a gentileza de fazer e me oferecer.

Aos Srs. leitores, por escolherem as minhas obras para o prazer das suas leituras, sem tal apoio, não é possível novas obras, nem novos escritores, pois são eles os júris na consagração de quem escreve.

Aos que ajudei e não só, que me deram toda a liberdade de poder trazer a público os seus nomes, que não só dão mais ênfase a este livro, como também uma prova da realidade destas histórias.

Aos outros, autores de algumas destas cenas reais, agradeço também, mesmo por esse sim..., que mais me pareceu um Não... É, como compreendi, o desejo de serem ocultados, tal como aqueles a quem não me foi possível pedir, e outros a quem o não quis fazer, escondi tudo o que vi que os podia indentificar.

Aquele de quem recebi ingratidões, em troca do meu humanismo e lealdade, não há para esses qualquer gratidão, mas também não revelo ódio ou desejo de uma vingança. Pois como disse Jesus Cristo: «perdoai-lhes, pai, porque eles não sabem o que fazem!» E é a esse pai que estou grato, por tal me fazerem corajoso aventureiro, onde a palavra «Não» não mais me humilhou ou me fez perder a dignidade. Além de me tornar mais experiente e activo, fiquei ainda mais humano. Sem tais dons, por certo não desenvolveria algumas das minhas capacidades, sem as quais não seria possível ajudar esses que se chegam junto de mim para um auxílio. Também não teria tido a oportunidade de vir conhecer os bancos de um College, e nem as minhas mãos de saberem controlar o leme de um Barco, sob a minha responsabilidade.

O pouco que fiz foi por AMOR,
E em troca disso nada quis,
Nem tão-pouco me julguei superior
Aos que receberam o meu favor,
Por isso me sinto feliz...

Nas difíceis ocasiões
Tentei sempre fazer o bem,
Sem alertar multidões,
Porque honras e condecorações
São para os que se julgam alguém.

Fazer bem sem publicidade
É um grande dom dos mortais,
Mas para grande mal da Sociedade
É o humanismo de vaidade,
P'ra disfarçar seus ideais.

Não me sinto arrependido,
Ainda que triste e magoado,
Sem saber por que motivo
Hoje sou por tantos desconhecido
Aos quais mais fiz no passado.

Estas passagens e histórias reais, são apenas algumas mais vivas na minha memória, pois há muitas outras não menos importantes que gostaria de descrever, só que não foi possível fazê-lo, devido à limitação do tamanho do livro. Mas penso ser o suficiente para que o leitor possa compreender que não é preciso ser-se poderoso, rico ou intelectual, para se poder fazer algum bem em prol de quem necessita.

Se é certo que não podemos endireitar o Mundo, como seria o desejo de todas as pessoas de boa vontade, não é menos verdade que muito podemos contribuir para uma melhoria, se cada um de nós deixar de pensar demasiadamente em si e nos seus sucessos de riqueza, de conforto e prazeres, tantas vezes sem o controlo de consciência.

Neste caminho para a eternidade em que só passamos uma vez, são poucos os ricos e poderosos que estão na construção de um Mundo melhor, mais abundante e de igualdades sociais, mais justo e humano, mas sim aqueles que dedicarem e sacrificarem as suas vidas, em favor dos desprotegidos indefesos, abandonados sem carinho e sem pão. Estes são os desaparecidos imortais, sempre queridos e lembrados pelos desprotegidos da lei da sorte, através das gerações.

É ao lembrar-me destes, que trocaram um vida de conforto e prazeres, por uma de limitações, de risco e de miséria que me sinto deprimido com a minha consciência, por tão pouco ter feito, e pelo que podia e devia e não fiz! Mas como somos humanos, estamos sujeitos às falhas da imperfeição, mas mesmo assim, se houver força de vontade e amor ao próximo, podemos e devemos fazer esse pouco, cada um de acordo com as suas capacidades, e será esse o caminho, para um Mundo mais próspero, mais justo, mais pacífico e humano.

Dou o ponto final nesta obra
Da vida difícil de Imigrante,
Que tanto sofre e chora
Com saudade do país distante.

O Emigrar é uma aventura,
Mas tantas vezes forçada,
Nessa vida difícil e dura,
Com paga tantas vezes negada.

Para vencer tudo se faz!
À pátria que deixa atrás
Há sempre o desejo de voltar.

Fazem-se tantos planos que falham,
Porque as raízes se espalham
E o obrigam a ficar.

A pedir também se ajuda

Estava-se na Primavera de 1986, era um Domingo de Céu azul sem nuvens, com um Sol quente, cujo brilho se fazia reflectir na humidade do solo, ainda não completamente descongelado, as árvores e plantas começavam por desabrochar os botões das suas flores, para mais uma criação do reino vegetal.

Gosto muito de ler, e sempre que o tempo o permite, depois dos meados da Primavera em diante, de o fazer ao ar livre, para melhor poder ligar a leitura à Natureza, como até reflectir com mais entusiasmo e realidade, essa leitura que nos prende, quando há algo de interesse. Para usufruir esse ar puro e o Sol amistoso sempre esperado com ansiedade, neste país, onde o frio é sempre o comandante chefe, a quem todos se curvam e respeitam... é meu costume ir ler para as traseiras da casa, junto a um pequeno quintal, onde existe uma mesa debaixo de uma latada, sem que nessa altura, houvesse ainda ramagem, para nos protegermos do Sol, o sempre desejado amigo, que nem sempre o calor directo é aconselhável.

Por essa razão, enquanto não vinha essa ramagem protectora, usava um sombreiro, que ia mudando consoante a rotação do Sol, sendo isso que fiz nesse dia para prazer da minha leitura, que constava as «MARÉS» do Alves Redol, que já tinha começado a ler no dia anterior.

O sossego humano era quase total, pouco mais se ouvia, além do chilreiar das aves sempre num vai e vem, anunciando com alegria o fim do seu cativeiro, da estação invernal, e o começo de mais uma Primavera, e o início dos preparos para mais uma criação, tal como mandam os regulamentos da própria lei da Natureza.

Parei a leitura para apreciar dois melros, provavelmente casal, que vinham junto de mim, onde havia um pequeno monte de palhuço, carregando no bico as palhas, para voltarem em seguida. Numa amizade e união, partilhavam o trabalho entre ambos, sem

resmungos, mas felizes. Isto me fez pensar, o quanto esta e outras espécies tem para nos ensinar, se deles quisemos aprender!... Com isto na mente, esquecime da leitura, das aves e de mim mesmo, adormeci e nem mesmo o Sol, agora já sem a interferência do sombreiro, me quebrou a sonolência que alimentava um sonho, que o meu subsconsciente julgava verdadeiro e me transmitia felicidade. Eis o sonho:

Deus que nos fez à sua imagem e semelhança para que seguíssemos as suas leis e caminhos, mas como menosprezamos e desobedecemos às suas ordens, nos tirou o raciocínio, e assim entramos no Mundo Selvático, sem que fôssemos mais o rei dos animais, mas sim no mesmo pé de igualdade. Com obediência ao animal chefe, não havia armas, prostituição ou droga, não vandalismo, nem crime, nem poluição, todos tinham a responsabilidade de angariar os seus próprios alimentos inclusive o chefe; todos tinham que cuidar dos seus filhos —, e estes ao atingirem a adolescência não mais dependiam dos pais, entrando no mundo da sua própria responsabilidade. Não havia impostos pagos pelos que trabalham, em benefício daqueles que nada querem e nada fazem, não havia a lei dos dois pesos e duas medidas, do bem-estar e abundância exagerada de uns, em sacrifício e miséria de outros, e todos vivíamos na paz e felicidade, sem ganância e sem ódio, não precisando de mudar de país, em busca de sobrevivência.

Deus voltou para nos levantar o castigo e nos trazer de volta ao Mundo dos racionais, e todos recusaram, pedindo para que não fosse imposto tal castigo, em voltar a viver nesse Mundo sem lei, sem paz e amor, onde reina o crime, a violência, o ódio e a exploração. A nossa prece foi aceite, e quando nos abraçávamos felizes, de repente acordei, com o barulho de alguém que falava e caminhava entre as casas, em direcção aonde me encontrava. Era a esposa, trazendo consigo uma família recém chegada ao Canadá, ainda ilegal, e sem ordem para trabalhar, por isso procurando uma ajuda. E foi o que fiz, no dia seguinte escrevi ao Ministro da Imigração, a carta que se segue em inglês. Houve outros que também pediram por ele, e o seu apelo foi aceite, tanto na ordem de trabalho, como na legalização.

O monte das palhas já tinha desaparecido, e no cume da garagem, as aves cantavam alegres e felizes, talvez por saberem que nós, humanos não pertencemos ao seu reino!...

Antonio dos Santos
80 Pussette Ave
Toronto, Ont. M4H 3W3

May/3/1986

To: Minister of Immigration
Immigration Office
Ottawa, Ont.

Subject: To give my Help.

Dear Minister.

Let me take this opportunity to certify to you, that Mr. and Mrs Cas--- of
Snow St. Toronto, have been my friends for many years, recently they came to Cana-
da, and I know, they need of my assistance. They are honest and very good people,
and I believe they will be good workers, when they have permission to do so. I
know they would like to live here. If any assistance is necessary for them to
stay in Canada permanently, I will take any responsibility for them.

I came to this country many years ago, with two of my three children. Since
then I have always taken great pride the that achievements of this nation are
the product of contribution and hard work, this enriches the quality of life avail-
able to all Canadians.

I have always been proud to be a Canadian for good, and for bad. I will be
very glad, if Canada give Mr. Cas and his family, the same opportunity that I
had many years ago.

Thank you for your attention.

Sincerely



Antonio dos Santos

Já estávamos na Primavera!
Com as árvores a desabrochar
Nada se semeara na terra
Porque ainda se estava à espera
De calor para a descongelar.

O Sol companheiro amistoso!
Sem preconceitos raciais
Sempre humano e carinhoso
Às vezes se torna perigoso!
Quando o abraçam demais.

As aves nas suas chilreadas
Nos seus voares bem ligeiros
Trabalham sem serem mandadas
Felizes, sempre apressadas
Sem saudades dos cativeiros.

Tanto as aves como animais!
Deles muito podemos aprender...
Têm coisas nobres e morais
Envergonham os racionais
Que não devíamos esquecer.

A pensar nisto, adormeci!
Sonhei, que perdi a minha imagem
Deus me puniu, porque não cumprí
E como o raciocínio perdi
Mandou-me p'ra vida Selvagem

Não foi para mim penalidade!
Viver na selva só de animais
vivíamos em comunidade
não havia autoridade
porque todos éramos iguais.

Sem drogas nem ladroeira
Tudo trabalhava p'ra comer...
Não havia uns de barriga cheia,
Outros sem casa nem beira
Nem prostituição p'ra viver.

Não havia privilégios especiais...
Para esses de duas barrigas
Nem compaixão p'ros criminais
Todos tinham direitos iguais
Sem dois pesos e duas medidas.

Não havia políticos baratos!
Só pensando no seu bem-estar
De melhores nos mais finos fatos
Comendo nos mais finos pratos
Quando há tantos a mendigar!

Estava feliz... Mas Deus ordenou!
Em voltar a normalidade...
Na Selva tudo ficou
Nenhum dos punidos voltou
P'ro Mundo da Humanidade.

Nisto acordo sobressaltado!!!
Junto de mim alguém falava...
Era um casal necessitado
Que precisava de ser ajudado
Neste Mundo, onde de novo voltava.

Triste, por ser um sonho de Fada
Em vez de sonhos reais...
Porque essa Selva que deixara
Era mais humana e civilizada.
Que neste Mundo dos mortais.

Os Falsos Refugiados

Neste Mundo imperfeito, cheio de coisas boas e más, houve sempre e haverá os tais vigaristas oportunistas, estudando sempre a maneira de conseguirem dinheiro fácil, como até em alguns casos, as fortunas mal adquiridas, chamadas de riquezas sem trabalho, pelo que vão inventando novas e diferentes armadilhas sedutoras, para que as suas presas humanas lhes caiam no laço, sugando-lhes tudo o que têm, e por vezes mesmo o que não têm, ficando cheios de dificuldades financeiras e até mentais, por muito tempo, e em alguns casos, até para o resto da vida.

Foi o que aconteceu a muitos milhares de Portugueses, nos meados da década oitenta, quando da invasão das falsas Testemunhas de Jeová, a pedirem refúgio ao Canadá, alegando serem perseguidas em Portugal. Esta, uma das tais invenções destes vigaristas de caneta, com agentes no Continente e nos Açores, e com alguns anúncios nos jornais citadinos, das grandes facilidades e garantias, dadas por estes burlões, de poderem vir trabalhar para o Canadá.

Mesmo que esta, para uns aventura, para outros necessidade, lhes tenha custado muitas dezenas de contos de réis, em favor desse tais, foram muitos milhares de pobres inocentes e indefesos, a cair nesta cilada. E se é certo que muitos debaixo de grandes dificuldades, sacrifícios e ajudas, conseguiram vencer, não é menos verdade, que tantos outros, se empenharam para realizar o sonho de uma aventura, e nada conseguiram além de uma desilusão, que certamente irão recordar para sempre.

Tal exploração não teminou quando pagaram as suas vindas, pois era apenas o começo. Os cabecilhas deste invento, eram alguns dos tais Solicitadores de Imigração, que iriam representá-los perante as autoridades Canadianas, nos processos das suas legalizações, sendo isto o tal «pinga pinga», de uma grande parte dos seus incomes. Mas para aqueles que não tinham aqui família

ou amigos, sujeitos a viverem em lugares por estes arranjados, foi para alguns chocante, a maneira como viviam e como eram explorados. Muitos voltaram de imediato, e tantos outros, só não o fizeram, por não terem dinheiro para as passagens.

Claro que o Governo Canadiano conhece bem as testemunhas de Jeová, através da maneira limpa como declaram os seus impostos, por isso não mentem, aqueles que na realidade o são. Por isso, bem sabedores de se tratar de uma falsidade, mas como havia muito trabalho na construção, e esta é dominada em maioria pelos Portugueses, não só os deixaram entrar, como até lhes deram ordem para trabalhar, pois havia nisso conveniência, tendo decorrido para alguns bem e para outros não só mal, enquanto houve trabalho, mas quando este terminou, as coisas tornaram-se feias para a maioria destes com situações ilegais, sem direitos sociais, e alguns mesmo sem dinheiro e sem esperança numa legalização. No meio desta situação, uns de bolsos cheios, com a miséria dos que não tinham para viver, começaram os comícios de compaixão e solidariedade, chamando a atenção dos governantes, para se fazer algo por esta gente.

Por esta razão, escrevi uma carta ao então Primeiro-Ministro, Mr. Brian Mulroney para que houvesse uma compaixão para esta gente, mesmo que tenham mentido. As suas finalidades era trabalhar, e todo o que quer trabalhar deve ser ajudado, visto que o trabalho é a riqueza de uma Nação. Nesta carta expressei também a minha insatisfação, pela maneira imprópria como fui atendido, no departamento de imigração da minha área, quando ajudava um desses necessitados, tendo este caso, por despacho do Ministro obtido a concessão de permanecer no Canadá, até segunda ordem, vindo mais tarde a adquirir a sua legalização.

Estas cartas que se seguem em inglês, são a prova dessa reclamação, como também a mola real, da legalização desta família que ajudei, e de tantas outras abrangidas por este apelo.

Este Mundo está uma Selva
E as feras vivem nela
Espreitando a ocasião
Com esse instinto feroz
Matam e roubam a todos nós
Tantas vezes sem punição.

Ladrões de truques e palheta
Mas o de gravata e caneta
é para mim o mais ladrão
Com inventos e habilidade
rouba com menos piedade
Que tantos de armas na mão.

Estes pobres aventureiros
Despejaram seus mealheiros
Para os bolsos desses burlões
É certo que alguns venceram
Mas outros tudo perderam
Até mesmo as ilusões.

Estes falsos refugiados
Muitos pagaram p'los pecados
Por tantas mentiras ditas
Estes que lhes arranjaram a Visa
A uns tiraram-lhes a camisa
e a outros deixaram-lhas as fitas.

Office of the
Prime Minister



Cabinet du
Premier ministre

Ottawa K1A 0A2
August 6, 1986

Mr. Antonio dos Santos,
80 Russett Avenue,
Toronto, Ontario.
M6H 3M3

Dear Mr. dos Santos,

On behalf of The Right Honourable Brian Mulroney, I would like to acknowledge and thank you for your recent letter in which you express your dissatisfaction with the service provided to you by your local immigration office.

The Prime Minister has asked me to thank you for bringing this matter to his attention and to advise you that a copy of your correspondence has been forwarded to The Honourable Gerry Weiner, Minister of State for Immigration. As you are aware, responsibility for enquiries such as yours falls under the Minister's jurisdiction.

Yours sincerely,

Marilyn Sloan

Marilyn Sloan
Special Assistant

Office of the Minister of State
for Immigration



Cabinet du ministre d'État
à l'Immigration

OCT 21 1986

Mr. Antonio dos Santos
80 Russell Avenue
TORONTO, Ontario
M6H 3M3

Dear Mr. Santos:

Thank you for your recent letter concerning Portuguese immigrants.

As you may know, the Government is in the process of making extensive reforms to Canada's refugee determination system with a view to simplifying and improving it. Owing to its complexity, the present refugee determination system is open to abuse by persons seeking to evade immigration requirements or to delay their removal from Canada. The new system will discourage such abuse by identifying refugees much more quickly.

As a deterrent to those making false refugee claims, the Minister of State for Immigration has sought the cooperation of his provincial counterparts in Ontario and the Law Society of Upper Canada in controlling the minority of unscrupulous consultants and lawyers who are improperly counsellng citizens of Portugal about immigration laws. The activities of these suspect consultants and lawyers have created difficulties for the majority of law-abiding immigrants and visitors from Portugal. These counsellors, therefore, are presently under investigation by the RCMP and, where possible, will be brought to justice.

I wish to assure you that the Government recognizes the contributions that Portuguese immigrants have made to Canada over the years. These achievements have in no way been diminished by the control problems the Commission has recently been experiencing.

Yours sincerely,

Departmental Assistant - Immigration

cc: Office of the Prime Minister
85 Sparks Street
Blackburn Building
OTTAWA, Ontario
K1A 0A2

Sugestões enviadas ao Primeiro-Ministro Canadiano

O Canadá é um dos países que tem uma das melhores assistências sociais do Mundo, e no caso da saúde, é sem sombra de dúvida mesmo a melhor. Estes benefícios, como é óbvio, requerem sacrifícios de quem trabalha. Só é pena, quer no Canadá, como noutras países onde existe esse bom nível de vida, com direitos sociais por excelência, haja sempre a tentação do abuso ao Sistema, com a falta de respeito e disciplina para com tudo e com todos, inclusive para com eles próprios, porque a fartura por vezes também é um grande mal, e sem querer apontar o dedo a ninguém, mas é a juventude, os mais beneficiados deste bem, ou os que mais sofrem deste mal.

Para muitos que nunca quiseram estudar e serem alguém na vida, ou arranjarem trabalho, como qualquer pessoa responsável e honesta, sem que sejam deficientes físicos ou mentais, fazem destes direitos uma profissão para sempre, enquanto tantos sem saúde, trabalham diariamente sabe Deus... em favor destes cheios de saúde e vícios que nada querem, porque também nada precisam de fazer para viver, nem mesmo de irem buscar o cheque (este lhes vem pelo correio). E tal como diz o ditado: «menino sem ocupação, ou dá em estroina ou em ladrão».

Esta juventude falhada, bem conhecedores, não dos deveres mas dos direitos, tornam-se arrogantes e indisciplinados, desobedecendo a tudo e a todos, sendo os pais os maiores sofredores dos impulsos liberais e juvenis. Como os pais não podem disciplinar os filhos, sob pena de irem parar à prisão, ou têm de os deixar fazer tudo o que querem livremente, ou impor-se e não os receber de volta. Mas tal medida, a única ainda não punida pelas autoridades, tem sido a que mais desarmonia tem dado entre cônjuges, levando por vezes a separações e divórcios.

Assim, muitos são os jovens de ambos os sexos que aban-

donam as famílias e os lares, apelando para esses serviços sociais, entregando-se à droga, à prostituição e a toda a sorte de actos imorais, inclusive o crime e o roubo. Muitos destes jovens não chegam a conhecer o brilho e a flor da mocidade, com os seus corpos ainda em crescença, vão servindo de colchões, de corpos de pessoas rudes, sôfregos e alienados por sexo, dilatando-lhes as falanges do corpo e da mente, como até doenças incuráveis. A emoção dessa loucura acaba sempre com um filho antes da idade própria, que o contribuinte, mesmo sem querer, é mais um que tem que sustentar.

E de quem será a culpa desta realidade tão comum? Será da própria juventude, ou do Sistema governativo? Talvez das duas partes, com maiores proporções do Sistema. A maioria da gente, quer jovens quer adultos, que entram neste círculo vicioso, são poucos os que retomam o trabalho, e os que nunca tiveram, também não estão nisso interessados. Esta é a grande razão, por que se encontra muita gente moça no Sistema social, sem que os governantes tomem uma decisão, para impedir este abuso, que afecta a todos nós.

Foi com isto em mente que escrevi a carta que se segue, em inglês, ao Primeiro-Ministro Canadiano, Mr. Brian Mulroney. A carta que ele próprio assinou, não diz muito, mas nesse pouco diz ter guardado na sua mente as minhas sugestões. A sua resposta foi a 29 de Junho/87 e no final do mesmo ano, saía uma lei, para quem o desejasse, se podia retirar-se aos 60 anos, não dando contudo os 100%, mas mesmo assim é mais vantajoso que esperar pelos 65 anos. Não foi o que eu queria nem o que pedi, mas foi aquilo que milhares, já por muito tempo esperava. Não vou dizer que foi a minha carta que trouxe esta nova lei, mas quem sabe... se calhar até foi mesmo!...

Temos muita juventude boa felizmente, que eu muito admiro e considero, com os parabéns pela sua firmeza e coragem, como sabem dizer não, à droga e a todas as coisas perversas e que os faz por excelência os nossos Homens do amanhã.

Antonio dos Santos
90 Russell Ave
Toronto, Ont. M6H 3V3

June/9/87

Mr. Brian Mulroney
Canadian Prime Minister
Ottawa K1A 0A2

Subject: Some Suggestions

Dear Mr. Prime Minister

I will not pretend to be your adviser, or tell you what you should do. No... I want will be your supporter again, and nothing else.

But would you like to be re-elected with a majority on the next election...?

Would you like to reduce the crime level in Canada...?

Would you like to reduce drug problems...?

Would you like to have a higher level of production...?

Would you like to do something good for all Canadians...? It's very simple:

The unemployed between the ages of 19 to 28 are a big problem, not only because our nation spends millions of dollars to support them, but also more than 75% of the crimes committed in Canada are performed by these unemployed ones. Drugs are also a big problem too.

If these unemployed people had jobs, then many of these problems would be eliminated. But how can you give them a job when it is not available...? This is the key of my letter.

If the government changed the retirement age to 60 years, with full benefits or even close, the jobs from these retired people, would be enough for the younger ones. The money that the government or nation has to spend for early retirement, could come from the money the nation pays to support those now on unemployment and on Welfare.

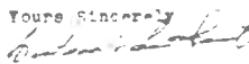
The older citizens would be very happy, because they would have a few more years to enjoy the life they've worked so hard for. The young and unemployed, would also be very happy for they would have jobs. This way the labor force with young energy could be more productive. The crime and drug problems would be reduced, and the nation would spend almost the same, or even less. There would only be a change from the young to the older citizens.

If you were to do this, it would be wise decision for the benefit of all Canadians, and for our great nation.

I guarantee you Mr. Prime Minister, that on the next election, you will be re-elected as Prime Minister of Canada with a big majority.

Please accept this letter as my hope for the best.

Yours Sincerely



Antonio dos Santos.



PRIME MINISTER · PREMIER MINISTRE

Ottawa, K1A 0A2
June 29, 1987

Dear Mr. dos Santos,

Thank you for your recent correspondence.

In the months ahead we will be responding to many of the issues our country is facing, and I will keep your comments in mind. We will be building on that solid base of achievement we have already created in such areas as economic renewal, fairness in our social policy, national reconciliation and a constructive foreign policy.

With every good wish,

Yours sincerely,

Brian Mulroney

Mr. Antonio dos Santos,
80 Russett Avenue,
Toronto, Ontario.
M6H 3M3

Nos tempos da minha crescença
Não se falava em assistênciá
Em toda essa zona isolada.
Nem órfãos nem viúvas
Nem os pedintes das ruas
Já mais ouviram tal palavra.

Sem reformas nem subsídios
Nem mesmo abono p'ros filhos
Nada havia para ninguém.
Tanta vez a miséria apertava!
O alimento dos filhos faltava
Até ao menino o leite da mãe.

Os recursos e a dificuldade
Era quase uma igualdade
Para muitos que ali moravam
Trabalhando antes do tempo
Crianças sem alimento
Por vezes até desmaiavam.

Foi o viver dessa pobreza
Nos ensinou uma certeza
Que nada vem sem lutar!
Bom seria, nos nossos dias
Esses que só querem regalias
Pensassem mais em trabalhar.

Canadá, te amo como ninguém!...
Quero dizer-te p'ra teu bem
Que tens por aí muito Pardal!
Nada querem fazer p'ra te dar
Somente te querem apanhar
O teu fundo social.

Canadá, estragas os nossos filhos
Por isso alguns dão em vadios
Por os não deixares disciplinar
Crescem sem freio nem travão
Droga, crime e prostituição,
Com tudo mais a acompanhar.

Se ainda puderes fazer caridade
Já há tantos que têm necessidade
Desses, que ainda te querem ajudar
Quem tem saúde e não quer
Em vez de lhes dares o Welfare
Põe-os antes a trabalhar.

Foi por esta e outras razões
Que enviei algumas sugestões
Ao Primeiro deste País.
Pôr os mais velhos a descansar
E os sem trabalho em seu lugar
E tudo ficaria mais feliz.

História da Família Salgado

Na casa do 84 Russett-Ave. duas casas ao Norte da minha, vieram morar dois jovens casais portugueses, cada um com seu filho, ambos de pouca idade, com três e seis anos.

Como era de Verão e estava de baixa, passava uma grande parte do meu tempo na varanda, lendo algus livros, o meu passatempo preferido. Estes ao passarem em frente da minha casa, começaram por dar os bons dias, tornando-se bons conversadores, e em pouco tempo, sem nunca nada lhes perguntar, sabia toda a sua vida. Segundo dizia o José, não sabia porquê, que confiava tanto em mim, como se eu fosse seu pai.

Este José que trabalhava na construção civil, um certo dia aleijou-se no serviço, sendo levado para o hospital, tendo depois da alta, ficado aos cuidados de um especialista, que não falava nem tinha ninguém que falasse português. Como o seu inglês não era de fiar, pediu a minha ajuda, a fim de ficar seguro que nada haveria de errado. E foi a partir daqui que me revelou aquilo que ainda guardava para si... É que tanto ele como a esposa, estavam ilegais, ainda que ambos tivessem ordem do governo para poderem trabalhar, estando o processo das suas legalizações em curso, sendo de quando em vez chamados para perguntas.

A partir desta data, não teve mais que se preocupar em arranjar a pessoa, para lhe fazer a interpretação, sempre que era chamado para depor, nesse departamento do governo, pelo que comecei a viver também este seu problema. Costuma-se dizer: «quem anda com um coxo, ao fim de três dias, coxeira», pois ainda que tenha andado bastante tempo, ajudando dois coxos, por diferentes ocasiões, não foi a coxeira que eles me pegaram, mas sim o mal dos seus problemas, que passei a vivê-los também, até que os mesmos foram resolvidos, e felizmente o foram de maneira positiva, com esta família foi a mesma coisa.

Quando o José recebeu a ordem de deixar o país, com um filho de três anos aqui nascido, e a poucos meses do segundo, este problema que só a si dizia respeito, vivi-o também, pensando dia e noite qual seria a maneira de os poder ajudar, tendo por fim tomado a decisão, em fazer um apelo ao Primeiro-Ministro deste país, a fim de uma compaixão para com este casal, mencionando o estado da esposa, assim como todos os seus valores, capacidades e virtudes, acompanhado de toda a minha ajuda e apoio, tomando toda a responsabilidade sobre mim. A comprovar esta realidade, está a cópia da carta enviada ao Primeiro-Ministro, então Mr. Brian Mulroney.

Em tantas cartas que escrevi, por diversos assuntos e a vários departamentos ministeriais, foi a primeira vez que recebi a resposta verbal e com a maior presteza.

Iam decorridos seis dias, desde o envio da carta, quando o telefone toca, era uma chamada do Ministério da Imigração, perguntando quem era este Senhor Salgado, visto haver mais dois em iguais circunstâncias, e precisavam do número do processo, que por lapso me esqueceu de mencionar, na carta que enviei.

Três dia depois, o telefone volta a tocar, era a mesma pessoa, para me dar a mensagem, e a fazer chegar ao Mr. Salgado, de que o apelo tinha sido aceite e ignorar a tal ordem. O seu processo iria seguir as formalidades da lei. Transmiti a mensagem tão saborosa ao casal, assim como o nome de quem a enviou, ficando estes a saltar de alegria.

Cerca de seis meses depois, tinham os papéis da legalização, com o visto para entrarem no Canadá, pelo que tinham de sair, para entrar de novo, e receberem o estatuto de Imigrante. Sem necessidade de se deslocarem ao país de origem, foram ao México e ao entrarem, receberam aquilo com que sempre sonharam, por isso felizes, assim como eu, por ter feito o que pude, para essa tão grande felicidade.

Antonio dos Santos
80 Russett Ave
Toronto, Ont. M6H 3V3
Phone (416) 535-1552

Sep/19/89

The Honourable Brian Mulroney
Prime Minister of Canada
Office of the Prime Minister
Ottawa, Ont. K1A 0J2

RE:

Reference for
Mr. & Mrs. Salgado
4L Russett Ave.
Toronto, Ont.

Dear Mr. Prime Minister

I would like to take this opportunity to extend to you my congratulation for all you have done for our great nation and for all of us Canadians. Both my family and I wish you and your government continued success at bettering our nation.

I am writing to you to indicate my willingness and desire to provide any assistance within my ability to help the above-referenced Salgado family attain permanent residency status in Canada. I am prepared to be their guarantor if that is what is needed for them to achieve legal residence in Canada.

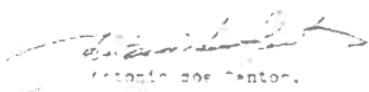
Mr & Mrs Salgado have been in Canada since June 21st, 1986, but apparently have been residing in Canada as illegal aliens. For some time now Mr. Salgado has been legally working in Canada, but now he has been told he has to leave Canada.

Mr. and Mrs Salgado have a three years old boy and are expecting a second child in two months' time. They would like to have their child born as a Canadian and be allowed to live out their future here as well, and I would like to help them for they have become my friend. I have found Mr. and Mrs Salgado to be responsible people with strong social values. They are honest, hard working and very good people. I feel that they possess the high standards which would make them excellent candidates for permanent residence and citizenship in Canada. As a Canadian, I further feel that our community can benefit from their daily economic and social contributions.

If further reference or detail is required regarding my willingness to sponsor Mr. and Mrs. Salgado's bid to attain legal residence in Canada, please feel free to write to me at the above address or to telephone me at any home at (416) 535-1552.

Thank You for your attention

Very truly yours,


Antonio dos Santos.

Office of the
Prime Minister



Cabinet du
Premier ministre

October 10, 1989

Mr. Antonio dos Santos,
80 Russett Avenue,
Toronto, Ontario.
M6H 3M3

Dear Mr. dos Santos,

On behalf of the Right Honourable Brian Mulroney,
I wish to acknowledge receipt of your correspondence.

I would like to thank you for writing to convey
your views to the Prime Minister. It has been noted that
you have already addressed a copy of your letter to the
Honourable Barbara McDougall, Minister of Employment and
Immigration. You may be assured that the Minister will
give your comments every consideration.

Once again, thank you for writing.

Yours sincerely,

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Ann Walker".

Ann Walker
Special Assistant

A vida é cheia de encontros
Com encruzilhadas no caminho,
Mas são sempre os desencontros
Que nos fazem mudar o destino.

Uns dos outros precisamos...
Foi ontem, hoje e será sempre!
Por isso nos aglomeramos
P'ra nos ajudarmos mutuamente.

Todos temos algo para dar.
Se nisso houver vontade,
E tu também podes ajudar,
Dentro da tua capacidade.

Se faço o bem, fico contente.
Mas tanta vez fico a pensar:
Este esquece tão de repente,
Mas se é mal, é para durar.

Usa tua capacidade,
Ajuda e combate o mal.
Se te for negada a amizade
Não foste só tu por sinal...

História da Falsa Dívida

Numa linda manhã de Março, quando o Sol já ia a meia altura, e a sua luz se fazia sentir com um brilho de diamantes, sobre os montões de gelo acumulados em frente das casas vizinhas, que quase fazia perder a visibilidade das pessoas que iam passando nas ruas escorregadias, devido ao gelo que o Sol ainda não tinha derretido. Por esta razão, tive de voltar a casa em busca dos óculos de Sol, para me poder proteger desses raios solares.

Eram cerca de dez horas, quando deixei a casa com destino ao escritório do membro do Parlamento da minha área, para fazer já nem me lembro o quê...

No caminho passei por uma mulher e uma jovem dos seus doze anos, que mais tarde soube ser avó e neta, que também se dirigiam para o mesmo local. A mulher para se poder defender dessa luz brilhante que reflectia da neve, puxou à frente o lenço da cabeça, que quase não se lhe podia ver a cara, contudo ao passar, pude observar que derramava algumas lágrimas dos olhos, que naquela altura não me foi possível saber se era devido ao Sol, ou se por alguma dor ou desgosto.

Ainda que eu chegasse primeiro ao local que a mulher, esta foi primeiro atendida, por já ter feito a marcação. Foi atendida numa sala ao lado, e como tanto a avó como a neta falavam num tom altaneiro, mesmo sem querer ouvi toda a história, concluí ser alguém que trabalhava debaixo do nome e do Insurance Número do marido, e como fugia ao pagamento dos impostos sobre o seu «income», o governo ia pedindo contas ao pobre do seu marido que nada tinha a ver com o caso, pelo que a mulher andava à procura de uma ajuda, para resolver este problema fiscal, que nem lhe dizia respeito, mas só porque o nome e o número era igual, era a este a quem o ministério pedia contas.

Nesta história que acompanhei palavra por palavra, observei

que as palavras na boca da neta para serem transmitidas ao senhor, mudavam de sentido e vice-versa, devido ao fraco português da jovem, e talvez esta fosse a razão porque a senhora saiu dali mais desalentada e confusa, por não ter recebido uma ajuda nem mesmo uma esperança. A carta que trazia consigo vindas do governo, dizia se não pagasse a dívida no prazo de trinta dias, seria feita uma penhora aos seus bens pessoais. Esta foi mais uma desilusão para juntar às outras onde já tinha pedido ajuda e sem qualquer êxito, porque as pessoas a quem recorreu, não estavam dispostas a perder o seu tempo e até dispêndios, só para resolver problemas que não eram seus.

Como ouvi que a informação dada não foi a mais eficaz, quando a avó e a neta saíram, eu saí também, e fui ao seu encontro, a fim de a poder ajudar, pois deu-me pena ver a mulher a chorar, por estar a ser vítima da maldade e da injustiça dos homens, e pela negligência e falta de respeito deste sector governamental, por não actuarem de maneira eficaz e punirem os transgressores, em vez de mandarem com a responsabilidade para cima dos inocentes e indefesos, como foi este caso, já com conhecimento de se tratar de uma falsidade.

Depois de me certificar que o homem nada devia ao governo, ao contrário dos outros a quem já tinham recorrido, fui em busca da raiz, donde vinha a causa desse grande mal, e descobri ser um clandestino, sem se saber como, trabalhava ilegalmente debaixo do seu nome e do número do cartão de trabalho e ia fugindo ao fisco, não pagando taxas sobre o «income» recebido, dívida que recaía sobre o verdadeiro e inocente, M.A.

Este homem doente e quase cego de uma vista, que já devia estar a receber a assistência social, mas ainda trabalhava numa Sinagoga de Judeus, era assim acusado de trabalhar também em duas Companhias construtoras e não declarar esse «income», por isso considerado desonesto perante o governo. Depois de muito trabalho, o Sr. M.A., pôde mostar ao governo a prova da verdade da sua inocência, sem que nada tivesse de pagar a quem o ajudou, a conseguir essa prova, e as cartas que se seguem em inglês mostram bem não ter sido fácil esta vitória, que só com as suas armas, certamente teria sido perdida, e era talvez pensando nisso, que a pobre mulher chorava.

Já depois de ter enviado as provas da sua inocência, continua-

ram a mandar esta e outras mais cartas ignorando toda a verdade, pelo que tive de escrever em seu nome a carta que junto se segue:

Nessa manhã o Sol raiava
na neve do grande nevão,
Vi uma mulher que chorava
mas não sabia a razão.

O choro a arma dos fracos,
de quem não se pode defender,
Vamos pagando pelos ingratos
mesmo sem nada se dever.

Se não se descobre a verdade
Canta vitoriosa a maldade,
E sem culpas o inocente pagando,

Quem pode ajudar não quer,
A razão por que esta mulher,
Nesse caminhio ia chorando.

Antonio dos Santos
90 Russett Ave.
Toronto, Ont. M6H 3M3 May/21/90
On behalf of the Mr. M. Aguiar

To: Minister of
National Revenue
Ottawa, Ont.

Subject: Letter of Complaint. Toronto, Ont. M6H 2H6

Dear Minister,

As an honest taxpayer, I strongly feel I have been mistreated by Taxation Centre in handling of my income tax affairs. They have continually accused me of misrepresenting my income over the past four years even after I notified them in 1988 that someone else was using my name and Social Insurance Number to earn income. They have ignored my claims and have treated me as guilty until proven innocent ('an obvious mockery of the Canadian Justice System') and instead of investigating my claims themselves, they have forced me to obtain proof of my innocence in order to satisfy them of my honest claims! If someone is illegally utilizing my name and SIN to avoid paying taxes is it not their responsibility to investigate the issue and bring this person to justice...? Or must taxpayers like myself do their investigating and information gathering for them to prove their legal cases?

Two years ago, I brought this situation to their attention (i.e. that someone must have been illegally using my name and SIN to earn income) after additional earned income from two companies was attributed to me, starting in 1986. Yet they ignored my statements and the same situation continues this year with requiring me to pay income taxes on income I have not earned!

I have had to visit my local taxation office to obtain the names and addresses of the two companies where this income was illegally earned in my name (Crime Maguire Contracting Inc. of 5903 Yong St. suite 103, Willowdale, Ont. and Afonsa Masonry of 733 Brock Ave., Toronto, Ont.). Further, I have had to approach these companies myself to request proof from them that the individual using my name and SIN was not myself. I have obtained this obvious proof ('the individual working for these companies with my name and SIN was in his mid twenties') and submitted it to my local taxation office. (copies enclosed)

Now subsequent to all of this, I have received a letter from Taxation Centre threatening to take legal action against me for failure to pay income taxes on this additional income which was obviously earned by someone else illegally using my identity!

For years, they have ignored their responsibility to investigate the situation themselves and now, even after I have done their work, they continue to ignore the proof and leaving me distraught with their threats of legal action.

Please look into this immediately. I am looking forward to relief from the emotional stress that all this has caused me!

Sincerely,

Aguiar. →

On behalf of
Antonio dos Santos

Minister



Revenue Canada
Taxation Revenu Canada
 Impôt

Your file: Your reference:

Aguiar

Our file: Our reference:

Toronto, Ont.
M6H 2H8

S. J. Steck
Room 201 E
(416) 973-9072

May 15, 1990

Dear Aguiar,

Re: 1986, 1988, 1989 Income Tax Arrears
Account Number:
Balance: \$2,464.54

Although this debt was previously drawn to your attention our records show that it is still unpaid.

Failure to pay the full amount within fifteen (15) days may result in legal action without further notice.

If the amount has been paid, please accept our thanks and disregard this notice. However, if payment was made more than 15 days ago please provide details.

Yours sincerely,


for Chief of Collections
Department of National Revenue, Taxation

April 25th 1990

Afonso Masonry Ltd.
732 Brock Avenue.
Toronto, Ontario.
M6H 3P2

To Whom It May Concern

This letter will confirm that as per the attached photo identification, Mr. Jorge Aguiar, of Toronto, Ontario., S.I.N. has never worked for our company.

If there are any further details required on this matter please do not hesitate to contact me at your earliest convenience. Thank you.

Yours, Truly,
Jorge Afonso
Afonso Masonry Ltd.

-5-

PRIME MASONRY CONTRACTING INCORPORATED

5803 YONGE STREET, SUITE 103
WILLOWDALE, ONTARIO M2M 3V5

May 9, 1990

TO WHOM IT MAY CONCERN:

RE: M. Aguilar

TORONTO, ONTARIO S.I.N.

We have been requested to make a positive physical identification of the person known as Manuel Aguilar.

We confirm the bearer of this letter is not the person known to our firm by the name indicated above.

At the bearer's request, a copy of the 1986 TD-1 Rev. Canada Form filed by the employee at time of employment has been attached herewith.

Yours truly

PRIME MASONRY CONTRACTING INCORPORATED

V. Catalfo (Mr.)

att.l

Canadá, até quando o será?

Canadá, o segundo maior país do Mundo, com cerca de 10 milhões de quilómetros quadrados, e vinte e nove milhões de habitantes, que dá um quilómetro por cada três habitantes, é assim um dos países do Mundo menos habitado, é também uma das nações mais ricas em recursos naturais. Tem petróleo que chega para si e vender, tem toda a qualidade de minerais necessários à vida humana, desde o carvão, e sal, até ao ouro e diamantes, sendo a sua agricultura uma das mais produtivas e abundantes. Trigo por exemplo. O Canadá, se pudesse cultivar toda a sua terra disponível, teria capacidade de fornecer uma terça parte do trigo consumido no Mundo.

As suas leis constitucionais, fazem-no o país mais livre, mais democrático e mais humano do Globo. Como prova dessa realidade está o facto só à sua parte, acolher 67% dos refugiados de todo o Mundo. É também o país que se dá ao luxo de dar a qualquer pessoa que aqui chegue, legalmente com mais de 65 anos, mesmo sem nada ter produzido para o país, uma reforma equivalente aos actuais cem mil escudos mensais em Portugal, junto de todos os outros benefícios sociais, reservando-lhes o direito de poderem passar seis meses nos seus países, sem qualquer dedução. Mas se quiser viver permanentemente no seu país, de forma alguma perde essa reforma, apenas lhes tiram parte dela. Se me fosse contada tal coisa, eu não acreditaria!... E igualmente diria, não poder ser, se me dissessem também os que trabalham e pagam para tudo isto, estão muito aquém de receberem esses dinheiros, como até certos benefícios, o que faz revoltar quem trabalha, e com justa razão!...

Tal como já me referi em certa altura neste livro, isto não é um bem, mas sim um mal, porque os oportunistas são muitos e os que trabalham, ao verem-se diminuídos perante esses sugadores que a lei protege, acabam por concluir que o melhor caminho é

entrar também no círculo vicioso, usando o tal... «Quando acabar, é para todos!» É tudo isto que está a causar os grandes problemas económicos, que trazem consigo a desunião e mal estar, como até uma possível divisão no país.

O Quebec, a maior e talvez a mais rica província deste país, que fala francês, há muitos anos os seus separatistas querem deixar a união, e só ainda não aconteceu porque o povo tem tido uma vida boa, e ninguém quer arriscar o certo pelo duvidoso, mas com a vida a ficar cada vez mais difícil e com maiores encargos fiscais e menos benefícios, é a dar de bandeja o sim, aos separatistas, ainda que me custe a ter de aceitar essa realidade.

A Democracia e liberdade quando controlada, é a coisa mais bela e valiosa que o humano pode conhecer, mas quando exagerada e não respeitada, é um desastre, mesmo pior que ditadura, e só porque um país é democrático, vai deixar que ele fique dividido em courelas, tal como aconteceu na ex-Jugoslávia e na URSS? Não... um país não é uma herança para se dividir em pedaços. Não queria ver o meu Canadá desfeito assim! Mas os grandes países que reconhecem e apoiam essas divisões, não as permitem nos seus territórios, mas sim a unidade, ainda que esta seja mantida pela força, e nisto estou de acordo, pois mais vale um país unido pela força, que em liberdade dividido e sem ordem. O Canadá, já por muitos anos, é uma pera cobiçada pela América, e é bom que os Canadianos tenham isso em mente.

Foi na base dessa união, para um Canadá Unido, que escrevi ao então Primeiro-Ministro, Brian Mulroney, uma carta, que obteve resposta, que ele próprio assinou pelo seu punho, como se pode verificar nas cartas que se seguem.

Se compararmos as cartas, recebidas do gabinete do Primeiro-Ministro Português, que nada mais diz, nem nada mais recebi, além de: «mereceu toda a atenção...» com as destes políticos Canadianos, que respondem ao que se lhes pergunta, e sempre que a correspondência é considerada «First Class Mail», são eles próprios que decidem as respostas, confirmando-as com as suas assinaturas. Mostra bem a falta de apreço de uns, e o grande interesse de outros, em saber e receber as sugestões do cidadão.



PRIME MINISTER / PREMIER MINISTRE

July 3, 1990

Dear Mr. dos Santos,

Thank you for your letter regarding the Meech Lake Accord.

While it has not been possible to complete ratification of the Accord, your strong support and words of encouragement are indeed most appreciated.

As I said in my June 23, 1990 address to the nation, Canadians have always overcome challenges to our unity and we shall do so again. The promise of a truly united, generous and tolerant Canada remains, and will eventually prevail. I can assure you the federal government will continue to pursue policies designed to fulfill that promise.

My June 23 address outlines my perspective on this most important issue, and I have taken the liberty of enclosing a copy of it for you.

Once again, thank you for your thoughtful letter.

Yours sincerely,

John Mulroney

Mr. Antonio dos Santos,
80 Russett Avenue,
Toronto, Ontario.
M6H 3M3

MEU CANADÁ

Canadá tu ainda és
O segundo maior do Globo,
Em paz e unido num todo,
Gostaria que o fosses sempre,
Nunca tu me saís da mente
Pela grande humanidade,
Quando na minha dificuldade
Recebi de ti a guarida,
Em troca dei-te a minha vida
E toda a força do meu ser,
Orgulhei-me em te ver crescer
Ajudei a essa prosperidade,
Deste a todos a possibilidade
De trabalhar livre e ser alguém,
Mesmo não sendo a pátria mãe
És para mim tanto ou mais,
Ofereci-te as raízes originais
Que aqui já se plantaram
Cresceram e já desabrocharam,
Porque a vida é mesmo assim,
Ficando maior o teu jardim
De certo ficará mais forte,
E eu prometo dar-te o suporte
Enquanto no mundo andar,
Às vezes eu fico a pensar
Que te hei-de amar além da morte!...

Amo-te tanto oh Canadá,
Porque tens coisas tão nobres,
Sendo rico, amaste os pobres,
Dando abrigo aos desprotegidos,
Tantos que aqui chegavam fugidos,
Por falta de liberdade e pão,
A todos lhes pegaste pela mão,
Como um pai a um filho que chora,
Nunca mandaste ninguém embora,
Por religião ou política,

Mas há sempre quem faça crítica,
Tantos mal agradecidos
E esses que me eram conhecidos,
Que eu próprio ajudei
Tudo o que sabia lhes ensinei.
P'ra coisa não ser tão má
E não se culpar o Canadá,
Por aquilo que gostávamos de ter,
Para uma vitória vencer
Faz-se das tripas coração!
E tantas vezes regar o chão
Com o suor do próprio rosto,
Sem nunca fugir ao imposto
Para o País progredir,
Se, em minha vida, se dividir,
Eu morro logo de desgosto.

Cartas enviadas ao Primeiro-Ministro de Portugal

Por duas ocasiões, escrevi ao Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, uma acerca da dupla nacionalidade dos portugueses residentes no Canadá, a outra sobre os incêndios em Portugal. Ainda que ambas tivessem resposta, não houve o mais pequeno sinal de luz verde, sobre aquilo que me referia, pelo que julgo que as mesmas não terão passado da primeira porta. Falando da dupla nacionalidade:

Nós portugueses que viemos para o Canadá no tempo do Salazarismo, uns talvez por uma questão de maior segurança política, outros por conveniência e interesse pessoal com o sentido nos direitos sociais do país, outros ainda com o fim de uma maior facilidade de emprego, então necessário em todos os departamentos do governo Federal, Provincial, Municipal, assim que chegavam os cinco anos do tempo exigido, tendo mais tarde cortado para três, quase todos os que preenchiam os requisitos se nacionalizavam, ainda que no coração da maioria ficassem sempre portugueses.

Mas acontece que os tempos mudam e nós mudamos também, quer nos planos da vida, como na maneira de ver e pensar, sem falar nos imprevistos a que estamos sujeitos, pelo que muitos optaram pela dupla nacionalidade.

Em 1987, penso... houve um acordo entre Portugal e Canadá e entre outras coisas, uma foi em dar a dupla nacionalidade aos que se fizeram Canadianos, a partir de 1980, discriminando assim os que ficaram para trás. Pois ainda que este caso tenha sido chamado à atenção dos políticos tal como eu próprio provo, nunca nada fizeram, como nem mesmo deram alguma atenção a este assunto. Mas se ao menos, ainda fossem facilitados os que pretendem tirá-la pelo seus próprios meios, mas não só não facilitam, mas ainda complicam. É por essa razão, que muitos começam e desistem. Será que o governo tem feito alguma coisa

por estes, cujo dinheiro faz parte das remessas do Imigrante?... Simplesmente NADA! E porquê? Porque os Imigrantes para o governo Português, nada mais tem contado, que o dinheiro que mandam, e aquele que ali vão gastar nas suas férias. Esta foi a conclusão que tirei, da resposta que recebi. Na carta que enviei ao Sr. Cavaco Silva, entre outras coisas dizia:

Estou nacionalizado Canadiano desde 1969, tal como tantos milhares de portugueses, não tivemos a sorte de sermos abrangidos pela dupla nacionalidade, ainda que a mesma se possa adquirir, mas como aqui é tão difícil, muitos começam por a tirar, mas como as dificuldades são tantas, logo desistem.

Daqui faço um apelo a V. Ex.^a que se digne fazer algo neste sentido, para que todos os portugueses nacionalizados Canadianos antes de 1980 possam ser também portugueses de dupla nacionalidade.

Com votos sinceros... *António dos Santos.*

Expedi essa carta em 15-10-91, logo após a sua reeleição, sei que chegou ao destino, por me ser enviada essa confirmação. Diz que a questão nela colocada mereceu toda a atenção. Mas onde está essa atenção?...

Em 25 de Julho de 1991, expedi uma carta a S. Ex.^a Sr. Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, referente aos incêndios no nosso país, com algumas sugestões que penso merecerem a sua atenção!... Entre outras, a das madeiras queimadas, sabendo-se que este negócio das madeiras está na origem dos incêndios e no primeiro grau da escala criminosa, sendo esta a versão do povo, nessas terras mais atingidas e massacradas por esses actos criminosos, que vão fazendo fortunas com a miséria dos outros, deixando o país mais pobre e desprovido de floresta, os pulmões de todos nós, para que o governo criasse um departamento florestal, ou mesmo o existente, para negociar essas madeiras com os donos, sem a mínima intervenção desses criminosos oportunistas. Não ser permitido às Companhias celulosas a plantação de eucaliptos em determinadas áreas, como mesmo controlar esta plantação, que sem querer apontar o meu dedo, são uns dos mais beneficiários destes incêndios, porque a maioria dessas terras de pinheiros, agora queimados, estes estão a dar lugar aos eucaliptos, em que os beneficiários são essas Companhias. Mas tal como a dupla nacionalidade, de nada serviram os meus pedidos ou sugestões. A resposta das cartas aí vão!...



Ofício N° 16451
E. N° 8635
Proc. N° 8778/91

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Primeiro Ministro

Exmº Senhor
António Santos
80 Russett Avenue
Toronto, Ontário M6H 3M3
CANADÁ

1001 10 10

Relativamente à carta que V. Exa. dirigiu a Sua Excelência o Primeiro Ministro, da qual acuso a recepção, informo que ao seu conteúdo foi dada a devida atenção.

Com os melhores cumprimentos,

o CHEFE DO GABINETE,

ESTA É A CARTA
QUE SE REFERE AOS
INCENDIOS

A handwritten signature consisting of a stylized 'M' and a vertical line.



Ofício N° 17621
E. N° 9492
Proc. N° 8778/91

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Primeiro Ministro

Exmº. Senhor
António dos Santos
80 Russelt - Ave
Toronto - Ont. M6H-3M3
CANADÁ

1991-11-05

Relativamente à sua carta, de 91-10-15,
cumpre-me agradecer as palavras dirigidas a Sua Exceléncia o
Primeiro Ministro e informar de que a questão nela colocada,
mereceu toda a atenção.

Com os melhores cumprimentos,

O CHEFE DO GABINETE,

ESTA É A CARTA
QUE SE REFERE Á DUPLA
NACIONALIDADE

Noutros tempos o português
Mostrava pela vida interesse,
Aqui aconteceu muita vez
Quando nos falavam inglês
Mesmo ao não, dizíamos Yes.

O português é a viva raça,
Traçavam logo um plano,
Era trabalhar para ter massa,
Ter carro e comprar casa
Falar inglês e ser Canadiano.

No final disto conseguido
Mostrava a vida estar bem
Era o sinal de ter vencido
Neste país escolhido
Nossa segunda pátria mãe.

Chegámos jovens e valentes,
Cheios de força e coragem,
Enfrentando tempos frios e quentes,
Hoje estamos velhos e doentes,
À espera da tal viagem.

Já no topo da Ladeira
Paramos, ficando a pensar:
Foi durante uma vida inteira,
Tanta luta... tanta canseira...
P'ra daqui não poder passar!

Só estamos bem onde não estamos,
Isto começa a ser natural,
P'la dupla nacionalidade optamos,
Para mudarmos os nossos planos
E estar mais tempo em Portugal.

Estamos na terceira idade a esperar,
P'la morte, a qualquer ocasião...
Os filhos não mandam, mas vão buscar
As receitas que vão por certo fracassar,
No cofre, e as finanças da Nação.

Resposta à minha carta enviada às Nações Unidas

Quando em 24-10-1945, as cinco principais Nações: Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha, China e França, fundaram as Nações Unidas, foi com a finalidade de estarem mais unidos, para poderem abafar uma eventual ameaça de guerra, como também para fazer prevalecer e respeitar a Democracia, os direitos humanos e a liberdade dos povos, não apenas nos seus membros, mas em todas as Nações da Terra.

Hoje, quase todas as Nações do Mundo são membros deste organismo, certamente conheedoras das suas responsabilidades, quer cívicas, quer pelo direito à Paz e à Liberdade dos povos, mas só que infelizmente muitas Nações têm ignorado esses direitos humanos, martirizando com torturas e massacres, o povo que está debaixo do seu jugo. E o que têm feito as Nações Unidas?...

Sim é certo que têm feito muito em prol da Paz e Segurança, dos direitos à Liberdade e Democracia, e mal do Mundo, se não existissem as Nações Unidas. Mas também não é menos verdade que o ECO do choro, pelos sofrimentos e massacres dos povos subjugados por Nações membros deste organismo, nunca chegou aos ouvidos destes responsáveis, a fim de punirem e fazerem parar tais criminosos, que continuam a praticar actos de terror, ceifando vidas inocentes e indefesas, e violando os mais sagrados direitos humanos.

Foi na base destas realidades, quando na guerra do Golfo, pela anexação do Kuwait pelo Iraque, escrevi ao então Secretário-Geral, Sr. Javier Perez de Cuellar, congratulando-o pelo contributo dado por aquele Organismo, no cumprimento da Ordem, da Liberdade e da Paz, aproveitando para lembrar, quer seria altura oportuna, depois da ordem ali restabelecida, não limparem nem arrecadarem as armas, sem que o mesmo fosse feito em outras partes do Globo em iguais situações, sem esquecer Timor. De

contrário serei obrigado a pensar, que tal guerra paga com o dinheiro de todos nós, não foi pelos direitos de um povo, mas sim para proteger os interesses Monopolistas, Srs. do petróleo e do Mundo.

Sem dúvida que me foi dada uma resposta, mas não aquela que esperava, tal como é comprovado na referida carta escrita em inglês, que vou traduzir:

Caro Sr. Santos

28 de Fevereiro/91

Em nome do Secretário-Geral das Nações Unidas, Sr. Javir Perez de Cuellar, manda-me escrever-lhe com agradecimentos pela sua carta, datada de cinco de Fevereiro, na qual expressa o assunto acerca da situação entre o Iraque e Kuwait, com palavras de encorajamento.

O Secretário-Geral, aprecia sempre ouvir opiniões das pessoas particulares, em qualquer assunto que se relacione com a paz no Mundo, seja qual for o lugar, tal contribuição pessoal, pode ajudar a produzir algo de ideal, para as Nações Unidas.

Muito obrigado outra vez, pelo seu interesse e suporte. Com os melhores desejos de um futuro cheio de paz.

Somos sinceramente
Carolyn Schuler Uluc

Mais uma vez os políticos me mostraram o que são... quando não querem responder às perguntas ou coisas que não lhes interessa responder, usam as tais palavrinhas doces, para não nos desiludirmos e não ficarmos a saber as suas intenções.

Com cinco Nações começaram
as chamadas Nações Unidas
Muitas outras se lhe juntaram
mas sempre muito desunidas.

Dizem que é ordem e segurança
pela Democracia e a Paz
mesmo com tanta aliança
Muitas macaquices se faz

Mas tudo caminha imperfeito
com torturas se tiram vidas
Ignorando a lei e o respeito
Porque há dois pesos e duas medidas.

O grande com seu poder
Tem o mando quer o pode
Abafa o grito do sofrer
Ao pequeno ninguém lhe acode.

UNITED NATIONS  NATIONS UNIES

POSTAL ADDRESS: AVENUE FISCHER, UNITED NATIONS, NEW YORK
CABLE ADDRESS—ADRESSE TELEGRAPHIQUE: UNATIONS NEW YORK

REFERENCE:

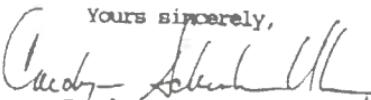
28 February 1991

Dear Mr. dos Santos,

On behalf of the Secretary-General of the United Nations, Mr. Javier Perez de Cuellar, allow me to thank you for your letter, dated 5 February, in which you expressed your concerns about the situation between Iraq and Kuwait, and for your words of encouragement.

The Secretary-General always appreciates hearing the views of private citizens on any issue which affects world peace and places great value on the contribution individuals can make to furthering the aims and ideals of the United Nations.

Thank you again for your interest and support. Best wishes for a peaceful future.

Yours sincerely,

Carolyn Schuler Uluc
Officer-in-Charge
Public Services Section
Department of Public Information

Mr. Antonio dos Santos
80 Russett Ave.
Toronto, Ontario
M6H 3K3
Canada

Em Defesa dos Jovens Segurados

Através das gerações, têm-se ouvido algumas lendas, quem sabe... até podem mesmo ser verdades, qua havia indivíduos pedentes, vindo mais tarde a descobrir-se, serem possuidores de grandes haveres, com gente a trabalhar para si. Será verdade?... Não será?... Não sei...

Isto me faz lembrar as Companhias de Seguros, pelo menos as que eu conheço. Anualmente se lamentam, queixando-se temem enormes prejuízos, pedindo assim autorização para aumentarem os seguros, e tais lamentos são sempre ouvidos e atendidos, com tudo, ou quase tudo o que pretendem. Por aquilo que tenho lido e ouvido, através da Comunicação Social, por indivíduos entendidos nesta matéria de Seguros, que tais lamentos em sua maioria não fazem qualquer sentido, e é aqui que me fazem lembrar os tais pedientes sem a mínima necessidade nem o mí-nimo escrúpulo, em tirarem aos outros aquilo que não é justo e não necessitam.

Os Bancos, assim como outras grandes corporações, nos seus relatórios anuais, mostram ao público os seus milhões de lucro, para que as pessoas possam estar confiantes nos dinheiros depositados ou investidos. Mas quanto às Companhias de Seguros, o que se sabe acerca dos seus lucros? Claro... que têm que ter lucros, e que lucros!... Só que se deles houvesse publicidade, não faria o mínimo senso, aumentarem os seus segurados. Com todos os prejuízos aclamados, ainda não vi, ou mesmo tive conhecimento, que alguma Companhia de seguros tenha falido por não ter lucros, embora já possa ter acontecido, sem que disso tenha conhecimento. Mas a realidade dos seus grandes lucros, está em qualquer grande cidade, pelo menos nas que eu conheço, estas, assim como os Bancos, são identificadas, pelos mais belos edifícios, nos melhores e mais centrais lugares dessas cidades.

Nada tenho contra as Companhias de Seguros e até estou de

acordo, em muitas medidas restritas, para evitar abusos desses oportunistas, mas o que não posso concordar, é que o jovem, só porque é jovem, seja penalizado e discriminado, quando necessita de um Seguro.

É do conhecimento geral, que muitos jovens, quer pela falta de experiência ou leviandade, como por falta de respeito pelo Código, são responsáveis por muitos acidentes que nunca existiriam se houvesse um pouco de cuidado, mas estes são sempre penalizados, quer pela polícia, como pelo seguro, o que é legal e compreensível que paguem pelos seus actos. Mas os jovens conscienciosos, responsáveis e sem acidentes, serem penalizados só porque são jovens, não estou de acordo!...

Quase todo o jovem quando sai da escola tenta procurar trabalho, mas estes em maioria são fora da cidade, por isso é necessário um carro, não sendo este o grande problema, visto que já se compara um carro razoável por mil dólares ou menos, mas o seguro par esse carro, pode custar em certos casos, acima de 3 e 4 mil dólares, não estando ao alcance de um jovem saído da escola, se não tiver ajuda de alguém. Esta é a primeira barreira que incentiva o jovem a não procurar trabalho e recorrer à assistência social, o primeiro passo para a ruína da mocidade.

Foi a lembrar-me destes jovens, a quem deviam dar uma oportunidade, que escrevi ao Primeiro-Ministro do Ontário, quem gera a Lei dos Seguros desta Província, dando algumas sugestões, a fim de aliviar a pena destes Jovens, que necessitam de ter carro, não para uso de desporto, mas antes no uso do ganha pão de cada dia.

Foi-me prometido pelo próprio Primeiro-Ministro Provincial, numa carta em resposta ao meu apelo, que iria fazer algo neste e noutras pontos, a fim de melhorar as coisas em favor dos mais punidos e não só, tal como se pode ver na sua carta escrita em inglês. Uma vez mais fiquei feliz, por se fazer algo em favor dos necessitados indefesos, ainda que não fosse aquilo que deveria ser.



Ontario

The Premier
of Ontario

Le Premier ministre
de l'Ontario

Legislative Building
Queen's Park
Toronto, Ontario
M7A 1A1

Hôtel du gouvernement
Queen's Park
Toronto (Ontario)
M7A 1A1

October 17, 1991

Mr. Antonio dos Santos
80 Russett Avenue
Toronto, Ontario
M6H 3M3

Dear Mr. dos Santos:

I appreciate hearing your support for our decision in September not to proceed with public automobile insurance.

This was a difficult decision for our government. We remain committed to reforming auto insurance. We'll introduce legislation that gives accident victims greater access to the courts, improves accident benefits, and removes caps on rehabilitation costs. We want to ensure that all drivers are provided with the best service at a reasonable cost.

We will also proceed with initiatives to improve highway safety, reduce traffic accidents and improve driver training.

Thank you for writing.

Yours sincerely,

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Bob Rae".

Bob Rae

Há coisas pouco claras
Entre seguros e segurados,
Sendo muitos enganados,
Por não lerem as tais letrinhas,
Disfarçadas pequeninas,
Quando nos vamos assegurar,
Tudo fácil antes de pagar,
Mas quando o problema acontece
A letra miudinha cresce,
Num tamanho exagerado!
E aqui você é apanhado,
Por essa tal ratoeira...
A coisa é de tal maneira
Que somos sempre penalizados,
Eles têm os melhores advogados
Que o dinheiro pode comprar.
Leia!... Não se deixe enganar,
Quando um seguro for fazer
Pergunte, se não compreender,
Para que tudo fique claro.
Porque depois do dinheiro dado
Já não faltam complicações,
Salvo raras exceções,
Porque há sempre gente honesta,
Essa ainda se pode confiar.
Mas é difícil acreditar
Por causa da gente desonesta.

Tudo seria mais fácil
Se houvesse honestidade!
Consciência e humanidade
Respeito e compreensão,
Sem essa segunda intenção,
Usada por meninos espertos,
Discordo com certos métodos
De mentiras e truques estudados,
Os jovens, são os mais afectados,
Porque destes tudo se espera,
Mas esses que cumprem a regra
Pagam pelos pecados alheios,
Tantas vezes com dinheiros
Bem difíceis de arranjar,
Era muito simples de separar
O bom do mau condutor,
A carta tem o seu valor,
Que se perde por infracções,
Se há muitas transgressões
Podem-lhe a carta tirar,
Para a voltar a recuperar
É de novo examinado,
O seguro lhe é aumentado
E se a culpa é sua, punido,
Para extremar o joio do trigo,
Os pontos são o caminho certo,
Punir-se o jovem bom e correcto
Não faz o mínimo sentido!...

História da Carta que clama Justiça

Um dia estava sentado, tomando um café no restaurante da Dufferim Mall, quando passou por mim certo indivíduo que eu conhecia de vista, mas agora mostrando algumas dificuldades em andar, que logo se sentou na mesa seguinte, onde estava outro sujeito seu conhecido.

Nas suas conversas que não pareciam ter qualquer segredo, apercebi-me tratar-se de um problema de acidente no trabalho que lhe levara a saúde, e o deixara sem dinheiro, e agora a seguradora «a Compensation» em colaboração com a Companhia patronata, armaram-lhe um laço, para fugirem às suas responsabilidades laborais.

De acordo com o que ouvi e também pela minha grande experiência nestes assuntos, conclui que o homem foi vítima da sua ingenuidade, contudo ainda via uma porta de saída para fugir da ratoreira que lhe tinham armado, que não deixava de ser uma injustiça e falta de respeito, olhando ao seu estado de idade, e não o julgarem como intrujoão.

Quando ambos se levantaram e depois de se despedirem, cada qual tomou diferente rumo, e foi então que chamei o homem com problemas, para se sentar junto de mim, tendo-o feito com certa desconfiança, e como não me conhecia, até nem é de levar a mal, e não tivesse ele sido contrabandista nos seus tempos de jovem, no sul do seu país, por isso sempre muito cauteloso, e ainda que tenha mostrado o desejo em o ajudar, ele escutou mais de mim, que eu dele. Agradeceu-me a oferta, mas talvez desconfiado da fartura, nem aceitou, nem rejeitou, dizendo ir pensar, e eu como também não tinha intenção de obter fundos lucrativos nisto, não insisti para não o deixar mais duvidoso a meu respeito. A partir desta data, este homem passou a falar-me sempre que me via, sem mesmo nada falar no seu assunto. Mais tarde ele próprio me disse, a razão por que não aceitara a minha oferta,

porque não sabia quem eu era, e como infelizmente há tantos oportunistas... quis primeiro saber se também era um deles.

Um dia, este homem chegou-se junto de mim e contou-me todo o seu problema sem que eu nada lhe perguntasse, e se ainda estava disposto a ajudá-lo! — Com certeza, disse-lhe: Vou fazer todo o possível que estiver ao meu alcance, tal como tenho feito a tantos mais. — Não sei mais o que fazer — diz-me o homem desiludido.

Este senhor, a quem foram negados todos os seus direitos de compensação, pelo acidente que o paralizou do trabalho, via agora feita toda a justiça, por ter feito chegar a sua razão a quem de direito, tal como se pode ver, nas cartas que se seguem, escritas em inglês.

Tudo lhe foi pago, como também a preparação para a reforma a que tinha direito, sendo tudo resolvido, num período de três meses.

Era um homem que coxeava
por ter sido acidentado,
junto a um outro contava
o que lhe fora preparado.

Há tantas coisas mal feitas
pela ignorância e malvadez
esta humanidade imperfeita
peca sempre, mais um vez.

Quando se entranha a maldade
nem sempre a luz da verdade
tem força, o seu clarão,

Mas uma reclamação directa,
levada á pessoa certa
deu despacho à sua razão.

Antonio dos Santos
80 Russett-Live
Toronto, Ont. M6K 3M3

Feb/10/92

To: Mr. Odoardo Di Santo
Chairman of W.C.B.
2 Bloor St.East
Toronto, Ont.

cc:

REFERENCE FOR
Mr. . . Barroso
100 . . . Ave
Toronto, Ont. Claim #

Subject: My Situation

Dear Mr. O.Di Santo

On October past my supervisor the Compensation caseworker and I had a meeting to discuss a suitable job for me. My supervisor decided for a delivery drive job.

I promptly told them that I could not do that job, not because I refuse to do it, but with the problem I have with my right foot and with no driver's experience it is impossible to do.

This position was not suitable for me because I have not driven in 22 years, also I never drove in the city. The reason that I still have a valid driver's licence is for identification purposes but having to drive now at age 67 with no experience could be dangerous.

At this point the Compensation stopped the payments without any explanation or any letter to have the right to appeal.

For a 67 year old man with 35 years on the labour force I should get a little more attention and respect and not be treated like a crook or liar. If I was one, I would not be waiting until the end of my working career.

After many calls to try to contact my adjudicate to explain my situation, I finally reached her but she did not explain anything, but said, she would send me a letter in one week's time. Many weeks have past and I am still waiting for this letter with an explanation.

For this reason I appeal to you to give me some information regarding my claim.

Thank You for your attention.

For Mr. . . Barroso

Sincerely


Antonio dos Santos.



**Workers'
Compensation
Board**

**Commission
des accidents
du travail**

Odardo Di Santo
Chairman

Odardo Di Santo
President du conseil

2 Bloor Street East
20th Floor
Toronto, Ontario
M4W 3C3

2, rue Bleue Est
27^e étage
Toronto (Ontario)
M4W 3C3

Mr. - Barroso
Avenue
Toronto, Ontario
M6H 3N3

Telephone
416 927-4000

Telephone
1416 921-4000

Telephone (téléphone)
for the [local]
1-800-387-0050

Telephone (téléphone)
pour l'ensemble du pays
1-800-387-0050

FAX
1-416 921-2305

TELECOPIEUR
1416 921-2305

March 3, 1992

Dear Mr. Barroso:

Re: WCB Claim No.

Since writing to you on February 17, 1992 I have had senior members of my staff review your concerns and I am pleased to communicate with you.

I understand that on further review the Client Services Division has agreed that the position of delivery driver was not suitable for you. In view of this, Claims Adjudicator, Ms. H. Siomis, telephoned you on March 3, 1992 to explain that temporary partial benefits have been restored in your claim effective October 29, 1991.

I further understand that arrangements are being made for you to be seen for pension assessment and that you will be notified directly as to the time and place of your appointment. If you have any further questions in this regard, please contact your Claims Adjudicator, Ms. H. Siomis, at 925-8635 and she will be pleased to assist you.

I trust this is satisfactory and thank you for giving me the opportunity to act on your behalf.

Yours sincerely,

A handwritten signature in black ink, appearing to read "O. Di Santo".

Odardo Di Santo
Chairman

Carta enviada ao Ministro da Administração Interna de Portugal

«Dr. Dias Loureiro»
Ministro da Administração Interna.
Praça do Comércio
1994 Lisboa Codex.
Assunto: Código de Estrada.
Digníssimo Sr. Ministro.

Foi com muita atenção que acompanhei a entrevista que V. Ex.^a deu ao povo português pela TV SIC, sobre o novo Código de Estrada. Segundo dizia, a finalidade deste novo código, é para reduzir os acidentes nas estradas portuguesas, e os danos por eles causados, assim como as lágrimas e o luto deste povo.

Quanto a algumas medidas tomadas, na apreensão da carta temporária ou mesmo definitivamente, estou de acordo e tem os meus parabéns, pois há certos motoristas para quem o Código não diz nada, pois sem consciência, respeito e prudência, não se pode, nem deve ser motorista. Quanto às multas aplicadas, é exagero e em nada vai ajudar na solução do problema, mas antes complicar ainda mais o sistema, já pouco limpo e honesto em certas ocasiões.

Sr. Ministro, estas multas exageradas fora do alcance da maioria dos portugueses, mediante uma infracção desse vulto, é obrigado a tentar aliciar a autoridade, a fim de resolver a questão, por dez ou vinte, e não pagar cem ou duzentos das novas multas, entrando-se dentro de um círculo vicioso, e tal coisa em nada ajudaria, mas antes complicaria. E com todo o respeito que tenho pela autoridade, mas como também são humanos e imperfeitos e o dinheiro é o mais poderoso feitiço da humanidade!...

Dizia V. Ex.^a que somos o país com mais acidentes da Comunidade, quase ao nível do terceiro Mundo, infelizmente é uma realidade... Mas não é menos realidade que a causa de muitos desses acidentes é devido às condições da maioria das estradas, em que em tantas delas, de grande movimento, não existe uma dupla via, de tantos em tantos quilómetros, para ultrapassagens sem o perigo de acidentes. Pois a maioria dos acidentes dão-se nas ultrapassagens, e por razões várias, têm que ser feitas.

Dos vários países que conheço, é no Canadá, onde se conduz com mais prudência e respeito, ainda que se trate de um país, com gente de toda a parte do Mundo. As multas que todos acham pesadas, poucas chegam ao equivalente dos nossos 10 contos mas a principal preocupação, são os 15 pontos da carta, com a perca de 2 pontos pela mais leve transgressão em trânsito, e a partir daqui, depende quão graves são as faltas cometidas. Os pontos perdidos voltam a ser recuperados dois anos depois da dita infracção, tal como aos 10 pontos perdidos, é chamado para fazer um exame oral, por vezes bem difícil.

Esta é a causa principal que faz os motoristas guiarem com consciência, respeito o cautela, porque são os 15 pontos da carta que estão em jogo, e o respeito, é sempre mais forte que o medo!....

Mas algo que eu estava á espera, e não ouvi, ou me passou por despercebido!... Qual a pena a aplicar, aos irresponsáveis que nada têm para perder, conduzindo por vezes sem carta, sem seguro, complicando a vida a muita gente, fugindo às transgressões e se puderem aos acidentes? Quais as medidas a tomar pelo governo, para compensação das vítimas destes infractores?

Dizia V. Ex.^a que não era pelas multas, mas sim para reduzir os acidentes e as vítimas do povo português. É de louvar como o seria também, se esse seu braço forte aplicado neste novo Código, o fosse na escandalosa prostituição bissexual, no vandalismo, nos ladrões e salteadores de mão armada, causando vítimas e semeando o terror e a instabilidade na via pública como nas próprias residências, como nunca antes na história!... Será que tudo isto não é parte da sua administração? Será que estas vítimas não merecem a mesma atenção, punindo severamente estes criminosos?...

Se V. Ex.^a usar para com estes, o mesmo peso e medida, aplicado aos morotistas, certamente que o povo português, lhe ficará muito grato e não o esquecerá!

Respeitosamente de V. Ex.^a
António dos Santos



MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

Exmo. Senhor
António dos Santos
Rua D. António Luís Menezes
nº 10
2780 OEIRAS

Sua referência

Sua comunicação da

Nossa referência

USBOA

n.º 1513 10/11/94
P.º U5-92/94-SEAI-Reg. n.º 2571

ASSUNTO Código da Estrada.

Encarregue-me Sua Exceléncia o Senhor Secretário de Estado da Administração Interna de agradecer a V.Exa. a carta que enviou ao Gabinete de Sua Exceléncia o Ministro da Administração Interna a qual mereceu a melhor atenção.

Com os melhores cumprimentos,

O CHEFE DE GABINETE,

Wtierdh
(João Ponce Dentinho)

Ouve-se por vezes aos críticos
Nos seus relatos usuais,
E quando se fala em políticos
Dizer ser todos iguais.

Quando estive em Portugal
Nas minhas férias de Verão,
Era sempre muito usual
Ver políticos na televisão.

Alguém de garganta afinada
Lhe ouvi uma canção bela,
Sobre o Código da Estrada
Pelo Ministro dessa Tutela.

Nova alteração, nova lei,
Na base deste e daquele artigo,
Em alguns eu concordei,
Noutros não fizeram sentido.

Com grandes penalidades
Pode-se até tornar perigoso,
Aliciando as autoridades
Entrando num círculo vicioso.

Em vez de 100 e 200 contos
Que nada resolve no meu ver,
Se a carta fosse de pontos
Ninguém os queria perder.

Multas são ameaças sem jeito
Mais quando é um exagero,
Cumpre-se melhor o respeito
Por ser mais forte que o medo.

Droga, vandalismo e prostituição
Já não existe moral nem respeito,
Escrevi com toda a desilusão
Ao Ministro, por nada ter feito.

Uma cajadada que matou dois coelhos

Canadá País onde vivo e conheço já a caminho de 4 décadas, tenho testemunhado várias épocas tanto de crises como de sucessos, com facilidades de se poderem escolher melhores e mais remuneráveis trabalhos, como por vezes poucos muito procurados e mal pagos, sendo estas as ocasiões que os oportunistas sem escrúpulo vão explorando quem podem. Isto vem a propósito do seguinte episódio:

Estava numa dessas crises, nos finais da década sessenta, morando eu então no 14 da Afton Ave, em Toronto, numa casa com residência e comércio. Numa casa mais acima, morava um casal de portugueses dos Açores, penso serem das Flores, com uma filha de sete anos e um miúdo de três. Como esta criança era muito calada e sem um ar de riso, eu chamava-o de Afonso, por o achar parecido com um graduado da Carris que tinha esse nome, não falando a ninguém, sempre carrancudo e de mau humor.

O pai do Afonso, como por nós era conhecido e a quem já antes tinha arranjado trabalho, encontrava-se agora desempregado, assim como a esposa, devido a isso, ainda que raramente viessem à minha loja, agora vinham com frequência, não para comprar, mas sim para lamentar a sua situação e pedir uma ajuda, tal como já antes lho fizera. Era uma boa ocasião para lhe dizer onde faz as compras, porque não pede para lhe arranjarem trabalho? Pois eu também preciso de viver. Mas se eu ajudava a tantos que nem sequer sabia quem eram... pelo que comecei a procurar, aqui e além, trabalho para o casal.

Depois de correr «seca e meca» sem nenhum sucesso, mesmo nas fábricas onde antes tinha empregado tantos, recebia agora o: I am sorry, but don't have any opens now» tenho muita pena mas não tenho nada de momento, e, como não falavam inglês... a dificuldade era maior.

O Race-Track, onde antes empreguei tanta gente, havendo sempre lugar para mais um afilito, mesmo já sem lá estar a trabalhar, também se perdeu, pois o Mackaca que já por mais de 20 anos tinha aquele contrato das limpezas nestes recintos de apostas do Ontario, via agora fugir-lhe este serviço para uma outra Companhia, que fizera um mais baixo preço, deixando algumas centenas sem trabalho, pois apenas uma meia dúzia e um encarregado passaram de Mackaca para a nova Companhia.

Como nada encontrasse para o homem e como conhecia esse encarregado na nova Companhia, peguei no Sr. Franco e fui ao Woodbine, onde na ocasião se encontrava, a fim de lhe pedir trabalho para este meu vizinho.

Este supervisor para quem já antes tinha trabalhado, ficou muito satisfeito ao ver-me ali, que logo me disse: — tenho trabalho para ti! — Não é para mim, mas sim para este amigo. — Pois sim... que venha amanhã às oito horas, podendo trazer também a esposa. A começar, o ordenado das mulhers é de \$1,20 por hora e o dos homens \$1,50. Depois de alguma conversa entre nós, sobre o trabalho e a nova Companhia, despedimo-nos com os desejos das melhores felicidades, voltando a casa, e agora o Sr. Franco já mais feliz e satisfeito, assim como eu também, para não houvir mais as contínuas lamentações.

Durante duas semanas, não vi mais esta família, além de um Domingo quando iam para a missa, mas a nova vinda não se fez tardar, pois sem saber porquê, duas semanas após deram Lay-off à mulher, e uma semana depois ao marido, dizendo-lhes que o cheque seria enviado pelo correio.

Como se passassem duas semanas e o cheque tão esperado não chegou, o sr. Franco veio pedir-me para telefonar ao supervisor e perguntar a razão porque tal acontecia. Incumbi-me desse assunto, tendo-o feito no dia seguinte, sendo a resposta que da parte dele em nada dependia esse atraso, pois tudo tinha mandado para dentro. Com esta afirmação, só tinha que contactar com os escritórios e procurar o que se passava e foi o que fiz, tendo como resposta que além de não terem qualquer cheque, nem mesmo tais nomes constavam que alguma vez ali tivessem trabalhado. Repetiram-se várias vezes estes telefonemas sem qualquer alteração de mensagem. Andámos neste jogo de ping-pong por algumas semanas, que logo pensei tratar-se mais uma

vigarice muito comum, para com estes indefesos trabalhadores. Tendo concluído ser uma certeza, quando certa altura, telefonava sobre este caso, um vizinho que ouviu a minha conversa, disse, terem-lhe feito o mesmo, meses antes.

— Então quanto lhe ficaram a dever, perguntei ao homem? — Olhe! Foram 40 horas a um dolar e cinquenta por hora, fazendo um total de \$60, mas como o meu inglês não dá para ir muito longe e não tive ninguém que me ajudasse, fiquei sem ele...

O department of Labour era então no número 74 da victoria St., na baixa de Toronto, onde levei o sr. Franco, a fim de apresentar queixa contra aquela Companhia de mal feitores, pois estava disposto a dar-lhes uma lição, como já antes tinha feito a outros patrões de similar consciência, estes eram caminhos que já bem conhecia, devido a outras irregularidades.

Depois de explicar à funcionária daquele departamento de trabalho, a causa da nossa presença, esta após me ter ouvido perguntou-me: — O Sr. sabe ler e escrever inglês? — Sei sim... — então tome este formulário, preencha-o e depois o Sr. lesado assina-o e entregue-o, para seguir para o Tribunal de Trabalho.

Como um dizia ter mandado e outro referia nada tinha, era uma vigarice sem controlo e uma vez assim, junto das horas do Sr. Franco, pus também as 40 do Sr. J. A. mas sem nada dizer ao Franco, em vez de mencionar só as 102 horas que ele tinha feito, declarei 142×1,50, sendo igual a \$213, mais 70 horas da esposa ×\$1,20, dava um sub total \$84 e com os 213 totalizava \$297. Como era eu que iria falar pelo Sr. Franco, foi isto que enviei para o Tribunal.

Duas semanas depois o Sr. Franco vem entregar-me uma carta vinda do Tribunal, para ali comparecermos às dez horas do dia(?) onde estaria também o representante da Companhia, para uma decisão do Juiz. As horas marcadas, lá estávamos. O Sr. Franco como queixoso, eu como testemunha, intérprete do lesado. Esta audiência, que foi a primeira do dia, começou com a leitura da reclamação do queixoso, que o ajudante do juiz ia lendo, ao mesmo tempo que encarava o representante da Companhia falhante, este logo após a leitura contestou, não serem tantas horas como as que estavam a ser reclamadas. O Juiz que acompanhou a leitura com muita atenção, perguntou àquele: então quantas horas são? — As da esposa estão certas, mas as do

homem são apenas 102. — Então se sabia que lhe deviam 102 horas, porque não lhas pagou, disse-lhe o Juiz? Este Magistrado ordenou-me para perguntar ao lesado se as suas contas estavam certas, tal como apresentara na reclamação? a resposta à pergunta foi afirmativa, que de imediato traduzi ao Juiz.

Este senhor da lei, segurando numa mão o papel da decisão e na outra o martelo, disse ao funcionário da Companhia: tem 48 horas para pagar a dívida deste senhor, mais as despesas do Tribunal, mas se as mesmas não forem cumpridas no prazo estabelecido, terá uma penalidade de x e mais z, vezes y... que será algumas vezes, superior ao que agora tem que pagar. Com estas palavras, deixou cair o martelo sobre o prato de madeira e quanto a nós, estava o assunto encerrado.

Como os escritórios ficavam a pouca distância, o representante da Companhia viu conveniência para si, irmos aos escritórios e levar o cheque, convidando-nos para o acompanhar, o que prontamente aceitámos por também haver interesse para nós.

Foi já no escritório que este Sr. me disse: — onde o Senhor foi arranjar essas 40 horas a mais? «Estive com vontade de lhe dizer a verdade, mas antes preferi dar resposta à sua pergunta:» — Como é que o sr. sabe que são a mais, se até há duas semanas nada constava nos vossos registos, que eles tivessem sido trabalhadores da companhia? Sem nada mais dizer, deu ordem à secretária para passar ao Mr. Franco um cheque de: \$297, dólares. A secretária ao entregar o cheque, entregou também uma folha de papel com alguns dizeres, que não deixei assinar sem primeiro ler. Era para enviar ao Tribunal de que tudo estava em dia entre queixosos e acusados. Foi aqui que chamei a atenção da empregada, que Mr. Franco não iria assinar sem primeiro passar um segundo cheque de: \$11,88 referente aos 4% do subsídio de férias e ambos os cheques certificados.

Tudo foi feito tal como exigi, ainda que de má vontade e mau agrado, como até furiosos, quando ao me despedir e lhes disse: não vos surpreenda, se muito em breve nos encontrarmos de novo no Tribunal, pois há um Sr. J. A. que trabalhou para vós e nunca lhe pagaste.

Foi já a caminho de casa que expliquei ao Franco, o que tinha feito e a razão dos sessenta dólares a mais, que eram os do J. A., coisa que ambos já antes tinham falado, por isso, era um dinheiro a entregar pelo Franco ao J. A.

Dois dias depois ambos vieram agradecer, querendo-me pôr nas mãos algum dinheiro para a gasolina, mas tal como sempre, rejeitei. Estes mostravam-se felizes por terem recebido o que era seu, e eu por ter conseguido mais uma vitória, contra a exploração.

Quatro dias depois, o J. A. entra na minha loja com uma carta na mão, vindo um cheque a acompanhar, com a importância de 62\$40, com uma nota a explicar: 40 horas a \$1,50 é igual \$60, mais dois e quarenta de subsídio de férias, totaliza: \$62,40.

Depois de interpretar a leitura da carta ao J. A., este disse não querer daquele dinheiro além das 2,40, visto já ter recebido as restantes, pelo que lhe disse, visto ser assim, devolva o cheque a Companhia! — Isso nunca... responde o J. A. — então faça o seguinte: há uma família que veio não sei de onde, com uma filhinha para ser tratada no Hospital das Crianças e tem uma conta aberta num Banco da Dundas St., para quem queira auxiliar. Se entregar esse dinheiro como dádiva, será uma acção que nunca lhe irá carregar na consciência.

É isso mesmo... e vou lá já!...

O alimento chamado pão.
É tantas vezes ensanguentado!
Se tal direito é negado
É um crime sem perdão.

Tantos, para mais riqueza ter
Vão sem escrúpulos roubando
E outros sofrendo e chorando
Ás vezes sem pão p'ra comer,

Ontem e hoje sempre lutei
E enquanto puder o farei,
Pronto a defender as razões,

Não se pode ser mais canalha
Que é negar o pão a quem trabalha,
Só p'ra acumularem milhões.

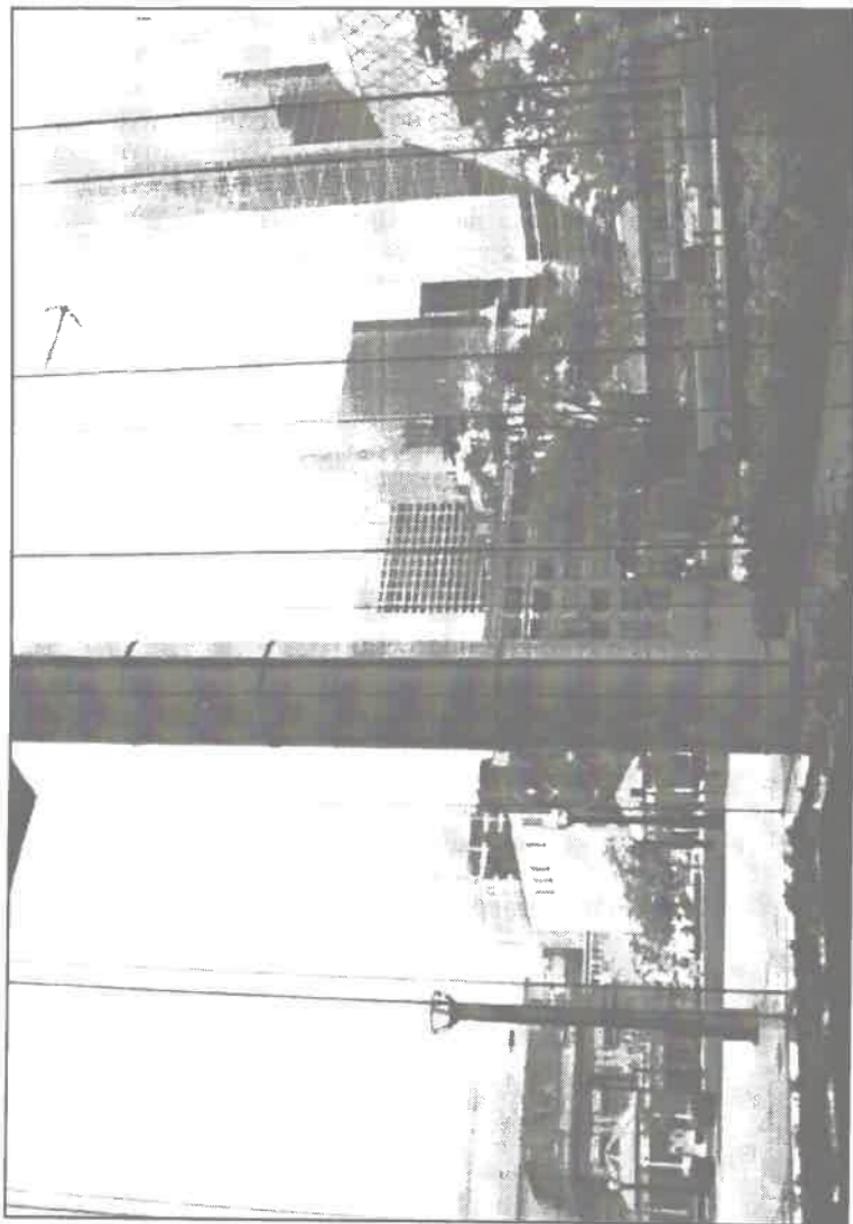


Foto de Joaquim Baptista

Os escritórios centrais da Metropolitan de Toronto, onde o autor deste livro esteve ligado por vinte e um anos

Os Tipos de Nandufe

Estávamos nos fins da Primavera de 1972, nessa tarde quando a miudagem jogava o hoquei na rua em frente ao Store, com todo o barulho e vivacidade, quando de repente deixa-se de ouvir essa vozearia infantil. Era um táxi que ali parava, e enquanto ali esteve, o jogo tinha de estar parado também. Isto me chamou a atenção, e vi que do táxi saiam dois indivíduos desconhecidos, que tiravam algumas malas, para em seguida se dirigirem ao Store, mas com o mesmo à vontade, como que se dirigessem a sua própria casa.

Uma vez ali dentro, o de maior paleio, perguntou-me se eu era o Sr. Santos, e ao receber a resposta sim, tira do bolso uma carta, que me entrega, tal como um salvo-conduto, com direito a estadia. Tal carta era dum cunhado meu, mas da terra deles, que me pedia para os receber e os orientar, o melhor que pudesse, e foi isso mesmo que fiz. E só foi pena, que esse meu cunhado se viesse a arrepender em me fazer tal pedido, e até concordo em parte, pois não deixa de ter uma forte razão.

Estes Nandufenses do concelho de Tondela, não tiveram apenas uma orientação, mas também uma protecção diferente de todos os outros, até mesmo os que dariam à suas responsabilidades, foram poucos os que de uma maneira ou de outra, não usufruiram o bom da minha experiência, conhecimentos e boa vontade, sempre que de tal necessitaram, mas infelizmente foram poucos os que reconheceram com amizade, depois de estarem servidos, e pensarem que já nada de mim precisavam. Mas não é disso que eu vou perder tempo, ou estragar tinta e papel, ou dizer não aos, dessa terra que ainda hoje me ocupam.

Estes dois homens, J. A. e J. T., ainda que viessem direitos a minha casa, onde foram orientados sem nada lhes faltar, mas não era eu a primeira pessoa em quem vinham confiantes. Era um tal Eng.^º C. recomendados por um familiar, não ao Eng.^º mas

sim aos pais, e era daqui que partia o acesso a esse Senhor Eng.^º C.

Como encontraram na família Santos todo o apoio e carinho, o que de certo não esperavam encontrar numa terra distante, nunca falaram nessa primeira pessoa em que vinham confiantes, só o fizeram depois de estarem orientados em todos os aspectos, pensando talvez que ele lhes pudesse oferecer uma colocação fora dos meus limites. Como a insistência era constante, um dia pus-me à disposição dos rapazes.

Como para chegar ao Eng.^º tinhamos que primeiro ir aos pais, foi isso que se fez. Esta família morava nos edifícios da Dovercourt & Bloor, mas como o Mr. C., pai do Eng.^º, se encontrasse em Londres, no apartamento apenas vivia a senhora e a mãe, e devido à sua timidez, não foi fácil abrir a porta a estes três homens desconhecidos, o que só o fez, depois de algumas perguntas e respostas, com uma fisga da porta aberta e a corrente protectora. Isto há vinte e tantos anos... quase ainda não se falava em roubos.

Agora já dentro da casa, estas duas senhoras mãe e filha, pareceram-me ser excelentes pessoas, e numa curta conversa, ali se falou do bom e mau deste país, e como sempre o principal problema a «LINGUA»... e foi quando a senhora se queixou estar a ser vítima de uma injustiça, pois cortaram-lhe o Unemployment sem uma justa razão, mas como não falava inglês suficiente para resolver este problema, estava a ser lesada, negando-lhe um dinheiro que era dela, e tanta falta lhe fazia. Lembrou-me de lhe dizer, porque não se queixava ao filho, mas antes preferi prontificar-me a resolver-lhe esse problema, que a senhora aceitou com todo o agrado, tendo-o feito com o maior zelo e prontidão, como até boa vontade.

Como a vida tem coisas engraçadas!... Esta minha ida a casa das senhoras, parece que além de uma coincidência foi também algo que me levou ali, para ajudar alguém, que necessitava de ser ajudada. Foi mais uma alegria para mim, poder contribuir com algo, em prol do meu semelhante, e mais alegre me deixou quando meses depois, o marido passou pelo Store, para me agradecer a atenção que tive pela esposa, esta a grande prova da amizade de quem sabe reconhecer o bem.

Em seguida fomos ao Eng.^º que morava fora de portas, mas

nada lhe pediram, por verem que o jovem Eng.^º estava desempregado, pelo que nada tinham para lhes oferecer, mas como estavam empregados e orientados, nada perderam, porque de nada necessitavam.

De Nandufe vieram dois
e um outro ali ao redor
eram poucos dias depois
um terceiro me chega ao Store.

Estes foram os primeiros
que dessa terra recebi
se alguns eram companheiros
outros só pensavam em si.

Vieram outros indivíduos
que ajudei a orientar
depois de já estarem servidos
até deixaram de me falar

Nandufe terra de Beirões
para quem dei o meu melhor
em troca recebi ingratidões
de que não era merecedor.

Canadian Pacific e o Supervisor Cortelho

No fim de dois anos de estar a trabalhar nesta Companhia, saí, para ir trabalhar para aquela, que viria a ser a última casa de trabalho no Canadá. Este serviço do governo, onde terminei a minha carreira de trabalhador.

Gostei sempre de trabalhar de maneira mexida, e este trabalho na Canadian Pacific era um deles. O salário também era bom, e os benefícios não eram piores, e o supervisor foi para mim o melhor de todos para quem já trabalhei, ainda que nos princípios tivesse dele má impressão, por motivo de saber que eu era português, e me falava em inglês.

O Tony Cortelho, passadas três semanas, veio ter junto de mim, pedindo-me desculpa, por me falar inglês, sabendo que eu era português. A sua maneira de lidar com as pessoas era a mais correcta e humana que eu já vi, até na sua maneira de brincar com o pesscal, que só o fazia, depois de conhecer quem as pessoas eram, e se mereciam a sua confiança. Foi a partir daqui, que ele me disse: se quiser, começamos a falar a nossa língua em vez da que temos falado até aqui.

Como já atrás me referi, este supervisor tinha uma maneira inteligente de lidar com os seus homens, como até própria, correcta, compreensível e humana, e sem mandar trabalhar depressa, era a ganga que mais produzia, das restantes três.

A Companhia pôs uma lei, de que todos os operários que fossem apanhados a fumar nas casa de banho, na hora do trabalho, seriam despedidos. Mas tal lei penso nunca ter entrado em vigor, porque o Tony Cortelho opôs-se, visto a casa de banho da sua ganga, era a que mais fumadores tinha, com a sua permissão. Mas como podia ser, uma ganga produzir mais que as outras, e ter operários por ali sem fazerem nada?... Era aqui que estava a inteligência do Tony.

Enquanto os supervisores das outras gangas, andavam so-

bre o pessoal, e mal terminavam um serviço, eram logo postos noutro, sem um minuto de folga, o Tony Cortelho, fazia precisamente o oposto... dava-lhes as ordens, e deixava-os à vontade, e como estes sabiam, que quando terminassem aquele trabalho, iriam ter uma folga, às vezes de mais de uma hora, não era preciso mandá-los trabalharem depressa, e um serviço que em qualquer das outras gangas, levaria quatro ou cinco horas, na do Tony, era duas horas ou até menos, porque sabiam que eram compensados, e se por natureza do trabalho alguma vez não o fossem, eles iriam receber esse tempo e com juros mais adiante. Esta era a razão de todos gostarem de trabalhar para o Tony Cortelho, e de haver produção, e tudo andar satisfeito.

Nesta Canadian Companhia
onde trabalhei por dois anos
como não era isto que queria
tive que mudar de planos

Um trabalho muito mexido
andava sempre apressado
não me deixou surpreendido
porque já estava acostumado.

Em princípio não gostei
do António Supervisor
mas a conclusão que tirei
que era digno e de valor.

Ele gostava de brincadeira
e tanto recebia como dava
mas sempre de tal maneira
que toda a gente o respeitava.

Todos trabalhavam apressados
não era ele que mandava
era por serem compensados
quando o serviço terminava

Trabalhei por muito lado
bons e maus encontrei
o Tony foi o mais estimado
dos encarregados que trabalhei.

Confiança ele nunca a dava
se a pessoa não conhecia
depois tudo facilitava
sem nada tirar à Companhia.

Os tratos com humanidade
são para mim a maior valia
vai para ele esta verdade
junto a esta poesia.

Da Canadian Pacífic para a Metropolitan

A avalanche dos Portugueses e outros Europeus para o Canadá, estava a desaparecer, para dar lugar a outros povos, tais como: sul americanos, Asiáticos, Africanos e tantas outras nacionalidades, mas infelizmente, muitos destes, com um sentido diferente aos que traziam os Europeus.

Não quero elevar uns, e rebaixar outros, mas a verdade é tão clara como o cristal!... Não minto se disser, que foi este o ponto mais alto do progresso deste país, e do mais baixo índice na criminalidade. Os Europeus, que na sua maioria não sabiam falar inglês, traziam consigo somente uma intenção... trabalhar, para terem uma vida melhor. Falar-se a estes em Welfare, era uma ofensa e repugnância, enquanto que, a partir daqui, para tantos infelizmente, o Welfare tem sido o seu modo de vida, e o prazer de tudo terem, sem nada produzirem, que bem caro tem saído ao trabalhador Canadian, com tal malina introduzida na raiz do seu Maple, que tem feito mudar de cor a sua folhagem, de verde em amarelo.

Agora os meus serviços extras, na causa de servir e amar, quase que desapareceram, o que me dava saudade, por já fazer parte, como rotina da minha vida.

A esposa também dizia estar farta desta vida de Store, uma prisão para todos, sendo ela a mais sacrificada, porque tudo estava sob a sua responsabilidade. Estes Corner-Stores como se chamam em inglês, são muito trabalhosos com muitas horas de serviço, e o dinheiro nem sempre compensava os sacrifícios e privações, pelo que tinha de fazer uma mudança na vida, mas uma coisa por cada vez, mesmo que a situação financeira já não fosse das piores.

Numa certa ocasião, quando encontrei este trabalho do Governo, falei ao meu supervisor Tony, que mesmo com pena de me perder, aconselhou-me esta mudança de ir experimentar, mas sem me despedir da C. Pacific.

Como o serviço na Pacific, terminava à meia noite, e na Metropolitan começava às 7.30 da manhã e terminava às 4 da tarde, saí dum, e pegava noutro, coisa que fiz por duas semanas.

Uma vez este novo serviço, ser o melhor de todos até àquela ocasião, e com muitas possibilidades de poder melhorar, desisti da C. Pacific, sem que nunca pudesse esquecer esse supervisor português «António Cortelho» que além dum homem humano, era também um amigo, que não esquecerei enquanto viver.

O Canadá perdeu a sua graça
e também o seu apogeu
e logo caíu em desgraça
quando desistiu do Europeu.

Não pretendo discriminar
raças ou nacionalidades
mas esses que te vêm procurar
é em busca de oportunidades.

Canadá, recebes tanta imundíce
que só querem o teu sistema
o teu Maple, e sua leaf
estão doentes e dá-me pena.

Canadá foste árvore robusta
com ramos sempre a crescer
mas os que vivem à tua custa
têm-te feito enfraquecer.

Há por ali tanto grupo
que só de ti quer tirar
esse teu cobiçado Syrup
enquanto o tiveres p'ro dar.

Maple-Leaf a tua fama
de não discriminares os maus
são esses que te vão pôr na lama
depois de já estares no caos.

Refugiados são aos milhentos
e tantos... sem razão de ser
estes nem precisam de juramento
para receberem do Welfare.

São estes que te estão a matar
porque não te têm amor
até já te fizeram mudar
ao Maple-Leaf a tua côr

Os parasitas não têm conto
no Maple deste país
começaram-te pelo tronco
e já os tens na tua raiz.

Esse círculo já vicioso
e se o Governo não acordar
com esse roer de teimoso
nem a lenha te vai ficar.

Na Metropolitan de Toronto

Entrei para esta corporação em Junho de 1972 como servente, na Leslie, Water treatment Plant. Conheci aqui vários lugares, assim como diferentes categorias: Handyman, Operador, Maintenance. Isto nos quatro primeiros anos, os dezoito restantes, foi a Capitanear um pequeno barco de carga e passageiros, ao serviço do departamento da Marinha da cidade de Toronto.

Ainda com o Store, a mulher acabava de ter uma filha, a última da família, sendo agora quase impossível continuar a operar o negócio, e ainda que se mantivesse por algum tempo, mas acabou por se despachar, pouco depois. Como era aqui que vivíamos também mudámo-nos para um apartamento, dum prédio que já possuímos, na Dundas & Lisgar.

Agora todos estávamos satisfeitos, porque voltámos a ser livres, podendo passear aos Domingos, ter férias, e até com tempo livre para voltar de novo à escola, e a esposa com mais tempo para olhar pelos filhos, pois só alguns anos depois voltou de novo a trabalhar. E para mudar de ares e matar saudades, ela e os filhos, vieram a Portugal, não o podendo eu fazer, por não ver garantias na minha liberdade.

No fim do ano de 1972, como era usual, os operários temporários eram transferidos para outros locais, antes de levarem Lay-off, calhando-me para a Jonh St. Pumping Station Water Supply, onde estive até uma semana antes do Natal, para voltar a ser chamado de novo, na Primavera do ano seguinte.

Tal como já esperava, fui chamado para o local que deixei, quando levei Lay-off, mas com uma diferença: quando deixei o serviço, estava na parte mecânica, e agora era chamado para o departamento de construção, na reparação das condutas que levam as águas à distribuição domiciliar. Mas aconteceu algo interessante, que foi muito benéfico para mim, e me abriu o caminho, para poder conseguir um trabalho digno, nesta Corporação Governamental, a que mais tempo servi neste país, Canadá.

Da Pacific fui para a Metro
com o fim de melhorar
havia ali muito esperto
que tinham o mesmo pensar.

Concorrendo ao que podia
ao que sabia e não fazer
mas nisso que desconhecia
tentei até ir aprender.

Ao College de novo voltei
e um novo curso tirei
porque era minha intenção

Concorrer no que podia
mas isto só o conseguia
o que tinha qualificação.

Toda a vida ouvi dizer
p'ro bom da vida se alcançar
tem que se lutar e sofrer
sem desistir ou desanimar

A vida é uma estrada
em que só passamos uma vez
e faz-se tanta coisa errada
por ignorância e malvadez.

Estrada já sem sinalização
onde o assassino e o ladrão
são da humanidade o terror

São as tais liberdades excessivas
que vão custando tantas vidas
e à humanidade, o luto e a dor.

Um Elogio às Mães Trabalhadoras

Vão os mais sinceros elogios
à minha e tanta mulher
às vezes fazendo giros
pagando a quem guarde os filhos
sem ajuda do Welfare.

Bem dignas de admirar
essas que dão o pão e carinhos
em turnos vão trabalhar
as vezes metade é p'ra pagar
a quem lhe guarde os meninos.

Tanta gente nestes dias
são como nos astros os ventos
fazem tempestades frias
só pensando nas regalias
são uma sombra de outros tempos.

Glorifico a mulher dedicada
a boa esposa, mãe e mulher
a que não quer ser divorciada
nem com filhos, sem ser casada,
só para viverem do Welfare.

Há coisas que não dá para entender
coisa que não é compreendida
tantos que sem nada fazer
estão do Canadá, mais a receber
que os que ali trabalharam uma vida.

Rejeita os dinheiros sociais!?
Sê mulher digna imaculada,
são dinheiros que desfazem casais
não queiras ser dessas tais
mas antes honesta e honrada.

Às sete e meia desse meu primeiro dia, da segunda temporada na Metropolitana, respondi à chamada que era feita dentro do Shop. Os novos operários foram distribuidos pelas gangas, mas por lapso, esqueceram-se de mim.

Já ia uma hora, e como ninguém me tivesse dito nada, fui eu mesmo ter com o supervisor do Shop, que fez um gesto de quem está passado, e disse ter-se esquecido de mim, e em seguida disse: Vai ao outro lado da Avenida, que logo vais encontrar um grande sinal, que diz Marine Yard, e apresentas-te ao Capitão Miller, para ficas com ele esta semana, e se ele te lá quiser, podes lá ficar até ao fim da temporada.

Neste pequeno departamento, trabalhavam apenas dez homens permanentes, sendo todos operários especializados, à exceção do homem da limpeza, e os restantes quatro «Labours ou Serventes», fazendo um total de catorze, na época do Verão. Este trabalho da Marinha era como que umas férias à Beira Mar.

Estes homens ali afectivos, eram capitães, Engs. de Máquinas, Mergulhadores e Deckends. Este departamento da Marinha era quem tinha a responsabilidade dos trabalhos no Lago Ontario, nesta Zona Metropolitana.

Sem nada perceber de máquinas, mas mediante uma explicação, dada por um velho marinheiro, puseram-me a trabalhar no lugar de um ajudante de máquinas, que segundo então me foi dito, e mais tarde tive a certeza, costumava-se alcoolizar, e de quando em vez, tinha de deixar o trabalho, para não dar nas vistas do público e dos chefes supervisores.

O Capitão chefe era amigo de tapar tudo e todos, com a capa do seu bom senso, e assim as faltas iam sendo escondidas, sem que ninguém se apercebesse.

O Capitão com quem fui trabalhar, de nome Sydney, era um inglês de Liverpool, mas ao contrário da maioria do seu povo... era muito pequeno e gordo, com um grande nariz achatado, que com a sua maneira cómica de falar, dava a ideia dum palhaço, e sem o cinismo ou discriminação, usado por muitos dos da sua raça. A sua dignidade e senso humano, era a última palavra na escala do respeito e o amor pelo próximo.

Eu fui parar à Marinha
por um mero esquecimento
tão boa gente ali tinha
que não esqueci com o tempo.

Hell Dewland e Sydney
ensinaram-me tanto segredo
e tudo o que ali consegui
em grande parte lhes devo.

O Dewland, da Terra Nova
com o Sydney deram prova
dos seus bons senso morais

Ao Sydney perdi-lhe o norte
ao Hell, acompanhei-o até à morte
p'ra lhe dizer adeus, até nunca mais.

O Sydney, um velho marinheiro que toda a sua vida fora a navegação, conhecia muito desta arte, e era disto que ele gostava de falar, sempre que houvesse quem o escutasse, e eu como curioso que era, não só o escutava, como lhe fazia também perguntas, que sempre respondia ao melhor agrado. Foi este bom homem que me incentivou, a voltar à escola, mas desta vez, para estudar navegação.

Como para estes cursos, só aceitavam com a grade doze, ou sua equivalência, igual ao antigo sétimo ano em Portugal, tive que ir concluir, a parte que desta grade me faltava.

Nestes cursos de navegação, e no que respeita a capitães, havia os «deep Sea» e os «inland Water» os do Mar, e os dos Lagos, sendo este o que me interessava.

Para nós, em que o inglês não é a nossa primeira língua, quer neste ou outros cursos, onde aparecem muitas palavras sinônimas e termos técnicos, é-nos sempre difícil, devido à falta de bases, e foi neste ponto, que o velho capitão muito me ajudou.

Já depois de ter a licença, continuei na Marinha como Labour, por não haver vagas, e como antes, sujeito aos despedimentos temporários, que me levou a espreitar outros caminhos, concorrendo a postos, de acordo com os meus conhecimentos e ca-

pacidades. Ser Labour na Metro, já era quase um senhor, mas como lutar é vencer, eu ia lutando, em busca de uma situação melhor, a grande ansiedade de quase todos os humanos.

Fui a vários concursos para diferentes trabalhos, tendo passado na prova escrita, em muitos deles, mas na prática sempre era reprovado, na maioria das vezes, até a conhecermos o serviço, mas, umas vezes por falta desses termos técnicos e rasteiras a que não se estava familiarizado etc., etc., e como o nome de «Santos», não é da língua inglesa, não soava bem, nestes lugares privilegiados da Metropolitan, e logo se era discriminado pela maioria desses examinadores, em favor dos seus. Assim, ao terceiro ano de trabalho para esta corporação, ainda apanhei Lay-off por alguns meses, não sendo este um grande mal, pois tinha o desemprego. O mal estava em não alcançar os benefícios, que só eram adquiridos depois de trabalhar um ano completo, ou por meio de uma promoção. Esta a grande causa de todos quererem concorrer.

Nesse fim de estação, quando regressei de novo à John St. Pumping Station, já não fui para as gangas da rua, mas sim no Shop, a fazer o serviço de Handyman, debaixo da supervisão do chefe dos mecânicos. Mas como os Labours não podiam usar farramentas, só apenas ajudar os Machinistas, eu tive de parar de fazer tal serviço. Como estava já aprovado, por isso na chamada eleitable lista, o supervisor promoveu-me temporariamente enquanto precisou de mim, para depois do serviço feito, pôr outro no meu lugar.

Foi nesta altura que tive um acidente e esmaguei um dedo em que tive de ser operado. Mas como nenhum supervisor gosta que os seus operários vão para a Compensation, este depois de vir do hospital, tentou convencer-me, para não ir para o seguro, e me deixasse ali ficar, e nada faria enquanto não estivesse bom. Como acabava de ser traído por ele, e saber o que tudo era capaz, recorri aos meus direitos, o que logo tentou a sua vingança.

Como sabia que me faltavam duas semanas para adquirir os benefícios, mesmo estando doente, deu-me Lay-off, para não atingir o desejado, coisa que nenhum supervisor antes tinha feito, e nem me lembra que algum o viesse a fazer depois disso. Tal era a qualidade deste indivíduo!

Dizem não haver discriminação
mas isso é um falso pregado
fui tantas vezes discriminado
mesmo sendo eu um refilão

Tenho cicatrizes na mente
e pelos indefesos respeito
para lhes garantir o direito
é a razão que os ajudei sempre

Se o nosso trabalho lhes agrada
até somos os preferidos
e tudo está muito bem...

Mas depois da casa arrumada
e como já estão servidos
voltamos a não ser ninguém.

A História da Maria C.

Duas semanas após o meu acidente, estando na situação de Lay-off, era agora informado, para voltar ao trabalho quando pudesse, pois tinha terminado o meu despedimento temporário, o mesmo que dizer: já te lixei... não tendo recebido de mim, nem uma única palavra, e só fui trabalhar, quando as condições do acidente estavam totalmente recuperadas.

Foi na clínica onde ía diariamente fazer tratamento, certo dia encontrei ali uma senhora dos Açores, uma tal Maria C., fazendo o mesmo tratamento do meu, mas só que ela era a um braço. Fiquei confuso, quando vi esta senhora a chorar, que não sabia se era pelas dores, ou por outra coisa qualquer, e ao perguntar-lhe a razão do seu choro, disse-me então o motivo da sua mágoa.

Diz-me a senhora C., eu trabalhava numa Companhia de limpeza onde me aleijei, sendo o encarregado um português da minha Ilha, e recusou-se a mandar o reporter do acidente a Compensation, alegando ser manha minha, ou se na realidade estava aleijada, tinha sido fora da companhia, e ainda que o reporter do médico tivesse sido enviado, mas sem o do trabalho a Compensation não lhe pagava, pelo que a mulher estava a ver que além das dores, eram também os direitos negados.

A Senhora que agora aumentava ainda mais o seu choro, dizia ter nove filhos, e o marido não poder trabalhar por ser um homem doente, e com tantas bocas a comer e contas para pagar, não via qualquer saída na sua vida, e aquele malvado negava fazer uma coisa que era verdade e de lei!...

Esta mulher, forte e vestida de preto, junto do choro, fez-me lembrar a minha mãe, nos meus tempos de criança, quando chorava pela dor dos seus sacrifícios, e por não ter pão para dar às bocas famintas dos filhos que a rodevam. Sem nunca antes ter tido qualquer contacto verbal com a Senhora, senti a revolta dentro de mim, contra a injustiça e falta de humanidade, e por isso na

obrigação e dever moral de ajudar a mulher, que logo lhe perguntei se ninguém ainda a tinha ajudado neste ponto? — Já sim, disse a Senhora... até já o médico lhe telefonou, e a resposta foi a mesma...

A Senhora tem o telefone dele? — Tenho sim, disse-me: Quer vir comigo a minha casa, a fim de mais uma tentativa telefónica? vou sim!... A Senhora esperou que eu recebesse o tratamento, para depois irmos tratar do seu assunto. A mulher assentou-se na cadeira e deixou de chorar.

Eu morava então, no 1357 da Dundas St. W junto da Lisgar, e a Senhora Maria, que também não me conhecia, acompanhou-me e confiou em mim, e talvez naquilo que eu iria fazer em seu favor.

Pego no telefone, e ligo ao seu supervisor, e a Senhora Maria C. assentada no sofá da minha sala, deverá ter ouvido uma «mentira», que desta vez, foi mais forte que toda a sua verdade:

Ao responderem do outro lado de lá, sem me identificar quem era, pedi que queria falar com o encarregado da Senhora Maria C., que logo a pessoa disse, ser ele mesmo, e aqui começou a minha mentira, mas a única arma para defender a mulher, que começa assim:

Eu sou o funcionário dos direitos humanos do Ontario, e acaba de chegar aqui uma Senhora de nome Maria C., queixando-se de que trabalhava debaixo da sua supervisão, e segundo diz, aleijou-se no serviço, tendo consigo provas do médico, como na realidade está elejada, e o Senhor recusou-se a mandar o reporte do trabalho para a Compensation, não podendo desta maneira, receber os benefícios a que tem direito, e tal como rege os direitos na lei do trabalho, tal reporte, tem de dar entrada naquele departamento, no prazo de quarenta e oito horas, ou a sua contestação, e o senhor nada fez.

Uma vez assim, isto tem de seguir para o tribunal de trabalho, e ainda que a Companhia tenha responsabilidade, mas é o Senhor o principal réu, e é sobre si, que é feita a queixa e acusações, e como a Senhora não fala inglês, você pode ser condenado, por abuso e discriminação, que o pode mesmo levar à cadeia, e eu não gostava que isso viesse a acontecer, a ninguém da minha pátria. Quero avisá-lo apenas de tudo o que está a acontecer.

O homem, segundo dizia a Senhora Maria, era um fanfarrão,

agora na sua conversa, mostrava-se nervoso e preocupado com tal novidade, e sem nada lhe pedir, era agora ele que se queria ver livre desta confusão, e diz-me: mas isso não se pode resolver sem ter que ir para o Tribunal? — Pode sim... enquanto isto estiver nas minhas mãos! — Então o que é que hei-de fazer? — E só eu mandar aí a mulher, dar-lhe o reporte, e ela trazê-lo aqui antes das três, e assinar uma forma, que nada quer contra si.

Então ela que venha, e o Senhor pare com isso... e fico muito obrigado ao Senhor. — OK!... É um prazer... mas do outro lado, ouve-se por último: o prazer é todo meu!...

A Sr. Maria C., como nada conhecia a meu respeito, até ela acreditou, em tudo o que ouviu, e até foi bom, porque a sua ingenuidade, podia deitar tudo a perder.

Ordenei à sr. Maria para ir de imediato buscar o dito reporte, tão desejado e até necessitado, que só com ele poderia obter o tão almejado dinheiro, que a fazia chorar, talvez mais que as próprias dores.

Ainda que tenha dito a senhora que trouxesse ali o reporte, para eu o enviar à Compensation, mas ignorou-me totalmente, e não mais ali apareceu, nem mesmo mais a vi, no local do tratamento. Só três semanas depois, voltou a minha casa de novo, pedindo perdão pela sua falta, mas não me queria dar mais maçada, e fora esse o motivo, de ela própria o enviar, mas como se perdeu, agora não sabia o que fazer.

Tive vontade de ignorar a mulher e não lhe fazer mais nada!... Mas decidi não fazer isso, pois a mulher estava farta de ser enganada com alguns oportunistas que diziam resolver-lhe o problema, e só lhe comiam o dinheiro, e ainda que eu conseguisse o que desejava, mas se não me conhecia, quem lhe diria a ela que eu não era um dos tais?! E o dinheiro que iria receber, era pouco para tanta necessidade. Falei de novo para o seu encarregado, dizendo-lhe que por lapso me esqueci de tirar uma cópia, para juntar à reclamação anulada, para sua defesa. A Sr. Maria, que foi buscar a segunda via, desta fez veio-ma trazer, para eu a enviar. Mas de novo, não mais voltei a ver a mulher, sei que tudo correu bem, como tinha o número do claim, para ter a certeza, um dia telefonei.

Cerca de uns quinze anos depois, vi a Sr. Maria, no Strore de um amigo, ali na Queen, ao ver-me deixou as compras no carri-

nho, a saiu para voltar mais tarde, tendo dito ao dono do estabelecimento, ter feito aquilo, por ter vergonha de mim. Como as pessoas são!...

Numa Clínica de physiotherapia
onde eu me ia tratar
numa manhã de certo dia
ali vi uma senhora a chorar.

Ao presenciar esta cena
quando uma jovem a tratava
eu desconhecia o problema
e a razão porque chorava.

Perguntei à senhora então?
Qual era a sua desgraça
diz-me ter sido discriminação
por alguém da sua raça.

Ainda num soluçar
lamentava a sua sorte
aleijou-se a trabalhar
e foi-lhe negado o reporte.

Disse à mulher condoido
p'ra sua mágoa acalmar
se quiser venha comigo
talvez a possa ajudar.

Tal senhora eu nunca vi
talvez pelo problema e dor
acreditou tanto em mim
como num anjo protector.

Telefonei ao encarregado dela
acerca do reporte negado
eu agora ia ajudá-la
por isso ia a qualquer lado.

Disse ser para o prevenir
a causa que o preocupava
e sem nada lhe pedir
deu tudo o que eu desejava.

A senhora teve sorte
porque isto deu resultado
e obteve o tal reporte
já por outros tentado.

Como ninguém ajudava por nada
de certo a Senhora pensou
de eu querer alguma paga
por isso já mais se mostrou.

Como sou um realista
a Senhora compreendi
podia ser um oportunista
como tantos que há por aí

Se é que fiz algo de bem
fi-lo com sinceridade
nunca nada exigi a alguém
além do carinho e amizade.

Quatro meses depois do acidente, retomei o meu trabalho, na planta que tinha deixado, para duas semanas depois ser promovido a Handyman e transferido para a «Main Station Treatment Plant», onde trabalhei por dois anos, em diferentes posições, até um dia em que tive de me levantar em píncaros, contra algo que eu levei como discriminação, a mais descarada que eu já enfrentei na minha carreira de trabalhador.

Já por mais de um ano que estava a fazer um serviço internamente, que era de um indivíduo escocês que se tinha reformado. Neste serviço, que requeria muita arte e manha, e sobretudo toda a atenção, para evitar problemas, e mesmo assim eram constantes.

Assim que tomei a responsabilidade por este trabalho, alterei algumas coisas, que me pareciam estar na origem desses pro-

blemas, e estes começaram a diminuir, tal como as dores de cabeça dos supervisores, e ao fim de dois meses, não havia problemas neste serviço.

Mas agora era o problema do dinheiro... pois havia uma diferença, mais dum dolar a menos, entre o que devia ser pago por aquele trabalho, e o que recebia, e se eu fazia o serviço, e agora até já sem problemas, porque não me davam a diferença? Ainda que fosse reconhecido o meu ponto, mas como não era permanente naquele trabalho, iam-se esquivando de me pagarem o que era justo e legal, mas como estava à espera de obter este serviço, também não queria entrar em litígio com os chefes, e como nunca esqueci esse provérbio... a perder se ganha e a ganhar se perde, e como também ainda me faltava o exame de escrita... fui esquecendo essa diferença e fazendo o melhor que sabia e podia.

Com saudades eu deixei
na marinha o grupo amado
e a Main Station retornei
onde Já tinha trabalhado

Fui p'ro lugar dum escocês
que se tinha reformado
eliminei os problemas de vez
quando já a meu cuidado.

Como tal grade não possuía
quiseram-me convencer um dia
que nada podiam fazer

Pensando que o português coitado
trabalhava bem e calado
e sem nada mais receber.

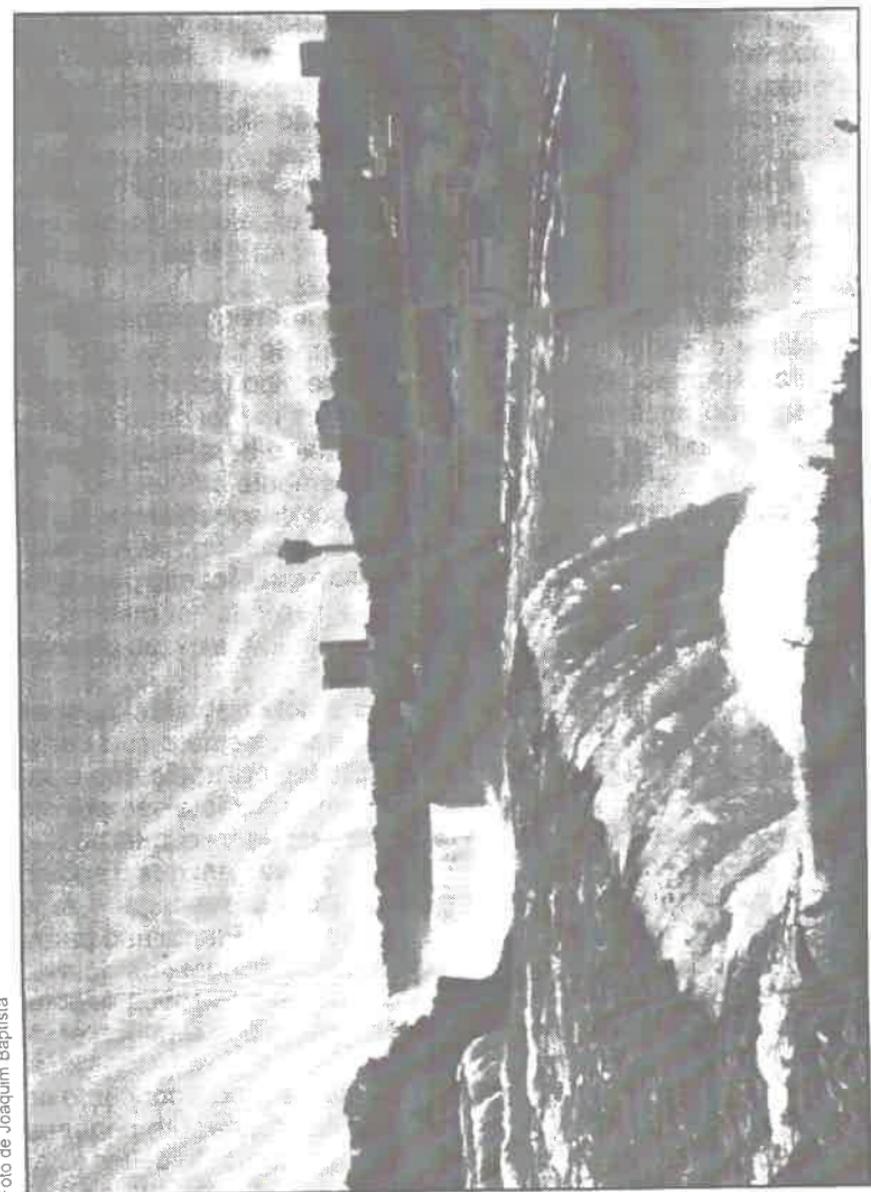


Foto de Joaquim Baptista

As Cataratas de Niágara Falls, uma das Sete Maravilhas do Mundo. À esquerda, as Cataratas dos EU da América e mais distante e à direita as do Canadá.

Já havia mais de um ano que estava a trabalhar neste serviço temporariamente, quando puseram este serviço a concurso. Como já muito que esperava por este exame, fui-me treinando a cada dia, e quando esta examinação chegou, não encontrei nenhuma dificuldade em passar o teste escrito, a terceira melhor prova, em cerca de cinquenta concorrentes, e como já trabalhava neste lugar por mais de um ano, e com um reporte excelente, pensei que este serviço me pertencia, mas não pertenceu... e só porque era um português!... e foi dado a um outro escocês.

Foi nesta ocasião que a União teve de intervir, por me recusar a ensinar o trabalho ao novo Handyman. Se tinha passado na escrita com mais alta qualificação, e o serviço por mim desempenhado por mais de um ano, e nem assim me foi dado o trabalho, como podiam exigir, que fosse ensinar o homem a quem tinham dado o serviço?! Recusei-me firmemente a fazer tal.

Como fosse ameaçado de punição por desobediência, fui na companhia do representante do trabalho, expor junto dos chefes a razão da minha recusa. Se não tinha tido qualificação para passar, muito menos tinha para ensinar, e não ensinei mesmo. O representante da União, apoiou a minha atitude, e exigiu a minha transferência para outro lugar.

O homem que apanhou o trabalho e nele trabalhou apenas dois dias, no meio de constantes problemas, pediu a sua transferência, de contrário recusava esta posição. Foi então que o supervisor deste trabalho, homem que me deu razão e sempre me apoiou, veio ter comigo, para voltar para este serviço, mas só que agora, era com A.R. o chamado Alterning-Rate, em que o salário é pago de acordo com a Grade, o que antes me fora negado, mas mesmo em tais condições, eu rejeitei. Claro... a Planta não parou nem deixou de operar, só que custou muitos milhares de dólares em horas extras, como também muitas dores de cabeça a todos eles, até descobrirem os truques que eu aprendi, e nunca ensinei, o que não era tão fácil assim.

Ainda no meio desta agitação, veio um serviço a concurso na Marinha, onde já tinha trabalhado, para capitanejar um pequeno barco, mas além desta licença exigida, teria também de ter a categoria de Handyman, posição que eu possuía e exercia de momento, e assim apliquei de imediato. Como já tinha as licenças, já não tive de fazer o teste escrito.

Foi neste trabalho de Metro
onde mais tempo trabalhei
e foi aqui que encontrei
gente de todas as nações
e serví várias posições
em alguns diferentes lugares
nos serviços que eram aos pares
que semanalmente iam saindo
e assim muitos iam subindo
gradualmente de posto
que logo tiravam do rosto
as máscaras dos seus fingidos
e até mesmos os seus amigos
tantas vezes ignorados
e tantos eram privilegiados
não pelo conhecimento e valor
mas sim porque eram de cor
nomes, língua e nacionalidade
e nesta mais pura verdade
eu fui vítima tanta vez
a última foi com um escocês
que deu p'ra bradar aos Céus
e só porque não era um dos seus
não me deram a promoção
e querendo que trouxesse p'la mão
e o novato ensinar
mas para tal jogo aparar
já tinha qualificação.

Fazerem de mim instrutor
era acto de humilhação
pelo que chamei a União
não sendo já a primeira vez
nada tinha contra o escocês
pelo serviço oferecido
não o dando a quem devido
mesmo com mais qualificação
havia sempre discriminação
se fosse Smith Brown ou Macke
quando já estava noutra parte

o Super mandou-me chamar
para de novo voltar
ao serviço que antes fazia
o escocês não entendia
e causa de tais problemas
como nunca gostei de cenas
e nem de ser humilhado
este caso o dei por encerrado
e me recusei a voltar
a Planta não veio a fechar
nem mesmo por isso parou
mas foram milhares que gastou
e de cabeça muitas dores
nesta casa tais Senhores
deviam ser punidos
por causa dos tais preferidos
vão-se destruindo valores.

Algumas semanas depois apresentei-me na Marinha, com grande alegria para mim, por voltar a fazer parte do grupo, e para eles, de me verem ali de novo, pois todos eram meus conhecidos e amigos, à excepção do novo chefe e do imediato, que vieram preencher as vagas deixadas pelo chefe Miller e velho Capitão Sydney, ambos reformados.

Neste concurso com vários concorrentes, era o único que não era da língua inglesa, por isso, ainda que estivesse dentro de todos os requisitos exigidos, era o que menos oportunidades tinha, mas só que desta vez, houve justiça, e o trabalho foi dado a quem o merecia, pois de contrário, estava disposto a recorrer às mais altas instituições do trabalho, os examinadores, foram mais honestos e humanos, sem discriminação, de raças línguas, nem inclinação de nomes. O serviço foi-me dado, por mérito próprio, o que me deixou feliz por essa justiça.

Este novo Chefe da Marinha, em nada se comparava ao velho Miller... pouco tolerante e muito desconfiado, Desconfiava de tudo e de todos, e sempre com mijinhices, até nos próprios gastos da manutenção da Marinha. Costumava cortar o aquecimento do edifício, mas para se sentir confortável, punha no seu office um aquecimento eléctrico. Até a água para beber era negada aos

homens das vizinhas construções. Foi nesta nega, que nós tivemos a primeira demanda, das muitas que viriam depois.

Num certo dia, chega ali um português com um barril, pedindo água para os seus colegas das obras, tendo-lhe dito, que se servisse à vontade, e ainda na presença do homem, começou com os seus disparates, que só se calou, quando lhe disse: esta água que ele leva para beber, é paga pelo governo, que somos todos nós contribuintes, e que não chega a ser, uma vigésima parte daquela que usas gastar, a lavar o teu carro semanalmente.

Com as suas sovinices, eliminou o trabalho de quatro labours, que anualmente para ali vinham na época do verão. Cortou todos os serviços extraordinários, até hora do lanche, quando se trabalhava o dia inteiro no lago. As viagens para a Ilha, foi-as eliminando também, e os operadores que iam e vinham nos barcos da Marinha, fez com que passassem a usar o Ferry Boat, tornando-se mais difícil para estes. Reclamava por tudo e por nada, era um homem insatisfeito e também muito medroso, sempre a criar conflitos e problemas dentro do seu departamento.

Dentro dos seis meses de aprovação, tive de engolir o sapo para não perder o trabalho, contudo, elas iam ficando registadas para a mais próxima ocasião, e não foi por acaso, que nos primeiros dois anos que trabalhamos juntos, a União teve de intervir por três vezes, por discórdias entre nós.

A nossa primeira, em que teve de meter a União, foi por algo que desapareceu. A Marinha tinha então o seu departamento, na Harbour Front, em frente da C. N. Tower, pelo que entrava ali muita gente, pedindo a casa de banho, como trabalhadores de outros lugares, que ali vinham levantar e entregar coisas, que iam para a Ilha. Mas por azar, começaram a desaparecer certos pertences da Marinha, que mais tarde se veio a saber, o autor desses desaparecimentos, sem que ninguém desconfiasse deste choufeur, que quase diariamente ali vinha fazer a distribuição.

Enquanto não se veio a conhecer o autor, eramos nós os ladrões desses furtos, e assim o Chefe, o Sr. «A», chamava tudo ao officio, para nos dar a preleção, como se entre nós houvesse um gatuno. Como não gostei do que ouvi, pedi licença e saí da reunião, alegando não estar de acordo com tais acusações... e também pela falta de respeito, perante aqueles que eram tão honestos quanto ele.

Um mês depois, desapareceu um rádio transmissor, de dentro do seu office, e uma vez mais, todos são convocados para mais uma acusação, mas só que desta vez, recusei-me a estar presente, pois se tal era feita para ladrões, eu como pessoa honesta, não deveria estar presente, e não estive mesmo. Mas se não fosse a força da União, mesmo com a razão e honestidade, iria pagar caro a minha desobediência.

Desiludido da Main Planta
voltei de novo à Marinha
a amizade ainda era tanta
dos amigos que ali tinha

Esta minha promoção
foi feita de justa maneira
sem haver discriminação
foi a última da minha carreira

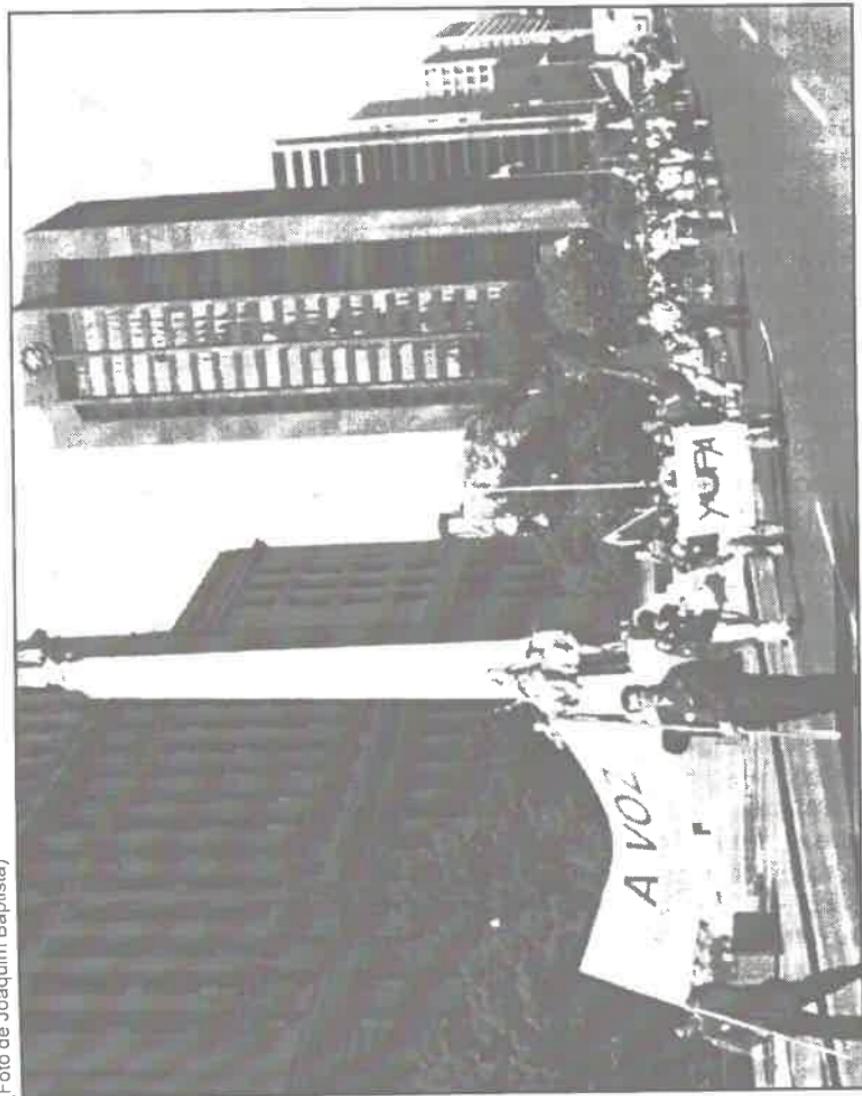
Ali trabalhei dezoito anos
serviço que muito gostava
e atingi os meus planos
atingindo o que desejava.

Nem tudo foram flores
nem uma carreira sem espinhos
ás vezes com dissabores
que nos surgem nos caminhos

Quando não se gosta de ver
Injustiças e infrações
por vezes cai-se sem querer
em grandes complicações.

Foi para mim uma grande desilusão
esse chefe que fui encontrar
igual ao velho Capitão
em nada se podia comparar.

*Uma parada portuguesa desfilando
na Universéty AVE*



(Foto de Joaquim Baptista)

*Na direcção da Bandeira Portuguesa, mas no lado direito,
há um Edifício que não foi apanhado pelo Foto, que é o Supremo
Tribunal do Ontário, OMD o autor deste livro serviu de Grand-Jury.*

Numa certa manhã, estava na capitania, quando aparece ali o tal indivíduo, que anos antes tinha sido meu supervisor e me lixou, quando tive o acidente, que desejava ir para a Ilha, tendo o meu supervisor ordenado que o levasse lá. Havia um barco pequeno a gasolina, com limite de sete passageiros, que estava sempre pronto para este género de serviços, entre a Ilha e a Marinha, mas tanto neste, como no que me estava distribuído, não era permitido fumar, só que na maioria das vezes, fechava-se os olhos.

Este homem que quase sempre estava com o cigarro na boca, entrou para o barco a fumar, e como continuasse, não pus o barco em marcha, que logo me perguntou porque esperava?! — Respondi-lhe: espero que o Senhor acabe de fumar!! Como vê, está à sua frente um sinal, indicando essa proibição. Como continuasse, saí do barco e fui ao edifício buscar qualquer coisa que me lembrou e me faltava. Quando cheguei, já não tinha nenhum cigarro aceso, e assim pus o motor em marcha e segui.

Ainda a pouca distância da Doca, esse supervisor com quem nunca mais encarei, acendeu de novo o cigarro, que observei pelo espelho retrovisor. Corto a marcha do barco, para advertir o fumador, esse não só ignorou o meu aviso, quando lhe disse, que era obrigado a voltar para trás se continuasse, sendo a sua resposta: — experimente se é capaz!... E como continuou a fumar, voltei mesmo.

Quando chegámos à Doca, logo se dirigiu ao office, para pouco depois, ser chamado pelo meu chefe, que no seu tom de voz imperialista me diz: «Tony... what your are looking for?... — For safety...» António... e que andas tu à procura de quê? — De segurança... — isto é muito sério o que acabas de fazer! Foi então, que à frente dos dois supervisores, lhes pus bem claro: não procuro problemas, mas antes evitá-los... fumar neste barco é um perigo, e não fui eu que pus esse sinal para não fumarem, e se quiser que eu o transporte, tem que cumprir esse regulamento. E... como graduado que é, deveria dar o exemplo, e não proceder desta maneira. Ser-se graduado neste caso, não tem direitos a mais antes deveres especiais! Sempre que trabalhei debaixo da sua chefia, respeitei as suas ordens, e voltarei a respeitar, se tiver a infelicidade de isso voltar a acontecer, e como não é ele o Capitão, mas sim eu, tem que respeitar as minhas ordens também.

Depois desta palestra, voltou a entrar de novo no barco, mas desta vez, nenhum cigarro se acendeu no percurso.

Pensei que a coisa ficasse por aqui, mas quando voltei da Ilha, o meu chefe manda-me chamar ao office, dizendo que tinha que reportar este caso, a menos que eu pedisse desculpa ao ofendido e este a quisesse aceitar... de contrário tudo tinha que seguir para o conhecimento da alta chefia. Eu pedir desculpa?... Nunca!... Se ele me a pedir a mim, não sei se o desculparei...

Duas horas depois, voltei à Ilha para trazer de volta o supervisor, mas não houve qualquer conversa entre nós, nem mesmo o fumo se viu desta vez, por parte do supervisor. Já deste lado, dirigiu-se ao office, onde ambos os supervisores, por mais de meia hora, falaram à porta fechada. Por fim, o meu chefe vem junto a mim, dizer-me se não queria pedir desculpa ou Mr. J., para que tudo ali ficasse enterrado... mas a minha razão aconselhou-me a não o fazer.

Já perto da saída do trabalho, às quatro horas, o telefone toca e o chefe manda-me chamar... era o queixoso fumante, dizendo-me que desta vez não iria escrever, mas que não voltasse a fazer o mesmo. Nem uma palavra lhe dei, fui para casa e fiz o relatório do acontecido, e enviei-o ao office central, com cópia do mesmo, para o Safety Committee, e nada mais soube o que se passou, mas sei que tal supervisor, não mais o transportei para a Ilha, e a sua missão passou a ser feita por outro supervisor, por sinal, um jovem italiano, de excelência em bondade.

A terceira e última das nossas grandes teses, foi em 1981, quando regressei de férias de Portugal. Como não me foi possível vir na data marcada, mandei um telegrama, explicando as causas do meu adiamento, mas só que ele, ignorou o telegrama, e no dia que me apresentei ao serviço estava afastado, por ordem superior, e como não tinha trazido qualquer justificação médica, visto só desta ser necessário depois de três dias, este Sr. meu Chefe dizia agora aquilo que lhe ia na imaginação!...

A partir daqui, as coisas ficaram um pouco comprometidos para mim, até à comprovação da verdade, dando-se depois o inverso, ficando as coisas fuscas e feias para ele, por não usar o bom senso, e ir contra os direitos humanos e do trabalhador, com tendência maliciosa. Não chegou a ser punido pelo seu erro, porque além das suas desculpas, tudo me foi pago, havendo tam-

bém a promessa de tais coisas não mais se voltarem a repetir... e já mais aconteceu.

Tudo melhorou entre nós, eu respeitava as suas ordens tal como sempre fiz, e ele passou a respeitar-me tal como eu era... e não como queria que eu fosse. O mesmo não acontecia para com os restantes colegas, que continuou a lidar na sua maioria, como que de cachorros se tratasse, sem respeito e grosseiro sempre que com eles contactava.

Sem mais chatices de maior, aqui trabalhei por dezoito anos, no serviço que sempre gostei, em paz e tranquilidade, até ao fim da minha carreira de trabalhador, em Janeiro de 1995, com sessenta e quatro anos, fui reformado neste país Canadá, onde dei-xei a melhor e maior parte da minha vida, as minhas forças, dificuldades e capacidades, a tristeza e alegria, os desalentos e glórias, mas feliz em poder dar toda a minha capacidade e vontade, em ajudar a construir uma Nação, de que muito me orgulho, de dela também fazer parte, onde encontrei a Liberdade e a expressão de palavra o direito de todos, e não só de alguns, podendo-se exprimir os nossos sentimentos e opiniões, e reclamar os nossos direitos, sempre que estes nos sejam negados.

Neste país de Liberdade, tão cheio de oportunidades e oportunistas, não quero dizer que tenha sido uma roseira só com flores... sim, há muita exploração e explorados, discriminação e injustiças, egoísmo e ambições pelas riquezas fáceis, tal como os prazeres em consciência, mas éramos livres podendo-se reclamar mesmo que não fôssemos ouvidos, ajudando-se os pobres indefesos e desprotegidos sem sorte, vítimas dos imprevis-tos da vida, sem o perigo de perder a Liberdade, como me aconteceu em Portugal.

Este Chefe homem sisudo
Que poucas vezes o vi rir
Desconfiava de todos e tudo
Foi o que vim a descobrir.

Os seus olhos só viam ladrões
E sempre que algo ali faltava
Logo se faziam reuniões
Porque esse ladrão ali estava.

Nessas reuniões usuais
Eu fui claro e oportuno
Para não me chamarem mais
Porque eu não era um gatuno.

Mas por destino ou azar
Algo voltou a ser roubado
E de novo me mandaram chamar
Para assistir ao rezado.

Recusei e disse não!
Foi a decisão que tomei
E nas tolices do Capitão
Eu nunca mais alinhei!...

A segunda foi a do freguês
Que nem lhe dizia respeito
Desse que me lixou certa vez
O tal malandrinho sujeito.

Como fumar não o deixei
Por ser um lugar proibido
Desobedecendo eu voltei
Ficando muito ofendido.

Ambos pensaram então
Na arma da intimidez
Para eu pedir perdão
Pela falta que ele fez.

Não lhe dei esse prazer
Eu tinha a razão e verdade
Fiz o que devia fazer
Com aprumo e dignidade.

Quem fez mal não espere bem
É um ditado muito antigo,
E por isso, este pagou também
Aquilo que lhe era devido.

A Rico não devas, e a Pobre não prometas

Ali junto à Dupont e Symington, nesta cidade de Toronto, Canadá, existe uma oficina de carros, de dois amigos meus de longa data, o Fernando e o Manuel. Como nos primeiros tempos era eu que fazia a escrita dessa oficina, passava ali uma grande parte dos meus tempos livres, não só nessa ocupação, como a conversar com aqueles e outros amigos que ali se costumavam juntar.

Neste local, além de ali entrar muita gente para a reparação dos seus carros, também outros por ali apareciam só para matar o tempo disponível, pelo que tal como no local dos Barbeiros, sabiam-se sempre muitas novidades, e se muitas pouco ou nada interessavam, outras havia que eram bastante úteis, especialmente quando se tratava de carácter laboral, a fim de ajudar os desempregados, como também muitos que tinham problemas de várias espécies. E como estes proprietários tinham muitos conhecimentos e ambos gostavam de ajudar, tantos foram beneficiados desse bem. Talvez eu seja a principal testemunha desse facto, devido ao número de indivíduos com problemas que faziam chegar junto de mim, o que não me lembro que alguém não fosse servido, e só foi pena que alguns depois de servidos deixaram-me na mente recordações tristes e amargas, mas não é desses a história que vou contar:

Havia um vizinho destes rapazes, um português da Ilha do Pico o popular «Ti-António», homem de pouco rasgo, sem instrução e sem maldade, que no meio da sua simplicidade, as suas palavras tornaram-no num homem humorístico, com quem todos gostavam de brincar, mas sempre dentro do devido respeito.

O Ti-António estava desempregado já por cerca de três meses, sem que nada tivesse recebido do fundo de assistência do trabalho, soube mais tarde a razão dever-se a uma falha no preenchimento dos papéis, em não terem mencionado o tempo que trabalhou no penúltimo patrão. Ainda que já por várias vezes

e com diferentes pessoas fosse junto desse departamento reclamar, a conversa era sempre a mesma: Não tem direito!... E para agravar mais a situação do Ti-António, tinha que pagar aos intérpretes, não só com dinheiro, como também com vinho e cerveja. Foi devido a este abuso que os meus amigos me pediram se o podia ajudar. Como dissesse que sim, mandaram chamar o homem com quem falei, e tudo ficou assente para o dia seguinte, às três da tarde, esperar junto do referido departamento.

Nessa altura, era piloto de um barco na Marine-Yard, esta divisão governamental da Metropolitano de Toronto era quem geria todos os trabalhos relacionados com águas nesta zona do Lago Ontário. E ao contrário do que estava previsto, o capitão que usava levar os mergulhadores para os serviços do Lago não apareceu nessa manhã, e como havia uma rotura numa conduta de água para o abastecimento da cidade que teria que ser reparada, fomos encarregue essa missão. Além dos mergulhadores e operários, havia também o equipamento e material a levar, para que a reparação fosse feita sem problemas.

Era uma linda manhã de Julho de 1980, o Sol matinal a pouca altura do seu nascente, fazia reflectir o seu brilho sobre as águas calmas e serenas da bacia da Harbour Front, como até no interior do Lago Ontário, os raios solares introduzidos por entre as ramagens do basto arvoredo dessas ilhotas, aqui e além iam deixando trespassar a sua luz, que trazia consigo as melodias das bastas espécies de aves que habitam nesta Ilha de Toronto, que logo se juntava aos cuás... cuás... das patas mães, a chamarem os filhotes que se afastavam de si, na busca do alimento por entre os barcos de recreio dos turistas em férias, na maioria americanos, que anualmente aqui vêm veranear nesta época do ano, com os seus luxuosos e confortáveis barcos, onde nada falta para o prazer de umas férias. Mas nessa hora da manhã, ainda não se dava pela presença humana.

Nada fazia prever nem mesmo aos homens da Meteorologia, que o vento mudasse ao Norte, para se tornar num verdadeiro ciclone, como nunca antes nem depois naveguei em semelhantes condições. Essas águas ainda há pouco calmas que pareciam uma planície, só dando sinal de si, quando dos mergulhos das gaivotas pesqueiras, eram agora um vai e vem de vagalhões e os impulsos dessa agitação faziam o barco, mesmo que ancorado e

os motores em guia, acompanhar a inclinação das ondas, para em seguida cair como que num vazio e desamparado, para logo voltar em seguida ao mesmo tempo que as águas entravam e saíam pelas partes laterais, enquanto outra ia ficando, que a bomba loga mandava para fora de novo.

Estes homens que nem nos assentos tinham sossego, uns rebolavam e outros iam-se agarrando onde podiam, alguns já em pânico, gritavam, vomitando e coisas mais que eu não vou descrever. Mandei que todos vestissem os coletes de salvação, e tomei todas as precauções necessárias para o pior. Chamei a atenção de todos, convencendo-os de que tudo aquilo era normal, sem necessidade de pânicos, porque ninguém ia morrer, e por coisa pior já eu tinha passado muitas vezes, e ainda ali estava para muito mais, o que não era verdade... E foi assim que quase todos se acalmaram ao ver o meu à vontade. Mandei uma mensagem pelo rádio ao Capitão chefe, do que se estava a passar, coisa que já era do seu conhecimento, para terem o helicóptero de prevenção em caso do pior. Recebi alguns conselhos e sugestões, coisa que já tinha sob controlo.

Ao ver este cenário, me lembrava desses que anualmente vão morrendo neste Lago, falso e traiçoeiro, que tanta vez nos recebe com um ar amistoso e gentil, para em seguida nos escorraçar sem compaixão nem piedade, ou tolerância por alguém. Mas eu tinha que fazer tudo por tudo para salvar aquelas vidas, tal como mandam os regulamentos e a consciência de quem pesa a responsabilidade, e ninguém podia morrer tal como lhes tinha dito, a bomba de água já não tinha capacidade de expelir o líquido que recebia, complicando ainda mais a situação, as instruções que estava a receber do chefe pelo rádio, em nada me ajudavam, como ainda me deixavam descontrolado e nervoso, e perder a calma e serenidade em tal situação, seria um total suicídio, pelo que enviei a última mensagem dizendo, que era eu que estava no meio de tudo isto, me deixasse actur debaixo dos meus conhecimentos e experiência, de contrário, desligaria o rádio.

Tal como já antes tinha feito, ainda que em situações menos embaraçosas, pus o barco com toda a velocidade até conseguir a linha desejada, para em seguida reduzir de acordo com as condições, cortando as ondas, sempre de leme bem firme, para não encalhar nas baixas das ondulações. Como estava no Este e te-

ria que seguir para o Oeste, com as ondas a seguirem o Sul, segui a linha do Noroeste, para depois voltar em direcção do Sudoeste. Com alguns rezados, sustos e gritos, a juntar aos calafrios escondidos do Capitão Tony, depois de três horas e meia de luta, nesse percurso de pouco mais de uma hora, felizmente todos chegámos sãos e salvos ao lugar tão desejado. Alguns me abraçaram dizendo: Tony, se não fosse a tua experiência e sangue frio, não sei o que seria de todos nós!... Enquanto outros juravam de nunca mais voltarem ao Lago, ainda que tal recusa lhes custasse o trabalho. Como já eram quatro horas, e encontro com o Ti-António era para as três, não me foi possível cumprir o prometido.

O Tio-António que nada sabia dos meus problemas, pois apenas lhe preocupavam os seus, como não apareci, perdeu a sua paciência, voltando irado junto dos seus e meus amigos, para descarregar tudo o que pensava a meu respeito, onde nada faltou, desde corisco mal amanhado, até vigarista e aldabrão de um filho da p... e acrescentando que os outros levavam o dinheiro e bebiam o vinho e a cerveja mas nunca faltaram!...

Sem fazer caso das suas palavras, expliquei as razões e pedi desculpa, pronto em o ajudar noutra ocasião, se o desejasse. O Ti-António, agora arrependido pelo seu desabafo, pedia-me desculpa pelo seu erro, ao mesmo tempo que discutia com os amigos, por me terem contado os factos do seu proceder. Mas tudo ficou em bem, e no dia seguinte fui com ele ao departamento do desemprego.

No dia seguinte, felizmente sem qualquer contratempo, lá estava à hora combinada, onde esperámos pela nossa vez, para depois sermos atendidos por uma senhora que já antes o tinha feito pelo mesmo caso em questão. Esta funcionária de pouca ou mesmo nenhuma simpatia, em voz directa e frontal diz-me: já da outra vez disse ao senhor que veio com ele, e vou-lhe também dizer a si. «Faltam-lhe duas semanas para ter esse direito». Tentei apresentar o meu ponto, sem que para isso me desse oportunidade, discordando da informação recebida, assim como da sua atitude, impus fazer chegar este caso à supervisora, a quem foi marcado um apontamento, que teve lugar pouco depois.

Esta chefe, ainda jovem, a quem apresentei os porquês da nossa entrevista, pareceu-me além de inteligente, competente,

compreensível e humana, depois de tudo ser explicado, tanto do assunto em causa como da fraqueza do homem que ela própria pôde testemunhar, e como se tratava de uma falha de caneta, junto de uma vá vontade, falta de amor e competência, tudo nesse instante foi resolvido, preenchendo-se os cartões referentes aos cheques a que tinha direito, que veio a receber três dias depois, assim como tudo encaminhado para o restante que ainda faltava. Com tudo recuperado o que já julgava perdido, o Ti-António era um homem feliz, sem ter de pagar com dinheiro, vinho ou cerveja, tal como sempre fiz: apenas amizade. Como fui o autor dessa felicidade, fiquei feliz também e a bem com a minha consciência.

LAGO ONTÁRIO

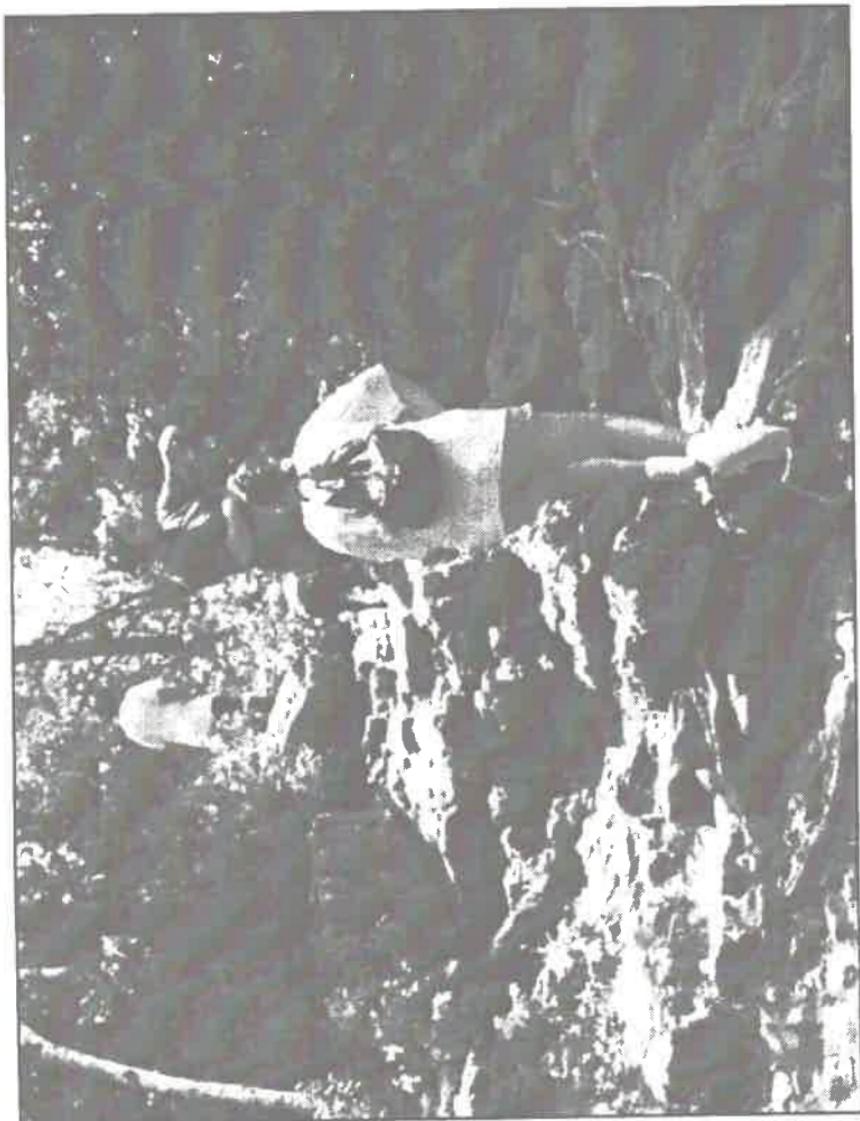
Malditos ventos do Norte
Que tantas ondas levantais,
Onde muitos encontram a morte
Por confiarem em ti demais...

Tuas águas calmas e serenas!
Eu as conheci muito bem,
Como as tuas tristes cenas
Sem compaixão por ninguém.

Sejam Lagos, Rios ou Mar
A água tem que se respeitar,
Mesmo sem temporal.

De leme sempre em boas mãos,
Para voltarem salvos e sãos
Em vez de um suicídio total.

Estas são as matas do Norte de Ontário, onde é cortada a madeira e levada para diferentes parte do Mundo



Na foto, estão as filhas e o neto do autor deste livro, passeando pelas matas, onde trinta anos antes o pai trabalhava

História do V.S. no Hospital Central

Numa certa ocasião, fui ver um doente ao Hospital Central, ali na Sherbourne e Carlton, um tal V. S. Este homem que nada falava de inglês, era ignorado nas suas necessidades, sempre que pedia ajuda às enfermeiras, e como era um homem muito paciente, lá ia levando a cruz ao Calvário no meio do seu sofrimento e resignação.

Desta vez vi o homem mais desanimado, não só pelas dores, como também pelo desconforto da sua cama, esta para onde o tinham mudado já há quatro dias, não subia nem descia, não podendo sentar-se, tornando-se não só incômodo, como também o aumento das dores e o agravamento do seu estado doentio. Ainda que o pobre V. S. já se tivesse queixado por várias vezes, as enfermeiras faziam ouvidos moucos e ignoravam-no como que fosse um nada que estivesse ali.

O ignorado doente contou-me tudo o que se estava passando a seu respeito naquele hospital, pois até a sua anterior cama, foi dada a outro paciente, sem saber a razão porque fizeram tal mudança, contudo pensava que tudo isso era por ser «testemunha de Jeová».

Depois de eu próprio experimentar a cama, vi que havia deficiência na realidade. Deixei as visitas com o doente, e sem nada dizer, dirigi-me à estação de enfermagem, e perguntei pela chefe que logo me veio atender.

Perguntei-lhe delicadamente, se tinha conhecimento do mau estado da cama do Mr. V. S., e se não tinha outra para substituir aquela? Pois em tais condições e sem o mínimo de conforto estava aumentado o seu sofrimento, mas logo a resposta da Chefe em palavras secas disse: eu sei o que se passa, sim?... Eu sou uma enfermeira e não uma mecânica de arranjar camas, e também não vou tirar um doente de uma cama boa para lhe dar!... — Então para quem foi a cama que ele tinha, ainda a semana passada sem qualquer defeito? Já vi quem sois, e do que sois capaz!

Sem haver mais palavras entre nós, nem mesmo voltar junto do doente, desci ao primeiro andar, dirigi-me à recepção, e pedi para falar com o director do hospital ou seu substituto. — Mas é assim coisa tão importante para ter de ser mesmo o director? — É muito importante, sim!... É grave!

Depois de o mandarem chamar, expus as minhas razões e tudo o que se tinha passado com a tal enfermeira, este me prometeu de mandar de imediato pôr tudo nos devidos lugares, e quanto á resposta da enfermeira, também iria saber a razão da sua atitude. Se bem o disse melhor o fez... e todo o mal foi resolvido naquele instante, e agora até já havia camas a mais... o que é a maldade meu Deus!...

Este doente, enquanto ali permaneceu, não mais foi ignorado, mas antes respeitado e tratado dignamente, e a enfermeira em causa, só se voltou ali a ver, ao fim de três semanas, mas já com uma atitude diferente. Sempre que ia ver o Simões, perguntava como tudo ia... sendo a sua resposta: não pode ser melhor!...

Fui um dia ao hospital
ver um amigo internado
algo vi, que era por mal
que me deixou indignado.

Deu-me pena tais condições
pelo que lhe estavam a fazer
são as tais discriminações
a quem não se pode defender.

Para este doente no leito
depois tudo lhe foi feito
fiquei contente, é bem de ver.

Ainda que rude e mal criada
se é que foi castigada
mas isso não meu deu prazer.

Outra História de um Doente

Numa outra ocasião, no Hospital da Bathurst, fui confrontado com outro incidente, mas este de maior gravidade.

Fui ver um amigo ali internado, num quarto onde estava outro português dos Açores, e mais dois canadianos de origem inglesa, estando estes dois naquele quarto já por bastante tempo, e ambos fumavam fora do normal, sem o mínimo respeito pelos restantes pacientes, com o consentimento dos responsáveis pela saúde, quando não se podia fumar, nem mesmo nos corredores.

Diariamente, quando saía da Marinha depois do trabalho, passava pelo hospital ver o meu amigo João. Se este estava dentro do quarto, saímos em seguida, por me sentir asfixiado, devido ao fumo dos cigarros dos dois doentes. Estes, ainda que ambos já em cadeiras de rodas, continuavam a julgar-se superiores aos demais, e como não respondessem à salvação que lhes dava, passei a ignorá-los também.

O português dos Açores que ali se encontrava, assim como os seus familiares, também mal respondiam, mostrando mesmo evitar conversas com a gente, mais tarde segundo disse, tinha mau agouro com a gente do continente.

Nessa tarde, quando ali cheguei, encontrei o João no corredor, que logo me contou o que se passara durante a noite com o nosso português, e o que se estava a passar de momento, tendo ele próprio telefonado à família do Senhor, devido ao estado em que se encontrava.

Ambos nos dirigimos ao quarto, que mais parecia uma incineradora que um lugar de doentes, e junto do C., na sua aflição, encontravam-se duas senhoras de bata branca, que logo compreendi ser uma Doutora e uma Enfermeira, que estavam introduzindo, através de uma máscara, o oxigénio para ajudar na respiração do pobre homem. No meio deste sofrimento, a esposa chorava ao seu lado, enquanto os dois homens mesmo na frente,

fumavam e riam-se sei lá de quê... Talvez por verem o moribundo sofrer, devido ao mal que ambos lhe estavam causando. É nestas alturas que nós sentimos algo por quem nos pertence, e foi o que aconteceu comigo uma vez mais.

Em frente deste cenário, dirigi-me à esposa, que não falava inglês, e disse-lhe: o seu marido está a ser morto por aqueles dois fumantes, e tanto a Médica como a Enfermeira ignoram esse mal, preferindo que o seu marido morra, a mandarem-nos parar de fumar. Isto é um crime, e se o que lhe estão a fazer fosse a um familiar meu, ou mesmo meu amigo, não calcula o reboliço que iria fazer dentro deste hospital! — Faça isso por mim, diz a Senhora, eu também vejo isso, mas não sei falar... Então deixe comigo!

Mediante esta autorização, dirigi-me às duas responsáveis da saúde e disse-lhes: desculpem-me... mas não é preciso ser-se médico para ver que este homem está a ser vítima daqueles dois fumadores, que autorizais a fumar dentro deste quarto com mais doentes, quando nem nos corredores se pode fazer, só apenas nas salas próprias para fumadores. Isto é um crime, e em nome da esposa aqui presente, privada de o fazer por não falar inglês, exijo que tirem de imediato deste lugar, ou os fumantes ou este doente, de contrário, se alguma coisa lhe acontecer, sereis responsáveis por crime voluntário.

Ambas olharam para mim, mirando-me de cima a baixo, e a mais graduada respondeu: Quem é o Senhor, para me dar ordens daquilo que eu devo ou não fazer e ainda usar de intimidações? O Senhor cala a boca antes que mande chamar o Security e o ponha lá fora, ou mesmo chamar a polícia se necessário for, compreendeu? Sem qualquer respeito, elevei a voz fora do normal e disse: se este homem aqui morrer, a autópsia que a família exigirá há-de dizer as causas da sua morte, e depois se verá...!

Como os repórteres da T.V. andam sempre à procura destes incidentes, deixei o quarto dos doentes para lhes ir telefonar, mas antes quis contactar com o director do hospital, informá-lo do que se estava a passar, e o que tencionava fazer, que seria uma bomba nas notícias da noite, mas o director não deixou que isso acontecesse, agradeceu-me com desculpas pelo acontecido, e prometeu pôr tudo nos seus lugares. Fui mais o João beber um café,

e quando voltámos ao seu quarto, nem o C., já ali se encontrava, nem a cama do João, ambos tinham sido mudados para um quarto semi-privado. O C., que só depois souberam, era alérgico ao fumo, e esteve entre a vida e a morte, mas uma semana depois, regressou a casa recuperado do seu mal.

Segundo me disse o João, o Sr. C., que não gostava da gente do Continente, dizia agora aos seus familiares: se não fosse aquele Santo do Continente, estes ladrões tinham-me matado...!

Na Bathurst neste Hospital
onde um amigo estava internado,
fiz um reboliço total
por um português ser mal tratado.

Numa sala de quatro doentes
sendo dois deles ingleses
fumantes e impertinentes
iam matando os portugueses.

Numa visita em certo dia
vi o amigo nos corredores,
falou do C., em agonia,
por causa dos fumadores.

O oxigénio ao homem davam
e a esposa rezava o rosário,
os tais dois riam e fumavam
e a mim me revoltou tal cenário.

Foi então que disse à mulher
do perigo que se estava a passar,
e ajudo-a, se você quiser,
para um pior mal evitar.

A mulher disse que autorizava
e até muito me agradecia,
fui junto de quem o tratava
e disse tudo o que sentia.

São aqueles delinquentes
que ali fumam seus cigarros,
neste lugar de doentes
são crimes autorizados.

Porque não os separam?
como sabeis isto é um mal,
foi quando me ameaçaram
com a Security do hospital

Eu disse-lhes muito zangado
do que estavam a fazer,
mas tal crime sair-vos-á caro,
e ai de vós, se ele morrer.

Vi nisto discriminação,
revoltei-me com furor,
pensei em chamar a televisão
mas antes falei com o director.

Depois de alguém o chamar,
pu-lo logo ao corrente
de tudo o que se estava a passar
com aquele pobre doente

O homem foi separado,
não mais tratado com desprezo,
eu iria a qualquer lado
para ajudar o indefeso.

A História do Grand Jury

Por vezes vê-se na televisão, quer em filmes como na vida real, audiências onde o Grand-Jury são os grandes responsáveis nestas decisões judiciais, que infelizmente, nem sempre acertam nos seus «GUILTS, OR NOT GUILTS» «CULPADOS OU NÃO CULPADOS».

A maioria das pessoas desconhecem como tudo isto funciona, e no meu VER este processo de se poder encontrar o inocente ou o criminoso, para o condenar ou absolver, nem sempre trabalha eficazmente para se poder encontrar a verdade, ainda que cada membro do Jury seja conduzido por uma consciência limpa e imparcial, sem se deixar arrastar pelas tais tendências, o que nem sempre é fácil, devido à nossa imperfeição e fraqueza, que às vezes nos leva a julgarmos pela aparência, como até influenciados pelas conversas dos advogados em causa, podendo levar alguns elementos mais fracos do Jury a uma decisão errada, e condenando-se inocentes e pondo em liberdade os criminosos, e nestas falhas humanas, os Juizes pouco ou nada podem fazer, além de respeitar as decisões do Jury.

Na carreira da minha vida, em que pus parte dela em defesa dos direitos humanos e da justiça em prol dos indefesos, também tive a honra de fazer parte desse «Grand-Jury», que foi mais uma grande experiência em saber como tudo isso funcionava, e como pode haver as tais falhas tendenciosas.

Nesse Jury de que fiz parte, além de mim e dum outro de origem Grega, os restantes, ainda que Canadianos como não podia deixar de ser, mas em maioria eram de origem Inglesa e Escocesa.

O julgamento em causa era dum jovem universitário de origem Italiana, contra uma Companhia de Seguros, por esta não lhe querer pagar entre outras coisas, os dois anos de universidade que perdeu, devido a um grave acidente, que não foi culpa sua.

Nesta audiência de oito dias, não foi fácil chegar-se a um consenso por parte de todos nos membros do Jury. E porquê?... As tais falhas humanas das tendências, que nos levam a uma maneira diferente de ver a realidade! E... por aquilo que observei... vi e ouvi, se este jovem que exigia os seus direitos, em vez de ser um descendente latino, fosse de origem Inglesa, da qual era composto a maioria do Jury, teria sido mais fácil este acerto de contas, que acabou quanto a mim, por ser feito com justiça para ambas as partes, mas tive que me levantar de pé... contra a maioria do Jury, que no ver de alguns, deu-me a ideia de perderem o caminho da Justiça e da razão.

Gostei de poder fazer parte dum Jury, e fiquei a bem com a minha consciência, por me debater em favor da justiça e da razão, e não ser um membro, apenas em corpo presente, só para dizer o simples AMEM!...

Para Jury fui escolhido
é uma honra... e um dever
tudo me era desconhecido
Grand-Jury... gostei se ser.

Na Supreme Court há um salão
Chamado a sala dos Jurados
por duas semanas ali estão
à espera de serem chamados

Para se escolher este painel
vão todos não fica nenhum
e da caixa vão tirando o papel
com o nome de cada um.

Dum em um deles são chamados
até ao número completar
mas podem ser rejeitados
se o advogado não gostar.

Depois do Jury escolhido
dão-lhe a sala de reuniões
do que na adiência foi ouvido
ali se tiram conclusões.

O primeiro que é chamado
salvo por qualquer razão
é sempre o encarregado
deste Jury em questão.

Dentro dessas salas fechadas
que o guarda fecha e vem abrir
às vezes há ideias erradas
bem difíceis de concluir.

Alguns deixam-se ir nas correntes
outros, até errados e teimosos,
pondão na prisão inocentes
e em liberdade... criminosos!...

História do WOLDU, «O Etiópio»

Certo dia, fui acompanhar a família a um culto religioso, e depois de terminada a cerimónia, já à saída para casa, vi ali um indivíduo de cor escura, com cerca dos vinte e cinco anos, à conversa com alguns elementos que também tinham assistido àquele sessão religiosa, sem nada dizer, acompanhei o diálogo e pela maneiro como se exprimia, não me foi difícil compreender, de ser alguém bastante culto, com bons sentimentos humanos. Falava muito bem o inglês, o francês e italiano, disse ser um oficial do exército da Etiópia, donde era natural, comprovando esse facto, com algumas fotografias de identificação que acompanhavam. Segundo disse, ter desertado devido à guerra civil que assolava o seu país. Como se tornara um estudante da Bíblia, comprehendeu que não mais deveria pegar em armas contra o seu irmão, sendo esta a razão porque ali se encontrava, e ciente dos sacrifícios e dificuldades que a sua crença lhe acarretaria.

Este rapaz necessitava de hospitalidade, orientação, assim como apoio moral, visto não ter neste local alguém de família ou gente conhecida, que o albergasse. Estou certo que alguns teriam até vontade em o fazer, mas... meter-se gente desconhecida em casa e ainda preto... era um risco que poucos corriam, e já mais quem não estava acostumado a este tipo de ajudas, pelo que dum em um, iam-se despedindo dele a ponto de ficar só, esperando por alguém mais que iam saindo, talvez na esperança duma alma protectora que havia de chegar.

Nessa altura vivia num apartamento, e por isso as coisas eram mais difíceis em alojar alguém, mas como ainda não estava esquecido destas caridades, disse para o meu consciênte: não vais ficar na rua, e sem mais esperar, fui junto do Senhor perguntar-lhe, o que necessitava? — tendo ele respondido o que já esperava, — era uma ajuda onde, pudesse ficar até dar rumo à minha vida, que penso não ir além de uma semana, levei-o para casa

«mas como as coisas se lhe complicaram, ordenei-lhe que estivesse todo o tempo necessário, que atingiu às oito semanas» se mais não esteve, foi porque não quis. Além de fazer tudo o que estava ao meu alcance lutei também pela sua legalização, ficando mesmo por fiador, com carta enviada ao Ministro da Imigração, com cópias a outras personalidades do Governo, tal como comprova nesta carta a seu respeito.

Tal pedido não foi aceite pelo Ministro, que continuava insistindo na sua deportação, mesmo assim, não baixei os braços e fiz uma segunda, mas nada mais soube do resultado, pelo motivo de se ter mudado para outra Província muito distante, onde segundo dizia, ter ali alguns amigos, que também lutaram com problemas idênticos. Escreveu-me agradecendo tudo o que por ele fizera, pedindo desculpa em não mandar a direcção dizendo como sabia que eu era inteligente, logo devia calcular a razão porquê...

Nada mais soube, a seu respeito nem da legalização, nem se foi deportado. A vida não é fácil para todos, e nem a todos dá a inteira felicidade, pelo que as minhas lutas, quer pessoais quer a favor do meu semelhante, nem todas foram coroadas de êxito e glória, e esta foi certamente uma, que não pude dar o abraço da felicidade, aquele que foi mais um, que tudo tentei para que a vida lhe sorrisse também.

Foi um culto de religião
 Quando a cerimónia acabada
 Algo me chamou a atenção,
 de um estranho que ali estava.

Era alguém recem chegado
 Vindo pela paz e liberdade
 Por certo necessitado
 De uma humana caridade

Caridade, ás vezes perigosa
 Quando dada à pessoa errada
 Se a pessoa não fôr cautelosa
 Pode cair numa cilada

Era um rapaz de cor
Que condenava o crime da guerra,
E ninguém lhe prestou um favor
Por não saberem quem ele era.

Como religião cor ou raça,
para mim são todos iguais!
levei-o comigo para casa
E fiz-lhe o que fizera aos mais.



HOUSE OF COMMONS
CANADA

Ottawa, Ontario
February 15, 1978

Dear Mr. & Mrs. Dos Santos:

Thank you for your letter concerning the immigration problems of Mr. Gabe Woldu. Unfortunately Mr. Brewin is presently under his doctor's orders to have a complete rest and he is not expected to be back in the House of Commons until early in April.

I can however assure you that efforts are being made to ensure that Mr. Woldu's case is reconsidered. I have recently spoken to his lawyer, Mr. Laurence Kearley, and I am optimistic that the difficulties will soon be resolved.

Yours sincerely,

John Jackaberry
John Jackaberry,
Assistant to Andrew Brewin,
Member for Greenwood.

Em Defesa da Verdade

Sou Cristão mas reconheço a fraqueza da minha fé, e talvez por isso, que a minha imperfeição é maior que deveria, mas mesmo com toda esta minha pouca apreciação sincera para com Deus, «não sendo merecedor das inúmeras dádivas divinas que diariamente recebo», continuo a respeitá-lo sobre todas as coisas humanas. Como os Homens são fracos e imperfeitos, talvez seja uma das razões, porque nunca fui um membro abnegado de qualquer religião, contudo, respeito e defendo aquela que se sacrifica pelo bem dos humanos, humilhados por vezes, por defenderm hones-tamente debaixo de certas pressões, aquilo em que acreditam.

Condeno fortemente todas as seitas, que usam o nome de Jesus e de Deus, para venderem os falsos milagres, às pessoas ingénuas e fracas, tirando-lhes parte do seu sustento diário, como até algumas economias existentes, que sempre guardaram, para fazerem face a um imprevisto inesperado, ficando desta maneira, cada vez mais pobres e mais doentes, porque os milagres não se compram, e nem se vendem por dinheiro, e os falsos profetas, vão assim aumentando as suas fortunas, guiando os mais modernos carros, vivendo em luxuosos apartamentos, e nas mais confortáveis vivendas. Tais seitas estão muito em foco, nos países onde domi-na o Cristianismo. Esta exploração, com o nome de religião, está pecando contra o segundo pecado social... «riquezas sem trabalho», como também no quarto... «Religião sem sacrifícios».

Se na verdade condeno estes que usam o nome de Deus, como íman dos dinheiros alheios, não é menos certo, que respeito admiro e defendo, esses que usam o nome de Deus pela Fé, e por ela se sacrificam pelo amor a DEUS e da humanidade, tal como diz a Bíblia: de graça recebeste... de graça dai!... são estes que sempre defendi e defenderei, seja qual for a sua crença. A prova dessa defesa, está nesta carta que se segue, escrita em inglês, enviada ao Primeiro Ministro Turco, pedindo que fosse fei-

ta uma rigorosa investigação, ás 23 Testemunhas de Jeová, que inocentemente foram acusadas e condenadas por espionagem, quando tal gente não se envolvem em nenhuma acção política, nem mesmo para escolher o representante da sua área.

Penso que muitos outros apelos seriam feitos, por tantos que gostam de defender a inocência e a verdade — essa que quase sempre vem a luz... sabe-se que um novo inquérito foi feito, onde foi comprovado ter sido falsa acusação, por isso, postas em liberdade.

Apelos neste género, não foi este o primeiro, e seria bom se fosse o último, mas se necessário for, não hesitarei, em voltar a defender a verdade.

Como a minha crença é fraca
Peço a Deus uma graça
Quando um dia me julgar...
Como sou um fraco imperfeito
Tanto que eu faço mal feito...!
E sempre continuo a pecar.

Quando Cristo aqui andou!
Aos seus seguidores ensinou
Qual era o Mandamento primeiro.
P'ra amar a Deus e ao seu irmão
Mas o egoísmo e a ambição
Os deixou loucos por dinheiro.

Dizem-se ser Bispos e Padres
Que curam e fazem milagres
Ao fazê-los desmaiar...
São imundos cheios de vícios
Numa religião sem sacrifícios
Usando o Deus, para explorar.

Com guarda-costas para os guardar
No culto, levantam as mãos ao orar
Ou para mostrarem os anéis...
Falando de Deus em oração,
Mas o que lhes vai no coração
É enganarem os seus fiéis.

Jesus no Monte, no seu sermão!
Alertou a multidão
Em terem as mentes despertadas!!!
Muitos me invocarão nas alturas
Dizendo, fazer milagres e curas
Cuidado...! São os falsos profetas.

Antonio dos Santos
80 Pussett-Ave
Toronto, Ont. M6H 3M3
Canada

15/3/81

To: Mr.Turgut Ozal
Prime Minister of Turkey
Dakkanlikler Ankara
Turkey.

Subject: Defending the Truth.

Dear Prime Minister,

Let me take this opportunity to extend my best wishes for you and your Country and the government for the people.

I was reading some interesting books about Turkey's history and its people. I admire them because all though centuries they have always fought for peace, justice and for freedom of rights. They want to live in "Democracy" but unfortunately some people don't realize what Democracy really mean, especially the young generation of today. Most don't care about Democracy, freedom or anything except for their own lust, this sometimes creates problems for their Nation and also for its people. For those I agree any government should be tough on his or her punishment. Of course, there still are some very good youths and they sometimes suffer, because the authorities don't believe or trust them.

This reminds me, what I read a few days ago in a Canadian newspaper. "The Turkish government sentenced 23 Jehovah's Witnesses as spies, for four and more years in jail with additional two years in exilio?"

Dear Prime Minister. I don't know those "Jehovah's Witnesses personally, but if they are "JEHOVAH'S WITNESSES ?" I am one hundred percent sure, they are innocent of such accusation. They are not spies, because the members of this religion are never involved in any kind of political matters. They always respect and obey firmly the government's laws. They are PACIFIC AND HONEST PEOPLE, they never partake in any kind of fraud, lying and stealing or do other wrong things to violate the Law. For this reason, I believe they are innocent and the accusation that have been brought against them are not TRUE.

I believe they are innocents. I believe in the freedom and rights of religion of your government, I believe in your justice, I hope you give attention to my letter, and make a rigorous inquest about this case.

I would be greatly appreciative if you give attention to this matter. With best wishes for your family, for your Country, your government and for you too.

With big appreciation, I am;

Sincerely



Antonio dos Santos.

Nas Minas de Pay Pointe

Saimos de Peace River, terça-feira às quatro da manhã, para chegarmos a Pay Point quinta-feira às oito da noite, sempre a rolar, salvo as paragens usuais para comer, e outras necessidades fisiológicas, nos restaurantes, quase em totalidade dos Índios, junto das Vilas e suas reservas, pois a partir de um certo paralelo, poucos são os brancos que ali vivem, este é o Mundo dos Nativos. Foi nesta viagem que comecei a apagar o que tinha gravado na minha mente, sobre o que julgava de tudo isto. Na minha imaginação era que a partir de um certo limite, não havia mais vida, além de uns milhares de Esquimós, com pouco ou nenhum contacto com o Mundo, e os seus vizinhos ursos polares, com pouca vida vegetal e animal, pelo que concluí estar errado. As florestas, ainda que diferentes das de British Columbia e Ontário, pois é mais baixo o seu tamanho, não são menos vastas nem a sua extensão é menor. Muitas das suas árvores de copa redonda, quando cobertas de neve, dão a ideia de se tratar de gigantes cogumelos. Quanto aos animais, é aqui onde há mais quantidade, das mais variadas espécies, e quanto aos Índios e Esquimós, irei falar mais adiante.

Nesta parte do Globo, e naquela altura do ano, o dia era de umas 22 horas de luz solar, o Sol escondia-se no Poente, para pouco depois voltar a despontar a aurora de um novo dia, quase que não chegando a escurecer, talvez por essa razão havia três turnos de oito horas cada, e o amigo Moreira trabalhava no das 4 às 0 horas.

Depois de fazer a entrega dos papéis ao supervisor que tinha trazido de Edmonton, foram-nos distribuídas as camas, para em seguida irmos jantar. Este processo era uma cópia exacta de Gilliam, tanto na comida, como na dormida, como até na abundância e liberdade de se poder comer, sempre que houvesse apetite e tempo para o fazer.

Neste lugar onde trabalhavam umas boas centenas de pessoas, éramos nós os únicos portugueses que ali andavam, tanto quanto me apercebi. Esta mina era aberta, tal como um campo de futebol, só que engolia mais de uma centena de campos, tanto no seu diâmetro como na profundez. Tinha uma estrada ao redor da Mina, tipo caracol, por onde passavam os camiões para no fundo de tudo, ali irem buscar o minério e cascalho, para depois seguir o caminho que lhe impunham. Como era aberta, bem ao contrário das subterrâneas, não era doentia nem perigosa. No lugar mais perto do campo, havia umas correias tipo escada rolante, que de tantos em tantos metros de subida, era quebrada por uma pequena assentada, para logo começar uma outra, e assim se erguia até ao cimo da Mina, sendo este o meio de transporte, de levar e trazer o pessoal.

Era interessante, enquanto fora da Mina a temperatrura, em certos meses, sobe aos setenta e mais negativos, em que os que ali trabalham, para não gelarem, têm que ter uma fogueira acesa, a não ser que tais trabalhadores sejam Índios ou Esquimós, que muito raro se aproximam do lume, lá dentro não há frio nenhum, e quanto mais fundo, mais se nota a temperatura positiva. Já conhecia este fenómeno, mas quando estudei navegação, compreendi melhor as causas porque a terra tem o seu próprio aquecimento.

Quando à meia noite, mas ainda com o Sol a descer para poente, o Moreira chegou e me viu ali, ficou-me olhando com um pasmo, enquanto dizia: — Mas será que eu estou a ver bem? — Está sim! — Sou eu mesmo todo inteiro! E como sabia das minhas negativas, logo que me abraçou disse: — Não sei se devo estar contente se triste!... Mas como a vida é uma luta, que só termina quando se morre, e você está vivo, dê-me mais um abraço... Apresentei-lhe o Silva em seguida, dizendo-lhe ser alguém merecedor da nossa amizade, que logo o Moreira abraçou também, e como o nosso turno ia ser às quatro, ali conversámos por bastante tempo, falando do bom e do mau, e de tudo um pouco da vida.

Como o Moreira estava dentro do serviço e já falava um pouco de inglês, o encarregado pôs o Silva a trabalhar com ele, enquanto eu fui para ajudante de um truck, e sempre que era preciso qualquer coisa que o Moreira não sabia, vinham ter comigo,

pois a partir da primeira semana, só nos juntávamos à noite, depois do serviço. Como ganhei amizade ao Silva, eu disse ao Moreira para o ajudar e ao mesmo tempo perguntei-lhe o que achava dele. — É excelente! Num certo dia perguntei também ao Silva se gostava de andar junto do Moreira, sendo a sua resposta: — do melhor..., o que muito me alegrou.

O truck em que era ajudante, era o que acarretava o cascalho para as carroagens de CN, que a «ganga» desta companhia ia despejando nas linhas, em lugares de swamps ou terra mole, para a firmeza destas. Foi nesta «ganga» que encontrei um português, do Algarve, o Demétrio Barros, que ali trabalhava como soldador das linhas. Este, pela sua maneira calma e dotado de excelentes qualidades humanas, conseguiu algo muito difícil, que era conquistar a amizade dos nativos, pois em toda a «ganga», era o único em quem os Índios e Esquimós confiavam, sendo também por seu intermédio, que estes nativos me deram sempre atenção, que muito serviu para saciar a minha curiosidade, em saber mais sobre as suas origens, seus hábitos e costumes, tradições e cultura, etc., etc.

Estes nativos, Índios e Esquimós, com alguns traços similares, que se diz terem vindo da Ásia, há muitos milhares de anos, através do Alasca, nos meses em que tudo está gelado, o que nunca se soube de concreto, são muito diferentes entre si: os Índios, geralmente são fortes, enquanto os Esquimós são pequenos; os Índios, são desconfiados, sisudos, insatisfeitos, e com o álcool, tornam-se perigosos e agressivos, mas em estado normal, mesmo com a sua desconfiança e susidez, são respeitadores e não se metem com ninguém; os Esquimós são humildes e simples, alegres e conformados, e o álcool torna-os ainda mais afáveis; os Índios estão sistematicamente preparados para tanto poderem viver no frio como no calor, por essa razão, uma grande parte destes nativos deixam as suas reservas para virem viver e trabalhar junto dos brancos, e os seus filhos frequentam as mesmas escolas e universidades, vivendo em perfeita comunhão com o branco, com os mesmos direitos sociais, e mais os que lhes conferem como nativos.

Dentro da Canadá, há muitas tribos de Índios, com diferentes culturas, costumes, crenças e dialectos, bem difícil, ou mesmo impossível de poderem ser indentificados entre os brancos pela

sua aparência. Também já há Índios a fazerem parte do governo Canadiano.

Quanto aos Esquimós, a coisa é bem diferente. É muito raro ver-se um Esquímó na cidade, a não ser nessas mais frias do Norte, gente mais jovem. Aqui em Toronto, apenas vi uma Esquimó, mulher de um Português que trabalhava no Yukon Territory, que tentara adaptar a esposa à cidade, assim como os dois filhos, de dois e três anos, a esposa que tinha então 16 anos, já não conseguiu familiarizar-se a este ambiente, ainda que fosse Janeiro, a jovem mãe tinha de dormir num quarto sem calor, e com a janela aberta, isto há mais de trinta anos. Talvez o leitor pense: «tão nova e já com dois filhos...» Mas era normal nas mulheres esquimós, pois segundo dizem os entendidos, formam-se primeiro que as brancas. Por isso voltaram de novo, ficando apenas o filho mais velho com os familiares paternos.

A evolução do Mundo actual tem mexido com todos os povos, e com os Esquimós mexeu também. Muitos não são mais aqueles de há trinta e quarenta anos atrás, que comiam carne crua; viviam em casas feitas com blocos de gelo; que se transportavam puxados por cães; que caçavam os Seals com harpões; que secavam o peixe ao Sol; que faziam as suas vestes de peles de Caribous; que para saberem do tempo, falavam com a Sila, espírito do ar; que seguiam as pegadas dos Mooses para lhes armarem os laços; serem guiados pelos espíritos Shamaistics, fazendo a sua própria medicina, as ervas e raízes de plantas e medicinas espirituais; caçar os Ursos com as «traps» no gelo; os filhos serem o renascimento dos seus antepassados, etc., etc.

Ainda que tudo isto exista neste povo Esquímó, devido ao pouco contacto com o povo branco, e por isso, muitos continuam agarrados às suas tradições e raízes, aos seus costumes e crenças, mas não é menos verdade que já são muitos que estão a seguir a vida moderna, em busca de mais conforto, mais facilidade e mais instrução, deixando e quebrando as tradições do passado.

No Ártico Canadiano já há muitos Esquimós a viverem em casa pré-fabricada, providas pelo Governo, com electricidade e aquecimento, assim como outros confortos; há lugares diversos por todo o território, a fim de fazer chegar a assistência social a todos eles; em todos estes lugares existem escolas para apren-

derem inglês e outras disciplinas; abriram-se trabalhos para eles, na indústria do óleo e gás; também já há igrejas Cristãs, tanto protestantes como católicas; os caçadores já são muitos os que possuem «snowmobiles», equipados das mais modernas armas caçadeiras, mesmo com telescópicos; Também já ali não falta o stereo e televisão e até mesmo computadores; os pick-up e trucks estão a substituir os cães, e os jeans, as peles dos Caribous.

Tal como os Índios, os Esquimós têm vários grupos, com diferentes línguas e costumes. Nos Territórios Canadianos há vários, sendo os maiores: os Athapaskans do Western Subarctic, os Algonquians do Eastern Subarctic e os Eskimoans do Arctic. Estes grupos cada qual tem a sua língua e mesmo cada um destes grupos, se dividem entre si. Por exemplo: os Athapaskans estão divididos em: Dogribs, Kutchins, Dunne-za, Hare, Slavey e outros. Os Algonquians: Cree, Naskapi e Montagnais. Os Eskimoans: Mackenzie ou Inuvialuit, Cooper, Netsilik, Caribous, Iglulik, Ungava e outros.

Muita coisa se podia contar acerca dos Índios e Esquimós, que seria interessante conhecer-se: a sua cultura, seus hábitos, tradições e seus conhecimentos gerais, que tanto têm para nos ensinar. Vou fechar esta página dos Esquimós, com uma história real, que com um se passou:

Contou-me esse amigo Demétrio Barras, que num certo dia, quando reparavam uma das linhas, uma parte do carril caiu sobre um trabalhador, partindo-lhe uma perna, que sangrava sem cessar, e o homem gritava e gemia com dores. Foram-lhe prestados todos os socorros disponíveis, mas os impulsos dos gritos faziam com que o sangue não deixasse de correr, e o helicóptero que já tinha sido chamado, não chegaria antes de uma hora, pelo que a vida do homem estava em risco. Foi então que o Esquimó mandou que todos saíssem de junto do sinistrado, foi junto dele, com o cabo do martelo, bateu-lhe em certo lugar da cabeça e o homem de imediato perdeu os sentidos, deixando de gritar, deitou-o, e elevou a perna ferida sobre uma cadeira, não havendo mais gritos, nem mais derramamento de sangue. Como é de calcular todos julgaram que ele tinha morto o homem e logo começaram: — Tu mataste o homem? — O homem está vivo! Não está é a sofrer nem a pedir sangue. Quando o helicóptero chegou, o esquimó foi junto do ferido, e deu-lhe um certo jeito no pescoço, para logo

se começarem a ouvir os gritos de novo. Esta foi uma lição que provou que todos nós temos muito que aprender deles, do tanto que têm para nos ensinar.

Não sei porquê, agora já não me dava para fazer contas, quando me deitava, mas antes de pensar na família. E enquanto o Silva na cama superior ressonava, dormindo sem quaisquer preocupações, o meu subsconsciente vagueava a mais de cinco mil quilómetros de distância, onde estava a mulher e os filhos, mas o consíciente da esposa, não estaria junto dela certamente. Mas sempre voltava sem trazer nada de novo, parecia antes querer dizer-me: Tony, isto não é bom para ti... Para o Silva e o Moreira e tantos outros sem responsabilidades familiares, para esses, sim!... Tu não vês como o Silva dorme? Se estivesse nas tuas condições, de certo não o ouvirdas ressonar assim que cai na cama. A tua mulher e teus filhos precisam da tua companhia, e numa casa há sempre coisas a fazer que a mulher não sabe e nem pode. Com isto na mente adormeci, quando o Silva já dormia por mais de três horas, e tal como era costume, pela manhã o acordei de novo, para a luta de mais de um dia que começava.

De novo a Caminho de Toronto

Havia em Toronto um certo sujeito com o mesmo nome do meu, que tinha qualquer problema com a Lei, pelo que numa ocasião minha mulher escreveu-me, dizendo que o advogado tinha telefonado, para eu ir ao seu escritório assinar qualquer papel vindo não sei de onde, a fim de comprovar que não era eu o tal Senhor, mas tinha de assinar na presença dele.

No dia seguinte escrevi à esposa para não se preocupar, que iria contactar o Advogado. O problema não é nosso, e só porque tenho o nome igual tenho o direito de ser punido, e fazer uma viagem de mais de cinto mil quilómetros só para provar que não sou eu o delinquente? Era uma penalidade muito pesada, aplicada a um inocente. Assim escrevi ao Advogado, enviando a minha direcção, e quem estivesse interessado na minha assinatura que me procurasse, pois quem não deve, não teme!...

Já tinha metido a carta no correio quando tive uma ideia... e se eu fosse ao «Office» falar com o chefe do serviço do pessoal, contando-lhe o sucedido? Talvez ele até me dispensasse... E sem mais perda de tempo, fui mesmo falar com ele. Conte-lhe o conteúdo da mensagem da carta que a esposa enviara e sem qualquer objecção disse: — Vá e venha quando estiver despachado. Thank You Sir, e saí. À noite falei com o Silva e Moreira —, encarregando este, em caso de não voltar, de receber o cheque com os dias que estavam dentro, trabalhei até sexta-feira, dia do pagamento, feito logo pela manhã, e ao meio-dia apanharia o Bus, com destino a Peace River.

Nesta difícil despedida, foi provado uma vez mais, o quanto vale uma amizade pura!... Quando lhes disse que não deveria voltar, só se não conseguisse nada em Toronto, ou mesmo no Ontário, e como tinha um amigo que trabalhava para a CN no Norte, junto de Hornepayne, iria parar, «para lhe fazer uma visita, e ao mesmo tempo saber como estavam os trabalhos por ali, pois

costumavam pagar bem e estava mais perto de casa. Despedi-me com um fraterno abraço do Moreira, que sem mais se voltar para trás, vi-o à distância tirar o lenço do bolso, certamente, para limpar alguma lágrima. O Silva despediu-se em seguida, mas não pôde resistir à fraqueza da sua sensibilidade, quando me abraçou, notei que a suas lágrimas humedeciam o tecido do meu casaco, ao mesmo tempo que dizia: — Obrigado!... Sei que esta sua passagem por Pay Point, foi para mim uma certeza de que ainda há amor, e para si, o sacrifício do quanto custa uma amizade, da qual já mais me irei esquecer. Abraçou-me mais uma vez, e sem dizer mais nada, seguiu para junto do Moreira que de costas voltadas o esperava.

Ao fim de cinco dias e outras tantas noites de viagem, dentro deste país, que só por si é quase um Mundo, cheguei a Hornepayne, onde trabalhava esse meu amigo, que ao fim de algumas horas consegui localizá-lo, sendo uma surpresa e uma alegria, como também uma oportunidade, em conhecer algo mais, acerca deste grande país, Canadá.

O Neves foi comigo ao encarregado, tendo-me dito este o mesmo do meu amigo, ou seja os trabalhadores tinham de ser inscritos nos «Offices» gerais de Toronto. Contudo, indicou-me a maneira mais fácil em o poder conseguir, como era soldador, as possibilidades eram maiores. O Neves aproveitou a ocasião para lhe pedir em me deixar ficar ali essa noite.

Pela tarde, já depois do jantar ter terminado, o Neves disse ir ver um amigo da sua terra, que trabalhava a cerca de três quartos de hora dali, nas madeiras. Quando ali chegámos, vi que tal campo com tantas casas móveis e logo ao lado uma fábrica de cortar a madeira, e a seguir as cocheiras, pois nesses tempos, os troncos das árvores cortadas, eram azorradadas desde o corte até à pilha pelos cavalos, assim como certos trabalhos só podiam ser feitos no tempo em que tudo estava gelado, sendo este lugar uma das clareiras que vi de avião meses atrás, na passagem para Winnipeg.

Este amigo do Neves, era encarregado ali nas madeiras, logo após me ter cumprimentado, afastei-me dos dois, por ver que falavam de coisas pessoais, para poucos minutos depois o Neves me chamar: — Santos, anda cá!

Nas Madeiras em Hornepayne

Quando cheguei junto dos dois, o Neves diz-me: — Aqui o meu amigo tem um dos seus homens que foi hoje de férias, por duas semanas. Queres ficar no seu lugar até ele vir?... — Fico sim... — Então em vez de ficas nas linhas, ficas já aqui, e até calhou bem teres o saco no carro.

Os homens aqui nas madeiras trabalhavam aos pares, um cortava e o outro acarretava os toros com o cavalo, não havia ordenado à hora, mas sim de empreitada, quando mais se trabalhassse mais se ganhava, e como não tinha prática daquele trabalho, ainda que fosse apenas por duas semanas, nem mesmo aquele a quem faltava o companheiro me queria como seu ajudante, só porque não tinha prática para poder dar a produção desejada, ainda que contra a sua vontade, fui o seu colega por ordem do encarregado, e a partir dessa decisão, o homem não mais me falou, olhando para mim como se eu fosse um inimigo causador dos seus problemas financeiros, se é que os tinha.

No dia seguinte, o encarregado foi-me dar as instruções do serviço, e logo se retirou, deixando-nos sós, eu, o cavalo e o companheiro. Na presença do encarregado, o cavalo foi muito gentil, parecendo até querer colaborar comigo neste trabalho sem qualquer ciência, cuja produção estava no maior volume de madeira empilhada, que depois era medida, pagando de acordo com o número da metragem, mas no segundo frete, o cavalo, tal como o homem, não gostou de mim, começando por levantar as patas dianteiras e rinchar, não querendo seguir debaixo das minhas ordens, esse caminho que ele bem conhecia. Os animais tal como os humanos, também têm as suas preferências e teimosias, e foi aqui que ouvi a primeira fala do meu companheiro nessa manhã: — Que quizena desgraçada que vou ter... Mais valia que também fosse de férias! Mas nem este nem o cavalo sabiam que eu tinha sido tropa em cavalaria, bem conhecedor como lidar com estes inteligentes bichos, pelo que lhe dei um pequeno aviso, tocando-

lhe num dos seus pontos fracos, que logo parou com os seus rinchos e suas negas, e a partir daqui, certamente andou mais leveiro que nunca, pondo na cara do ganancioso insatisfeito, um ar de boa disposição. Foi já perto do almoço que este homem parando a moto-serra e tirando o maço de cigarros do bolso da camisola me diz: — Você já antes trabalhou nas madeiras? — Porquê, respondi-lhe! — É que da maneira como domina o bicho e a leveira como trabalha... Não ouviu um sim nem um não, continuando o meu trabalho.

Este madeireiro voltou a ser um homem feliz, mostrando mais essa felicidade pela noite, quando ia medir a madeira empilhada, que logo tirava o papel e o lápis, para fazer talvez as contas desse dia, a sua jubilidade continuou aumentando, a cada vez que media a madeira, abrandando-a com a chegada do seu companheiro em que lhe disse: — Porque não ficaste lá mais tempo?...

Como o velho condutor hípico chegou, o meu contrato estava findo, pelo que, logo após o jantar dessa noite, fui-me despedir do encarregado que me deu a promessa, se não arranjassem trabalho em Toronto que viesse ter com ele, que não ficaria sem trabalho, dizendo-me também que o cheque seria enviado, assim como a «slip do Unemployment» se necessário. Já quando de saída perguntou-me: qual é o transporte que vai apanhar? — O Bus... A companhia tem que mandar, logo pela manhã, o chaufer ao Sault Ste. Marie buscar algum material. Se quiser aproveitar a boleia..., de lá já há avião para Toronto, enquanto daqui, o Bus leva dezoito horas. — Eu aproveito...obrigado!

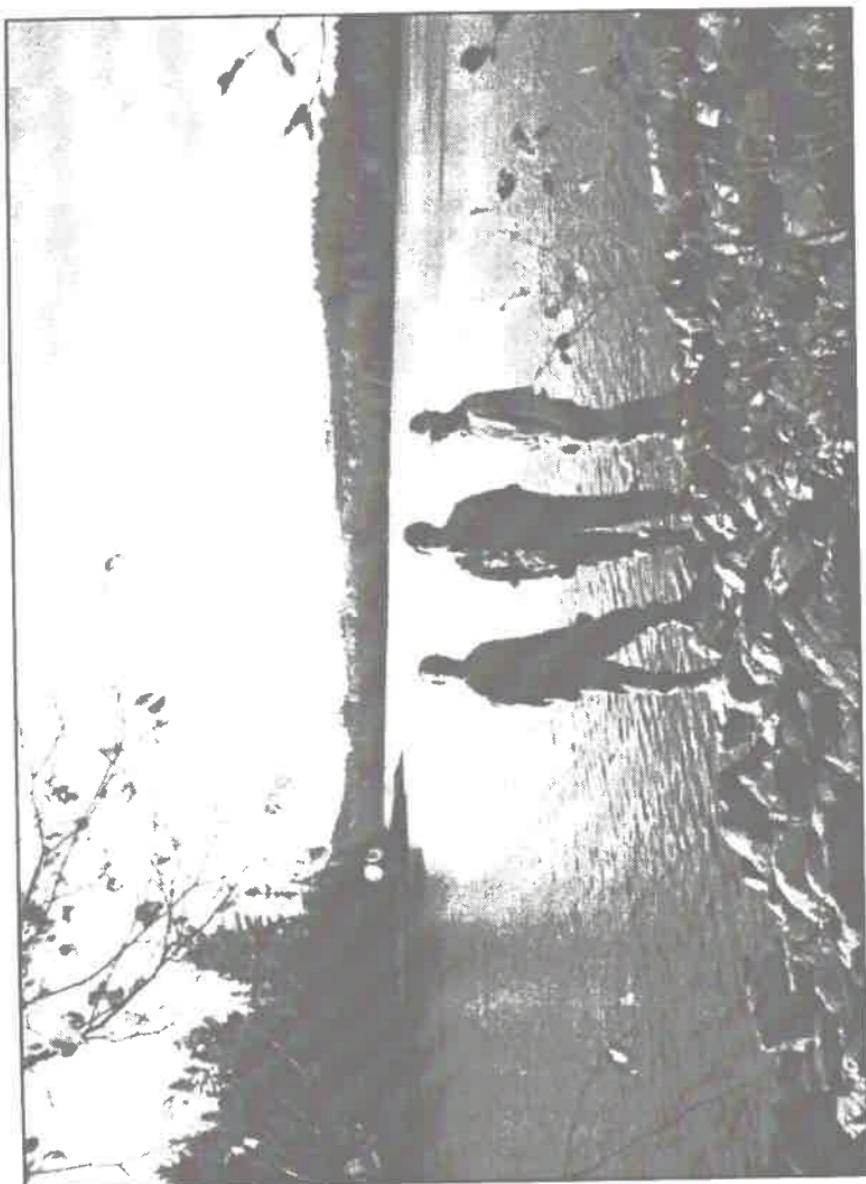
Quando voltei do encarregado, passei pelo refeitório, para comer mais qualquer coisa, onde já não se encontrava ninguém, pois este lugar estava sempre aberto para esse fim, e vi sobre uma mesa o jornal do Toronto Star, desse dia que o recém-chegado tinha trazido. Passei uma vista de olhos pelas mais gordas para em seguida ir à página dos trabalhos, que logo vejo em letras maiúsculas o seguinte anúncio: «THE DOMINION OF BRIDGE ARE OFFERING THE WELDERS OPPORTUNITIES». Como saí de Hornepayne às seis da manhã, chegando às onze a Sault, Ste. Marie, havendo um avião para Toronto às 12,30, que me trouxe para esta cidade, cheguei antes das duas da tarde, e sem mais perda de tempo, fui a esse local fazer uma aplicação, de acordo com o anúncio.

Neste cenário da vida
Cheio de experiências e aventuras,
Nesses aviões nas alturas
Olhando pelas janelas
Vêem-se maravilhas tão belas,
A chamada mãe natureza
Por esses montes de grandeza
Cobertos de florestais,
Onde se escondem animais
Que os Nativos vão caçando,
E pelas ramagens voando
Toda a espécie de passarada,
Vi um Rio que circundava
Essas matas sem ter fim,
Foram coisas novas para mim
Esta ida ao Norte West,
Ali o dia só escurece
Pelas três da madrugada,
A noite quase não é cerrada,
Com poucas estrelas, sem luar
A do Alva sem grande brilhar
Mostra a Aurora no Nascente
Em Maio, neste ponto do Continente,
É de vinte e duas horas de dia,
Com o Sol se adormecia
Nos dormitórios dos mineiros,
Os três piores companheiros
Eram a neve, frio e ventos
Ouvindo-se agudos lamentos
São tão difíceis estes dinheiros?

De Gillam a Pay Point
Foram mais que aventuras,
Há também experiências duras
De alguém que tem de lutar,
É bom conviver e falar
Sem preconceitos raciais,
Todos ali eram iguais,
Trabalhando em comunhão,
Arrancando da terra o pão,
Tão duro e tão gelado!
Às vezes pensava calado:
O que somos nós afinal?
Fazendo às vezes tanto mal,
Em vez de fazermos o bem!
Fá-lo se puderem também,
Em troca terás amizade,
Que é a melhor identidade
Que um humano pode mostrar!
Quando ali estive a trabalhar,
Ganhei alguns indivíduos
Até mesmo esses Nativos
Sempre desconfiando de nós,
Com esses Índios e Esquimós
Amizade de alguns conquistei,
Aprendi mais deles, que ensinei
Em humanismo e no viver
Até pelo que lhes vi fazer
Gostei de com eles contactar
Tem tanto para nos ensinar,
Se deles quisermos aprender.

Esta zona perto do Polo
Bem diferente do que julgava,
Tem tanta mata fechada,
Onde alberga os animais.
Nestes lugares florestais
Andar por ali é perigoso,
Além de ser pantanoso,
Há os Ursos adormecidos
Por vários meses seguidos,
Chupando as unhas, se alimentam,
Enquanto os vegetarianos tentam
Escardando da erva a neve,
Desarmado na floresta não deve,
Pois debaixo das árvores rasteiras
Uivam lobos em alcateias,
Atentos sempre a espreitar
Uma presa para o jantar,
Por vezes bem custosa,
Porque a vítima é cautelosa,
É a sua única defesa,
É a lei da Natureza,
Em qualquer selva do Mundo.
Na mina lá bem no fundo
Ali se procuram metais,
Desse dinheiro, eu não quis mais,
Dei a missão por concluída,
Para dizer Adeus em seguida
Aos meus amigos ali
Houve lágrimas, eu as senti,
Nesta difícil despedida.

Parei em Hornepayne
A caminho de Toronto,
Para ali ter um encontro
Com um grande velho amigo,
Trabalhava quase seguido,
todo o ano nas linhas,
Já eram intenções minhas
Ficar no Norte do Ontário,
Uma experiência, mais um cenário
Sem tempo para conhecer bem
Matas virgens sem ninguém
Que pareciam não terem fim!
Foi com esse amigo que vim
A um campo de madeiras,
Sem fazer erradas ideias
Nas semanas que ali trabalhei
Pelo que vi e apalpei
Soube o que somos na verdade!
Essa palavra humanidade
A ganância a faz banir,
Foi o que vim a descobrir
Nesse homem de ambição,
Julgando eu não dar a produção
Logo me olhou de má cara,
Tal coisa não esperava
Ver um cavalo tão ligeiro
A acarretar tanto madeiro
Que lhe deu nova felicidade...
Será que era necessidade,
Ou ganância por dinheiro?...



Norte de Ontário, no Lago junto de um campo de madeiras, onde o autor deste livro trabalhou por duas semanas, nos seus primeiros tempos neste país, Canadá

Da Dominion of Bridge à Chrisler

Esta Dominion of Bridge, era uma das maiores Companhias, não só em pontes, tal como diz o seu nome, mas também nas construções de primeiro plano, no Canadá e no Mundo. Era uma das que mais benefícios tinha e melhor pagava em todo o país, assim como a segurança no trabalho era de primeira. Quando fiz a aplicação, ao contrário das outras companhias para quem já tinha trabalhado, não faziam qualquer teste, apenas a apresentação do documento, o que era bom, visto por vezes o exame prático não correr como o desejado.

No dia seguinte, quando me mandaram começar, encontrei ali velhas caras que tinham trabalhado na Hildkron, que comigo tinham sido despedidos, assim como outras que tinham ficado, porque um trabalho nesta Companhia era quase uma pequena taluda, pois como tinha União, mesmo levando Lay-Off, voltavam a ser chamados.

Esta foi uma etapa que durou apenas quatro meses, para depois irem para o Unemployment, até voltarem a ser chamados, só que eu fui à procura de trabalho, e, quando fui chamado já estava a trabalhar em outro lugar.

Continuei a trabalhar como soldador, só que a partir daqui, nunca mais procurei trabalho em casas sem União. Trabalhei em algumas das melhores Companhias do Canadá, tais como: Frankel, John Inglis, Amécica Motores, etc., e por fim a Chrysler, onde trabalhei por três anos, sendo esta a melhor de todas as companhias, para quem já tinha trabalhado até então.

Foi na Chrysler o fim da minha carreira como soldador, depois de seis anos na profissão. Este foi mais um lugar, onde encontrei problemas e dificuldades, desta vez, com base na discriminação, e para defender a dignidade, custou-me o trabalho, e podia também ter-me custado a liberdade.

A história deste problema começou logo no primeiro dia, em

que ali comecei a trabalhar, eu e outro português.

Ambos ali começámos no mesmo dia, era uma fábrica que acabava de abrir as suas portas ao mercado do trabalho, sendo nós os únicos imigrantes, pois todo os outros eram canadianos ou de origem inglesa, não sendo nenhuma surpresa para nós, a nossa presença ali não ser do agrado da maioria, porque a discriminação contra as minorias sempre existiu e continuará, pelo que o Foreman da soldadura usou uma falsidade para os dois portugueses indesejados.

Esta Fábrica acabada de inaugurar estava preparada com todas as condições de requisitos, para se poder trabalhar de maneira própria e digna.

No departamento de soldadura, era a última palavra em protecção à saúde e segurança, e tudo mais necessário para este género de trabalho. Os seus doze compartimentos eram totalmente isolados uns dos outros, tendo um exaustor, para tirar todos os fumos produzidos pela soldadura. E para prevenção dos flashes, havia em cada entrada, uma espécie de biombo, para proteger também os outros trabalhadores da Fábrica.

Durante as duas primeiras semanas, o referido Foreman, constantemente nos chamava à atenção, para trabalharmos devagar, o que nos causava surpresa, como até dúvidas, porque nunca tal coisa antes tinha acontecido, sendo na realidade algo de estranho...

Acontece que, na segunda semana, o supervisor vem junto de nós e entrega-nos, por escrito, o aviso de que estávamos despedidos, mas sem qualquer explicação, porquê? Depois deste sair, fomos junto do Foreman, a fim de nos dizer o que se passava, que logo nos disse ser falta de trabalho, essa era a razão, porque nos mandava trabalhar devagar — Agora comprehendo... — Dizia o meu colega — por isso nos mandava trabalhar lentamente! — Mas como isso pode ser, se ainda ontem meteram mais dois soldadores? Não... isto aqui há mistério, de certeza que há!

Este português, filho de mãe açoreana e pai continental, era ainda bastante jovem e inexperiente, além disso muito simples e até com pouco rasgo e sem maldade, pelo que acreditou no Foreman, agradecendo-lhe até, só que para mim tal despedimento tinha qualche coisa de estranho, que tinha que saber o que era.

Retomei o meu serviço, mas agora toda a minha atenção

nesse despedimento que para mim não fazia qualquer sentido. Com isto em mente, para o trabalho, vou junto do outro colega, dizendo-lhe para irmos falar com o chefe, e saber qual a razão. Mas logo este me disse: — O Foreman já disse a razão. — Para ti, talvez seja essa a razão, mas para mim não o é. E como este não quis ir fui eu só.

O supervisor vinha a sair do «Office», a quem pedi um minuto de atenção, a fim de me ser explicada a causa por que éramos despedidos. Este homem foi directo e frontal: — Vós não dais produção! Meu Deus! Então o Foreman manda-nos trabalhar devagar!... — Manda-vos trabalhar devagar? Diz o supervisor. — É exactamente isso. Isto é uma armadilha do Foreman. Como somos os únicos imigrantes que ali trabalhamos e não gosta de nós, esta é a maneira diplomática de nos pôr na rua, e ainda lhe dizermos obrigado. Deixa-nos ficar, por favor, e nós mostrar-temos quem somos. O supervisor que agora compreendia toda a cilada, e, segundo disse também ter sido imigrante, conhecia estas discriminações, disse que íamos ficar, pois queria ver qual era a nossa capacidade.

Imaginando o que provavelmente nos podia acontecer, pedi para que nos fosse dado uma marca, para marcar as nossas peças, sem o perigo de sabotagem. O Senhor achou boa ideia, levou-me ao Shop, onde me deram duas marcas, uma para cada, a minha com a letra «A», e a do outro a letra «M»; e mandou-me retomar o trabalho.

Foi nesta ocasião que lhe perguntei quanta peças era preciso fazer, para ser considerado boa produção? — Tudo para cima de sete, que é o que os outros fazem, e não cinco, o que vós tendes feito. Agradeci ao supervisor, e voltei ao meu local de trabalho, agora já mais satisfeito.

Cheguei junto do outro, disse-lhe que já não íamos embora, dei-lhe a marca para marcar as suas peças, tal como as instruções que devia seguir, e não dar mais atenção ao Foreman, quando o mandasse trabalhar devagar.

Trabalhar agora de soldadura era o mesmo que trabalhar com o Mop na Track do Woodbine, mas também não queria fazer deste lugar um Race-Track, ou uma fábrica do judeu. Trabalhar normalmente até fazer as sete peças, e logo se veria como actuar.

As sete peças levaram cinco horas sem ser preciso correr,

agora as três horas restantes, era para trabalhar e descansar, fazendo mais duas peças, um total de nove, que era uma produção excelente e com muito tempo para descansar, e até com tempo para ir à casa de banho ler o jornal.

O Foreman que nada sabia do que se passava entre nós e o supervisor, além do nosso despedimento, que ele mesmo nos preparou, não parava em nos mandar abrandar, ao qual nós fazíamos ouvidos de mercador, alegando que estávamos fazendo mal aos que ficavam. Como não lhe demos ouvidos, em combinação com alguns outros, fizeram a cilada que eu previ, mas só que desta vez, o tiro saiu-lhes pela culatra.

Ao fim deste turno, quando já com as máquinas paradas, para dar o dia por terminado, vi no meu lugar algumas peças que não eram as minhas, com alguns defeitos mesmo à vista, e o mesmo acontecia no lugar do outro colega. Como nada sabiam do que se passava, fizeram peças propositadamente com defeitos, trouxeram-nas para o nosso lado, levando as nossas, para o fim que se sabe...

Poucos minutos depois, o Foreman foi dar conhecimento ao supervisor destas peças, que ambos vieram inspecionar. À nossa frente, o Foreman diz ao supervisor: — Isto não é trabalho!... Têm aqui nove peças, mas poucas se aproveitam!... Foi então que o supervisor se virou para nós, e disse: — Estas peças são vossas? — Não são — Isto é mais uma, para juntar àquela de nos mandar trabalhar devagar, e depois ir-te dizer que não dávamo produção!... Isto são peças feitas, com o fim malicioso. Pus de lado as que não me pertenciam, e as restantes, como tinham a marca, não foi difícil encontrá-las, e quando juntas, digo ao supervisor: — Aqui tens as minhas peças, e agora já sabes quem somos, e a razão por que fomos acusados. O Foreman, que o supervisor levou ao «Office», era agora desmascarado pela sua discriminação. Já à distância a caminho do office, ainda ouvi o supervisor dizer: — You are very danger sir (tu és muito perigoso).

No dia seguinte, sem que na fábrica nada se soubesse, sobre o que tinha acontecido, mas tal pessoa não mais ali trabalhou, nem nunca mais se ali viu.

Este Foreman despareceu, mas deixou ali o veneno, um soldador seu familiar, que prometeu a si mesmo fazer o que o outro não foi capaz, começando a sua vigança, logo que o supervisor que nos apoiou, se mudou dali.

As provocações começaram a ser constantes e de toda a espécie, como até incitando outros a fazerem o mesmo, para que eu deixasse a Companhia por desânimo, ou forçar-me a sair por outro meio.

Agora, tanto o supervisor como o Foreman, ambos eram ingleses, e como a maioria destes com quem lidei, foram sempre falsos, estes não fugiram à regra, pelo que em face dos abusos ia-me queixando, mas não só nada faziam, como até achavam graça, e nas minhas costas, apoiavam o outro à insubordinação. Um dia fui chamar o supervisor, para ver o que se estava a passar, e ainda que me tivesse dito que já ia, mas nunca apareceu... até mesmo o representante da União, que era outro inglês, um gaiatola qualquer, também mastigou as palavras, dizendo-me para não fazer caso, porque ele gostava muito de brincar.

Tentei não fazer caso disto, e ia ignorando as suas provocações que nunca cessavam e cada vez mais agressivas. Não queria perder um trabalho destes, mas estava a ver que não tinha outra alternativa, ou então ter que andar ao murro, e ser despedido, e ainda ficar com a cara partida, pois ele era muito mais forte que eu. Não... isso do murro não, porque iria perder em todos os sentidos.

Numa certa tarde, ao chegar a casa no fim do trabalho, tinha uma carta dos familiares, relatando que a mãe estava muito mal, mas devido à minha situação, não podia ir vê-la, deixando-me ainda mais transtornado.

No dia seguinte fui para o trabalho, apenas fisicamente, a pensar naquela que tantos sacrifícios passou, para dar pão aos treze filhos que deu à luz, e que não podia ir visitá-la. Todo o meu consciente estava nesse além distante, junto da enferma mãe, que tanto me preocupava o seu estado.

O C-o-2 Welding Machine, quase não parou em toda a manhã devido aos nervos acumulados em mim, que me não deixavam parar.

Tanto na hora do lanche, como na do último café, não me associei a nenhum companheiro, pois não tinha disposição de ouvir rir nem falar. E quando já passavam vinte minutos das duas da tarde, paro o trabalho para ir à casa de banho, e ao tirar a máscara de soldar, vejo um dos tais desenhos provocantes, escrito no taipal do meu comportamento, algo que desta vez, passava todos os limites em provação.

O desenho constava da figura de duas mulheres, uma já de certa idade, e outra ainda jovem... debaixo de cada uma, estavam escritas as mais ofensivas palavras, que se pode chamar a uma mulher. Deveria ter ido ao Office e pedir que viessem ver aquilo, mas errei, porque não o fiz, nem mesmo ao Foreman e o da União, nada disse, por não ter confiança neles.

Fui ter com o indivíduo, e perguntei-lhe se estava contente, e achava justo aquilo que acabava de fazer? Sendo a sua resposta, ter feito tudo aquilo para ver até onde chegava a minha cobardia, pois há muito que queria jogar à luta comigo, mas era cobarde não dava saída. Ainda não tinha concluído a frase, já estava a receber o que há muito merecia, e o seu castigo, que não foi como era o meu desejo, terminou quando os securitas ouviram os seus gritos e vieram, levando este para o hospital e a mim para fora da porta, voltando depois, acompanhado pelo security, para ir buscar os meus pertences.

Quando voltei, vi que nesse lugar, já alguém tinha apagado esse provocante desenho, ainda que não totalmente, para não o incriminarem.

Estou certo que tão cedo ou talvez nunca, se esqueceu do português, que andou a provocar durante três anos, que podia ter custado a um, a vida, e a mim a liberdade.

O management desta Fábrica, mandou investigar este incidente, para enviar não sei para onde... como o desenho foi feito numa chapa pintada de preto, depois de seca, quase todo o desenho voltou a ficar à vista, reconhecendo a testemunha a minha inocência, contudo, fui punido, por desordeiro dentro da Companhia.

Depois de concluírem as causas e razões deste incidente, voltaram-me a chamar, não para soldador, mas para as linhas de montagem, onde teria de estar por um ano, a fim de cumprir o castigo da Companhia, pelo que preferi não voltar, e não ir trabalhar por algum tempo.

Quanto ao outro, que tudo veio a ser apurado, para a não responsabilidade da Companhia, foi provada a sua falta, quando saiu do hospital, para retomar o serviço, não foi aceite, mas sim despedido.

Na Hilkron a quantidade
era sempre a prioridade
sempre mais e mais produção
com benefícios e regalias
trabalhei em várias Companhias
mas sem haver competição.

CHRYSLER!... a melhor das mais
os salários eram iguais
dentro de cada profissão
p'ro fumo tinha um exaustor
tudo feito com rigor
sem haver a exploração

Como era um lugar de ingleses
e éramos só dois portugueses
não éramos bem encarados
vítimas da falsidade
com olhos escuros à verdade
fomos por vezes discriminados

Com o fim de nos pôr a andar
mandava-nos trabalhar devagar
o Foreman, com má intenção
e em seguida reportava
que o nosso trabalho não dava
a exigida produção

Este pagou p'lo seu pecado
mas deixou atrás o diabo
bem pior que o Satanás
como era seu familiar
por isso se tentou vingar
o que o outro não foi capaz.

Assim tudo foi fazendo
e o saco do Tony enchendo
até que veio a arrebentar
nesse dia de tristeza
não contava de certeza
a parte que lhe ia calhar.

Assim eu perdi o emprego
mas ele não esqueceu tão cedo
ficou-lhe de certo marcada
a dignidade de alguém
quando mete mulher ou mãe
é brincadeira arriscada.

Mas se todos lutamos p'lo pão...
Porque será isto então?
A pensar fiquei doente...
nós humanos racionais
fazemos o que os animais
nunca farão certamente!...

Aqui termina a minha profissão de soldador, que tive de aprender nesta terra, para melhor me poder defender, com um trabalho mais digno, se bem que todo o trabalho deve ser respeitado. Deixo nela muitos altos e baixos, algumas glórias e humilhações, com êxitos e fracassos, e com algumas alegrias e outras tantas tristezas, que é todo este conjunto, a dignidade de quem arranca do trabalho o pão nosso de cada dia.

No 14 da Afton Avenue

No decorrer destes anos com dias de sucesso e incertezas, muitas coisas mudaram na minha vida, quer pessoal quer económica. Aproveitei sempre o que pude na escola, para melhorar o meu inglês, tirando também contabilidade... tal serviço que nunca usei profissionalmente, ainda que desta profissão tenha servido a muitos, mas sem fins lucrativos, apenas por amizade, ao serviço de amigos conhecidos, e até outros que vão precisando destes meus conhecimentos, o que têm sido bastante por sinal, e ainda que impossível pareça, nunca cobrei um único centavo, fosse a quem fosse por estes serviços prestados.

A minha segunda casa, era agora no 14 da Afton Ave., lugar onde residia e tinha um pequeno comércio, que a esposa operava com ajuda do filho, quando este vinha da escola, e eu também, pelas manhãs ou tardes, consoante era o meu turno de trabalho, e mesmo muitas vezes, faltava para ajudar a esposa.

Nos cerca de cinco anos que aqui vivi foi este o ponto mais alto, em que as condições me permitiram poder fazer algo, em favor dos necessitados, e que mais fiz pelo meu semelhante, e foi nessas ajudas, que tanta vez estive envolvido em histórias reais, revestidas de todas as cores, algumas até tristes e chocantes... É nestas histórias, que prova que todos precisamos uns dos outros, não importa o que tenhamos ou o que sejamos, porque vem o dia, em que o infortúnio ou imprevisto nos bate à porta.

Tive por experiência, que o amor, o espírito da boa vontade em servir, podem transformar tristezas em alegrias... desanimos em optimismo... os impossíveis em facilidades... e a desgraça em glória, porque não há nada mais forte, que a gentileza e a amizade. É a partir daqui, que vou relatar, apenas algumas das muitas histórias, que todas não é possível escrevê-las neste livro.
**NÃO O FAÇO COM O FIM DE ME QUERER ENALTECER, POIS
NÃO PASSO DE UM IMPERFEITO, TALVEZ COM MAIS MAL-**

DADES QUE VIRTUDES, MAS SIM LEMBRAR, QUE QUANDO A ALEGRIA DOS OUTROS PROVÉM DE NÓS, CABE-NOS SEMPRE A GRANDE PARTE DESSA ALEGRIA TAMBÉM.

Esta casa de comércio e habitação para onde fomos morar, era de um velho casal ucraniano, numa zona de portugueses, quase em totalidade dos Açores, sendo nós totalmente desconhecidos nesta área.

Como já atrás me referi nesse tempo ouvia-se dizer, mas sem saber a razão, açoreanos e continentais, eram como duas comunidades diferentes, apenas ligadas pela língua, e pouco mais havia em comum, não se ligando entre si, e aqui tive a certeza dessa realidade, e a certeza também, que as pessoas são, aquilo que nós queremos que elas sejam, na maioria dos casos.

No decorrer destes anos
muita coisa se passou
e o tempo nunca parou
em fazer mudanças na vida
a crise já estava vencida
mas ao menos estabilizada
a língua também já ajudava
para me poder defender
neste lugar onde vim viver
não foi fácil a chegada.

Nesta minha nova morada
onde eu agora vivia
essas divisões que ouvia
que só nos dava baixeza
era agora uma certeza
que tais diferenças existiam
quando ao Store ali iam
ao verem uma cara diferente
e porque era do continente
davam meia volta e saíam

Contou-me um açoreano
A causa de tais divisões
em tempo de guerra, em missões
que ali estiveram do Continente
enganaram tanta gente
este povo sem ter maldade...
deixou nódoas na mocidade
que alguns não quiseram limpar
p'ra uma má imagem ficar
por anos de continuidade.

vivendo assim divididos
Ainda que não fosse geral
mas chegou para causar mal
estes grupos desunidos
hoje já estamos mais unidos
por muitos laços ligados
e os ressentimentos passados
hoje é coisa arrumada
e já não conta para nada
esses cabritos extraviados

Neste país tão distante
em que todos os portugueses
mesmo unidos muitas vezes
sabe Deus... as dificuldades
nunca gostei de rivalidades
ou divisões e coisas mais
açoreanos e continentais
à mesma cultura ligados
foram divididos e desconfiados
como dois grupos tribais.

Tais divisões do passado
nada me deixa a desejar
sem dever tive de pagar
por esses que não foram legais
mas somos irmãos iguais
ligados ao azar e à sorte
e prontos a dar o suporte
quando o imprevisto nos vem
onde mostramos porém
que o AMOR é coisa forte.

Nos primeiros dias que comecei a operar este comércio, nessa área de portugueses dos Açores, entravam ali alguns, pensando que continuava a ser do velho Smecko, mas ao terem conhecimento que já não era o ucraniano, mas sim de um português, ao toparem que era do continente, davam meia volta e iam-se embora... Outros, até já com as compras em cima do balcão, e ao identificarem pela fala donde éramos, davam qualquer desculpa, de se terem esquecido do dinheiro ou coisa parecida saindo e já não voltando. Aonde a gente se veio meter, disse um dia a minha esposa!...

Quando vivia em Portugal, conheci um casal, em que ela era dos Açores, e o homem era dos meus sítios, esteve ali na tropa, onde veio a conhecer a mulher, com quem veio a casar. Este homem costumava-me contar coisas do povo açoreano, especialmente na sinceridade e nas suas amizades, e agora conforme ia lidando com eles, ia verificando essa verdade, e tinha a certeza que não ia tardar, que toda a gente fosse minha amiga.

O povo açoreano na sua maioria, talvez pelo isolamento das suas terras, são muitos cautelosos, mas bastante sinceros nas suas amizades, que quase sempre as pessoas têm que lhe provar se na realidade são amigas. Depois sim, confiam como ninguém.

No tempo, não eram muitas as pessoas que por aqui falavam inglês, pouco mais que a gaiatada, mas usar estes para falar por nós, era sempre um problema, em dar resposta para trás, sempre confusa e pouco clara. Por tal razão, quando algum inglês lhes batia à porta, tal como os inspectores, o do gás, da electricidade, ou qualquer outra pessoa, lá corriam ao Store para o vizinho lá ir, ver o que é que aquele corisco mal amanhado queria.

Se no falar havia dificuldades, no ler e escrever não eram menores, havia sempre para ler e preencher as cartas e cartões do Unemployment, Compensation, Etc., Etc., além de um Store, era também uma pequena agência para este tipo de serviços, como para arranjar trabalho, para as pessoas necessitadas, não sendo assim difícil, conquistar a amizade, simpatia e confiança do bom povo açoreano.

Quando me mandaram embora da Chrysler, e que decidi não ir trabalhar por algum tempo, e como era na altura em que estavam a chegar portugueses de todas as partes, tanto legais como

ilegais, muitos aqui caíram, alguns vindos não sei de onde, e mandados não sei por quem. Por mais de três anos, que esta qualidade de hóspedes, não cessaram em procurar esta pensão gratuita, donde nenhum saiu, sem que antes estivesse orientado, e durante o tempo que não trabalhavam oficialmente, nem por isso estava menos ocupado, porque além do trabalho a procurar-lhes havia também as coisas que era preciso arranjarem-se para as suas legalizações.

Era interessante... quantos mais trabalhos arranjava, mais facilidade tinha em empregar outros, porque onde deixasse um homem, era agora uma porta aberta para os próximos necessitados. Foi assim que consegui arranjar trabalho para tantas pessoas.

Histórias vitoriosas que só o Amor consegue

Vou contar algumas histórias reais, conseguidas pelo amor, a pessoas desiludidas, já vencidas pelo fracasso e falta de apoio, condenadas a voltarem às suas terras, que puderam encontrar de novo a esperança e o sorriso da felicidade.

Um dia, certo freguês veio ali, para comprar algo que de momento não tinha. Telefonei a um colega, para me dispensar esse produto, que eu mesmo fui buscar, enquanto o freguês ficou à espera.

Lá no Store do colégio, quando tirava da prateleira o desejado produto, vi ao meu lado um casal, ele para a minha idade, e ela talvez um dez, doze anos mais nova, falando em espanhol. Como curioso e metediço que sempre fui, talvez um mal... ou até um bem!... Pois na base dessa curiosidade, que conheci e ajudei gente, que nunca o teria feito, por desconhecer as suas necessidades, e foi também na base desta curiosidade, que pude ajudar este casal já vencidos e condenados, a voltar às suas terras.

Este casal, estavam a escolher qualquer produto que já nem me lembra o que era, ouvi-lhe dizer em tom baixo: lo nuestro dinero les corto, solamente la haver diez dólares y lo preciso Motel les ocho dólares!... Pela noche no lopoder sueno na la calle. Foi então que eu meti a colher: qual é o problema do usteds? — Ele ficou calado, olhando para mim num sorriso calmo, talvez esperando que ela me desse a resposta essa que não se fez tardar, e no seu riso bastante aberto, e na sua maneira de falar humorista, coisa que sempre lhe conheci, mesmo nos momentos difíceis da sua vida, diz-me: o usted le mocho corioso?... E em seguida deu uma forte gargalhada, e logo começou por conversar, como que já velhos conhecidos se tratasse, contando-me os problemas porque tentaram esta aventura, que eu escutava com toda a atenção, sem mais me lembrar, do freguês que estava à espera do produto.

Contaram todos os seus desaires nesta aventura em busca da liberdade, coisa que não havia no seu país, Nicarágua, devido à ditadura ali instalada já por muitas décadas. Dos seus grandes e lindos olhos, saíam as lágrimas uma a uma, agora compreendia a natureza do seu riso!... Era tal como o palhaço no circo, debaixo dessa cara que só mostrava felicidade e alegria, estava um coração triste e desalentado, como até vencido, ao terem de voltar, mas agora ainda mais arriscado que antes, como até mais pobres, porque tudo o que tinham, trouxeram e gastaram, e como não tiveram a sorte de encontrar alguém que os orientasse e lhes desse abrigo, o dinheiro depressa se foi, por esses Motéis onde iam pernoitar, e nos restaurantes onde tinham de comer, assim tudo se tinha perdido, até a esperança de viver em liberdade.

Depois de todos os seus lamentos, perguntei-lhes: mas será que ainda estais interessados em ficar no Canadá? — Se estamos... mas aonde?... — Em minha casal Ambos se abraçaram a mim, e agora os dois choravam com muito mais intensidade.

Quando cheguei a casa com este casal, que a minha esposa julgou tratar-se de alguns fregueses, disse-me: demoraste-te tanto tempo, que o Senhor já se foi, mas disse voltar em meia hora, e ao mesmo tempo diz: aonde está o que foste buscar?... — Oh! Ai que me esqueceu!... Mas vou lá já a correr.

Contei à esposa que aquelas duas pessoas era um casal de espanhóis que estavam em dificuldades, e os trouxe para os orientar, a esposa fez um pequeno gesto com os ombros, e com o seu sorriso, a chave da sua hospitalidade, cumprimentou o casal, levou-os para a residência, e como era ainda manhã, serviu-lhes o café.

Ambos eram bastante cultos e inteligenes, e muito alegres, em especial ela, tendo uma memória de elefante, coisa que ouvisse já mais a esquecia. Não tinha profissão mas não tinha dificuldades em se adaptar fosse ao que fosse. Ele era um perfeito técnico em televisões, rádios e tudo o que fosse aparelhos de electrónica, pelo que não me foi difícil arranjar-lhes trabalho e legalizá-los. Dei por bem empregado o tempo que com eles gastei, e o pouco que lhes fiz, foi inferior à amizade que nos deram em troca, assim como a ajuda dada a outros que eu tive como necessitados.

Ele já nem me lembra onde lhe arranjei trabalho, mas ela foi

na «Cyanand», uma Fábrica de carteiras, na Dufferin & King. Ainda que possa parecer impossível, um ano depois, era ela já a encarregada da sua secção, e a intérprete das portuguesas e italianas que ali trabalhavam e não falavam inglês. Tal era esta inteligência e capacidade!... Foi aqui que eu tive um portão aberto, para tantas que necessitavam de trabalho, por intermédio desta Isabel.

Hoje o Jaime, a Isabel e uma única filha, que nasceu no Canadá, estão a viver no Texas, nos Estados Unidos, com quem contactamos sempre que possível, a grande prova da nossa amizade.

Foi num domingo uma vez
ali num Store da Argail
a minha atenção algo fez
ouvi... mas não era português
o que dizia o casal

Era alguém que vinha à procura
Duma liberdade para dois
fugindo dessa ditadura
que na Nicarágua na altura
onde eram estes espanhóis

Percebi haver dificuldade
quando ao marido falava
fez a minha curiosidade
fazer com que a felicidade
para ambos fosse encontrada

Fez-se o mesmo que aos demais
tudo o que podíamos fazer
com os seus sentimentos morais
ajudou-me a outros mais
que à porta me vinham bater.

Tinha uma certa maneira
sempre disposta a reinar
amiga da brincadeira
era sempre uma casa cheia
com graça no seu falar.

Amizade raízes criaram
que no tempo nunca secou
para a América se mudaram
amigos que nos deixaram
uma amizade que não acabou.

A história da «A...»

Num certo dia, tive de ir ao departamento da Imigração, para fazer já nem me lembro o quê... estava ali à espera de ser atendido e uma rapariga que também ali se encontrava, levantou-se, veio junto de mim, e perguntou-me: «are you portuguese?»— Yes I am... então ela disse ser também portuguesa, e ambos começámos a falar a nossa língua.

Acabo de chegar da Inglaterra, mas não tenho aqui ninguém que me possa ajudar a procurar um lugar, apenas para umas semanas, pois pretendo arranjar para já, uma casa particular, serviço que fiz primeiro em França e depois na Inglaterra, que agora deixo, para experimentar o Canadá. Se o senhor me pudesse dar alguma informação acerca disto, e também onde fica o Mean Power, ficaria muito grata, pois nada conheço nesta cidade. Falo o inglês e francês, e tenho algum dinheiro comigo que também queria pôr no banco.

Aqui acabam de me dizer, que para arranjar trabalho não é aqui, mas sim nesse Mean Power ou Unemployment, mas como já é tarde e ainda por cima é sexta-feira, a coisa não está muito a meu favor. — Não se preocupe disse-lhe eu, quando estiver despachado logo vamos tratar do seu assunto. A rapariga voltou para o seu lugar, pegou numa revista e começou a ler, esperando que eu fosse atendido.

Quando já pronto disse: OK vamos... mas como nada mais lhe vi que a mala de mão, procurei-lhe onde tinha as coisas, que me disse ter uma mala, que deixara no security. Disse-lhe para esperar, enquanto ia buscar o carro para carregar a mala e levá-la para a minha casa, e como lá tinha um desempregado, faziam companhia um ao outro.

Esta rapariga contava então vinte e oito anos, bonita e jeitosa, como até bastante inteligente, mas fez uma coisa, que eu sempre aconselhei a não fazerem... entrou no carro confiando

em mim, com um à vontade, como que de um imão protector se tratasse, ficando à mercê, da minha boa ou má conduta.

Quando cheguei a casa com aquela moçoila bonita, a fim de a orientar, o que não levou muito tempo, pois logo na segunda-feira seguinte, a esposa aceitou isto na maior das normalidades, a que já há muito se tinha habituado, sem manifestar o mínimo de ciúme, ou mesmo imaginar maus pensamentos, mas se fosse com algumas mulheres... eu não sei o que seria!

Esta rapariga, hoje senhora com os seus sessenta e... que continua a viver em Toronto, que eu em vez do nome uso «A...» empregou-se numa casa de ingleses, uma das famílias mais ricas do Canadá, e nos seus dias de folga, passou a ser nossa visita, por vários anos.

Fui à Imigração um dia...
fazer o quê?... Já nem sei...
uma moça a mim se dirigia
que ao acaso ali encontrei

Para o Canadá, veio também!
Como ave de arribação
confiou em mim também
como se fosse seu irmão

Não sendo este o lugar
que a moça desejaria
pediu-me para a orientar
pois nada aqui conhecia.

Há tanta coisa errada
que nós ouvimos e vemos
por isso é coisa arriscada
confiar-se se não conhecemos.

Contou-me qual a razão
porque andava imigrando
e viu em mim um irmão
longe de pensar ser malandro

Fiz o que pude somente!...
Sem muito tempo ter perdido
lá por ser bonita e atraente
não tirei disso partido.

Com inglês, livre e apresentação
e boas maneiras de mulher
arranjou logo patrão
num certo ricaço qualquer.

Foi mais uma familiar
que amávamos na verdade
a vida nos faz afastar
mesmo sem perder a amizade.

A História dos três Açoreanos

Foi numa manhã de Domingo, dia de festa do Senhor St. Cristo, a maior das festas da comunidade açoreana nesta cidade. Estava mais a esposa, a pôr alguns produtos nas prateleiras, e vimos à distância três indivíduos, dois ainda jovens, por cerca dos trinta, e o terceiro talvez já na casa dos cinquenta, vindos na Afton, mas dos lados da Glasdstone Ave. A maneira do seu andar parecia virem sem destino certo.

Dava-nos a impressão de já conhecermos pelo andar, as pessoas que tinham problemas, e foi na base dessa experiência, que a esposa me chamou à atenção, dizendo: vês aqueles três indivíduos que vêm além?... Pelo andar, vê-se que não estão seguros nas suas situações.

A maneira como todos caminhavam, fazia lembrar alguém que está esquecido de si próprio, porque o seu consciente, está desligado de si, vagueando à distância, talvez em missão de solucionar os problemas pessoais, quando nos parecem não terem solução. Vinham andando no passeio, como que se um íman os movesse, mantendo-se entre si, sempre a mesma distância.

Entraram no Store, e ainda que ali estivéssemos, não viram ninguém... e sem dizerem palavra, olharam em todos os cantos do estabelecimento, como que à procura de qualquer coisa não existente... mas por fim o mais velho perguntou: quanto custam aqueles isqueiros? — E quantos quer? — Talvez uns cinco, se não forem muito caros!... — Mas se vós sois apenas três, porque diabo precisais de cinco isqueiros? — É para levar para Portugal, diz o homem... Portugal?!... Mas é de férias? — Não... — Então as pessoas estão aqui chegando todos os dias, e vocês querem-se ir embora? — Vamos mas não é de vontade, diz o homem, que começou por me contar as causas do seu regresso.

Disse o homem que as pessoas da Graciosa que aqui viviam, donde era natural, quando ali iam de férias, diziam isto ser um

Mundo de maravilhas, e com tantas facilidades de ficar rico, que até fazia inveja a esses contos de fadas, ouvidos quando criança, como tinha tido uns azares, penso me ter dito de saúde, tendo perdido alguns dos seus haveres, veio tentar a sorte neste país das maravilhas, assim como os seus cunhados, por quem ficou como fiador, e agora voltavam à sua ilha, ainda com mais dificuldades que antes.

Segundo me disse o Senhor Betencourt, que além de não poder recuperar os bens empenhados, era também a vergonha e humilhação, de voltar com as mãos a abanar, e sem conseguir no país das maravilhas, nem mesmo ver a facilidade de encontrar as tais riquezas que se contavam na sua ilha. — Dizem que o Canadá é tão bom... mas se o é... não foi para nós. Isto foi mais uma desilusão, e também uma experiência, para melhor conhecer o que são os humanos, e os mais directos familiares.

— Acabamos de ser corridos de casa de um familiar, mesmo pagando uma renda semanal, e como é a única pessoa de quem esperávamos uma orientação e nos foi negada, com não temos nem conhecemos mais ninguém, a quem nós possamos chegar, e como amanhã é o último dia em que termina a nossa viagem de regresso, nós vamos embora, para não agravar ainda mais a situação.

Depois de ouvir os seus lamentos, perguntei-lhe: mas é esse o único motivo do vosso regresso? — O homem na sua voz, como que algo que já não tem remissão, diz-me, e o senhor ainda acha pouco? — Isso não é problema... vocês não vão para Portugal, porque eu vou olhar por vós.

O senhor mais velho, que era o único que falava, pois até àquele momento, ainda não lhes tinha ouvido uma palavra que fosse, talvez julgando que lhes ia cobrar algum dinheiro disse: mas nós não temos dinheiro para pagar!... — Não se preocupe, que sereis orientados, sem que nada tenham de pagar!

Após estas palavras, os homens ficaram como o Santo... quando lhe dão um esmola grande, pelo que ficaram calados, sem me dizerem obrigado, ou mesmo se aceitavam. Juntaram-se a um canto do estabelecimento, e juntos conversaram não sei o quê! Foi então que o porta-voz do grupo, me perguntou: o senhor é do nosso Portugal, ou de Lisboa? — Quer o senhor dizer se sou dos Açores, ou se sou do Continente? — É isso mesmo... —

Pois eu sou do Continente, mas não fiquem pensando, que eu me quero aproveitar de alguma coisa vossa. Apenas vos quero ajudar como tenho feito a tantos... mas isto é se quereis!? — Pois se então nos puder fazer essa esmola!...

Quando terminou o nosso diálogo era meio dia... «Já cerca de trinta anos lá vão... e me lembra tal como que se fosse neste instante...» para que não fossem para a festa sem comer, a esposa chamou-os à residência, e serviu-lhes uma pescaria que eu tinha pescado de vésperas.

Antes de saírem mostrei-lhes o lugar onde iriam dormir, e disseram-lhes à hora que era servido o jantar, mas em caso de não virem, telefonarem duas horas antes. Há um dos mais novos que cochichou ao ouvido do mais velho, e este voltando-se para mim, e como que com dificuldade: — se o senhor António nos emprestasse vinte dólares!... como vamos para a festa e para não ficarmos mal, em caso de encontrar alguém conhecido... depois lhe pagariamos. Tirei da carteira os vinte dólares e dei ao homem.

Agora ouviu-se a voz dos três agradecendo, e pela primeira vez o sorriso nas suas faces, talvez tenha sido este o dia mais feliz, vivido nesta terra de aventuras, onde tantas vezes o amor é trocado pela ganância dos dólares.

Chegou a manhã de segunda-feira, depois de vir do Mercado onde fui fazer as compras necessárias para o Store, pego nestes três, e mais um outro que também precisava de trabalho, e lá tomámos o caminho, que eu achei mais próprio, para arranjar trabalho a estes homens sem profissão, o primeiro, o sempre mais difícil de todos.

A primeira paragem foi no Mapleleaf Cleaners, na Golden e Dundas, onde arranjei trabalho para dois. Em seguida, visitei mais algumas fábricas pela área, mas sem sucesso, e quando já vinha de regresso a casa, lembrou-me de passar pelo Kadett-Cleaner, ali na Weston & St. Clair, onde um mês antes tinha empregado um, e dizer um Alô... ao Foreman da Companhia, com o pretexto de saber se havia de momento alguma vaga, e com tanta sorte havia mesmo...

O encarregado de quem já era conhecido, perguntei-lhe que tal era o último português que ali deixei... — excelente disse-me o senhor, e procurou se tinha alguém que precisasse trabalho, pois tinha duas vagas de momento. — Tenho sim!... Estão ali no car-

ro... — vai chamá-los, disse o homem. Mas ao ver o mais velho, oh não... aquele já me não serve, mas fico com o mais novo. Fui com o rapaz ao office, fazer a aplicação para o cartão de trabalho, e tudo ficou arrumado nessa manhã de sorte, que só não deu para o Sr Betencourt.

Todos eram felizes, mesmo o mais velho, ao lembrar-se que nesse mesmo dia, era para deixarem o Canadá, e agora viam uma nova luz e uma esperança renovada, e um futuro mais prometedor. Quando chegámos a casa, onde o almoço já nos esperava, foi por todos comida com apetite e satisfação. E foi aqui que disse ao Sr. Betencourt: não fique chateado por não lhe calhar um trabalho hoje, mas o seu dia para um trabalho também chega, eu lhe dou essa garantia, pelo que não se preocupe.

Segundo me disse o Sr. Betencourt, eles tinham feito um acordo entre si, de que o primeiro que arranjasse trabalho teria de auxiliar os outros, e por isso, que dois dias depois de estarem a trabalhar, já queriam que lhes arranjasse casa, porque segundo diziam, já chegava de massada.

Disse aos homens que nunca antes ninguém tinha saído de minha casa, sem que recebesse o primeiro cheque, e eles também não iam sair. Estes mesmo a verem essa franqueza e boa vontade insistiam constantemente, pelo que não tive outra alternativa que foi mesmo arranjar-lhes casa, ficando perto de mim, para melhor os poder orientar, e em especial o mais velho, que continuava sem trabalho.

Este Sr. que quase todos os dias ia à procura de trabalho, mas devido à sua idade, foi muito difícil a sua colocação. Além da idade, era sua apresentação pouco activa, pachorrento e de pouca agilidade, o oposto aos trabalhadores canadianos, ainda que não tivesse nada de estúpido nem de parvo, e sobretudo uma excelente pessoa.

Mesmo assim, ao fim de três semanas, consegui arranjar-lhe trabalho num restaurante, onde dois anos antes, tinha arranjado para um outro, com mais ou menos a sua idade, e onde continuava ainda. Ali passou a trabalhar, sob a orientação do outro português, que mesmo sendo do Continente e ele dos Açores, foram bons companheiros e amigos. Como tinha comida e fazia muitas horas, os dólares iam aumentando no Banco, para a sua alegria e satisfação.

Os dois mais jovens, uns três meses depois, deixaram os seus primitivos trabalhos, para outros mais bem pagos, mas desta vez, pelo seus próprio conhecimentos, o que me deixou muito feliz, e como também mudaram de casa, nunca mais os vi, apenas o mais velho, ainda que estivesse a viver com os cunhados, mas todas as quinzenas quando vinha depositar o dinheiro ao banco, vinha sempre fazer uma visita, e a sua configuração ia mudando, à medida que o seu dinheiro ia aumentando.

Um certo dia, chegou ali muito satisfeito, dizendo-me que a causa da sua alegria era por já ter recuperado todos os seus bens... agora, assim que conseguisse arranjar uns quinhentos contos, voltava para junto da sua Maria.

Os quinhentos contos foram conseguidos, mas o mais difícil era agora a decisão final. Agora a ideia ia aumentando os números, e quando chegasse aos setecentos, nem mais um dia... mas ao atingir este montante, a sua ideia fixou-se nos mil, e assim foi indo, até que um dia disse-me quando chegasse aos mil e quinhentos, nem mais uma hora!... e ao atingir esta soma... foi mesmo verdade

Num certo dia, entra-me pela porta dentro, que logo lhe lancei a pergunta: então, hoje não foi trabalhar? — Não... disse o homem... o meu trabalho no Canadá terminou... venho aqui para me despedir de vós, pois volto amanhã, à terra que me viu partir, em busca de uma aventura de um sonho, que eu e os outros vimos desfeitos, e só por mera casualidade, este sonho já sem vida, se tornou verdadeiro.

Eram mil e quinhentos contos antes do 25 de Abril... uma pequena fortuna para as nossas terras, segundo disse este senhor da Graciosa, chorando de felicidade, que sempre tinha sido um homem respeitado e digno, mas quando começou a perder certos bens, por fatalidade da vida, começou a ver fugir tudo debaixo dos pés, e a sentir-se humilhado, como até a perder a direcção frontal no seu olhar, como vergonha dos seus azares, tirando ao seu nome a dignidade que sempre lhe conheceu. Mas agora, voltava a ser o mesmo de antes, sem mais parecer uma sombra da sua imagem. Mas tudo isto a Deus e a si o devo.

Nesta minha passagem pelo Canadá, pude conhecer melhor o que são as pessoas, e que em todo o lado há gente boa e má, e esse papão, de que os de Lisboa não prestam, não mais existe em mim, porque todos somos dotados de falhas e virtudes. Creia,

que tive receio quando nos fez a oferta em nos orientar, e aceitámos porque nada tínhamos a perder, devido à má imagem que tínhamos de vós, afinal recebemos desinteressadamente, o que nunca nos foi oferecido pelo nossos mais directos familiares. Como a vida seria mais fácil, se todos procedêssemos assim.

Jamais me vou esquecer de vós, disse o senhor... aqui tem a minha morada, e junto a ela fica o prazer de um dia os poder receber na minha casa, quando tiverem a oportunidade de ali irem de férias, pois não vos faltarão o que necessitarem, por todo o tempo que ali queiram estar.

Quando deixei a minha Ilha para vir para o Canadá, se me dissessem que iria encontrar alguém desconhecido que nunca antes o vi, e que seria para nós, mais que um directo familiar, eu não acreditaria... o homem tirou do bolso um lenço, para limpar algumas lágrimas que lhe corriam pela face, deu-me o último adeus e saiu. Vim junto à porta, e quando já ia a uma certa distância, voltou-se para dizer mais um adeus, talvez o último entre nós... tal como as últimas palavras que lhe ouvi, que Deus vos dê, aquilo que mereceis!... Ao escapar da esquina, ainda se voltou para trás, como que a querer dizer também adeus àquela porta, onde lá dentro encontrou a luz da esperança, e compartilhou comigo alguma da sua felicidade.

A história dos três açoreanos
tanta vez me faz lembrar!...
quando de um próprio familiar
receberam tal desilusão
longe da pátria, neste torrão
de costumes e língua diferente,
mesmo sem ser da nossa gente
não se devem abandonar
é um dever humano ajudar
e é também um acto nobre
ajudar todo o que não pode
para se poder defender
foi o que veio a acontecer
com estes três açoreanos
perdida a esperança e planos
já prontos p'ra regressar
ao acaso foram encontrar
alguém que deles se interessou
os três homens orientou
nesta terra de aventuras
desconfiados dessas farturas
como o Santo desconfiou.

Todos ficaram desconfiados
com as coisas oferecidas
as esperanças já estavam perdidas
aceitaram... é bem de ver
agora com o conviver
a desconfiança desapareceu
e uma nova esperança cresceu
de não regressar a Portugal
e foi tão simples por sinal
quando há amor e boa vontade
foi talvez... Deus, quem sabe
que os levou àquele lugar
tudo agora pode voltar
a transformarem as suas vidas
o primeiro grau das subidas
às vezes não se consegue
é aqui que a gente deve
ajudar e ser-se humanos
estes três açoreanos
que hoje não sei onde estão
certamente não esquecerão
ainda que vivam cem anos.

O Casal de Açoreanos da Ilha

No princípio deste livro, relato uma passagem, com um casal de portuguese dos Açores, que encontrámos no «St-Car» Eléctrico a caminho da Ilha de Toronto, nesse segundo Domingo vivido no Canadá, em que a mulher do casal ficou furiosa com o marido, por este nos dar alguma atenção, essa que ela detestava, sem que soubesse a razão porquê...

Era no tempo que quando um português via outro, logo se davam ao conhecimento, a fim de um intercâmbio para uma ajuda mútua, e como estava sem trabalho, e o seu encarregado segundo me disse, tinha-lhe dito, se tivesse alguém novo e que fosse trabalhador, que o levasse segunda-feira, pelo que não queria perder essa oportunidade, assim íamos conversando, não só sobre isto, mas de outras coisas também, a mulher deste, cada vez se afastava mais de nós, ainda que os nossos miúdos tentassem brincar juntos, mas ela pegou na filha e tomou diferente direcção.

Entre mim e o homem tudo ficou assente, de na manhã seguinte, esperar por ele na College e Spdine, às 6,30H, onde às 6H, já lá estava, ainda que tenha esperado até às 7,30H mas não apareceu, faltando ao prometido.

Este senhor de certo logo me esqueceu, mas eu nunca mais o perdi de vista, vi-o algumas vezes depois disso, mas já mais lhe falei... e por coincidência, vim morar para perto dele.

Como o Store só fechava por cerca das onze horas, toda as noites já depois do jantar, era costumeiro virem para ali alguns vizinhos, para darem cinco dedos de conversa.

Uma noite, quando ali estávamos, esse homem agora quase meu vizinho, entrou ali pela primeira vez, desde que estava a operar este Store, talvez já por mais de dois anos. Deu as boas noites, e como eu estivesse dentro do balcão, dirigiu-se a mim e disse-me: a minha vizinha, disse ter sido um senhor do Store, que lhe arranjou trabalho, e segundo ela, têm aqui empregado muita gente, e

como a minha mulher perdeu o trabalho e também já terminou o desemprego, e como estamos com alguns problemas financeiros, queria ver se conseguia alguma coisa para ela.

Eu há tempo que não estou a trabalhar, por motivo de doença, e como tenho uma hipoteca na casa para pagar... por acaso essa pessoa não é o senhor? — Sou sim... — então se o senhor me fizesse esse favor... — vou fazer o possível, sim... disse-lhe. A sua senhora que esteja aqui amanhã, por volta das nove, e como tenho mais uma senhora, nas mesmas condições da sua, aproveito e levo as duas, fazem companhia uma à outra, e até se sentem mais à vontade. O senhor agradeceu-me, apertou-me a mão, deu as boas noites aos presentes, e saiu.

Depois de o homem ter saído, contei a história aos três homens ali presentes, que logo tiveram as suas reacções: um, eu fazia assim... outro, eu fazia assado..., e ainda o outro, eu tinha-lhas cantado... tal oportunidade eu não perdia, ai isso não!... Pois eu não faria nada, e foi isso que fiz. Todos nós, quando fazemos algo de errado, mais cedo ou mais tarde, sentimos o peso dos nossos actos, o que se chama de remorso, que nunca mais dá sossego à nossa consciência, o grande mal, para quem quer viver em paz. Quantas vezes não se terá lembrado desta falta? Mandar-lhe com esta à cara, era humilhá-lo e aumentar o seu mal e a sua dor, que tantas vezes o terá tomado por castigo, e certamente já tem mal que lhe chegue... vai sabê-lo, mas sem ser por maneira humilhante com vingança ou regozijo.

No dia seguinte, lá peguei nas duas senhoras, e fui para a zona industrial ao Sul da King, onde havia muitas fábricas, e já ali tinha arranjado trabalho para várias pessoas.

Numa fábrica de móveis aonde fui, cujo encarregado já era meu conhecido, deu-me trabalho para uma delas, ficando ali a mais antiga, neste género de servir, e a começar já no dia seguinte, e como estava ali, aproveitei para lhe fazer a aplicação.

Em seguida, ainda com as duas mulheres por companheiras, subi à Dufferin, a fábrica onde estava a Isabel, perguntar se tinha alguma vaga, para a que ainda não tinha trabalho. Ao contactá-la, esta no seu tom alegre e de reinadia, disse: não Don António... eu já não gosto das portuguesas, porque me molestam muito com o piá... piá..., que eu não percebo!... Ah! Dom António, não precisa de fazer uma cara tão feia, porque eu estou a brincar... e em

seguida como de costume deu uma risada, para depois me falar sério, dizendo que não tinha nada.

Quando já nos tínhamos despedido, ela disse-me: espere um ratito Dom António... e dirigiu-se a uma outra secção, para vir pouco depois, e agora via-se na sua linda cara redonda, com alguns traços de índia, um sorrido de felicidade, em contribuir também, para o bem-estar dos outros, e diz-me: diz a ela que venha amanhã às oito horas, e pode-se dirigir a mim, que depois a encaminharei ao seu lugar. Como o Dom António aqui está, podia-se fazer já a aplicação. — Sim é boa ideia, disse eu... Ok, Isabel, obrigado, e cumprimentos ao Jaime! — Bye, Dom António.

Já no regresso a casa, tanto eu como as duas mulheres, fámos felizes, elas por terem trabalho, e eu por lho ter conseguido. Como a primeira vivia junto a Dovercourt e Queen, deixei-a ali, para em seguida trazer a outra a sua casa, não muito afastada da minha.

Foi no caminho que eu perguntei à senhora, como estava a filha, e o que se passava com o marido! Se já não estava a trabalhar nas estradas? A senhora que demorou alguns segundos sem me dar a resposta, e sem responder sim ou não, preferiu fazer-me ela a pergunta: Como é que o senhor sabe que tenho uma filha, e o meu marido trabalhava nas estradas?... Foi então que eu disse à senhora quem era... mas disse-lhe a razão porque lhe perguntei, foi em o ver com dificuldades, mas nunca me manifestaria, se ainda não tivesse trabalho, porque já sabia, que nunca mais se sentiria à vontade, sem que se sentisse humilhada, e até sem forças e coragem para me continuar a acompanhar, e era isso que eu queria que acontecesse.

A senhora que já não me parecia a mesma de muitos anos atrás, começou por deixar cair dos olhos algumas lágrimas, e disse como para si mesmo: Oh! Meu Deus!... Como é possível uma coisa destas?!... O senhor está a pagar com amizade, a minha ingratidão, e a culpa foi minha e não do meu marido, eu impus-me à sua vontade, que era ir apanhá-lo conforme o combinado, o que só não o fez, para evitar problemas conjugais.

Em pequena, ouvia muitas histórias, umas verdades outras talvez até mentiras, acerca dos continentais, por essa razão, mesmo sem me fazerem mal, não queria nada com vocês, bem ao contrário do meu marido, que sempre me condenou por tal estu-

pidez, arrependeu-se de me ter contado o que tencionava fazer, porque não esperava de mim tal oposição, contudo, prometeu fazer-me a vontade, a fim de evitar problema familiares, mas o peso por tal falta, ficaria sobre a minha consciência, mas sei que ficou na dele também.

Essa falta que nunca me saiu da ideia, tem sido um pesadelo na minha consciência, que nem mesmo a absolvição do padre me deu algum alívio. Não me sinto apenas envergonhada pelo que fiz, como considero os azares da minha vida, uma condenação do meu erro. Peço-lhe que me desculpe a minha falta, e todos os inconvenientes que lhe causei. — Estou feliz, por ver que a senhora não é mais aquela, que há anos eu vi fugir da nossa companhia na Ilha de Toronto, e creia-me que não lhe fiquei com ódio ou rancor, e a prova dessa realidade é a nossa presença aqui.

Já junto da porta, ainda com as últimas lágrimas a correrem-lhe na face, disse estar feliz em ter conseguido trabalho, pelo que me estava muito grata, mas mais ainda, por ouvir da minha boca, aquilo que além de mim, só Deus lhe podia dar.

Ao sair do carro junto da sua casa, o marido encontrava-se sentado nas escadas da entrada, e ao ver a esposa limpar essas últimas lágrimas do rosto, não sabendo o que se passava, perguntou-lhe: não me digas que esse homem tentou contra ti?... — Cala-te. — Ambos foram para dentro, e nada mais ouvi.

Uma hora mais tarde, o homem vem ao Store para falar comigo, mas como eu não estivesse, voltou mais tarde, agradecendo-me o que lhe tinha feito, e pedindo-me desculpa pelo que me fizera, nesses primeiros tempos que aqui cheguei. Cheio de emoção e até envergonhado, despediu-se, para voltar no dia seguinte com a mulher, para ali fazerem pela primeira vez algumas compras.

Foi então que me contou os seus problema, e seu acidente, que os patrões tentaram fugir às suas responsabilidades, e ainda que já tivessem passado dois anos de luta, mas sem o mínimo êxito em ganhar a questão. Como conhecia um bom advogado especializado nestes casos de acidentes, levei-o comigo, e em pouco tempo, tudo foi resolvido a favor da justiça e da razão. O advogado não lhe pôde dar a saúde perdida, mas ajudou-o a re-

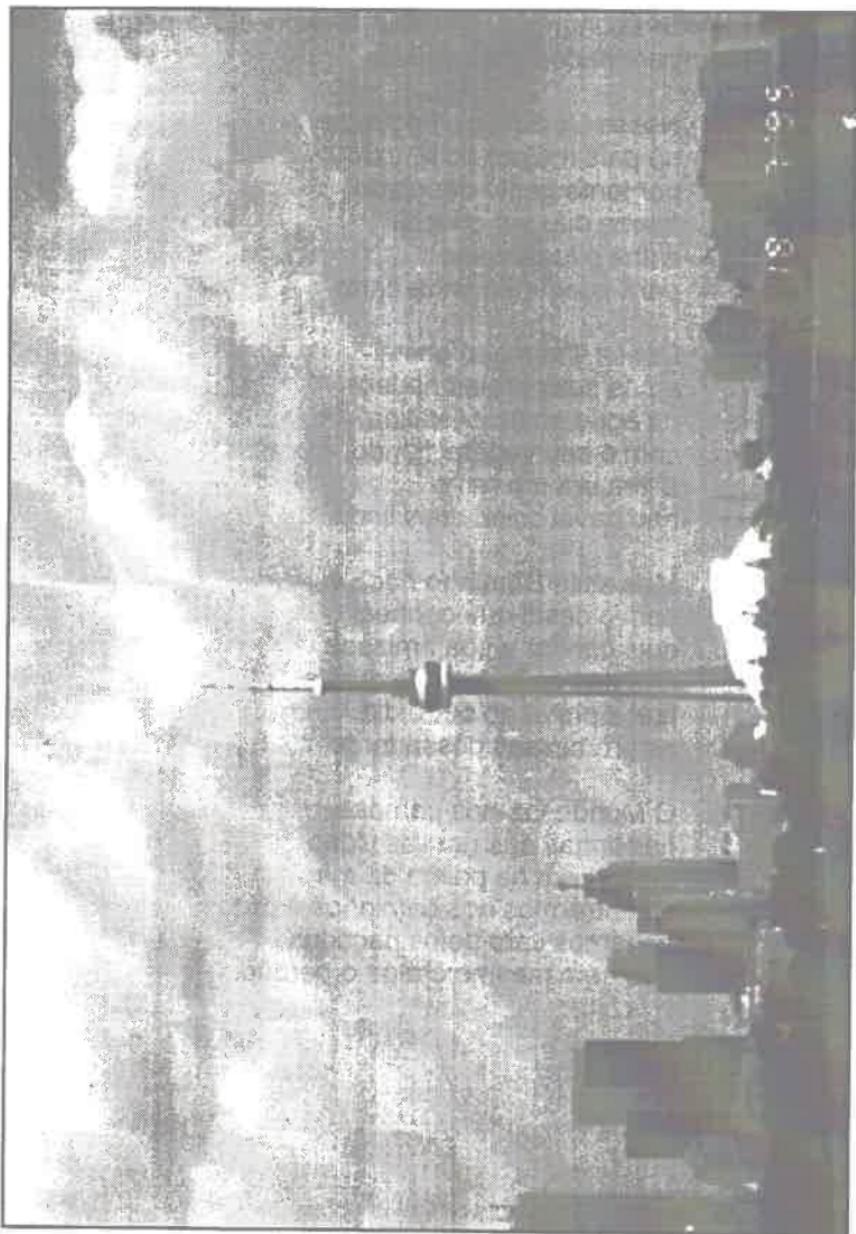
cuperar a vida económica. Como o Mundo é tão pequeno... e cheio de contrariedades e surpresas.

Nesse Domingo o segundo
no país melhor do Mundo
por tanta gente desejado
foi-me dito ser o local
a Ilha o lugar ideal
para quem não tinha carro.

Dessa Ilha muito gostei
e nas suas praias nadei
na água então cristalina
com o seu vegetal florido
a Ilha era um retiro
não havia coisa mais linda.

Mas esse Domingo nada vi
com o casal que conheci
quis ganhar a sua amizade
não deu os frutos que queria
tirei a prova no outro dia
as promessas dessa tarde.

O Mundo faz-nos partidas
nas linhas das nossas vidas
que rezam na palma da mão
se entrarmos nos caminhos errados
pagamos caro pelos pecados
que nem mesmo chega o perdão.



*CN Tower, a Torre mais alta do Mundo, na Baixa do Toronto,
em frente, a Ilha desta cidade*

Não se deve pensar que ninguém
não precisa de um alguém
ou que nunca vai precisar,
ninguém se ria do mal
eu nem mesmo deste casal
antes os preferi ajudar.

Vinganças... eu não as quis
como até o que pude fiz
para os poder ainda ajudar
se não puderes fazer o bem
o mal nunca faças também
para a sua dor não aumentar.

Já com o trabalho à espera
é que eu lhe disse quem era
mas dito sem humilhar,
pensando no mal que fez
Olhou p'ra mim, mas desta vez
não se teve sem chorar.

Senti-me contente e feliz
por esse pouco que lhe fiz
a este casal arrependido
pensavam a todo o momento
que todo esse sofrimento
era um mal, era um castigo.

Este homem depois de aleijado
quase tudo lhe foi negado
ajudei-o a tudo recuperar,
com experiência, arte e manhas
a vida tem coisas tão estranhas
que nos fazem meditar!...

A História do da Chica

Num certo Domingo, numa linda manhã de Maio, andava a limpar as montras do Store, quando aparece ali um indivíduo, que tinha trabalhado comigo no Mackaca, no segundo ano de Canadá, e que nunca mais o vi desde então. Era o tal que já atrás me referi, que acompanhou o acidente do infeliz Marino, e o que costumava dizer, que era tempo de «Chica e cada qual olhasse por si», quando alguém lhe pedia algum favor. Este rapaz, de pequena estatura, era muito esperto e pouco amigo de fazer favores, a não ser com fins interesseiros, e eu tenho a certeza dessa realidade.

Se foi uma surpresa para mim vê-lo ali, certamente não foi menos para ele, eu ser a pessoa que ele menos julgava, e que ali vinha à procura.

Começou por me fazer perguntas uma após outra, mas sem nada dizer a seu respeito, ou menos dizer qual o fim que ali o trazia. Para não mais responder, ou ter que dar uma má resposta, dei o trabalho por concluído, dizendo ter lá dentro coisas a fazer, e entrei, mas logo ele me acompanhou também, e desta vez perguntou, se ali morava mais alguém além de mim e a minha família? — Sim mora... um indivíduo que anda à procura de trabalho, e de alguém que o oriente. Não me diga que o conhece, e sabe de alguma coisa para ele!? — Oh! Não... é precisamente o contrário.

Eu tenho uma pessoa de família que necessita de trabalho, e a minha vizinha, disse-me ter sido um senhor aqui, que lhe arranjou trabalho e o tem feito para várias pessoas, pelo que estou a entender é o meu amigo?..

— Bem isto aqui não é nenhum lugar de arranjar trabalhos, contudo quando tenho tempo, e alguém que precisa, vou por aí dar umas voltas, para ajudar os necessitados. É para a sua esposa? — É para uma pessoa de família.

— O.K.! Ela que esteja aqui às nove, tenho mais algumas

pessoas, incluindo o homem que aqui está, e todos juntos já fazem um rancho jeitoso. — Obrigado, disse o da Chica, eu vou dizer que esteja aqui às nove... agradeceu mais uma vez, deu os bons dias e saiu.

No dia seguinte, lá vou com os dois homens e as duas mulheres, para os lados do High-Way 27 & 40 I, e comecei por uma fábrica, onde um mês antes, tinha arranjado trabalho para um rapaz, o seu encarregado o Mr. John Mc-Caull, estava tão contente com o Tony, que me disse, se estes fossem como o outro, até ficava com os dois!... — Penso que sim... mas se não forem, manda-os para casa, e eu arranjar-lhes-ei noutro lado. — Está bem disse o encarregado Jonh.

Os homens estavam arrumados, faltavam agora as duas mulheres, e como estas fábricas não eram bem para o serviço de senhoras, resolvi mudar de direcção e vir para a cidade, no caminho junto a Etobicoque, parei para ir visitar algumas fábricas já conhecidas, e aqui arranjei para mais uma, ficando agora apenas a familiar do da Chica, ou melhor a esposa dele.

Já na cidade, ao passar na Dufferin, junto à fábrica das carteiras, parei, e fui fazer uma pequena visita à Isabel, não para lhe perguntar por trabalho, mas sim para saber como ia, pois a última vez que tinha estado em nossa casa dois dias antes, o seu estado de saúde não era dos melhores.

Ao entrar na fábrica e na sua secção, não a vi no seu lugar como de costume. Dirigi-me de imediato ao office, saber o que se passava com ela, então me foi dito, que a ambulância a viera buscar logo pela manhã, devido a umas fortes dores cólicas no figado. Fui atendido pelo General Manager, ele, e tal como as restantes pessoas ali presentes, estavam tristes pelo acontecimento. Quando deles me despedi, o Senhor que bem me conhecia, mesmo já antes de ali estar a Isabel, disse-me: se tiver alguma senhora que queira trabalhar, e que já fale algum inglês, eu tenho trabalho para ela. — Tenho sim... se desejar fazer-lhe uma entrevista está ali no carro, e venho chamar a senhora. Como já falava um inglês bastante bom, fez logo a aplicação, e foi trabalhar no dia seguinte.

Dirigi-me a casa, onde deixei todo o pessoal que me acompanhava, comuniquei à esposa o que se tinha passado com a Isabel, e de imediato parti para o hospital, mas não pude falar

nho, o tal da «Chica» dirigindo-se para o Store, que logo me deixou a tremer de raiva, quando entrou na loja.

A esposa conhecendo a minha maneira de ser, e do que era capaz, para não ver nem ouvir, foi-se embora dali, ficando eu e os dois fregueses ali presentes. O indesejado, deu os bons dias aos presentes, mas penso, que não só lhe respondi, como ignorei a sua presença.

O homem que veio ali com uma finalidade, mas não era de ouvir ou contar qualquer história, juntou-se aos dois fregueses que estavam conversando não sei o quê! Passado alguns minutos, como também estivesse junto, o homem vem junto de mim, e diz-me num tom baixo: amigo Santos, precisava apenas de dois minutos em particular... — E para que tem que ser em particular? Entre nós, que eu saiba, não há coisas tão importantes assim?! O homem disse-me: o amigo Santos, hoje está ocupado e eu venho amanhã. — Óh homem diga o que quer!... Como ficasse meio engasgado, eu mesmo disse: é trabalho para a senhora, não é? — Óh! Vossê é bruxo? — Sou bruxo sim. — e sem elevar a voz, que não era muito meu usual em tais circunstâncias, disse-lhe: você gostou que lhe tivessem arranjado trabalho para a sua esposa, ou melhor para a sua familiar? Não acha que o Santos merecia esse telefonema de gratidão, como símbolo de amizade, ainda que essa não exista em si, além dos interesses e conveniências, mas isto é o menos, até porque já me acostumei, agora o que não lhe posso tolerar, é combinarmos em o senhor ir ajudar a mulher, e me garantir que sim, e fazer com que a pobre coitada esperasse por mais duma hora, num sítio daqueles, e não apareceu, nem mesmo nada disse. Isso não é de homem, mas sim dum canalha, sem respeito por ninguém, nem por si próprio. Gostava de lhe ter feito o mesmo à sua mulher! O ser ali molestada como uma prostituta?...

Quando há muitos anos trabalhámos juntos, em que tive a oportunidade de conhecer a qualidade de pessoa que você era, há uma que aprendi de si. «É tempo de Chica, e cada um olha por si...», por isso desapareça daqui, e não volte aqui mais, porque não passa de um excremento repugnante. Quase trinta anos já lá vão, nunca mais vi tal... nem saudades tão pouco.

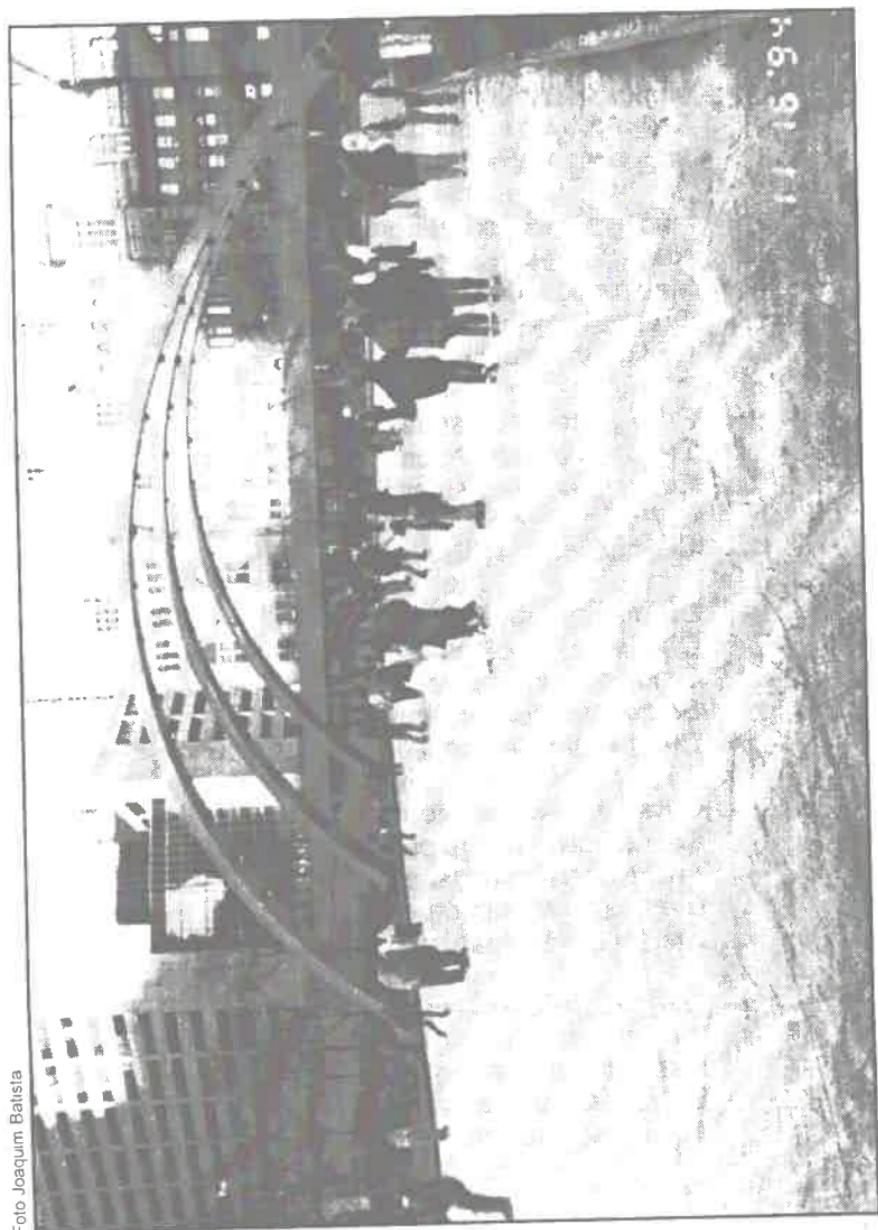


Foto Joaquim Batista

Recinto de gelo público, entre a velha e a nova Câmara de Toronto, para o entretenimento da juventude e adultos nos meses de Inverno

Esse jovem com muito tino
Que no Mackaca conheci
Muito curioso e fino
Esperto, vivo e ladino
mas pensava só em si.

Não era um desordeiro
Nem mesmo um agressivo
Mas antes muito interesseiro
Que se lixasse o companheiro
No fim de estar servido.

Para alcançar os seus feitos
Em nada se acanhava
Este era dos tais sujeitos
Que não olhava a preconceitos
Quando algo precisava.

Dizia ser tempo de Chica
Que cada um olhasse por si.
O que dizia não era fita
Só que um dia borrou a escrita,
Quando algo lhe pedi.

O trabalho nos afastou
Desse nosso antigo patrão
Assim o tempo passou
E muita coisa mudou
Até aquela ocasião.

O mundo não para de andar
E à volta de si tudo gira
Mas volta ao mesmo lugar
E encontramos sem esperar
As grandes surpresas da vida.

O da Chica com sua esperteza
Ali me apareceu uma vez
Não julgava ser eu concerteza
Não sei se foi uma surpresa
Ou uma coincidência talvez.

Trabalho era a finalidade
A razão de ali chegar
Mesmo sem haver amizade
Ainda que com pouca vontade
Empreguei-lhe a familiar.

Seria cinismo ou não
Ou outra coisa qualquer
Porque este, o tal figurão
Sem saber porque razão
Nunca disse ser p'ra mulher.

Era assim este indivíduo
Pensa nele e mais ninguém
E como já estava servido
Marimbou-se no pedido
Para ajudar esse alguém.

Se é que o bem nunca esquece
O mal também não é esquecido
Mais tarde o da Chica aparece
Mas como nada mais merece
Nada mais lhe foi servido.

Ninguém julgue que só por si
Consegue todos os ideais
Hoje sou eu que preciso de ti
Amanhã és tu de mim
É esta a lei dos mortais.

Os filhos, a Liberdade e a Lei

No meu ponto de vista, um dos maiores males deste país, e muitos outros do mundo da democracia, é a liberdade excessiva junto da protecção exagerada dada à juventude, tirando aos pais toda a força e autoridade de poderem educar os filhos às suas maneiras, a fim de fazerem destes, alguém responsáveis, dignos e honestos, com respeito pelo semelhante e pela lei.

Tais leis, não só canadianas como em muitas outras partes, são as fontes dos conflitos entre pais e filhos, tantos com a intervenção da autoridade, acabando com a detenção de alguns pais, na maioria das vezes, devido a essas liberdades que estes vão negando aos seus filhos, não pelo mal que fazem, mas sim pelo bem que lhes querem. Tais problemas nem sempre têm a mesma unanimidade entre ambos os conjugues, sendo os responsáveis de muitas separações e divórcios, especialmente quando os filhos apoiados por essas leis protectoras do liberalismo, abandonam os lares, colectando os dinheiros sociais, para pouco depois quererem voltar ao lar, não arrependidos pelo seu procedimento e retomar uma nova vida, «ainda que haja alguns» mas para sugarem, entrando e saindo, sem qualquer controlo ou obediência, que contra a vontade de muitos pais, certas mães aceitam e consentem, opondo-se aos maridos.

Estas decisões de certos jovens indisciplinados, apadrinhados quase sempre por outros jovens já a viverem nesse mundo onde reina o roubo, a droga, o crime e a prostituição, são a luz viva, de que tal liberdade e protecção dada a estes jovens, em nada os ajuda para uma carreira digna, mas antes lhes abre o caminho para viverem numa sociedade podre, irresponsáveis, sem esperança nem futuro, fazendo vítimas, que em maioria dos casos, elas próprias têm que contribuir indirectamente, não só para o seu suporte, como para os advogados os defenderem, dos crimes que contra si cometem.

Numa certa manhã já nos fins da Primavera de 1972, levantei-me como costume às seis a fim de receber o leite e o pão, como para servir os primeiros fregueses matinais, e também passar uma vista de olhos, nos jornais matutinos da cidade. Ao pegar num desses jornais, fiquei indisposto e triste, ao ler na primeira página, o grande crime da noite, ali algures em St-Clair, nesta cidade de Toronto, um confronto entre a polícia e uma ganga desses «teenagers» * em que dois agentes da autoridade perderam a vida. De meu conhecimento, este foi o primeiro caso e um aviso, de quão perigosa é essa liberdade dada à juventude no começo da vida adolescente, pois segundo as notícias, alguns destes, não puderam ser identificados, ainda protegidos debaixo da lei juvenil. Desde então até aos nossos dias, muitos têm sido os crimes praticados por estes jovens, contudo, tal lei protectora continua intacta, sem a mudança duma vírgula, na defesa destes jovens delinquentes, sem respeito pela lei nem por ninguém, a quem vão escondendo a cara e a identificação, para não serem conhecidos nem mesmo por aqueles a quem praticaram o mal. Se não tirassem a autoridade aos pais — e estes, os tivessem em sujeição, certamente essa ganga de jovens não andariam às duas horas da noite, roubando e praticando toda a espécie de crime, e estes dois agentes não teriam perdido a vida.

Para o flat duma casa mesmo em frente do store, veio morar uma senhora viúva, há pouco chegada dos Açores, na companhia de uma filha, «uma linda moçoila de dezasseis anos,», que penso ter ido ainda para a escola, e a mãe estava a trabalhar de noite, nas limpezas do aeroporto.

Numa Sexta-Feira pelas 10 da noite, ainda com o store aberto, a dona dessa casa onde morava a dita senhora, já a caminho do trabalho, entra ali muito aflita, pedindo para chamar a polícia. — Segundo dizia, estava lá um rapaz que se dizia ser namorado da moça, junto da mãe e uma irmã, querendo levá-la mesmo à força, tendo-lhe batido, devido à sua recusa. Tal acto na ausência da mãe, levou-me a pensar que só de gente doida ou animalesca, pelo que chamei a polícia tal como me fora pedido. Segundo mais tarde me foi contado, o rapaz tinha chegado naquele dia vindo da guerra de Angola, e talvez a família lhe quisesse dar esse presente, coisa estranha!... Não é?...

* Idade entre os treze e dezanove anos.

Quando o polícia chegou, como nenhum deles falava inglês mandaram-me chamar, para fazer a tradução oral entre o polícia e os envolvidos no conflito, que logo após tudo explicar à autoridade, — este fez-me a primeira pergunta: — que idade tem a rapariga? — Dezasseis anos, disse-lhe... — Volta-lhe a perguntar se quer ou não ir? A rapariga, talvez com medo ou já tivesse mudado de ideias, ainda que numa voz bastante sumida, como alguém que não está bem firme no que diz, a sua resposta foi sim... que logo transferi ao polícia. — Este, num tom mais apropriado à decisão dum juiz de que de duma autoridade, disse prontamente: — já fez dezasseis anos, é maior, se quiser ir, é livre para o fazer... — transmite-lhe que pode ir dormir com ele já esta noite se essa for a sua vontade.

— Foi então que eu disse àquele agente da autoridade: por favor, não lhe dê tal permissão?! Deixa que a mãe venha e ambas possam resolver esta questão, com calma sem esforço nem precipitação, isto não é tão fácil assim... sem o conhecimento e consentimento da mãe, fazer tudo isto na sua ausência, além de ser um golpe rude e duro, pode ser também perigoso para a sua saúde.

Foi então que o polícia, como que pretendendo mostrar o grande valor dessa liberdade, que ele bem conhecia não ser da feição da nossa maioria, diz: — vós portugueses tendes a mania de quererem criar os filhos tal como fosteis criados, mas isto aqui é um Canadá livre e não um Portugal ditador, eles têm o direito de serem livres, sem que tenham que viver debaixo duma ditadura paterna.

Ainda que com as portas fechadas nesse país distante devido a esse mal, não aceitei as suas palavras com simpatia ou bom agrado, pelo que lhe disse: — não gostas mais da democracia e liberdade que eu... e certamente não tiveste que lutar por ela como eu lutei!... mas não esqueças?! Que liberdade sem lei... é muito pior que a ditadura! A grande prova desse mal, está nesse crime da semana passada, em que nesse confronto entre a polícia e esses jovens criminais, os dois agentes perderam as vidas, ambos chefes de família como nós. Se eles pudessem voltar à vida, tenho a certeza de que apoiam as minhas palavras. A semana passada foram aqueles, amanhã ou ainda esta noite podes ser tu a vítima do produto dessa liberdade excessiva, que não é boa

nem para eles próprios. Agora diz-me onde está o mal dos portugueses, ou de outra qualquer raça, em serem apertados para os filhos? O meu que tem a mesma idade desses criminosos, está a trabalhar no Store como podes observar!... O agente da autoridade que me ouviu com atenção, ficou como que a olhar para um além distante, para em seguida me bater no ombro e dizer: — You are right! «tens razão»! Diz à rapariga que vá dormir, e estes que vão para casa, para não os levar presos, e não os quero ver aqui mais. Se voltarem, telefona e diz para me chamarem e o caso depois será diferente, mas transmite-lhes isto!...

Tudo ficou calmo por cerca de vinte minutos, enquanto os três familiares não voltaram de novo, tal como me tinha sido ordenado, voltei a chamar a autoridade que não se fez tardar. A polícia meteu-os no carro, e não apareceram mais, mas também nada soube o que mais se passou.

No dia seguinte, a mãe veio pedir-me desculpa e agradecer por tudo o que fizera, sem que muito se abrisse a este respeito. Ali viveu por mais algumas semanas, para depois se mudar para lugar por mim desconhecido. Tinham-se já passado seis meses, quando o rapaz e a rapariga, segundo me disseram já casados, ali entraram, onde ambos me agradeceram e me pediram também desculpas. Este rapaz não me pareceu o mesmo, e dele me ficaram as melhores impressões... vinha da guerra, e esta palavra tudo diz!... Desejei as maiores felicidades ao jovem casal, de quem perdi todas as feições características.

Disciplina

Muitos que hoje somo avós
E os filhos aqui criámos
De tais leis nunca gostámos
Porque eram dificeis p'ra nós.

Qualquer adolescente sem guia
Se puder todo o mal faz,
E se não for puxado para trás
Cai no mundo da rebeldia.

Tais leis com o bem não combina
Nessa idade traiçoeira
De teimosia e cegueira.

Há leis que não têm explicação
Se quem dá o carinho e o pão
Não puder dar a disciplina.

Nos Simpsons

Uma vez assim, voltei para casa para dormir algumas horas e telefonar ao meu encarregado, para não contar mais comigo, nas duas semanas que ainda faltavam, como tempo inteiro, contudo, iria em part-time se necessário.

Este trabalho, com o salário de \$1.95, era o mais alto já alcançado no Canadá, assim como o melhor serviço e mais benefícios. Tal como disse a rapariga do ofício, tinha mais com ler, que com falar. Era a apartar embrulhos das compras feitas em toda a rede, das lojas destas duas Companhias filiadas, os Simpsons & Seares, referentes a cada área, e colocá-los por ordem nas carriñhas da casa, correspondentes á zona a que pertenciam, para que pela manhã, tudo estivesse com ordem, a fim de os motoristas da companhia, poderem seguir as suas distribuições habituais.

Esta aprendizagem levava uma semana até se estar pronto para trabalhar só, mas o homem que me acompanhou, ao fim de três dias, deixou-me já sob a minha responsabilidade, ainda que lhe pedisse para me acompanhar por mais dois, disse que eu já estava dentro do esquema e ia voltar para o seu serviço, mas na realidade não o estava... e como falava muito e o meu inglês não dava para acompanhar o seu paleio, logo no primeiro dia já andava aborrecido, e dizer que já estava apto era a melhor maneira de me deixar só, e eu que me desenrascasse... mas na maioria das vezes, é o serviço que nos ensina e este foi um deles, é certo que nos primeiros dias senti algumas dificuldades, mas não tardou que o meu trabalho fosse feito com a mesma rapidez e perfeição dos que ali trabalhavam por anos.

O sistema que havia no pegar e largar, foi o único em toda a minha carreira de trabalhador! O horário era da meia noite às oito, mas se o serviço terminasse antes, ainda que fosse às duas ou três, com duas ou três horas de trabalho, picava-se o cartão e

ia-se para casa com o dia ganho, se era em tempos festivos, em que faziam muitas compras e tinha que se trabalhar depois das oito, era pago a tempo e meio. Sem dúvida alguma, este era um dos tais trabalhos finos de mais para nós imigrantes, mas como diz o provérbio: não há sim... sem senão!... e enquanto não chegou o Inverno, tudo foi muito bom... mas o mau veio depois.

Estávamos agora nos meados de Janeiro, a época dos grandes frios e nevadas. À hora que ia trabalhar, já não havia transportes públicos para junto daquela área, ficando o mais perto a quarenta e cinco, cinquenta minutos de distância de caminho a pé, o que fazia diariamente, por ainda não ter carro.

Da minha casa, em dias normais, fazia este percurso em menos de hora e meia, cerca de trinta minutos nos transportes e quarenta e cinco a cinquenta a caminhar, e como já me tinha acostumado nestas caminhadas, e também nesse tempo, não havia o perigo de se andar de noite, estas viagens, até eram muito úteis, para a minha preparação física. Mas o pior veio a seguir.

Ilusões teremos sempre que ter!
e a força do nosso viver
esse sonhos que sempre nos trás
é isso que não nos deixa parar
nem o humano de sonhar
por isso sonhei uma vez
e por não ter sucesso me fez
o meu sonho continuar.

Aos Simpsons fui procurar
se precisavam p'ra trabalhar
naquilo que sabia fazer.
A moça que me entrevistou
em seguida me mandou
algumas frases ler
p'ra certeza do meu saber
o trabalho que me arranjou.

Neste trabalho de separar
as compras para entregar
de porta em porta ao freguês
não foi difícil aprender
e sem necessidade de correr
como noutros trabalhos por vezes
serviço que os portugueses
muito gostariam de ter.

O salário foi o melhor
mas em transportes o pior
para os que não tinham carros
nas noites de vento e nevadas
era duro tais caminhadas
com os passeios alagados
corpo, mãos e pés gelados
lá ia nas brancas estradas

Num certo dia de Fevereiro, logo pela manhã, o céu mostrava-se da cor da neve, mas só se começou a ver os primeiros flocos, ao cair da tarde, sendo em grande força por volta das oito.

As notícias da rádio e da TV vinham anunciando e avisando também, para as pessoas não saírem de casa, sem uma forte razão ou necessidade de o fazer, porque as condições atmosféricas apontavam para um forte temporal com chuva gelada e vento, que só não se tornava quase impossível andar na rua, como também perigoso.

Era usual em qualquer dia sair de casa às dez e meia para pegar à meia noite, mas neste dia, devido ao mau tempo, preparei-me para sair de casa meia hora antes, e quando já preparado para sair, olhei para a parte de fora por entre os vidros da janela, e só de ver, já me sentia quase gelado, e ao pensar nessa caminhada que tinha de fazer, ficava mesmo sem forças, pelo que pensei em não ir trabalhar essa noite, e como não tinha carro, era lógico que me iam desculpar. Peguei na carteira, onde pensava ter o número do telefone, mas todos os números havia menos o do trabalho, e como não o consegui na lista, não tive outro remédio, que foi meter-me a caminho. Recordo o boss avisar-me quando ali entrei: não gosto de faltas, mas se tiver que as haver, quero que me telefonem; o mesmo, se por qualquer motivo tenham de chegar atrasados, e só depois, soube porquê!

Chegada a meia noite, e antes de começar o trabalho, o sistema de alarme era ligado, a não ser que esperasse por alguém. Todos os dias ali chegavam grandes valores, pelo que tinha de haver uma forte prevenção, pois este lugar, não era coisa desconhecida aos ladrões.

Da Grace a Ossington era apenas uma paragem, pelo que na maioria das vezes, ia ali apanhar o Bus para não estar à espera do eléctrico da College, quase sempre muito demorado. Mas desta vez, como vinha a chegar um, aproveitei e entrei ali mesmo, pedindo o transfere que me dava acesso até ao final do percurso. O Bus da Ossington também não tardou, o que não era costume, e este era o primeiro, de uma fila de três, e mesmo assim vinha quase vazio, parece que as pessoas acataram o conselho dado nas notícias do dia.

O eléctrico da Queen também pouco demorou, e não trazia mais de uma dezena de passageiros, que iam ficando a cada

paragem, saindo os últimos, junto da estação dos TTC e do St. Joseph Hospital. O resto do percurso, era apenas eu e o operador do eléctrico.

No término desta carreira, era costume haver ali sempre muitos passageiros à espera deste transporte, com destino à cidade, mas só que desta vez, não se via ali alma viva, mesmo os automóveis que em outros dias não despregavam as suas linhas, hoje, só de quando em vez passava um, até mesmo no High-Way que ficava ali ao lado, o som contínuo produzido pelo andamento dos veículos, soava diferente, e mais compassado.

Ao sair do eléctrico, dei as boas noites ao condutor, e este disse-me na sua língua: «wath yourself, is a very danger night» tem cuidado contigo, a «noite está perigosa», e na realidade estava... a neve misturada com chuva gelada, movida por um forte vento, fazia com que os caminhos ficassem intransitáveis, tanto para autos, como a transeuntes.

Debaixo dessa grande tempestade, e ainda a poucos metros do eléctrico tive a primeira queda, das muitas outras em todo o percurso.

No passeio era impossível poder-se andar, mal me tinha levantado, já estava de novo no chão, pelo que optei em ir pelo meio da estrada, e desviar-me sempre que vinha algum carro.

O vento que se fazia soprar do Norte, com a neve a fazer remoinho no chão e no ar, além da sua frialdade, em cada três passos que dava para a frente, fazia-me, recuar um e mais... o gelo pendurado nos ramos das árvores e nos fios eléctricos e telefones, ao longo dos passeios, alertavam o perigo, quando se ouvia a queda desse gelo, caindo aqui e além, nesse caminho que usava fazer sem dar por isso, mas hoje, quanto mais andava, mais longe me parecia estar do local que eu tentava chegar, contra o tempo e o vento.

As botas de meio cano que levava calçadas, como a neve tinha mais altura que elas, começaram por receber a neve, transformando-se em água, aumentando o seu peso e ficando mais agarradas ao chão, dificultando cada vez mais o andar, que já era tão difícil. Também o fato encharcado, e o casaco grosso apropriado ao frio, ia absorvendo cada vez mais humidade, tornando-se em vez de quente frio e mais pesado.

A cada carro que por mim passava, não hesitava em lhes

fazer sinal de boleia, mas sempre sem êxito, pois molhado daquela maneira, quem faria tal?! Mas sempre na espera de um bom Samaritano, não desisti em continuar a pedir a cada um que passava. Ao fim de tantas tentativas, há um carro que parou uns metros mais à frente, e quando a este me dirigi, já com a palavra do agradecimento a saltar-me dos lábios, este sem a mínima dor, nem respeito pelos desaires de cada um, diz-me com voz de escarcedor: será qe o meu carro tem algum letreiro de aluguer, ou qualquer coisa parecida?... E em seguida, manda a sua boca a palavra porca, mais usada na língua inglesa, ao mesmo tempo que arrancava com toda a força, que dos rodados do carro, se levantou alguma neve, vinda sobre mim, deixando-me mais molhado como mais triste e desanimado.

Neste percurso, diariamente
encontrava sempre gente
com os cães a passear,
hoje, tudo era um deserto
nem de longe, nem de perto
nem mesmo um cão a ladrar
por este campestre lugar
não chegava ao sítio certo.

Os fios abanavam com o vento
assobiando ao mesmo tempo
ao longo desse caminho
as árvores domadas p'lo gelo
testemunhando o flagelo
de alguém que seguia sozinho
pensando e falando baixinho
deste tão real pesadelo.

Ainda que saísse mais cedo que o habitual, já a contar com todos os imprevistos, mas só consegui chegar ao local por volta da meia noite e trinta, quando a entrada era à meia noite.

Sabia que o alarme era ligado quando já todos os operários estavam dentro, antes de se começar o trabalho, mas o que eu desconhecia, era qual o sistema de alarme que havia, pois julgava tratar-se de um alarme vulgar, mas este era um sistema espe-

cial, ligado à polícia, e alguém que se chegasse junto das portas, disparava de imediato, sem que ninguém se apercebesse disso, só que desta vez não disparou, por as luzes estarem apagadas.

Bati à porta da entrada, uma, duas... e mais vezes, mas ninguém me ouviu, pelo que fui tentar a uma outra porta, quando de repente sou surpreendido por uma voz desconhecida e cheia de agressividade, dizendo-me em tom de ordem: «PUT YOUR HANDS UP?...» põe as tuas mãos no ar!... E ao tentar voltar-me para ver de quem se tratava, a voz foi ainda mais forte... «don't move? And put your hands up? Now?...» Não te mexas! Põe as mãos no ar e já!... Obedeci mesmo sem saber quem me estava a dar ordens... de repente fui agarrado pelas costas, puxando-me os braços para trás, foi quando me apecebi que era a polícia, ao notar que estava a ser algemado.

Eram dois polícias que iam a passar, e ao verem-me ali àque-la hora, tornei-me um suspeito, e os polícias pensaram, tratar-se de alguém que queria roubar, pelo que entraram em acção, mes-mo sem o alarme disparar.

Tentei explicar à autoridade quem era e a causa porque ali andava àquela hora, sendo um erro as suas suspeitas, mas não consegui convencer a autoridade, com toda a minha inocência e verdade, e sem darem atenção às minhas palavras, um ficou jun-to de mim, enquanto o outro foi lá dentro falar com o encarregado, e ao voltarem juntos, diz ao colega: é verdade o que ele diz, tira-lhe as algemas e deixa-o em liberdade.

Com o frio, os braços estavam como hirtos, e só conseguiram ser unidos atrás das costas, forçados pela força da polícia, mas agora não queriam voltar às suas posições normais, e só o con-seguindo depois de alguns minutos, já dentro do edifício.

Estes polícias que usavam patrulhar esta área, passavam ali muitas vezes e até eram conhecidos do encarregado, como da maioria dos trabalhadores, só que eu ainda era novato ali, pelo que a minha cara lhes era estranha e em tais circunstâncias, jul-garam tratar-se de algum suspeito.

Os polícias, convidados pelo boss, entraram, a fim de beber um café, ao mesmo tempo que eu fui mudar de roupa, para começar a trabalhar, que logo o boss me convidou a tomá-lo tam-bém, e nada me disse mais naquele dia, além de que em tais condições e sem carro, não devia ter saído de casa.

O serviço nessa noite, talvez devido ao tempo, foi pouco, e às três e meia da manhã, estava tudo pronto, e como era hábito, todos se foram, ficando como sempre, apenas o boss. A esta hora o vento tinha acalmado, e neve deixando de cair. Como havia um colega que morava na parte Este da cidade, mudou de rota, e veio-me trazer a casa, sendo uma surpresa para a esposa, ou antes uma confusão, ao ver-me chegar às quatro e pouco da manhã. Uma pequena compensação, pelos sacrifícios sofridos.

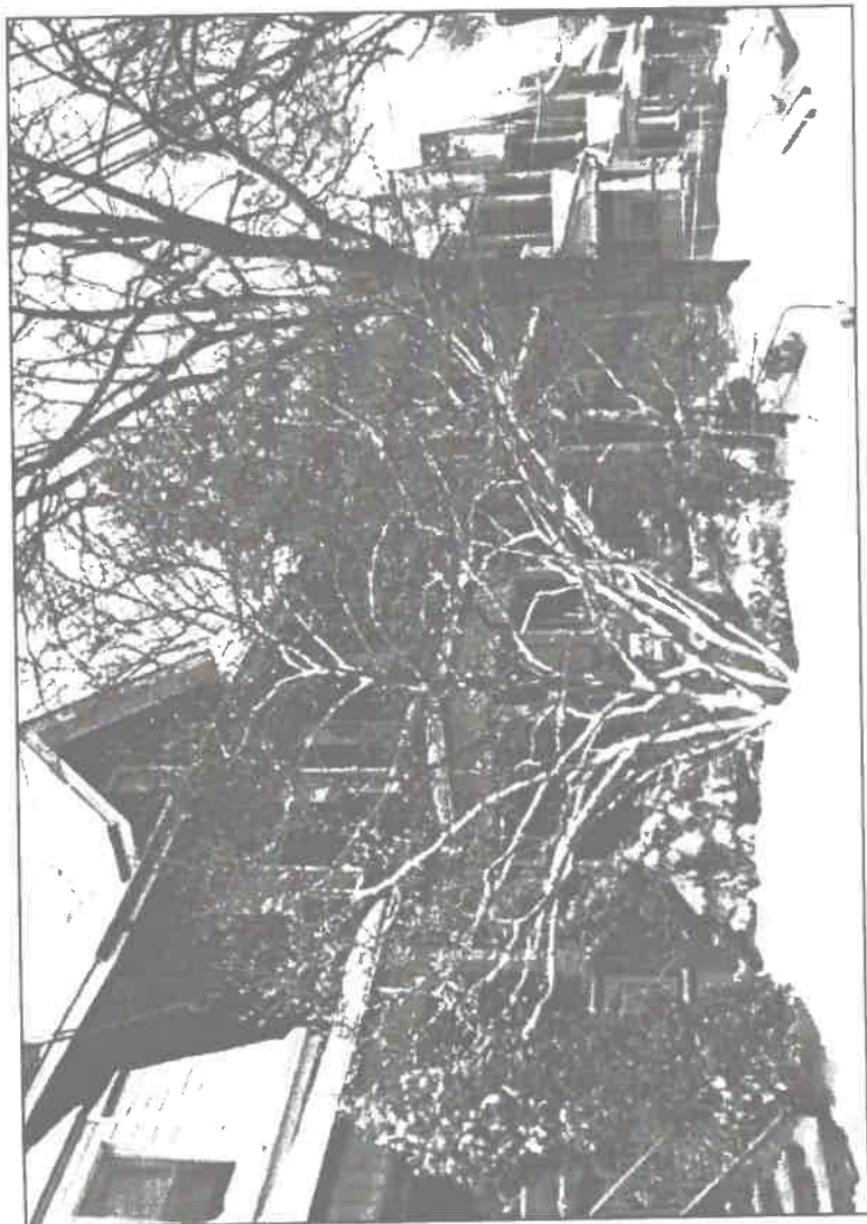


Foto de Joaquim Baptista

Era de noite fria, gelada!
Brancos flocos caíam do céu
nessa longa caminhada
caía aqui... ali me levantava
nas brancuras desse véu.

Contra a força do vento Norte
fazendo as árvores agitar
dizia mal da minha sorte
porque esse vento era tão forte
que quase não me deixava andar.

Nas botas de meio cano
a neve se ia introduzindo
pensando num Samaritano
fazia sempre um aceno
aos carros que vinham vindo.

Coragem e força já esgotada
de um corpo vencido e gelado
nessa longa caminhada
ao fim de hora e meia contada
consegui o local desejado.

Ainda não estava concluído
o final do meu calvário
tudo me foi negativo
e até a polícia do giro
fez parte deste cenário.

Bati à porta, mas por azar,
tive que rondar outro portão,
dois polícias iam a passar,
ao verem-me por ali a espreitar
julgaram que eu era um ladrão.

Não te movas! Eram palavras,
e ponha os braços no ar,
Forçando-me as mãos geladas,
a fim de serem algemadas
p'ra em seguida me apalpar.

O que estás aqui a fazer?
Eu contei-lhes toda a verdade,
mas não os consegui convencer
e só depois do boss vir ver
me puseram em liberdade.

A Compra do Primeiro Carro

Deitei-me com jeito para não acordar a mulher, ainda no primeiro sono, mas logo ela acordou, como que sobressaltada, e olhando para o relógio disse: o que aconteceu? — Nada... dorme e logo falamos... e logo a mulher retomou o sono de novo, enquanto eu pensava no acontecido na noite anterior, e estudando a maneira como resolver a questão para que não mais se repetisse coisa igual, e sem chegar a uma conclusão, o meu consciente deu por encerrado o assunto, deixando-o em aberto para uma próxima ocasião.

Acordei às dez, sem ter dado conta da mulher se ter levantado, nem mesmo do filhote ter ido para a escola. A razão de ter acordado tão cedo, foi devido a um sonho que tive com o polícia, que me ameaçava, se me voltasse a ver por aqueles lados sem carro, iria dar cabo de mim. Dizia que no Canadá, qualquer pessoa que aqui vivesse por dois anos, era contra a lei não ter carro, e como já estava há mais tempo, iria pagar por essa desobediência.

Pensando nas palavras imaginárias do polícia, ainda meio a dormir, mas não dei xe de concordar na sua razão... e prometi, não a ele, mas a mim mesmo, que tal coisa não mais ia acontecer. Na realidade, deveria primeiro comprar carro e depois, casa, como na maioria faziam.

Como tinha comprado a casa e tinha uma mortgage «hipoteca» todo o dinheiro apurado era posto em seu abatimento, não havendo portanto fundos para o tão necessitado carro. Com isto no consciente, voltei a cair no sono, e uma vez mais voltei a sonhar com o polícia que me tinha algemado, e como me encontrava em falta, por não ter carro, tentei fugir, mas este agora de maneira calma e amistosa, disse-me: não tenhas medo... porque eu sou também um humano como tu és, e tudo o que te digo é só para te proteger!... As caminhadas nocturnas por estes lugares

não são seguras e até perigosas, hoje foi com o temporal, amanhã pode ser por roubo ou mesmo homicídio, e o carro, além de ser uma necessidade é um conforto, é também uma protecção. Pede o dinheiro ao Banco se o não tens, e eles fazem uma hipoteca sobre o próprio carro, ou mesmo sobre a casa que possuis, é a ti, e a outros como tu, que os Bancos gostam e querem emprestar dinheiro, como és trabalhador, com o carro podes até arranjar um part-time, porque tens mais tempo livre, com facilidade de deslocação e mais tempo para descansar. Desculpa-me!... Porque eu ontem fui rude para ti... eu senti os teus braços estalarem ao por-te as algemas, e também vi que ao tirá-las, os braços não se moveram da sua posição, por estarem gelados, devido ao frio dessa longa caminhada, debaixo dessa forte tempestade para chegar ao serviço.

Afinal és tu que me pagas para te servir e proteger, mas nem sequer quis ouvir as tuas queixas e razões, que eram no final o testemunho da tua dor e do teu sofrimento, e a partir de hoje, não vou olhar mais para os homens medindo-os todos como criminosos e ladrões, mas sim como seres humanos. O polícia pediu-me desculpa, e seguiu na sua rotina, talvez pensando na falha dessas palavras sempre repetidas «PARA TE SERVIR E PROTEGER».

Acordei cheio de calma e tranquilidade, relendo os conselhos imaginários do polícia, que me fez ver as coisas mais claras e fáceis, se fosse ao Banco, certamente me emprestariam dinheiro, e era mesmo isso que tinha de fazer, e porque não fazê-lo já?

Como o meu Banco era logo na esquina da rua, vesti-me e dirigi-me lá, a fim de falar com o gerente, ou alguém encarregado no serviço de empréstimos. Cheguei-me ao balcão, e a primeira funcionária veio ter comigo, pedi-lhe que desejava falar com o gerente, a fim de pedir um empréstimo. A mensagem foi levada à pessoa própria destes serviços, que não tardou a vir junto de mim, fazendo-me algumas perguntas, entre outras, para que fim queria eu o dinheiro, e quanto era a quantidade?... — Sendo a minha resposta: é para a compra de um carro, e desejava \$ 550. — Por quanto tempo quer, e para quando? — Pode ser por um ano, e a começar hoje, disse-lhe. Tudo ficou assente, e depois de assinar alguns papéis, foi-me depositada na minha conta a referida quantia.

Já com o dinheiro na minha conta e sem perder mais tempo, fui à Bloor & Christe, a um Park de carros usados, onde já era conhecido do dono, não por lhe ter comprado alguma coisa, mas pelas muitas vezes que ali ia. Já havia tempo, que tinha ali um carro que trazia debaixo do olho... «um Volkswagen Joaninha», ainda que não fosse o carro apropriado para estes lugares do frio devido ao seu sistema de aquecimento ser muito fraco, mas por outro lado, era de mecânica fácil e resistente, e também mais barato.

O seu preço eram \$500.00, mas como desta vez era para comprar a cash o dono tirou \$50.00, que deu para pagar o seguro e encher o tanque de gasolina, que no tempo era da mais barata, a que o carro gastava, a 35 cêntimos o galão de quatro litros e meio.

O vendedor e proprietário desse park de carros, perguntou-me como era feito o pagamento, se era em cash ou cheque certificado? — Como queira... e então ambos fomos ao banco, enquanto o mecânico da casa, ficou a fazer a revisão conforme o combinado. Ao regressar do Banco, o carro ainda estava no mecânico, e agora o vendedor tratava do seguro, para que eu pudesse levar o veículo comigo, coberto com as condições exigidas.

Às quatro da tarde, tudo estava pronto, e o carro na minha mão, e como a esposa saía às cinco e meia na Dunpont & Spadine, fui buscá-la e fazer-lhe uma surpresa.

Foi uma alegria para ambos, ao passarmos também para o grupo dos privilegiados, não porque fosse um luxo, mas antes uma necessidade, para que a vida pudesse ser mais fácil e menos penosa. Foi também um benefício para aqueles que me vinham chegando, necessitados de uma ajuda franca e amiga.

Este carro que me serviu por sete anos, foi o meu fiel companheiro, e o melhor amigo que eu conheci no Canadá em todas as ocasiões, como também um grande ajudador dos meus amigos, conhecidos, e outros mais que necessitaram dos meus préstimos e que os socorri, o que não poderia, sem este fiel amigo, que conhecia bem a cidade de Toronto e seus arredores, sem uma única recusa, nas buscas de trabalhos e outras orientações, para aqueles que me procuravam.

Na vida, para se apreciar as coisas boas, temos que primeiro

viver as más, de contrário, o bom é algo insonso sem sabor, porque não conhecemos as diferenças entre ambas. Foi na base desses conhecimentos, que nessa viagem inaugural do carro a caminho do trabalho, no percurso que usava fazer a pé, ao passar pelo mesmo lugar do dia anterior, pude avaliar a grande diferença que há, entre o sacrifício e a facilidade, a dor e a alegria e o desânimo e o prazer, a humilhação e dignidade e a lentidão e rapidez.

Esse caminho tão longo de quase duas horas, tão cheio de sacrifícios em dias tempestuosos, era agora feito em cerca de vinte minutos, no meio de conforto e dignidade. Lembrava-me dessa humilhação do dia anterior, ao pedir a boleia, em que fui escarnecido por alguém sem coração, mas serviu para me tornar ainda mais humano.

O bom da vida só tem valor
para quem o mal conhecer
só bom é um viver sem sabor
e um paladar sem prazer.

O tudo bom não tem virtude
o inglês diz e acerta,
too much good não good!...
tudo o que é bom de mais, não presta.

Dizia-se há longos anos
não há espigas em mimosos milhos
diz-se ser azar dos ciganos
os bons princípios nos filhos.

Vi na miséria um companheiro
Mas não foi só um nem dois,
é bom, se o mal vem primeiro,
e um desastre, se vem depois.

Esse carro V.W. Joanhinha
que até paguei sem sentir,
ajudou tanta gentinha,
semprê pronto a servir.

Para uns era o carro dos pobres,
para outros dos trabalhadores,
era até usado pelos nobres,
servia a todos os senhores.

Conheceu novas e velhas estradas.
nele tinha confiança total,
mesmo até nas grandes nevadas
nunca me deixou ficar mal.

Sem ele tanto penei e sofri,
Por isso dele muito gostei,
foi o melhor amigo que conheci,
que no Canadá encontrei.

A Nossa Primeira Casa

Como já tínhamos alguns dólares, e havia a necessidade de um lugar maior, ainda que não fosse por nós, porque para o agregado familiar desse tempo, até ia dando sem grandes problemas, mas antes pelos que estavam chegando, pois neste ou qualquer outro Flat, era sempre difícil receber famílias, ainda que a boa vontade nunca faltasse, quer de nós, quer do senhorio.

Assim comprámos a nossa primeira casa no 292 da Brock Ave, por onze mil dólares. Como a casa estava em mau estado de conservação, precisava de algumas reparações, antes de para ali mudarmos, continuando assim na Grace por mais algum tempo.

Como demos todo o dinheiro que tínhamos para a casa, ficando com uma mortgage «hipoteca» de nove mil dólares, e também era preciso dinheiro para os materiais e mão-de-obra, não era fácil fazer face a todas as despesas, porque os ganhos eram inferiores, havendo mesmo dificuldades em pagar a renda da casa, com a mesma pontualidade que sempre o fizemos.

Foi no meio dessas dificuldades, que algo de interessante se passou, e se acreditasse em milagres, diria mesmo que tinha sido mais um, como não acredito, tenho que aceitar como uma casualidade.

Era usual pagar-se a renda do Flat, no dia um de cada mês, mas já era o dia sete, e não havia dinheiro para fazer o pagamento, faltava-me dez dólares!... Era uma sexta-feira, daquelas em que não há dólares, e quando eu e a esposa vínhamos da escola, conversando acerca do assunto, e fomos unânimis em contar a nossa fraqueza, pedindo ao Ângelo, para esperar mais uma semana, pois tínhamos a certeza que ele nos compreendia.

Era princípio do Inverno e a escola terminava às nove, ao chegar à Grace, mesmo em frente onde morávamos, fora do passeio, mesmo à beira, a mulher olhou para ao chão, diz: olha!...

parece um dólar!... Depois de a apanhar, desdobrou-a, ficando surpreendida e alegre, saltando de contente, ao ver que eram de dez dólares! O mesmo não ficou, aquele que as perdeu.

Ainda que pareça uma história, mas foi uma realidade, que nunca mais nos esqueceremos! Assim que entrámos em casa, fomos direitos à cozinha, onde estava o Ângelo e a família, e graças aos dólares achados, pagou-se a renda com uma semana de atraso.

Agora que chegou a altura da mudança para a nossa casa, não foi fácil em nenhum dos aspectos. Para a criança, ter de deixar a Mamma Caramela, a Nonna, o Frattelo Sorella, e eles perderem também a sua menina, era coisa difícil, e para a Mãe Ana, não mais ia ter o mimo que agora deixava. Não sabia onde a filha iria ficar, mas uma certeza já tinha, é que não arranjava lugar igual, e onde a filha fosse tão querida e estimada.

A despedida também não foi fácil, nem para crianças, nem para adultos.

Houve abraços, beijos e choros, de ambas as partes, o sinal de uma amizade que ainda hoje predomina, sendo esta a grande prova, de que todos somos humanos, não importa de que Nação, cor ou raça. É impossível esquecer, a franqueza amiga desta gente, sempre que novas famílias ali chegavam, que pena... não sermos todos assim!...

Era um uso do passado
o imigrante Europeu
o seu primeiro cuidado
era comprar casa e carro
e viver no que era seu.

Apartamentos como agora
não havia, só Flats
compravam casa, sem demora
para não pagarem mão-de-obra
todos aprendiam a ser mestres.

Nessa primeira que comprei
mexi em tudo, até em gás
muito eu ali trabalhei
mas muito ainda lá deixei
para aquele que veio atrás.

Quando a gente se mudou!
P'ra começar nova vida
tudo o que mais nos emocionou
foi essa a amizade que ficou
para nunca ser esquecida.

Na Brock, quando ali se chegou
tudo nos era diferente
com o tempo tudo mudou
só uma coisa não alterou
foi a amizade com essa gente.

Este Mundo está feito assim
E mudá-lo não há ninguém,
nunca me afectou a mim,
mas é triste ajudar-se, e por fim
não diferencarem o mal e o bem.

Este lugar no 292 da Brock Ave. como o lote era pequeno, não tinha quintal nem garagem, mas como casa, foi a maior que já tive. Aqui havia larguezas para tudo, chegando a ter duas famílias ao mesmo tempo.

No fim de algum tempo de ali morar, conclui ser um bom sítio para viver, com todas as facilidades junto da porta, em especial nos transportes e escolas e outras coisas necessárias.

Por três anos ali vivi, e foi no último, que tive alguém como hóspede arrendatário, um indivíduo que eu orientei, e depois me pediu para ali ficar.

Os muitos hóspedes que passaram por este número da Brock, enquanto ali vivi, à exceção do atrás citado, eram apenas passageiros, enquanto não estavam orientados, e ainda que alguns ali permanecessem por meses, mas nada lhes era exigido e nem mandados embora, enquanto não tivessem a vida arrumada. Sem nunca verem uma má vontade, quer do alojamento como na orientação, ainda que estranho pareça, tantos depois das suas vidas orientadas, saíram, sem mais voltarem, para dar um adeus de amizade.

Neste lugar para onde mudei
até era um bom lugar
em princípio não gostei
mas mais adiante aceitei
ser um bom sítio p'ra morar.

Tal casa vista de fora
não dizia o que era dentro
havia muito lugar agora
p'ra receber a qualquer hora
dentro deste convento.

Tinha grandes condições
para nela fazer dinheiro
sem ganância nem ambições
talvez fossem as razões
que só no fim tive um rendeiro.

Foi nesta casa da Brock
que serviu de orientação
pessoas vindas sem norte
à procura de melhor sorte
uns conhecidos outros não.

Foi na Afton, onde mais recebi
velhos, novos e de toda a idade
alguns... que nunca mais os vi
sem deixarem ficar aqui
o rastro de uma amizade.

O humano é mesmo assim...
faz tanta coisa mal feita
mesmo sem ser com mau fim.
Eu faço-te mal e tu a mim,
Somos uma massa imperfeita.

O Fim dos Simpsons e o Regresso ao MacKaca

Nos Simpsons, onde trabalhei desde os fins de Setembro até aos fins de Junho, foi o melhor serviço que tive até então, não só em condições de trabalho, como também o mais alto salário e com melhores benefícios.

Não sabia mas estava a ocupar o lugar de alguém, que estava fora do serviço por doença. Como recuperou, voltou ao seu posto, e como é óbvio, eu tive de levar lay-off, ainda que me fosse dito, ser por pouco tempo, mas como nesta parte do Mundo, não se pode acreditar em patrões, pois nunca se sabe quando falam verdade, assim, ao invés de ir para o desemprego até que fosse chamado de novo, optei por procurar trabalho.

Estava-se a entrar numa fase crítica de trabalhos, mas como já tinha carro e profissão e um pouco mais de inglês, a coisa tornava-se mais fácil, contudo tinha pena daquele serviço já a ele habituado. Se tivesse a certeza que me iam chamar?! Mas mesmo que isso acontecesse... quando e para onde?

Após a notícia da lay-off, passei pelo Race-Track, como que numa visita de amizade, mas sem nada dizer do que se passava comigo. O boss ao ver-me ali, faz-me uma grande festa, e logo me perguntou quando voltava?... Ainda que fosse isso o que eu desejava ouvir, mas não me mostrei interessado, contudo, fui-lhe dizendo: o meu regresso à Track era difícil por várias razões:

- 1.º O dinheiro que me davam nos Simpsons, certamente o MacKaca não queria pagar;
- 2.º Eram os benefícios, que o MacKaca não tinha, mesmo sem falar do over-time e a natureza do trabalho.

Este boss, o mais jovem, mas o mais esperto de todos os outros, não fosse ele italiano... também era o de maior confiança do general Manager, disse-me: se eu te der o que ganhas nos

Simpsons, vens trabalhar para mim? — Só com isso não!... Dinheiro por dinheiro fico onde estou, visto o trabalho ser diferente e é todo o ano, e aqui não é... — Então apresenta as tuas condições se forem aceitáveis levo-as ao Mr. Cô, se forem demasia-das não se fala mais.

— Ficarei se me forem garantidas dez horas por dia, com o mesmo salário dos Simpsons, e três horas extras para a gasolina, e quando a Track aqui terminar, ir para a Greenwood até ao seu final. Como vês, não sou exigente...

O jovem supervisor disse-me para o acompanhar ao office onde estava o general Manager, mandou-me esperar cá fora, enquanto ele foi falar com o seu chefe, e esteve por alguns minutos. Ao voltar, apertou-me a mão, e disse-me que o Mr. Cô tinha aceite a minha proposta, e quando queria começar? — Venho para a semana, mas até lá, posso vir em part-time na parte da manhã. — Está bem, disse o meu novo boss. Apertei-lhe a mão e afastei-me, mas quando já ia à distância, chamou-me para me dizer, que as minhas condições, não deveriam ser ditas a ninguém, nem mesmo aos portugueses, e o meu cheque, ao contrário do usual, não seria entregue no office da Track, como os demais, mas enviado pelo correio, para evitar especulações.

Trabalhei a semana que me restava nos Simpsons, que terminava sexta-feira, para no sábado, voltar ao meu patrão primitivo.

Nesse sábado e para começar, trabalhei dezasseis horas, e na segunda, comecei no turno de dia, a sair do Shop às sete, conduzindo a VAN da Companhia, transportando os operários para o trabalho diurno.

Os Simpsons, o melhor trabalho
que em princípio tanto sofri
aqui tive o mais alto salário
que nunca antes conheci.

Ninguém me disse ou informou
que este lugar não era meu
quando o doente melhorou
retomou o que era seu.

São truques às vezes usados
lay-offs em certos patrões
despedindo os empregados
em lugares sem Uniões.

É o castigo do operariado
Essas lay-offs baratas,
foi na incerteza de ser chamado
que voltei de novo às Trackas.

Da Track tão mal diziam
por o muito que lá trabalhavam,
quando os outros me despediam
logo estes me aceitavam.

Boss, esperto, de muitos dons
era quem mais na Track ordenava,
pagava bem aos homens bons
mas aos calões pouco dava.

Na segunda-feira, tal como tinha ficado combinado, às sete lá estava no Shop, onde deixei o meu carro no Park de Companhia, afim de levar a VAN com o pessoal.

A saída do Shop era às sete, para começar às oito no Woodbine. Este pessoal da limpeza do turno diurno, quase todos trabalhavam em regime de part-time, eram cerca de quinze, na maioria estudantes.

A Boss das mulheres, que era a maioria deste pessoal, uma Senhora de origem alemã, apanhava-a todas as manhãs, na Jimeson & Queen, junto do apartamento onde morava.

Os part-times terminavam o seu serviço por volta do meio-dia, e voltava a trazê-los de novo à cidade. A ordem de Companhia era voltar com eles directamente ao Shop, e cada um depois que se amanhasse mas nunca fiz isso... ia passando o mais perto possível dos lugares de cada um, e só depois voltava ao Shop, quando já não tinha ninguém, e para trazer alguns materiais que ali houvesse para a Track.

Depois desta missão cumprida, voltava ao Woodbine, onde tirava o meu lanche, para voltar depois ao meu trabalho, até às cinco, quando terminavam os do turno de dia, que logo voltava a trazê-los à cidade, deixando a VAN no Shop para o dia seguinte.

Agora já era como qualquer trabalhador digno... ia ao Park, dava as boas tardes ao Security, pegava no carro e seguia para casa, para voltar de novo no dia seguinte.

Numa certa terça-feira de manhã, havia ali muito trabalho para fazer, que não era usual, pelo que qualquer coisa se deveria ter passado com o pessoal da noite, para que a limpeza não tivesse sido feita como costume.

O Boss de dia, um tal J. por sinal um bom sujeito, alertou-me de dar o meu melhor, afim de concluir tudo o que tinha ficado de véspera. Dei-lhe a minha garantia de que tudo estaria pronto na devida altura.

Não havia tempo a perder, as cervejarias, era o que dava mais nas vistas, e foi para esse lugar que me dirigi de imediato. Ao lavar uma delas, reparei que um enorme vidro estava partido, mas como os vidros partidos já tinham sido apanhados, nem lhe dei a mínima atenção, pois estava mais preocupado no meu dever, que no vidro que não me dizia respeito.

Nos quatro Race-Tracks em que trabalhei no Ontário, havia

uma polícia que nuna cheguei a saber se eram privados se municipais; usavam um uniforme igual, com cassetete e pistola, al-gemas e tudo mais. Tinham a sua pequena esquadra, com um lugar próprio para os presos, e raro era o dia que esse quarto estava sem hóspedes, onde na maioria das vezes, saíam dali para irem na carrinha dos presos, afim de responderem pelo seus actos.

Acontece que havia ali um desses polícias, muito boa pessoa, e muito amigo de conversar, mas com um sotaque de es-cocês e ainda por cima falava pelo nariz. Nesse tempo quando falava comigo, em cada cinco das suas palavras, já era um bom resultado se lhe apanhasse duas.

O belo do polícia que tinha entrado de posto às nove, ao fazer a sua primeira ronda, deu com o vidro partido, sem dizer nada, volta de novo ao office, talvez para se certificar, se alguma ocor-rência tinha sido feita sobre este incidente, pelo seu colega ces-sante.

Pouco tempo depois, quando já estava a trabalhar em dife-rente lugar, o bom do homem vem junto de mim, e perguntou-me qualquer coisa, a qual dei resposta afirmativa, de acordo com aquilo que comprehendi, sem me passar pela cabeça, que me es-tava a fazer perguntas sobre o vidro partido.

Qualquer trabalhador que ali trabalhasse, tinha que ter um cartão tipo passe, exigido por esta polícia, e como eu estava ali de novo, pensei que as perguntas eram relacionadas com o pas-se e com o meu regresso.

Quando o polícia, nas suas meias e fanhosas palavras, me perguntou, se tinha sido eu que parti o vidro. «Did you broken the glass?» Eu pensei que me estava a perguntar se já tinha o passe! Eu disse Yes... o polícia insistindo disse: foi com o Mapa? «Did you with Mop?» Desta vez julguei ter-me perguntado se tinha volta-do para a Tracka, a que voltei a dizer Yes... e por último, julguei ter perguntado se estava a trabalhar com o Jime, quando me diz: Was happen when you clean? Yes, trabalho para o Jime. Sem mais palavra, o polícia retirou-se.

Cerca de uma hora depois desta confusão de perguntas e respostas, andava ainda aterefado para concluir o trabalho deixa-do de véspera, quando chegou junto de mim, o polícia e o Boss, e este me perguntou: o que foi que dissesse ao polícia sobre o vidro

partido? — Nada! — Como nada? O polícia acaba de me dizer, que lhe disseste tê-lo partido com o Mop, quando fazias a clean! — Mentira... o que ele me perguntou foi se eu já tinha o passe, eu disse Yes... se voltei para o Track, Yes... e se o meu Boss era o Jime, outra vez Yes, e nada se falou de vidros partidos.

O polícia que só ouviu e nada disse, fez o tal usual gesto de mãos, como que a dar o ponto final, numa tese sem senso nem sentido, e dirigiu-se para o seu office, a fim de anular o reporte que já tinha feito, para enviar ao Mackaca, para pagar não sei quem... talvez eu, quem sabe!...

Veio a saber-se ainda essa tarde, mas muito secretamente, para não haver descontos nem despedimentos, que tinham sido dois italianos que ali trabalhavam no turno da noite, segundo me foi dito, um acidente de brincadeira.

Neste serviço do Mackaca
segredos p'ra mim não havia
neste turno de dia
muito gostava de trabalhar
era no Shop o lugar
aonde o operário esperava
para o Woodbine os levava
na VAN da companhia
de volta os trazia ao meio dia
quem em part-time trabalhava
por aqui e além os deixava
o mais perto da sua morada
e quando ao Woodbine voltava
tomava o lanch em seguida
voltava depois à lida
até às cinco da tarde
altura de voltar à cidade
levar quem trabalhava de dia
no carro se conversava e ria
cada qual na língua sua
a boss deixava-a na rua
nesse lugar onde morava
os restantes que levava
ia-os deixando pelo caminho
era no Shop o destino
onde terminava a jornada
era ali que a VAN ficava
e eu seguia no meu carro
sem me esquecer do passado
dessa vida atribulada.

O Mundo é um palco
e todos nós somos actores
desde os mais altos valores
ao mais humilde e singelo
tudo faz o seu papel
no teatro palco da vida
mesmo sem peça escolhida
às vezes vinda ao acaso
em palco de estrado raso
com peças não ensaiadas
mas que ocasionaram risadas
tão simples e naturais
mesmo sem rir, há dos tais...
que têm um duplo sentido
tal como a do vidro partido
no Woodbine certa vez
as perguntas que o polícia fez
se tinha partido the glass?
Yes... eu tenho o pass
fizeste isso com o Mopa?
Yes... voltei para o Tracka
foi quando fazias a cleane?
Yes... trabalho p'ro Jime
com tais palavras cruzadas
e sem peças preparadas
que muitas vezes saem mal
eu era o actor principal...
Se o polícia faz o reporte
sem culpa ia pagar forte
mas era na cena real...

Uma Oportunidade Perdida de ser Rico

Ainda que muitos dos Canadianos sejam bastante viciados na jogatina, mas nesses tempos quando cheguei ao Canadá, o jogo da lotaria era algo ainda desconhecido por estas bandas, só anos mais tarde, por volta de 68, começou a aparecer este jogo, na cidade de Cornwall, Ontário, com extracção a cada seis meses. Era uma fonte de riqueza ainda não descoberta. Valia aos Canadianos viciados, os jogos clandestinos, e as corridas de cavalos, que tinham lugar nos Race-Tracks espalhados por essas cidades das Províncias Canadianas, durante o período entre Maio e Dezembro.

No Canadá, estas corridas eram feitas por cavalos numerosos, nunca excedendo além de oito, conduzidos pelos Jokeys, homens sempre de pequena estatura, que penso não poderem exceder os cinquenta quilos, para controlar esse peso, havia em cada Race-Track uma especial sonda, dirigida por um médico, para fazer baixar o peso excedido. Nas cidades Americanas que conheço, também havia esta qualidade de jogos, só que a diferença, em vez de cavalos, eram cães, correndo em perseguição de uma lebre mecânica.

Ainda que a entrada para o Race-Track fosse paga, não faltavam pessoas para jogar, pelo que estavam sempre cheios, até mesmo em tempos de crise, e tal como sempre acontece nestes lugares... com a ânsia de trazer algum, vão deixando mais e mais, até ficarem de bolsos vazios, perturbados e doentes, talvez até arrependidos, enquanto não volta a haver dinheiro novo para jogar.

Estes lugares foram e são os causadores de muitos problemas familiares, para esses chefes de famílias, que esquecendo as suas responsabilidades, ali vão deixando parte ou mesmo a totalidade dos seus salários, dinheiro esse, que deveria ser gasto em proveito do agregado familiar, resultando disto a falta de dig-

nidade, de autoridade e controlo da família, levando muitos à separação, ao divórcio, como até em alguns casos algumas pessoas, enveredando por caminhos que nunca conheceriam, se não fosse a necessidade, devido a estes fracos humanos. Até muitos ricos ali vão deixando parte como até a totalidade das suas fortunas, alguns acabando na miséria, e outros no suicídio. Por esta razão, diariamente ali caíam milhões, e muito deste dinheiro, era o pão daqueles, cujos progenitores deixavam que o vício vencesse o amor pelo seus. E como nesse tempo ainda não havia dinheiro plástico, «os tais cartões de crédito» todo esse montante era quase em totalidade cash.

Esse dinheiro colectado das apostas de cada dia, que tinham sempre lugar pelas tardes e noites, era guardado no grande e bem seguro cofre do Race Track, até ao dia seguinte, pelas onze horas, quando o carro do dinheiro junto com a polícia especial ali entrava, para transportar esses sacos de notas para os respectivos bancos. Este serviço era feito diariamente, excepto aos fins-de-semana, que só vinham na segunda-feira.

Costumava fazer limpeza junto desse local aonde se encontrava o referido cofre, este rodeado por uma vedação em barras de ferro, onde algumas vezes vi quando fazia a limpeza, os dois homens que ali trabalhavam, pondo o dinheiro nos respectivos lugares, estes, certamente da plena e inteira confiança dos Senhores donos da Track. Mas como também eram humanos, estavam sujeitos às falhas da imperfeição. E se esta foi uma falha?!

Acontece que num sábado por cerca da meia noite, quando ali trabalhava na limpeza, fiquei como que atónito, quando vi que o acesso ao cofre estava livre, e este com as portas totalmente abertas, podendo-se ver sem grande esforço, as rimas de notas, mesmo daquelas que nunca tinha visto em circulação, pois todo este montante era produto de sexta e de sábado, que ascendia a uns bons milhões, sem que ninguém se encontrasse no local, apenas ali vi sobre uma mesa, algumas garrafas de Whiskey ainda com algum líquido, o que me deu a ideia e julgo não ter faltado, de terem bebido de mais, perdendo a noção das suas responsabilidades, deixando aqueles dinheiros à mercê, de quem quisesse ser rico por meio de uma aventura sem trabalho, pois que por esse processo ninguém o consegue. Como tinha ali o carro e aquela hora, não era difícil meter o dinheiro em sacos do

lixo, guardá-los no carro, e no dia seguinte fugir para um país seguro, e como o dinheiro ainda não tinha dado entrada no banco, não havia qualquer identificação das notas, tornando a fuga mais fácil, e quando pela segunda-feira viessem a dar por falta do dinheiro —, este estaria nas mãos de um jovem milionário.. E como este dinheiro era do jogo, talvez até nem fosse um grande pecado... e seria até mais fácil esta aventura, aquelas que no futuro me esperavam onde as dificuldades foram tantas... para poder dar o pão necessário dos que de mim dependiam. Mas como não nasci com a sina de ser rico nem ladrão, antes preferi chamar a polícia e comunicar-lhes o acontecimento. No meio de tanto dinheiro e tanta facilidade, nem ou menos tirei as sessenta dólares para a renda da casa, já com uma semana de atraso, por problemas financeiros.

Esta minha maneira de proceder, teve a censura por parte de alguns colegas e não só, dando-me a ideia, que mesmo o próprio polícia, me deve ter chamado de idiota, e talvez quem sabe... se também não os Senhores do Race-Track, pois nunca obtive destes, algo de reconhecimento ou apreciativo, pelo meu acto, que actuei de acordo com a minha consciênci, fazendo apenas o que devia fazer e nada mais!

Esta foi a primeira e única oportunidade da minha vida, de também poder ser milionário, mas se tal aventura tivesse tido lugar e coroada de êxito, certamente viveria o resto da minha vida com o peso da consciênci, ainda que quanto a mim, tal dinheiro, está longe de ser dinheiro limpo e também nunca teria tido a oportunidade de poder dedicar parte da minha vida, em prol do meu semelhante, coisa para mim, mais útil e mais valiosa que todos os milhões do Race-Track...

O Race-Track é um lugar.
Onde não há a protecção de Deus,
Por esses que ali vão deixar
O dinheiro que lhes vai faltar
Para o pão de si e dos seus.

Lugar que bem conheci
No tempo em que ali trabalhava,
Tantas vezes observei e vi
Furiosos e descontrolados em si
Quando o dinheiro se acabava.

Nesses tempos a leviandade.
Não dava direito ao Welfare,
Junto perdiam a dignidade
O respeito e a autoridade
E às vezes até a mulher.

São tais pessoas viciadas
Que ultrapassam o seu normal,
Que devem ser ajudadas
Antes de serem criticadas
Pela sua fraqueza mental.

Jogos... são roubos autorizados
Que voluntários dão aos ladrões,
E nestes dinheiros colectados
Cometem-se grandes pecados
Na busca desses milhões.

Controlo-me com normalidade
E grato por isso a Deus fico,
Assim respeitei com facilidade
Esses milhões de oportunidade
De também poder ser rico.

Recusa de voltar aos Simpsons

Tal como me fora dito, seis semanas após ter levado lay-off dos Simpsons, fui chamado de novo, coisa que não premeditava. Ia ocupar o lugar de alguém que seria reformado, mas noutro sítio, e o trabalho era de dia, sendo a natureza do serviço igual.

Esta chamada numa altura em que tudo está a correr bem, não me veio trazer qualquer alegria, mas antes confusão e dores de cabeça.

Nessa noite não dormi a pensar na decisão a tomar, pois não era coisa fácil, uma vez que as condições no Mackaca também eram boas, mesmo que o trabalho fosse mais duro, mas compensava pelo dinheiro que se fazia, tinha de ser bem pensado, não sendo de desperdiçar as condições que agora tinha.

Como sempre fui muito bom em matemática, e coisa que nunca esqueci, fiz bem as contas, e conclui que nos Simpsons trazia no máximo \$160, por quinzena enquanto no Mackaca, quase trazia a mesma quantidade numa semana. Nos Simpsons, não se trabalhava aos sábados, e raramente havia horas extras, era apenas as quarenta horas por semana, e eu não podia habituar o corpo a tal luxo, e como era novo, tinha que aproveitar tudo, uma vez que havia boa saúde, e também necessidade de dinheiro para pagar a casa e outras dívidas existentes, pelo que decidi ficar no Mackaca. Disse aos Simpsons, muito obrigado pela atenção, mas arranjei outro serviço e já estou servido. Mas só que as contas desta vez, saíram-me erradas... e de que maneira?

Cinismo e Falsidade

Tinha já passado três meses, depois de ter dito aos Simpsons que já estava a trabalhar, quando surgiu algo inesperado, não comigo, mas com um indivíduo, por quem tinha um certo respeito, amizade, e estima, não só como colega, mas também pelas suas maneiras de ser, e até proceder.

No turno de dia, trabalhavam ali várias mulheres de diferentes idades, e como em todo o lado, algumas bonitas, jeitosas e atraentes, chamando a atenção do sexo oposto.

Numa certa altura, segundo me foi dito pelo próprio rapaz em causa, ter sido acusado com ou sem razão, em haver troca de olhares amorosos, entre ele e uma moça que ali trabalhava.

A Boss das mulheres, segundo me contou o próprio, quando tal coisa lhe chegou aos ouvidos, mesmo sem apurar a verdade, não só despediu a rapariga como ainda lhe ia causando problemas conjugais. Como é óbvio, o rapaz ficou indignado com essa senhora, e logo tentou vingar-se dela, pela maneira seguinte:

Ele era sem dúvida um bom trabalhador, muito considerado e estimado, não só pelos colegas e supervisores para quem trabalhava, como até pelo próprio patrão da Companhia. De maneira como o rapaz me contou a história mesmo sem ser comigo, deixou-me também indignado, e prometi apoiá-lo. Este que já tinha contado a história ao seu outro amigo disse ter também o seu apoio, visto tratar-se de algo contra nós, contudo, não queria que eu viesse a sofrer por sua causa. Mas como sempre fui um Unionista e defensor dos colegas, disse-lhe: se o outro se vai embora, a fim de defender esta causa, eu não tenho nada em vista, mas também vou! Não há dúvida que o rapaz voltou a dizer: eu não quero que se despeça por minha causa... — mas não é você que me está a dizer que é para defender uma causa? Ou será que vós já tendes para onde ir, e tomais isto como um protesto contra a mulher? Se é esse o ponto, então vão com Deus e deixem-me em paz... mas se está em causa o que me diz, contem comigo!

Quando o queixoso se apresentou ao general Manager, protestando contra a boss das mulheres, propondo-lhe que ou ia ela, ou ia ele, mas sendo ele, o Mackaca ia perder também, os outros dois melhores trabalhadores, que devido a tal acção, não desejavam mais ficar. Foi quando o general Manager lhe disse: eu não quero perder-te, nem a ti, nem aos outros, mas também não posso mandar a mulher embora, porque preciso dela. Porque te hás-de ir embora?... Tal como os outros, que nada têm a ver com isto!...

No dia seguinte, o meu Boss vem ter comigo, perguntar-me se na realidade também ia?... — Vou sim... disse-lhe; segundo o que me foi contado, a Boss foi longe de mais, que até podem causar problemas familiares, pelo que estou de acordo com a decisão que ele tomou.

O meu boss que escutou as minhas palavras com toda a atenção, disse-me: Tony, não vás! Tu já falas razoavelmente inglês, ficas no lugar dele, e deixa-os ir. Olha, eles são bons trabalhadores, e o rapaz em causa, tenho pena em o perder, não só como trabalhador, mas como pessoa também, eles estão-te a traer sem te aperceberes, porque já têm trabalho noutro lado, mas não te querem dizer por cinismo, e tu o saberás no futuro. Se esse cinismo ainda não te prejudicou, porque tens sido esperto e cauteloso. Há muito que eu sei, quem são os meus trabalhadores, conheço a tua maneira de ser, e na maior das sinceridades, vais ser vítima desse cinismo camouflado, mas queres ir com eles, vai. A Track não vai parar por isso. Sei que sois bons trabalhadores, mas não sois insubstituíveis, pelo que também tendes tido privilégios, que outros trabalhadores nunca tiveram.

Quando o queixoso voltou, contei-lhe da oferta que me tinha sido feita, e este numa voz quase sumida disse, porque não aceita? — Eu já disse que também ia, e como só tenho uma palavra, não vamos falar mais.

Nesse fim-de-semana, eu e os outros deixámos o Mackaca, para mim, pela última vez, pois ainda que debaixo de grandes dificuldades, mas como rejeitei a oferta e os conselhos dados, não mais tive cara para ali voltar, ainda que fosse o grande desejo e por vezes a necessidade, o mesmo não aconteceu com os outros, quando em tempo de crise, não tiveram preconceitos de personalidade em voltar de novo.

Não sei se hei-de chamar à minha maneira de ser, sinceridade... se ingenuidade! Pois não quis acreditar nas palavras do meu Boss, quando me disse, que eles saíam dali para outro lado, o que era verdade, logo na segunda-feira, foram começar um novo trabalho. Só agora comprehendi como fui vítima, não direi apenas da falsidade, mas também da minha maneira de ser.

Como fui eu que me despedi, não podia colectar o desemprego nem mesmo meter a aplicação para esse fim, só depois de cumprir a penalidade, que mesmo depois, vinham as enormes dificuldades.

Já iam decorridos três meses, todos os dias à procura de trabalho, e nada de novo, até aquela part-time que tinha como soldador em Port Credit, também não mais quiseram os meus serviços, mesmo o dinheiro do desemprego, a que já tinha direito, não passava dos tais cartões, que não só desanimavam como também irritavam. Parecia ter sido uma praga que me caía em cima, como que castigo à minha lealdade.

Nunca mais vi, nem o Falso nem o Cínico, até um dia que andava mais a esposa, num estabelecimento de um centro comercial, e por casualidade, vi ali o C. que me disse, ambos trabalharem numa estação de rádio. Pedi-lhe a morada, e em meias palavras, disse-me não saber. Era mais uma...

A lay-off que os Simpsons me deu
ao Mackaca me fez voltar
mas como me voltaram a chamar
o que não esperava... aconteceu!
Sempre difícil de prever
quando se quer um, não há nada
agora com dois eu pensava...
qual deles devia escolher.

Num tinha segurança e benefícios
mas com poucas horas semanais
no Mackaca, as horas eram de mais
por isso mais sacrifícios
pela dureza que se trabalhava
mas toda a gente preferia
eram os dólares que fazia
andarmos naquela empreitada.

Os dólares são sempre o alerta
que todos sabem contar
foram eles que me fizeram ficar
mais uma vez no Mackaca
depois de uma decisão tomada
por o saldo ser positivo
mas veio o imprevisto atrevido
que me pôs a conta errada.

O Boss bem me avisou!
Dando até mais dinheiro
mas quis ser bom companheiro
e bem caro me custou...
procurava e não achava
parecia andar contra o tempo
quase cheguei ao desalento
porque o dinheiro não dava.

Não se deve tomar partidos?
Se não conhecemos as coisas bem
pode até magoar alguém
e arranjarmos inimigos
pode haver a falsa versão
e em cada história há um par
se ambos te a vierem contar
aos dois tu dás razão.

Malditos romances e paixões
e desses cruzados olhares
chegam até estragar lares
se ambos perdem as noções
às vezes piores que animais
a imoralidade praticando
enquanto outros vão pagando
pelos erros desses tais.

O cinismo e a falsidade
andam sempre de mãos dadas
e as pessoas dedicadas
com toda a lealdade
vão-se deixando cair
ficando os tais com vantagem
de humanos, é só a imagem
chamar-lhes gente é mentir!

O Blue-Print

Estávamos nos meados de Dezembro, as casas estavam a começar de ser decoradas com luzes e outros enfeites apropriados da estação Natalicia. Até mesmo nos jardins de algumas fábricas junto das suas entradas, se viam essas árvores jardineiras, com luzes e pequenas bolas de vidro em diferentes cores, com algumas figuras de Pais Natais, no meio de outras decorações, que davam um certo à-vontade, como até uma certa fé, àqueles que por ali passavam na mira do tão desejado trabalho. O Natal é a única ocasião, em que algumas pessoas dão um pouquinho de humanismo ao seu semelhante.

Foi uma fábrica assim enfeitada, lá para os lados de Mississauga numa zona industrial, quando passava à procura de trabalho, vi sobre a porta da entrada, um letreiro escrito com a seguinte frase: «HELP — WANT». Quer isto dizer, precisamos de empregado...

Sem mais demoras, dirigi-me ao escritório e disse o que desejava, e logo a empregada chamou um senhor, que não tardou ali. Ao chegar, deu-me os bons dias, para em seguida me perguntar, qual era a minha profissão, a que lhe respondi, ser um soldador. Perguntou-me ainda se eu sabia ler blue-print, sem nunca ter ouvido falar tal, nem saber o que tal coisa queria dizer, eu disse que sim! Mediante a minha resposta, o senhor disse que podia começar a trabalhar, já no dia seguinte, a entrada era às sete, e o salário era de duas e meia por hora, na época, um bom ordenado.

Depois de me despedir do senhor, dirigi-me ao carro, alegre e contente, e sem mais demoras, comecei logo a fazer as contas dos \$2,50, o quanto dava por semana? E quantas horas iria fazer? etc., e no meio desta barafunda de contas, passo um sinal encarnado, sem dar por isso.

Não se deu o acidente, porque o outro chaufeur não ia a fazer contas como eu... porque se fosse alguém nas mesmas condições,

fazendo contas abstractas, podia ter sido grave!... E como nenhum polícia viu... tudo acabou sem problemas. Mas depois deste susto, o entusiasmo pelas contas dos tão desejados dólares, voltou de novo, e mesmo só em fazer contas, já era um homem feliz.

No dia seguinte pelas seis da manhã, peguei no lanche e aí vou eu um pouco nervoso, como sempre, quando se vai começar trabalhos que não conhecemos, e neles não estamos bem seguros, como era este meu caso, que até era o primeiro trabalho de soldador a tempo inteiro, e desconhecendo a natureza do serviço. Contudo ia confiante, pois aquilo de soldar, não era nenhum bicho que comesse alguém. Era o blue-print... mas que diabo será isso? Não merece a pena pensar nisso... ia eu dizendo aos meus botões, o que for, há-de de se ver depois.

Quando cheguei ao local era um quarto para as sete, mas o senhor que era o Boss e dono, já lá estava também. Mostrou-me a fábrica, onde trabalhavam cerca de sessenta operários em diferentes secções, mas soldadores, nesta pequena fábrica era só um. Ao saber disto, o meu coração tremeu... sem pratica, sem conhecer o trabalho, e sem ninguém para me orientar, não ia ser fácil.

O senhor deu-me instruções acerca do trabalho, do que era para fazer nessa manhã. Deu-me uma planta, onde constava o serviço em causa, só então soube, o que era o blue-print!... O senhor saiu, dizendo só voltar ao meio-dia.

O trabalho que constava no blue-print, era algo relacionado com um aquecimento e ar condicionado para um hospital, que já estava em andamento.

Esse pedaço de papel, metia-me mais respeito, que os lobos esformeados, do tempo em que era pastor, nas serras da minha aldeia. Eu olhava para o papel e para o esqueleto da máquina em construção, mas quanto mais olhava, menos via, e como nada percebia de desenho, estava receoso de fazer estragos. Estive para largar tudo aquilo e voltar para casa, e era o melhor que tinha feito, e não teria feito a borrada que fiz.

Depois de algum tempo, mesmo sem chegar a uma conclusão, enchi-me de coragem, e comecei por soldar as partes nos lugares, que me pareciam ser os certos, e quando o patrão chegou, todas as partes que me deixara, estava tudo soldado, só que o problema, tudo estava errado.

O patrão, quando chegou junto de mim, sem me dizer uma única palavra, pegou na planta, e começou a olhar para ela, e para o trabalho que eu tinha feito, e para mim... e sem cessar, fazia isto continuadamente, pelo que me deu a impressão, o homem estar mais confuso com aquele trabalho, que eu no dia anterior, com os dólares que pensava ganhar... e pelas vezes que olhou para a planta, para o boneco e para mim, e sem dizer nada, deu-me a ideia, de o homem pensar mesmo, ser ele a não perceber nada daquilo.

Como o senhor não dizia nada, fui eu mesmo que lhe perguntei, numa voz de quem está comprometido e quer obter perdão pela sua falta: «Something wrong Sir?... «está alguma coisa errada senhor?...

O homem que até ali não tinha dito nada, foi como uma bomba que explodiu, dizendo: «Get out, NOW!!! desaparece, já! Eu saí, mas vi que o senhor, ainda não estava seguro daquilo que estava a ver, porque não parava de olhar, agora para a planta e para o boneco. Uns cinco minutos depois, quando passei no carro em frente à oficina, olhei para dentro, e ainda o homem continuava com o papel na mão. Não sei por quanto tempo mais continuou esta cena de olhares, mas pelo que me apercebi, este homem ficou como que encantado, não pelo serviço que eu fiz, antes talvez, pelo prejuízo que lhe causei.

Para trabalho arranjar...
Fábricas visitei mais de vinte.
Nesta precisavam p'ra soldar
O Homem veio perguntar
Se sabia ler blue-print.

Yes... Digo eu em voz cheia...
mas tal coisa eu não conhecia!
Eu só tinha na minha ideia
as duas dólares e meia
que tão bom jeito fazia.

Fazendo as contas contente
nem dei pelo sinal encarnado
se o outro não pára de repente
para evitar um acidente
podia ficar muito caro.

P'la manhã estava agitado,
o porquê, eu bem sabia,
foi esse papel desenhado
o tal blue-print malvado
que me tirou toda a alegria.

Quando o patrão ali chegou
mirou o trabalho soldado
e como nada falou
certamente até julgou
estar o desenho errado.

Como fiquei mal nesta prova
deixei de ser um homem feliz
enquanto mirava a minha obra
saí... não me desse ele uma sova
pelo estrago que lhe fiz.

Um Teste na Exhibition

Depois dessa minha desilusão, não que o serviço de soldadura estivesse mal feito, mas sim pela leitura do blue-print, que me deixou de novo no desemprego, mas como não era o fim do Mundo, também não era aquele o último patrão, pelo que tinha de ir à luta uma vez mais, e foi o que aconteceu.

Como tinha levado o lanche, pois nunca previa, que tal coisa viesse a acontecer, já no regresso a Toronto, encostei o carro à berma da estrada, e comecei por comer a bucha, enquanto os carros iam passando, e o Sol se fazia brilhar sobre a neve que havia ao redor, ia também pensando, qual seria o próximo lugar a que deveria ir, a fim de encontrar um novo trabalho.

Nessa altura, vi agora passar uma carrinha do Mackaca, que logo pensei... e se eu fosse pedir trabalho ao Shop?... Talvez até me aceitassem! Não... isso era uma humilhação muito grande e até falta de dignidade, e em caso de não aceitarem, ainda era mais humilhante. Não... isso não!...

Ainda com isto no pensamento, saltou-me à ideia, de que era pela ocasião do Natal, que a Canadian National Exhibition costumava estar sempre muito ocupada, com os tais «SHOWS» do Inverno, altura de meterem muita gente. Sem mais tempo a perder, pus o resto do lanche no saco, e aí vou eu, para mais uma aventura.

Como já conhecia bem estes lugares, pois em alturas dos «SHOWS», o Mackaca também ali tinha muitos serviços, onde tinha trabalhado em alguns deles, fui logo ao Employment Office dessa corporação se tinham trabalho para um Cleaner.

Atendeu-me uma Secretária já bem conhecida do tempo em que trabalhava no Mackaca, enquanto lá no fundo, estava um Senhor forte, de cabelo já pigarço, que eu não conhecia dali, fumando um grande charuto. — Este, tirou o charuto da boca, para dar duas tossidelas, e ainda em voz meia rouca do fumo, diz-me:

— mas o Senhor é mesmo Cleaner, ou fala com eles?... — Penso que sou... — então venha daí, disse-me o Senhor.

Este homem levou-me a um lugar, com uma área aproximadamente de 10 x 15 metros, com uma flor de tiles, pessimamente suja, tendo-lhe aplicado o wax sobre a sujidade.

O Senhor, a fim de fazer um teste aos meus conhecimentos, disse-me: para voltar a pôr esta floor em condições, o que é preciso fazer? — Muito simples, disse-lhe... é necessário remover todo este wax, depois fazer um scrub, e em seguida lavar a floor, apenas com um pouco de detergente, e em seguida, com um Mop bem limpo, aplicar-se o wax com alguma água à mistura, esperar que seque, para finalmente fazer o buff. — Já vi que sabe, disse o Senhor, agora preciso que me prove o que disse. Daqui por duas horas, eu venho ter consigo, todas as coisas necessárias, estão naquela arrecadação.

Isto não era soldadura com blue-print à mistura... nisto podia eu dizer, Yes Sir!... Porque conhecia bem os segredos da profissão...

Peguei no mochim para começar a fazer o trabalho, e senti agora saudades do Race-Track, do Mackaca, dos Supervisores, dos Cavalos, e até do valor que sempre me deram.

Duas horas e meia depois, o Senhor voltou para ver o meu serviço, inspeccionou o trabalho feito, veio junto de mim, bateu-me nas costas e disse: na realidade, vê-se é um profissional!... E... disse mais: de tantos trabalhadores que tenho ao meu serviço, apenas uns três, são capazes de fazer igual. — Onde trabalhou antes? — Foi no Mackaca... — Oh! Esses rapazes também lá trabalharam... deve-os conhecer!... — Eles chamam-se... deixaram o Mackaca, para virem trabalhar para aqui.

Aqui tirei a certeza das suas mentiras e falsidades, tal como me foi dito, eles tinham trabalho, e a razão de tal saída não foi por não despedirem a mulher, mas sim porque tinham arranjado trabalho mais fácil e maior salário, e mesmo com toda a minha lealdade, esconderam tudo de mim, que apenas via nisto, só para não ter um trabalho igual.

Por fim o Senhor disse-me, vou-lhe pagar quatro horas por este trabalho, e como sabe, são \$2,75 por hora. Este era o trabalho, com igual pagamento aos Labours da União, e tinha que ser membro para aqui se poder trabalhar, e como já era filiado, o

homem disse que já podia começar essa noite, garantindo-me serviço permanente. Agradeci ao Senhor, e prometi voltar à meia noite, à hora da entrada, do pessoal efectivo.

Ainda que o salário fosse mais alto que na fábrica de que acabava de ser corrido, mas não senti qualquer entusiasmo, nem nos dólares, nem na qualidade do serviço, pois sabia que trabalhavam ali esses que me tinham traido, e sei lá agora o que me iriam fazer, quando soubessem que também ali trabalhava.

À meia noite apresentei-me ao serviço, onde vi ali muitos trabalhadores, alguns meus conhecidos do tempo do MacKaka, mas tais indivíduos não se mostraram. Fui trabalhar com um rapaz que já ali era empregado há bastante tempo, ao saber que tinham sido meus colegas, mesmo sem que deles nada falasse, este, não se ocultou em me dizer o que julgava a seu respeito, assim como do amigo que os acompanhava.

Após a hora da largada, tive conhecimento por este que fora meu colega nessa noite, o que me tinha sido preparado por eles, dizendo-me também, ser o tal amigo o emissário junto do Boss, por ser duma maior confiança deste, para a minha crucificação, isto sem nos conhecermos, ou alguma vez ter havido contacto entre nós.

O Senhor que no dia antes me ofereceu um serviço permanente, chamava-me agora ao office, para me dizer que desculpasse, mas não podia dar-me o trabalho, porque aceitar-me, era meter um bom operário, para perder dois ou três, ou na melhor das hipóteses, ficarem ali descontentes, o que não queria ver no seu departamento. Com muita pena... mas não me podia ter como seu empregado, pois segundo o que fora informado a meu respeito, era um detestável insatisfeito, um descontente indesejável. Tal acusação, era o prémio dos mais de três meses sem trabalho devido à minha fidelidade!...

Foi-me contado mais tarde que a amizade entre os três se tinha desmoronado, ambos deixando este local de trabalho, ficando só, aquele que sem me conhecer me acusou, o que não é difícil saber-se a razão porque o fez!...

Só porque o blue-print falhou
por isso a vida não parou
nessa estação do Natal
na Exhibition em fiz um teste
o encarregado diz no resto
o senhor é um profissional.

Depois dum pouco conversar
me diz ali trabalhar
e que eu conhecia talvez
ao ouvir os nomes, estremeci
porque quando me vissem ali
me tramariam outra vez.

A eles se juntou outra peça
para formar a tripeça
quem até nunca conheci...
segundo me foi contado
foram ao encarregado
p'ra não me aceitar ali.

E nas épocas do Natal
as pessoas evitam o mal
p'ra ficarem de mãos dadas
mas sem motivo ou razões
estes que se dizem cristãos
pregaram-me mais punhaladas.

Enfeites, prendas e pais Natais
mas o respeito p'los demais
tantas vezes ignoradas
esse amor pelo semelhante
termina no mesmo instante
quando acabam as barrigadas.

Na Hillkron Steel

Foi só nos fins de Fevereiro, cerca de seis meses após ter deixado o Mackaca, que consegui arranjar trabalho como soldador, na Hillkron Steel, onde trabalhavam cerca de cem operários, sendo 90% portugueses, mas apenas uns três falavam inglês correntemente, os restantes, em maioria não sabiam mesmo nada, e alguns outros, pouco mais de umas palavras soltas.

Nesta Fábrica, 95% da sua produção era fazer joins para suporte dos telhados e das floors dos edifícios. Neste local, não era um lugar de trabalho, mas antes uma competição entre os trabalhadores. Também o salário não era para todos igual, e nessas dez horas de correria, não havia tempo para limpar o vidro da máscara, vivia-se uma pressão nervosa, sempre com o receio que o companheiro do lado, vencesse essa corrida desenfreada, criada pela própria ignorância, e também falta de estabilidade, quer profissional quer linguística da maioria, não tendo assim possibilidades de trabalhar em outros lugares, e por tal razão, não havia o mínimo respeito pelo trabalhador.

O salário que não era geral, variava entre um e meio, dois dólares por hora, mas aqui era diferente do Mackaca... nem sempre era o que mais trabalhava, o que mais ganhava, mas antes os que mais agradavam ao M. o forman da Companhia. Quem mais garrafas lhe desse e mais o engraxasse, era o que mais qualificado estava para chegar aos dois dólares. E talvez fosse esta uma das razões, porque nesta Fábrica, era mais fácil arranjar trabalho, quem não falasse, que aqueles que tinham inglês.

Este Forman, foi no meu ver, a mais grosseira e rude pessoa, que eu já mais tive como encarregado neste país, em qualquer parte onde trabalhei. Quando sabia que não falavam inglês à mais pequena falta, dirigia-lhes as mais humilhantes e provocantes palavras, às vezes acompanhada com risos dos próprios cole-

gas, só para se tornarem agradáveis ao Foreman, pelas suas condenáveis grosserias. Sempre que ouvia tais infames, o meu sistema ficava logo revoltado, mas tinha que aguentar, para não cair noutro desaire, a juntar aos do passado.

Num certo dia, começou ali a trabalhar um português dos Açores, já de meia idade, este caiu aqui, não foi por não saber trabalhar, pois até era bom demais para este lugar, mas foi porque não falava inglês.

Neste trabalho das joins, trabalhavam sempre dois colegas, e para não se apanharem tantos flashes, pois não havia a mínima protecção por parte de Companhia, como também pela falta de cuidado, devido à velocidade como se trabalhava. Tais flashes provocavam dores dolorosas nos olhos e na cabeça durante semanas, e em certos casos, ficava-se a sofrer para sempre, como até sujeitos a perder parte da visualidade. Pelo que um começava do princípio para o meio, e o outro do meio para o fim, esta era uma das razões das velocidades, pois ninguém queria esperar, como também ninguém queria que esperassem por si, e como não havia União, a única protecção, era a produção do seu trabalho.

Este pobre homem, que não estava acostumado a estas competições trabalhadoras, foi trabalhar com o seu companheiro, pelo processo usual. Claro!... Quando o outro chegou ao fim, teve de esperar, que o estreante acabasse. Tal espera, chamou a atenção do Foreman M. que sem a mínima tolerância ou respeito pelo homem e até pela sua idade, começou por tratá-lo por maneira imprópria e incorrecta, chamando-lhe os nomes mais provocantes que existem no idioma inglês, e como nada comprehendia do que ouvia, deixava sair um sorriso humilhado, que mostrava bem a tristeza que lhe ia no coração.

Como estava a trabalhar a curta distância, comprehendi toda essa linguagem suja, que o Foreman disparava contra o homenzinho. Como já não podia mais, parei o meu trabalho, dirigi-me junto de ambos e disse:

M!... Este homem não sabe falar inglês... queres que lhe transmita os nomes que lhe estás a chamar? Talvez se o fizesse, ele te desse a recompensa do teu abuso tão comum, para todos aqueles que não te comprehendem, e outros que até vão ignorando, recebendo a humilhação só para não perderem o trabalho.

Como conhecia os seus impulsos autoritarismos, queria ajudar

o homem, mas de maneira que não viesse a sofrer também, pelo que lhe falei de maneira calma, o que em tais ocasiões, não é muito usual, mas mesmo assim, ele tentou elevar a sua voz, que logo a baixou quando lhe disse: este homem não é uma criança... é um chefe de família que deves respeitar como tal..., e pela qualidade do seu trabalho, mostra até ser um bom profissional, só que veio cair em lugar errado, por não falar o inglês, mas se não páras com tais provocações, tu até podes mandar-me embora, mas garanto-te que vou telefonar aos direitos humanos, e ao departamento de segurança no trabalho, para mandarem aqui alguém responsável, a fim de terem conhecimento dos teus abusos, perante estes pobres ignorantes e indefesos, e pela falta de segurança no trabalho que aqui existe.

O Foreman acalmou, dizendo que o homem trabalhava devagar, e o companheiro não queria trabalhar com ele, e o que lhe dizia era para o despertar, em vez de o mandar embora. —Manda-o trabalhar comigo... mas não lhe chames tais nomes!... Além de não ser justo, é humilhante. Mas por eu te dizer o que disse, não tentes vingar-te de mim!

O homem veio trabalhar comigo... como trabalhava mais devagar, dividi a join em 60% para mim, deixando-lhe 40% para ele, e assim trabalhámos sem qualquer problema, até à altura em que me mandaram embora, em companhia de mais quarenta, por tentarem pôr ali a União.

É fácil arranjar-se trabalho!
Quando se está empregado
não esqueças tem cuidado!
Não o deixes de maneira
de fazeres uma asneira
com o Tony fez no Mackaca
desempregou-se da Tracka
p'ra receber tanta humilhação
pois o trabalho é o pão
do homem digno e honrado
não sejas vítima dum pecado
para não perderes amizades
às vezes são falsidades
e o nosso mal é o seu prazer
à procura, fartei-me de correr
e voltas dei mais de mil
por fim... foi na Hilkron Steel
que a sorte me fez um favor
num trabalho de soldador
onde trabalhava uma centena
dos portugueses me dava pena
como todos ali trabalhavam
o inglês poucos o falavam
trabalhando duro e mal pagos
e tantas vezes humilhados
sem direitos sociais
com nomes feios e coisas mais
foram tantos abusados.

Neste local de trabalho
onde não havia União
era grande a competição
sempre a ver o que mais fazia
também o que mais conseguia
ao seu Foreman agradar
p'ras duas dólares chegar
esta, a mais alta craveira
talvez a pior maneira
de humilhar quem não podia
era daqui que o mal partia
o que aconteceu tanta vez
recordo-me dum português
que um dia ali foi parar
como não podia acompanhar
o ritmo dessa corrida
o seu inglês não tinha vida
desconhecia os nomes chamados
nos seus risos humilhados
era tristeza dum coração
não pude mais... e fui então
E disse àquele encarregado:
Não estás a ser educado
para este pobre sujeito
não te assiste tal direito
e se não paras eu vou chamar
os direitos para actuar
pela tua falta de respeito.

A Barragem de L. Spruse

Como vim enrolado com cerca de metade dos portugueses que trabalhavam na Hilkron, por terem assinado com a União, coisa detestada pelo dono da Companhia, para melhor poder explorar os trabalhadores, e como os bufos não ficaram todos em Portugal, um tal chefe dessa seita, A. S. dos lados da Lourinhã, foi bufar ao patrão do que se estava a passar, tendo sido corridos não só os que assinaram, como também os que o encarregado não gostava e não queria mandar embora sem uma causa justificada, por temer as consequências, sendo esta a oportunidade ideal, para limpar da sua presença, esses poucos que não lhe admitiam as suas safadezas. No meu caso não foi só pela União, mas por defender o português, quando das provocações feitas a este, pelo encarregado que agora negava o meu despedimento, não ser sua falta. Esta Lay-off foi para muitos uma sorte, e para mim foram mais algumas aventuras.

Como tinha comprado casa há pouco, tinha que arranjar trabalho não importava a qualidade nem o lugar. Pensava já ter saído da crise que por muito me acompanhava, mas com este despedimento, voltei à estaca zero. O Judeu, dona da fábrica, não era um patrão de dar muito dinheiro, como o trabalho era péssimo e sempre a correr, mas nunca dava Lay-off por não ter que fazer, pelo que joguei, que os meus problemas tivessem terminado peridiadicamente... mas não estavam!...

Como ainda não tinha desistido da União dos Labours, fui junto daquele local, saber se havia algum trabalho em qualquer lugar! Foi-me dito por um funcionário Sindical, que tinham apenas para a Barragem de Spruse em Gilliam na Província de Manitoba, a cerca de mil quilómetros de Winnipeg, e uns três mil e tal de Toronto, já perto do Northwest Territories. O salário era 3,5 dólares por hora, com comida e dormida por conta da Companhia. Como já tinha falado com a esposa que aceitaria o que hou-

vesse, disse logo sim, achei que com tal ordenado e outras boas condições, não era de rejeitar, merecia apenas um sacrifício.

Quando o Senhor me estava a dar os papéis que teria de levar, chegou junto de mim um sujeito mais novo que eu, que me perguntou: — O Senhor vai para a Barragem do Guilherme? — Gilliam!... — Oh! Gilliam... — Vou sim? — Eu não aceitei, porque não sei onde isso fica, e como não falo inglês... mas se o Senhor não se importa, eu faço! — Com todo o prazer amigo!... — Então eu vou dizer que também vou. A partir daqui, este rapaz que também queria vencer a vida, não mais o deixei, enquanto não ficou orientado. Daqui fomos à agência tirar os bilhetes para Winnipeg, e dali seguiríamos num pequeno avião ao serviço da Companhia, para o local de trabalho. A viagem para esta cidade, capital da Província de Manitoba, foi num avião comercial, que levou pouco mais de duas horas.

Era um daqueles dias de Primavera, em que não havia nuvens no Céu, e mesmo na grande altitude que o avião sobrevoava, podia-se apreciar cá no fundo, o tapete verde das imensa florestas que cobrem todo o Norte do Ontário, que parecem não terem fim, vendo-se aqui e além umas clareiras amarelas, o lugar de algumas minas, e os campos dos madeireiros, onde empilham as madeiras, junto das casas móveis onde comem e pernoitam. Como que esquecidos, sobrevovando essas belezas verdes de montes e vales, de repente, vê-se as grandes planícies e, o verde dos seus trigais, estávamos em Manitoba, já não muito longe da sua capital Winnipeg. Quando já sobre esta cidade, na preparação para a aterragem, vi quanto era de deslumbrante esse Red River, a dividir-se em dois no centro da cidade.

Como o contrato era com comida e dormida, tanto eu como o companheiro, nada mais levámos que as botas e roupa de trabalho, e uma roupa domingueira, num saco que sempre nos acompanhou, pelo que não foi preciso esperar por malas que logo se chamou um táxi, para nos levar aos escritórios da Companhia, que ficavam já nos subúrbios da cidade. Ali fomos atendidos por uma jovem funcionária, a quem entregámos alguns papéis e preenchemos outros, para em seguida chamar outro funcionário, que nos daria as restantes instruções.

Nas traseiras dos escritórios, havia uma vedação onde se encontravam alguns carros estacionados junto a uma casa mó-

vel, com vinte camas tipo camarata, umas sobrepostas nas outras, com mesas e algumas cadeiras, e um grande frigorífico, onde nada faltava desde a fruta até ao pão. Foi-nos dito por aquele funcionário, que era ali que iríamos ficar por uma ou duas noites, visto o avião ao serviço da Companhia não ser diário, mas sim, quando havia um certo número de passageiros para levar ou trazer; disse-nos quais eram as nossas camas, a hora do jantar e do almoço se necessário, ali naquele local, lembrando «caso vos apeteça comer algo, antes e depois das refeições, não hesitem», e logo se despediu, deixando-nos sós.

Depois de fazermos umas sanduíches e um café, como eram apenas três horas, e o jantar era às sete, decidimos ir dar uma volta à cidade. Este rapaz, que até àquela altura, quase que ainda não me tinha dito o seu nome, começou por se abrir, contando-me da sua vida e a causa porque emigrou, tendo-me chocado a sua história que bastante me sensibilizou, e as cicatrizes da sua vida, que marcavam a sua mente. Se já era minha intenção em o ajudar, depois deste relato, aumentou mais a minha vontade, e deixámos de ser uns recém-conhecidos para sermos bons amigos.

Winnipeg é uma das cidades mais frias, mas também mais belas do Canadá, banhada Norte-Sul, pelo Red River, um dos sete maiores rios do Canadá, que atravessa para os Estados Unidos, indo juntar-se a outros rios Americanos com diferente nome. Mesmo no centro da cidade, este Red River, divide a sua corrente, começando um novo rio chamado de Assiniboine River, que atravessa a cidade com destino ao Sudoeste, banhando muitos parques e jardins, seguindo depois para os EUA. Mas só dois dias depois, quando sobrevoávamos a cidade nesse pequeno avião que nos levaria à Barragem de Spruse, pudemos avaliar melhor esta fascinante capital da província de Manitoba.

Este avião de vinte e dois passageiros ao serviço da Barragem, levava apenas quinze trabalhadores, deu quase uma volta á cidade antes de tomar o rumo do Norte, enquanto eu ia apreciando os grandes edifícios, com os rios a beijar as suas bases. O avião endireitou a sua linha, e agora seguia como que a acompanhar o rio em direcção a Hudson Bay, serpenteando por entre as densas e verdejantes florestas. O vento começou por soprar forte do Norte, dando a ideia de não querer que o avião seguisse. As hélices

tinham dificuldade em cortar a força do vento, parecendo que íamos em constantes poços de ar, um autêntico sobe e desce, já todos desejávamos que a viagem tivesse fim, esse fim que nunca mais chegava.

Finalmente, ao fim de mais de quatro horas, lá chegámos sãos e salvos, quase todos com o estômago revoltado, e desde que entrámos neste avião, foi só agora que ouvi as primeiras palavras do meu companheiro, ainda que já me desse provas de ser um bom palrador, tentei puxar por ele, mas só acenava e nada mais, segundo me disse, nunca teve tanto medo na sua vida.

Chegámos junto da hora do jantar, dirigimo-nos ao que viria a ser o nosso encarregado, que nos encaminhou à nossa casinha e ao refeitório, para a nossa primeira refeição no campo, com uma comida deliciosa e com abundância. Depois de comer, fomos ver o ambiente, e ouvi falar em várias línguas de diferente nacionalidade, ali se jogavam cartas, damas e outros divertimentos.

Estávamos em Maio, o frio ainda se fazia sentir pelas manhãs com bastante dureza, e nos altos das montanhas ainda havia alguma neve por derreter, junto deste lugar, onde começara a Barragem de Spruse, a umas 30 milhas de Gilliam, perto de Hudson Bay, a maior Baía do Mundo.

Mesmo com esse frio pela manhã, que já não era coisa de assustar ninguém, tudo estava a correr às mil maravilhas, sonando pela noite no livro do meu consciente, os dólares ganhos e por ganhar, que me davam um ar de alegria e boa disposição, mas ao fim de pouco tempo e quando menos esperava, era mais uma que me deixou mais gelado que a água daquela Baía, e infelizmente desta vez não foi só para mim tal desilusão.

Os meus pressentimentos negativos raramente falham, e uma vez mais me disseram a verdade. Na noite anterior à notícia do despedimento, nesse intervalo entre o deitar e adormecer, o tempo reservado à contabilidade, que desta vez sem saber porquê, mesmo só de pensar em contas sentia-me excitado, pelo que desliguei o meu subconsciente, para me deixar em paz nessa noite.

Estas camas de segundo andar faziam-me lembrar os meus tempos de tropa, que sem saber por que razão, nunca gostei de dormir na parte superior, por isso era o meu companheiro que

ocupava esse lugar, que logo pela manhã, tal como fora seu pedido, tinha o cuidado em o acordar, pois de contrário dormiria as 24 horas seguidas. Ambos nessa manhã, como de costume, depois das primeiras obrigações matinais, lá seguimos para o nosso turno que era o segundo do dia, das sete às cinco e meia. De hora em hora, havia um turno, desde as seis às onze, e às nove e meia da noite tudo parava. Estes turnos a cada hora, era para facilitar o trabalho dos cozinheiros, tal como o refeitório ser insuficiente para poder acomodar toda a gente ao mesmo tempo.

Todos os dias ainda bem cedo, o Sol fazia chegar a sua Luz, para mais tarde enviar o seu calor sempre amistoso, mas nessa manhã o Sol não apareceu. As nuvens cinzentas vindas do Ártico tapavam a força do seu brilho e o raiar do seu calor, sobre estas terras onde a sua presença é a primeira alegria de quantos aqui vivem e trabalham.

Quando estava no meu local de trabalho, alguém me chamou para ir junto do meu companheiro, visto não perceber o encarregado que lhe entregava uma carta com o seu despedimento, trazendo consigo muitas outras para o mesmo fim. Ao falar com o encarregado sobre este assunto, a quem fiz umas tantas perguntas, das quais pouco esclarecimento obtive, e além de me dizer que tal despedimento não me atingiria desta vez, e como falava e escrevia a língua, talvez até nem fosse abrangido. Não... eu não o podia abandonar!... Na hora do almoço, fui aos escritórios pedir se o podiam deixar ficar, ao que me foi dito ser impossível, porque tudo isto era um acordo com a União, e se eu não era despedido desta vez, porque estava a fazer um serviço de profissão. Ainda que bastante me custasse, mas uma vez assim, pedia também o meu despedimento. Foi-me dito, que tal despedimento era temporário, e não iria além de quatro semanas, mas como nunca há que fiar, seguiu-se o caminho de uma outra aventura.

És tão linda oh Natureza,
nada se te pode comparar,
O Homem bem tenta imitar,
Mas nunca chega à realeza!

É tão lindo ver-te do ar,
Com os teus mantos de verdura,
Já com manchas de brancura,
Por te estarem a desbastar!

São estes montes sombrios
Banhados por grandes Rios
A dividir florestas sem fim

Com neve a cobrir a folhagem
Onde vive o animal selvagem
Pois a Natureza é assim!

A vida faz as grandes lutas,
Nesta correria veloz,
No meio de arengas e disputas
Em que só pensamos em nós.

A vida pelo seu caminho
Tem tanta coisa importante
Se não negares o teu carinho
E o bem ao teu semelhante.

Se não ajudares o necessitado,
Algo está a ser negado
Aos que precisam desse bem

Olha que a vid é uma roda,
Tu nuncas sabes se estás fora
Duma necessidade também!

A Caminho do Northwest Territories

Nesta passagem por Gilliam, foi mais uma desilusão ou melhor dizendo o preço de uma lealdade. Como nos tinham garantido isto ser trabalho com duração de dois anos, estava confiante e crente que sairia dali com essas dívidas limpas, que foram contraídas na compra da casa, mas tudo falhara de novo, até mesmo o desejo que sempre tive em apreciar as coisas belas da Natureza, com tantas que esta viagem de regresso tinha para nos mostrar, que as olhava e sem as ver, porque o meu consciente não fazia parte daquela lotação, tal como um alguém sem vida, nem os solavancos, poços de ar, nem mesmo os protestos dos trabalhadores desliludidos me fizeram acordar dessa sonolência, que só desperta com o regresso do consciente, pelo que nada pude reter das muitas e lindas paisagens que sobrevoei.

De repente e como num despertar, olhei para o relógio e vi que já se tinham passado três horas e meia de viagem, por isso já não muito distante de Winnipeg, esta linda Capital da Província de Manitoba, foi quando dei pelo meu companheiro que viajava a meu lado, e este me perguntou: estamos quase a chegar a Winnipeg? Sim, mais cerca de meia hora! Foi então que começámos a conversar de novo, onde lhe apresentei o traçado de mais um plano após o que ouvi uma pronta pergunta: — Será que o posso acompanhar? — Porque não? Se estamos dentro do mesmo barco á procura de rumo... Eu sabia que a sua presença não me era favorável, visto ser alguém sem profissão e não falar inglês, mas são estes que precisam de alguém protector, que não lhes diga: — Vai e Deus te ajude, que eu cá fico. Seria algo injusto, sem sentido humano, por isso contra os meus sentimentos morais, mesmo sem que disso fosse culpado.

Era cerca do meio dia, quando o pequeno avião começou a sobrevoar esta primeira grande cidade ao West do Canadá. O dia estava limpo, podendo-se observar sem interferências nublosas,

o brilhar do Sol nas águas do Red e Assiniboine Rivers, que logo se reflecte nas vidraças dos edifícios desta cidade sem existência de colinas, onde esses rios circundam as planícies e campos verdejantes, banhados com as águas serenas que estes rios vão levando para o mar.

Depois de aterrarmos, seguimos em direcção aos escritórios da Companhia, a fim de entregarmos e recebermos alguns papéis, que nos seriam precisos, em caso de não se arranjar outro trabalho, seguindo depois aos escritórios da Companhia Nacional CN, de acordo com o que o meu consciente me ordenara fazer.

No «Personal Office» desta CN, fomos atendidos por uma jovem funcionária, a quem apresentamos a razão da nossa presença, depois de nos perguntar a profissão, e lhe dizer que era soldador e o outro labour, a secretária pegou no telefone e falou para alguém, para momentos depois ali vir um Senhor, perguntando em voz de patrão: — Qual de vós é o soldador? — Sou eu... respondi. — Tem cartão? — Tenho sim. E tireio-o da carteira e mostrei ao Senhor, que segundos depois, me devolveu de novo, ao mesmo tempo que dizia, que podia começar no dia seguinte. Como já se ia a retirar sem falar no meu companheiro, apressei-me a perguntar-lhe: e para o meu companheiro, não tem nada? — Para labour não tenho nada. Com esta resposta seca, fechou a porta e seguiu. A minha cabeça pareceu perder a força, que logo asegurei, com as mãos na cara e os cotovelos sobre a mesa, a que de imediato a secretária me perguntou: are you Okay? — Yes.. I'm OK! — A simpática empregada num tom de conduída disse: «I know how You feel, I am very sorry for that». (eu sei como te sentes, eu lamento isto acontecer).

Foi aqui que o companheiro Silva se apercebeu uma vez mais de ser um empecilho junto de mim numa voz firme e de reconhecido apreço diz: Não... eu comprehendi o que se passou, tal como na Barragem, pelo que está a ser vítima da minha presença, e eu não tenho o direito de usar a sua lealdade, como bengala, das minhas fraquezas, por isso vai aceitar o trabalho, e só lhe peço que me leve à estação, para seguir para Toronto.

Depois das insistências do Silva em o levar à Estação, encontrava agora em mim, uma vontade ainda maior em o ajudar, e a fim de o pôr à vontade, disse-lhe: Amigo Silva, a razão por que

há muito ando rolando como uma pedra abaladia, não é porque tenha sido alguém sem sorte, a quem tenham faltado boas oportunidades de poder triunfar na vida, mas antes por ser escravo da minha palavra e lealdade, em favor de todos, mesmo dos que cínicamente me têm usado, como trampolim das cobardias e ambições, por isso esteja à vontade, porque eu tenho a certeza de um dia ser compensado.

Havia um certo indivíduo, que recebeu a minha orientação e esteve em minha casa por algum tempo, e que agora trabalhava nas Minas de Pay Point, a uns 400 quilómetros ao Norte de Yellowknife, no Northwest Territories, tendo-me deixado a direcção que eu trazia comigo. Recordo-me de ele dizer que esta Companhia tinha sempre trabalho para mais um, só que era pena ser muito longe, sendo os seus escritórios em Edmonton Alberta. Como o belo Silva estava pronto a acompanhar-me em mais esta aventura, fomos à agência tirar o bilhete para essa cidade, e seguimos num avião que partiu daí a uma hora. Saímos de Winnipeg, às três e meia da tarde, mas como há uma hora de diferença entre estas duas Províncias, a viagem foi de hora e meia, pelas horas locais era 4 PM, e como os escritórios só fechavam às cinco e meia, depois de localizarmos os escritórios da Companhia, dirigimo-nos lá, a fim de pedirmos trabalho para as Minas.

Esta Companhia mineira, que penso ter sido a maior do Norte América, tinha os seus escritórios no centro da cidade, junto ao Saskatchewan River. O «Personal Office» era no r/c de um prédio moderno de muitos andares e fomos atendidos por um jovem, que após lhe dizermos o que queríamos, deu-nos as aplicações para preencher, que depois de cheias lhe fomos entregar. O jovem leu com atenção o que tínhamos escrito e disse: — O Senhor é soldador? — Sou sim! — Não sei se há alguma vaga para soldador... Se não houver aceito o lugar de Labour. — A diferença também é só de 50 disse o jovem, que pegou no telefone e falou com alguém, e logo em seguida nos devolveu as nossas aplicações junto de outros papéis, e nos mandou ir ao oitavo andar, para sermos atendidos pelo chefe do serviço do pessoal.

Este homem, na casa dos cinquenta, alto, de cabelo ruivo e ar alegre, entre outras perguntas, perguntou donde éramos — de Toronto, respondi. Depois de nos dizer que nos dava trabalho, pôs-se a escrever alguns papéis, enquanto eu, dessa janela, ia

admirando o panorama da cidade, que era muito similar a Winnipeg. Este Saskatchewan River circundava a cidade em várias direcções, dividindo-a em duas, que logo eram ligadas com várias pontes. Dentro da cidade e em todo o percurso do rio, os parques e jardins não despegam em ambas as margens. Quando o Senhor se virou para nós, eu disse:- — o seu escritório tem uma vista da mais lindas que eu já vi! Este rio é uma verdadeira prova de que a Natureza é perfeita! E tem muias pontes. — Tem nove para carros, uma de comboio e umas três walking Bridges, mas ainda que olhe para elas todos os dias, passam-se semanas que não as vejo.

Como não havia trabalho para soldador, aceitei como Labour, pois como disse o jovem, a diferença era pouca. Depois de nos dizer as condições e nos informar quais os transportes dessa viagem de cerca de três mil quilómetros, deu-nos alguns papéis para entregar ao encarregado da Mina, despedimo-nos do Senhor, este apertou-nos a mão e disse «good luck, ou seja «boa sorte», essa que eu há tanto procurava.

Segundo a informação do Senhor, havia um avião que partia dali para Peace River às onze da noite, chegando a esse local às duas da manhã, e dali, apanhariámos o Bus de Long Course, para Pay Point, aproximadamente três dias e três noites de viagem. Fomos à agência tirar os bilhetes, cujo dinheiro destas viagens nos era devolvido, ao fim de um mês de trabalho.

Esse avião Caravela de cento e tal lugares, tal como dissera o Senhor, chegou a Peace River às duas da madrugada. Como no avião travei conhecimento com um Senhor Italiano, que também ia para a Mina, ele nos informou do resto.

ÍNDICE

Notas Biográficas	VII
Introdução	XI
As Dificuldades do Começo	21
Mãe Esposa e Benfeitora	24
Uma Família dos Açores	27
O Meu Primeiro Dia de Trabalho	32
A Confusão da Casa	36
A Ida à Emigração	39
O Segundo Dia de Trabalho	43
No Serviço do Shop	46
A Segunda Morada	51
De Novo na Track de Woodbine	61
Nos Simpsons	63
A Compra do Primeiro Carro	74
A nossa primeira Casa	79
O Fim dos Simpsons e o Regresso ao Mackaca	84
Uma Oportunidade Perdida de Ser Rico	92
Recusa de voltar aos Simpsons	96
Cinismo e Falsidade	97
O Blue-Print	102
Um Teste na Exhibition	106
Na Hillkron Steel	110
A Barragem de L. Pruse	115

A Caminho do Northwest Territories	121
Nas Minas de Pay Pointe	125
De novo a Caminho em Toronto	131
Nas Madeiras de Hornepayne	133
Da Dominion of Bridge à Chrysler	140
No 14 da Afton Avenue	148
Histórias vitoriosas que só o Amor consegue	154
A História da «A»	158
A História de três Açoreanos	161
O Casal de Açoreanos da Ilha	169
A História do da Chica	176
Os filhos, a Liberdade e a Lei	184
Uma cajadada que matou dois coelhos	189
Os Tipos de Nandufe	195
Canadian Pacific e o Supervisor Cortelho	198
Da Canadian Pacific para a Metropolitan	201
Na Metropolitan de Toronto	204
A História da Maria C	211
A Rico não devas e a Pobre não prometas	229
História de V. S. no Hospital Central	236
Outra História de um Doente	238
A História do Grand Jury	242
História do WOLDU «O Etiópio»	245
Em Defesa da Verdade	249
A pedir também se ajuda	253
Os Falsos Refugiados	258
Sugestões enviadas ao Primeiro Ministro do Canadiano ..	265
História da Família Salgado	269
História da Falsa Dívida	274
Canadá, até quando será?	281
Cartas enviadas ao Primeiro-Ministro de Portugal	286

Resposta à minha Carta enviada às Nações Unidas	293
Em Defesa dos Jovens Segurados	297
História da Carta que Reclama Justiça	302
Carta enviada ao Ministro da Administração Interna de Portugal	307
Um Incentivo à Paz	311
Visto Canadiano para os Portugueses	316
Em Defesa do Jovem Castro	321
Cartas à Comunicação Social	327
Uma Viagem à Cidade de Victória	337
Considerações Finais	343

Composto e impresso
na SOGRASUL — MONTIJO
R. Amadeu de Moura Stoffel, 2-D
em Junho de 1997
Depósito Legal n.º 107.743/97
1000 exemplares

O BEM FAZER

Faz o bem a toda a gente
Sem nunca olhares a quem,
Faz bem ao teu amigo,
E ao teu inimigo também.
Faz o bem a quem necessita
E a quem a ti te procura,
Faz o bem àquele que te ama,
E também ao que te amargura.
Faz bem ao desalentado que chora,
Já sem forças pede a morte,
Aos vencidos, já sem esperança
E aos aventureiros sem sorte.
Faz o bem aos fracos e oprimidos
E a tantos que são desprezados,
Aos que não têm lar nem carinho,
E aos orfãos abandonados.
Faz bem aos que dizem não querer
Com vergonha da sua pobreza,
Aos que lutam e não conseguem
Ter o pão p'ra sua mesa.
Faz bem e nada esperes em troca,
Faz bem por amor e sem cobrança,
Paga o mal sempre com o bem,
A mais poderosa arma da vingança.
Faz bem sem publicidade, em segredo,
Àquele que para outros te pede,
Nunca te enalteças, porque dás,
Para não humilhares quem recebe.
Assim darás a felicidade,
A tantos que só conhecem o sofrer,
Tu serás sempre mais feliz em dar
Que os outros o serão em receber!



ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE

Nasceu na antiga Vila de Fajão, do concelho de Pampilhosa da Serra, situada na encosta norte da Cordilheira Estrela-Lousã e debruçada sobre o Rio Ceira, onde viveu uma infância de privações, guardando as cabras e carregando mato e lenha, descalço, mal vestido e mal alimentado, pois ficara órfão de Pai, era uma família de treze irmãos, todos menores.

Emigrou para Lisboa, com 15 anos de idade, onde se ocupou como marçano durante três anos, repartindo com sua mãe os magros provimentos auferidos. Atingido pelo desemprego, andou «aos paus e às pedras», até ir para a tropa, e depois de cumprido o serviço militar, conseguiu ingressar na Companhia Carris, como agulheiro, ascendendo a guarda-freio, condutor e mais tarde motorista de autocarros.

Pela acção legítima que desenvolveu na defesa dos interesses de classe, começou a ser alvo da vigilância da Polícia Política, advindo-lhe uma situação de perigo, sobretudo numa altura em que angariava donativos dos Colegas para entregar às Famílias de outros Colegas já presos, acusados de «comunistas». Para escapar aos cárceres da Rua António Maria Cardoso, Quartel General da PIDE, onde muitos portugueses permaneciam meses, sem culpa formada, teve de emigrar, à pressa e em segredo, para o Canadá.

Aqui sofreu muito, trabalhou imenso, lutou contra a injustiça, aprendeu Inglês, tirou cursos de soldador, contabilidade e navegação, e veio a ser funcionário público em Toronto, reformando-se como piloto de barco de transporte de passageiros e carga no Lago Ontário, após 21 anos de actividade.

De salientar a vasta acção que desenvolveu, a título gracioso, de ajuda e defesa de muitos emigrantes, atingidos pela desgraça ou vítimas de injustiças.

É autor do Livro «Vida e Tradições nas Aldeias Serranas da Beira», publicado em 1995.